ORTOGRAFIA NACIONAL

SUMÁRIO

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

ORTOGRAFIA NACIONAL

SIMPLIFICAÇÃO
E UNIFORMIZAÇÃO SISTEMÁTICA

DAS

ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5—LARGO DE CAMÕES—6

1904

PREFÁCIO

Este opúsculo não é um tratado de ortografia portuguesa; é antes um inquérito, e a crítica minuciosa, desenvolvida e documentada da actual anarquia ortográfica, acompanhada de numerosas soluções, ao seu autor sujeridas pelo estudo sistemático e detido da questão, e que podem pôr côbro a essa anarquia, porque são de execução fácil e estão em harmonia com a tradição portuguesa, fiel e científicamente observada.

Pouco se alterando nas suas feições tradicionais as diversas escritas a que o público se tem habituado, uniformizam-se estas por normas e princípios ficsos e inalteráveis, fundados, como são, na história da língua, na sua evolução, e no exame sistemático da sua pronúncia, antiga, moderna e dialectal, bem como na representação nacional dessa pronúncia.

Teve além disto sempre em vista o autor a continuidade e a unidade do idioma escrito, quer anterior, quer actual, que lhe dão especial carácter e tipo como língua literária, que é dever de todos os portugueses não desfigurar.

Tem o opúsculo a sua história.

Em sessão de 5 de maio de 1900 deliberou a 2.ª classe da Academia Real das Ciéncias de Lisboa, sôbre proposta do seu sócio correspondente o snr. Guilherme de Vasconcelos Abreu, que, na minha qualidade de sócio também correspondente, eu fizesse a leitura de um questionário ortográfico, conservado em manuscrito, por mim elaborado há muitos annos, e que do mesmo académico era conhecido.

Fêz-se a leitura dêle em sessão de 10 do dito mês, e a mesma classe resolveu que fosse impresso, com marjens suficientes para nelas se exararem as respostas ás diversas questões ali apresentadas, nas quais se compendiam todas, ou quási todas, as dúvidas e diverjéncias, já sôbre preceitos ortográficos, já sôbre a sua aplicação, e meios de uniformizar os vários sistemas até agora propostos ou seguidos por escritores nossos.

Deliberou mais que êsse questionário fôsse, como propunha o seu autor, distribuído a todos os sócios, quer efectivos, quer correspondentes nacionais, para que, reunidas as diferentes respostas a cada um dos quesitos nele formulados, se pudesse organizar um sistema ortográfico uniforme, prevalecendo sôbre cada uma das questões ali apontadas a solução que obtivesse maior número de opiniões a seu favor, e portanto se resumisse em regras, que fossem ao depois sancionadas pela Academia.

Este assunto está hoje confiado a uma commissão, encorporada para o efeito do questionário naquela a que foi confiada a elaboração do Dicionário da língua portuguesa.

O questionário a que me refiro vai transcrito em seguida, na ortografia clássica, em que foi apresentado á Academia, e é êle a base fundamental do opúsculo que submeto á apreciação do leitor.

Se os indivíduos novos, que escrevem para o público com menos preocupações eruditas, tivessem o desassombro de executar as simplificações e correcções que proponho, definidas e justificadas, a reforma ortográfica seria em breve melhoramento realizado, que a geração seguinte lhes agradeceria reconhecida: não só porque o escrever português com acêrto, no que respeita a ortografia, viria a ser habilitação geral muito mais divulgada, segura e fácil do que é actualmente, mas também porque no espírito desta reforma está incluído o estudo sistemático e histórico da língua, pois sem êsse estudo a reforma proposta pelo autor, não a poderia êle, nem qualquer outra pessoa, executar em bases científicas. Com efeito, não há no que vai ler-se uma só renovação ou innovação, que se não demonstre estribada na história da língua, no exemplo dos que melhor dela se teem occupado, ou na necessidade absoluta e racional de indicar fenómenos que lhe são peculiares, e que para clareza e por fidelidade devem ser assinalados por forma, que, a todos os que a leiam ou estudem, fiquem patentes.

Um jornal diário lisbonense, O Mundo, tem pôsto em prática, há bastantes meses, uma grande parte das correcções e simplificações que defendo aqui, e já haviam sido expostas nas Bases da ortografia portuguesa (Lisboa, 1885).

Terminarei por estas palavras, com que Alvaro Ferreira de Vera punha fim á sua Orthographia, em 1631: «*Aquelle que lhe parecer boa, sigaa; & aquelle, a que não, emmendea*».

ORTOGRAFIA PORTUGUESA

QUESTIONARIO

1.— Existe orthographia officíal portuguesa?
2.— Existe orthographia uniforme portuguesa?
3.— Existiu alguma vez orthographia portuguesa uniforme?
4.— São uniformes as orthographias dos diccionarios e grammaticas portuguesas?
5.— É uniforme a orthographia dos classicos portugueses dêste século, oú dos anteriores?
6.— Há sufficiente uniformidade na orthographia dos doutos?
7.— São uniformes as orthographias adoptadas em diplomas officiaes manuscritos?
8.— São uniformes as orthographias adoptadas em diplomas officiaes impressos?
9.— É a orthographia seguida no *Diario do Govêrno* a mesma que era antes de 1850?
10.— É o *Diario do Govêrno* obra de erudição competente e autorizada, para que sirva de padrão a orthographia portuguesa?
11.— É uniforme a orthographia das imprensas dependentes do Estado?
12.— É uniforme a orthographia dos livros e outras publicações, feitos por conta do Estado?
13.— Tem a Imprensa Nacional de Lisboa competencia e autoridade para fixar orthographia portuguesa? Por quem e em que diploma lhe foram reconhecidas.
14.— Se a orthographia da Imprensa Nacional de Lisboa é a official e a que tem de servir de padrão, há della diccionarios e grammatica?
15.— É, ou não, conveniente reformar as orthographias portuguesas, uniformizando-as?

16.—É, ou não, conveniente regularizar as orthographias portuguesas?
17.—É, ou não, conveniente simplificar a orthographia portuguesa?
18.—É, ou não, conveniente prescrever regras certas para a escrita de todas as palavras portuguesas?
19.—É, ou não, conveniente que dependa a orthographia portuguesa sómente do conhecimento desta lingua, estudada historicamente, sem dependencia do conhecimento de outras?
20.—Sendo na maioria dos vocabulos portugueses a sua escrita de maneira que todas as letras nelles se proferem com os seus valores alphabeticos, convirá sujeitar os restantes á mesma simplicidade logica?
21.—Convirá, ou não, para a regularização da ortographia portuguesa, conservar as feições peculiares da sua escrita tradicional, isto é, **ç, j, lh, nh,** accentos agudo e circumflexo, e o til?
22.—Convirá conservar na orthographia portuguesa os symbolos caracteristicos peninsulares, quando não contradigam os que lhe são peculiares: *z*, *ch*, *x*, *ce*, *ci*: *que*, *qui*, *gue*, *gui*?
23.—Convirá aproximar da castelhana actual a orthographia portuguesa, em tudo quanto não contradiga as suas feições especiaes, **qual**, ou **cual**, **frequente**, ou **frecuente**?
24.—Convirá manter no alphabeto português *k*, *y* e *w*?
25.—Convirá adoptar **gue, gui**, differentes de **gue, gui**, com *u* pronunciado, para manter a analogia com **que, qui**, a par de **cue, cui**?
26.—Convirá conservar a denominada orthographia etymologica?
27.—Convirá que a orthographia etymologica se limite aos vocabulos e fórmas de origem artificial, eruditas, ou semi-eruditas? Quaes os processos mais praticos de os discriminar?
28.—Convirá conservar as feições de orthographia latina nos vocabulos e fórmas gregas, quando se opponham á simplificação da orthographia portuguesa?
29.—Convirá expungir o **h** dos grupos **ch**=*c*, **th**=*t*, e substituir **ch** por *qu*, **rh** por *r*, **ph** por *f*, **y** por *i*? No caso contrário, que leis e regras sem excepção determinarão o emprêgo dêsses vestigios etymologicos, inuteis para a leitura?
30.—Convirá manter as feições da orthographia latina, quando contradigam a regularização de orthographia portuguesa?
31.—Convirá manter o **h** inicial de syllaba, e em que circumstáncias?
32.—Convirá manter ao **x** os seguintes valores: *ks* como em **fixo**? *(e)is* como em **expor**, **exame**? *ss* como em *auxilio*? *s* como em **mixto**?
33.—Convirá marcar com um ponto superior o **x**(*ẋ*) com o seu valor alphabetico, em analogia com o *j*?
34.—Convirá manter as letras que se não proferem nem jámais se proferiram em português: **c** em **producto**? **c** em **sancto**? **p** em **escripto**? **p** em **prompto**? **g** em **signal**? (cf. **sino**).
35.—Convirá manter letras mudas, mas que influam no valor da vogal que as precede: **adoptar**=*adòtar*? **acção**=*àção*?

36. — Convirá manter letras nullas em qualquer vocabulo, quando em outros da mesma origem ou familia, ellas se profiram: **adoptar... optar, Egypto... egypcio**?
37. — Convirá conservar letras dobradas com o valor de singellas?
38. — Convirá conservar **o** atono com o valor de *u*, conforme o uso português: **lado** a par de **tribu**? **roer** em razão de **roa**? **portão** em razão de **porta**? **governar** ou **guvernar**? **molher** ou **mulher**?
39. — Convirá conservar **e** atono com o valor de *i*, quando a analogia portuguesa o recommende, e ainda, quando a etymologia o peça: **erguer** em razão de **érgo**? **cear** em razão de **ceia**? **elogio, evitar**? **egreja** ou **igreja**? (e c c l e s i a), **edade** ou **idade**? (a e t a s)
40. — Convirá conservar antes de vogal **e** = *i*, **o** = *u*, fóra da analogia portuguesa: **leão, coentro**? ou **lião, cuentro**?
41. — Convirá conservar o = *u*, antes de consoante, fóra da analogia portuguesa: **documento, portento**?
42. — Convirá manter **i** atono com o valor de *e* surdo, em vocabulos de origem evolutiva: **vezinho** ou **vizinho**? **semelhante** ou **similhante**?
43. — Convirá conservar **i** atono com o valor de *e* surdo, em vocabulos de origem artificial: **melitar** ou **militar**? **devidir** ou **dividir**?
44. — Convirá manter com o valor de *i* atono o **e** em vocabulos de origem popular: **desejar**? (cf. **desejo**).
45. — Convirá conservar o **e** atono com o valor de *i* fóra da analogia portuguesa e restabelecê-lo onde haja sido substituídopor **i**: **semelhante, tejolo, meolo, meúdo, deante**? ou **tijolo, miolo, miudo, diante**?
46. — Convirá manter **ge, gi**, a par de **je, ji**? No caso affirmativo, como se regulará o emprêgo de cada um dêstes symbolos, tendo-se em attenção a conjugação, e os derivados: **ranger, ranja**; **laranja, laranjinha**?
47. — Convirá manter **s** entre duas vogaes, com o valor de consoante sonora, **casa** a par de **azeite**; e **ss** e **ç** mediaes, **passo** e **paço**: **s** e **ç** iniciaes, **sala** e **çarça**? No caso affirmativo como se regulará o emprêgo dêstes differentes symbolos, tendo-se em vista a origem delles?
48. — Convirá restabelecer a escrita **z** final todas as vezes que provenha de *ci*, *ti* latinos: **Méndez** ou **Mendes**? **Márquez** ou **Marques**? **simplez** ou **simples**? **ourivez** ou **ourives**?
49. — Convirá manter **z** final não etymologico, valendo por *s*, para denotar que é tonica a vogal antecedente?: **portuguez** ou **portugués**? **marquéz** ou **marqués**? No caso affirmativo como se regulará o emprêgo do **s** ou do **z** final?
50. — Convirá regular com todo o rigor etymologico o emprêgo das letras seguintes: **z** e **s** mediaes? **gozar, ousar, baptizar, analysar**: **z** e **s** finaes? **noz, nós**; **ç** e **s**(**s**) mediaes? **paço, passo**; (**ce, ci**) **ç** e **s** iniciaes? **çarça, salsa**; **cera, seira**; **sc** e **c** iniciaes? **sciencia, centelha.**
51. — Convirá, para regular a orthographia portuguesa, que as sub-

juntivas dos ditongos oraes se escrevam sempre com **i**, **u** : **pai** ou **pae**? **pao** ou **pau**? Se se manteem as duas graphias, como se regularão?

52. — Convirá adoptar **eo** para o ditongo **éu**, e **eu** para o ditongo *êu:* **ceo** e não **céu**; **deu** e não **deo**? No caso affirmativo como se há de distinguir *ei* de *éi:* **reis..** **réis**? **bateis...** **batéis**?

53. — Convirá escrever os ditongos nasaes com **e**, **o**, como vogaes atonas, conforme a tradição, ou substituí-las por **i**, **u** : **ãe**, **õe**, **ão**, ou **ãi**, **õi**, **ãu**? Como se há de escrever o vocabulo **cáimbra**? **cãibra** ou **cãebra**? cf. **Coimbra** e **mãe**.

54. — Convirá designar por til as vogaes nasaes *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, quando finaes, ou então qual ou quaes dellas: (**lãa**), **lan** ou **lam**? **sĩ**, **sim** ou **sin**? **sõ**, **som** ou **son**? **um**, **ũ**, ou **un**?

55. — Convirá manter a graphia **am** = *ão* atono, em verbos e nas particulas **tam**, **quam**? **amaram** ou **amárão**? e em nomes : **orpham** ou **órphão**? Nestes ultimos como se formará o plural, no caso affirmativo: **orphams** ou **orphãos**?

56. — Convirá, por analogia com **am** = *ão* atono de verbos, e *ão* tonico de verbos e tonico ou atono de nomes, restabelecer a grafia **ẽe** para o ditongo *ẽi* de nomes e tonico de verbos, guardando **em** para o mesmo ditongo atono de verbos? **contẽe**, **contem** (*côntem*), **vintẽe**, **viágẽe**.

57. — Convirá manter a mudança de **m** em **n**, ao acrescentar-se o suffixo **s** a vocabulo terminado em **m** : **atums** ou **atuns**? **albuns** ou **albums**? **soms** ou **sons**?

58. — Convirá que a orthographia proscreva pronunciações e distincções que no centro do reino se não observem?

59. — Convirá manter distincções dialectaes e historicas de pronúncia portuguesa, ainda quando a pronúncia actual do centro do reino as desconheça? **aréa** ou **areia**? **ch** differente de **x**? — **xá** e **chá**; **ç** differente de **s**, **ss**? — **laço**, **lasso**; **s** medial differente de **z**? — **cozer**, **coser**; **ei** = *èi*... *ei* = *âi*? — **sei**, **feitor**; **em** = *ẽi*... **em** = *ãi*? — **bem**, **fazem**; **ou** = *ô*... **ou** = *ôu*? — **ouço** (cf. **osso**)

60. — A distinção entre a 1.ª pessoa pl. do presente do indicativo dos verbos em **ar**, e a mesma pessoa do preterito perfeito deve ser indicada na escrita? **-amos**, **-âmos**, ou **amos** = **âmos**? **amâmos** e **amámos**? ou **amamos** e **amâmos**? ou **amâmos** e **amamos**?

61. — Convirá restabelecer letras que erroneamente teem sido substituídas, escrevendo-se: **sossegar** em vez de **socegar**; **consertar** em vez de **concertar**; **Sintra** em vez de **Cintra**; **Buçaco** em vez de **Bussaco**; **açúcar** em vez de **assucar**; **tejolo** em vez de **tijolo**; **mês** em vez de **mez**; **país** em vez de **paiz**; **português** em vez de **portuguez**; **pézinho** em vez de **pésinho**; **mesinha** em vez de **mezinha**; **Márquez** em vez de **Marques**; **marquês** em vez de **marquez**; **enteiro** em vez de **inteiro**; **pôde** em vez de **poude**; **preguntar** em vez de **perguntar**?

62. — Convirá adoptar accentuação marcada methodica, por fórma que em qualquer vocabulo se conheça sempre a syllaba tonica, quer o acento se lhe marque, quer não?

63. — Convirá conservar o uso do acento agudo (´) e o do circum-

flexo (^), conforme o valor dado actualmente a êstes sinaes em português, isto é, o agudo para as vogaes abertas *á, é, ó,* e para *i, u,* e o circumflexo para *â, ê, ô,* fechados?

64. — Convirá marcar com accento os vocabulos esdruxulos, cuja última syllaba começa por consoante, isto é, *vocábulo, esdrúxulo, última,* ou quaes?

65. — Convirá marcar com acento os esdruxulos cuja última syllaba começa por vogal, isto é, *pendéncia, régua, sábia,* ou quaes?

ou

66. — Convirá accentuar gráficamente os vocábulos inteiros, paroxytonos, quando a última syllaba comece por vogal, isto é, *valía, sabía, falúa,* ou quaes?

67. — Convirá accentuar ambos os paronymos: *séria* e *sería*, ou *séria* e *seria*, *área* e *arêa*, *mágoa* e *magôa*, ou como?

68. — Convirá accentuar ambas as fórmas em que as letras são identicas, ou uma só, e qual? *póde*, *pôde*, ou *póde*, *pode*, *pode, pòde?*

69. — Convirá marcar todos os vocabulos agudos, oxytonos, cuja última syllaba termine em *a, e, o,* seguidos ou não de *s*, como é já uso: *alvará(s)*, *pá(s)*, *maré(s)*, *crê(s)*, *avó(s)*, *avô(s)?*

70. — Convirá marcar todos os vocabulos paroxytonos, que não terminem em *a, e, o,* seguidos ou não de *s*, pouco mais ou menos conforme a regra da accentuação graphica castelhana: *açúcar, carácter, sável, órphão, quási, tríbu, alférez, abdómen, ádem?*

71. — Convirá marcar com o accento circumflexo todos os *ee* e *oo* fechados, ou sómente nos vocabulos que possam confundir-se com outros: *dòr*, ou sómente *côr*, em razão do vocabulo *cór? lêr*, ou sómente *colhêr* (cf. *colhér*)?

72. — Convirá marcar com o circumflexo as vogaes fechadas *â, ê, ô* antes de consoante nasal, quando as regras de accentuação o exijam, ou com o agudo, visto a pronúncia de taes vogaes como fechadas não ser usada em todo o reino: *ânsia* ou *ánsia*, *gênio* ou *génio*, *endêmico* ou *endémico?*

73. — Convirá marcar com o agudo todos os paronymos dos vocábulos que se marcarem com o circumflexo, isto é, **cóbro** a par de **côbro**, ou deixar só este marcado?

74. — Convirá accentuar os seguintes vocabulos, **pára, pélo, pólo,** em razão dos seus paronymos **pàra**, **pêlo**, **pelo**, **polo?** No caso contrário, como se fará a distincção?

75. — Convirá marcar a vogal tonica de um grupo de três vogaes, das quaes duas formem ditongo, como em **poeira**, **praia**, ou em que circumstáncias?

76. — Convirá usar de accento para marcar a vogal tonica de duas consecutivas que não formem ditongo? Sempre, ou sómente quando a segunda não seja seguida de consoante (excepto *s*), na mesma syllaba? **saúde, caído, faísca, balaúste,** ou sómente **saúde, caído; pais,** ou **pais**?

77. — Convirá prescindir de accento marcado, quando a syllaba termine em consoante que não seja **s**: **sair** ou **saír, ainda** ou **aínda?** No último caso como se escreverá **cãibra** (cf. **Coimbra**), e como se designarão as pronúncias populares *sãingue*, *tãinque?*

78. — Como se marcarão os derivados e compostos que teem dois accentos? (**rapidamente, colherzinha, cera bella**).
79.— Convirá designar com o accento grave (\`) o valor das vogaes, como se pronunciam na serie alphabetica, independentemente de serem ou não tonicas, *à, è, ì, ò, ù*? (**sàdio, pègada, deìcida, còrado, reùnir**).
80. — Convirá aproveitar o accento grave para indicar êsse valor alphabetico, quando as vogaes são átonas? Sempre, ou só em paronymos? **prègar** a par de **pregar**. **mòlhinho** a par de **molhinho**, ou tambem **pàdeiro**. **mèdão, còrar**? (cf. *sabor*, substantivo appellativo, com *Sàbor*, nome proprio de rio).
81. — Convirá empregar o accento grave para denotar que *u*, *i* não formam ditongo com a vogal antecedente, sendo ambas atonas, ou empregar-se há a dierese. ou omittir-se há qualquer sinal? **reùnir, reünir** ou **reunir, fluìdez, fluïdez** ou **fluidez**?
82. — Convirá empregar o accento grave sôbre o **u** dos grupos **gue, que, qui, qui**, quando elle se profira atono? **freqùente, argùir**? Como se escreverão **quatorze, liquido, liquido**?
83. — Convirá adoptar o sinal da dierese (¨) para denotar o valor, variavel de um a outro ponto do continente, do **e** não aberto, antes de palatal? **sëja, tënha, abëlha, fëcho, amëijoa**?
84. — Convirá em livros de ensino adoptar o signal (◦), cifra sotoposta, para denotar o *a* e *e* surdos, de *pavor*, *perdão*. e ëste sinal sobreposto para indicar a vogal fraca de um ditongo. como é uso em livros nossos de phonologia, (*paî*, *paû*), visto não haver sinais que denotem claramente êsses valores?
85. — Convirá usar o apóstropho? Como se regulará o seu emprêgo?
86. — Convirá limitar o uso do apóstropho aos casos imprevistos de suppressão de vogal, ou consoante, escrevendo-se **neste. deste, dahi**, como já se escreve **no, do, donde**? **mo, to, lho, vo-lo**, sem o apóstropho?
87. — Convirá restabelecer as graphias correctas **matá lo, máta-lo, tem-lo, tem-no, numa**, em vez das erroneas **matal-o, mátal-o, tem-n'o, tem l'o, n'uma**?
88. — Convirá definir claramente o uso dos seguintes sinaes? Hyphen -, Travessão —, Parenthese ( ), Parenthese quadrado [ ]? Normas para a divisão das palavras em fim de linha convirá estabelecê-las?
89. — Convirá usar os pontos de admiração e interrogação invertidos (¿ ¡) no comêço de phrases interrogativas e exclamativas, como se faz em castelhano, ou usá-los no princípio e fim, sem se inverterem, todas as vezes que taes phrases forem longas em demasia?
90. — Convirá que se aumente o alphabeto com sinaes diacriticos para figuração de sons peregrinos ou dialectaes. e para a representação portuguesa de linguas estrangeiras, mormente das possessões portuguesas?
91. — Convirá adoptar definidamente os symbolos *k*, *y*, *æ*, *ö*, *œ*, *ü*, *w*, etc., em vocabulos estrangeiros não aportuguesados? Devem fazer parte do alphabeto no ensino escolar?
92. — Convirá que, no alphabeto assim completado, as letras se denominem como actualmente?

93. — Convirá banir as feições estrangeiradas ou caprichosas dos vocabulos peregrinos aportuguesados, **grogue** e não **grog**, **sorgo** e não **sorgho**, **porte-moné** e não **porte-monnaie**? (cf. **maré**, **oboé**, **dogue**; etc., e ainda **stock**, **estoque**, **coke**).
94. — Convirá dar feição totalmente portuguesa aos nomes proprios, locaes ou pessoaes, das nossas possessões?
95. — Convirá empregar o orthographia portuguesa regularizada na escrita das linguas falladas nas nossas colonias, acrescentando-se os symbolos indispensaveis ao alphabeto?
96. — Convirá respeitar a tradição portuguesa no aportuguesamento dos vocabulos estrangeiros ou coloniaes, quer de nomes proprios, quer de nomes comuns ou verbos?
97. — Convirá restabelecer a graphia portuguesa dos nomes peregrinos, aportuguesados, ou aportuguesaveis?
98. — Convirá reduzir a regras simples todas as normas de orthographia approvadas?
99. — Convirá que a Academia Real das Sciencias publique um compéndio, em que se exponham as regras da orthographia portuguesa e os fundamentos dellas?
100. — Convirá publicar-se um vocabulario, um prontuario grammatical e uma cartilha de aprender a ler, que obedeçam em tudo á orthographia adoptada?
101. — Convirá incluir no vocabulario orthographico todos os nomes proprios portugueses ou aportuguesados, incluindo tambem os da antiguidade classica e os biblicos, ou será melhor constituirem elles um glossario separado?
102. — Convirá que, em todos os documentos officiaes, em todas as repartições do Estado e estabelecimentos delle dependentes, e em todos os livros de ensino, de qualquer natureza que sejam, se prescreva a orthographia approvada? Quaes os meios de se chegar a obter essa uniformidade?
103. — Convirá promulgar-se lei tornando obrigatoria a orthographia approvada para todos os documentos officiaes ou publicações subsidiadas pelo Estado?
104. — Convirá tornar extensiva ás camaras municipaes a imposição da orthographia official?
105. — Convirá que todos os letreiros publicos, em todo o reino e dominios portugueses, sejam renovados em harmonia com a orthographia approvada?
106. — Convirá que a orthographia approvada seja obrigatoria, com sancção penal, mediante a imposição de sellos de multa, em todos os documentos publicos, qualquer que seja a sua natureza e importancia, que forem escritos depois de um largo prazo após a promulgação da lei?
107. — Convirá obter, por meios suasorios, que em todos os estabelecimentos particulares de ensino e outros, seja adoptada a orthographia approvada? No caso affirmativo, quaes serão êsses meios?
108. — Convirá que no exame de qualquer disciplina, na classificação em qualquer concurso para cargos publicos, a approvação

fique dependente, em todos os documentos escritos, do emprêgo da orthographia adoptada?

109.— Convirá que por meios suasorios se consiga que todas as publicações periodicas venham a aceitar e usar a orthographia approvada? Quaes serão êsses meios?

110.—Convirá que por meios suasorios se obtenha a aceitação da orthographia approvada, por parte dos editores e autores de livros e outras publicações? Por que modo?

111. — Convirá que a Academia Real das Sciencias proceda á impressão, em edições populares, dos melhores classicos portugueses, adoptando nellas a orthographia approvada, isto independentemente das edições críticas?

112.— Convirá que a Biblia do Patriarchado seja reimpressa em edição barata, adoptando-se nella a orthographia approvada?

113. — Convirá estabelecer-se que sómente á Academia Real das Sciencias incumbem a correcção e o aperfeiçoamento da orthographia approvada, e bem assim a applicação das suas regras aos casos duvidosos, ou omissos?

114— Convirá que, para dar conhecimento ao público dêsses aperfeiçoamentos, additamentos ou correcções, a Academia publique mensalmente um boletim, em que, por meio de successivos appendices aos glossarios e prontuario grammatical, sejam incluídas todas as alterações e applicações a várias hypotheses, que de futuro possam occorrer, appendices que devidamente ordenados se encorporem nas ulteriores publicações, ou edições dos glossarios e do prontuario grammatical?

115— Convirá consultar sôbre todos ou alguns dos pontos tratados neste articulado quaesquer corporações ou individuos estranhos á Academia Real das Sciencias? Que individuos e quaes corporações?

INTRODUÇÃO

Nunca existiu ortografia uniforme em Portugal: pretender provar o contrário, ou mesmo insistir na afirmativa, seria obstinação ou ignorância manifesta dos factos. Cada escritor tem usado a sua ortografia, mais ou menos metódica, sem entrarem em linha de conta aquelas que são indiscutívelmente erróneas, ou caprichosas, ou irreflectidas.

Tam pouco existe ortografia oficial, nem sei qual documento de fácil consulta a poderia impor, visto que o Estado não publica nem dicionários nem gramáticas. Por outra parte, com raras excepções, cada gramática, e cada dicionário apresenta seu sistema próprio, poucas vezes justificado, ou mesmo explicado, afora as diverjências na escrita de inúmeros vocábulos, assistemáticas, ou em desacôrdo com os sistemas seguidos, isto quando mesmo os seus autores adoptaram ou inventaram algum.

Como todo o indivíduo, que empreende um trabalho gramatical, ou leesicográfico, invoca em geral autoridade de escritores portugueses de boa nota, julgar-se-ia

que na realidade a ortografia de que usaram, ou usam èsses escritores é igual nas suas feições mais gerais. A verdade, porém, é que a ortografia dos clássicos, nunca foi nem é, uniforme. Para convencimento desta verdade basta confrontarem-se os sistemas revelados nas obras de Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, António Feliciano de Castilho, Rebêlo da Silva, Méndez Leal, etc. entre os modernos.

Mais regulares e metódicas, como sistemas, foram as grafias dos quinhentistas, dos seiscentistas, e principalmente as do século XVIII, e primeiro quartel do XIX.

Mesmo entre aqueles que teem estudado históricamente a língua pátria, e professam coerência, o desacôrdo com relação aos princípios mais elementares é evidente, podendo-se afirmar que não há dois dêsses indivíduos que entre si estejam perfeitamente conformes em todos os preceitos que devem regular a escrita.

Fala-se em ortografia usual, e já houve diploma oficial que a mandou seguir[1]; a execução tornou-se impossível, pois facílimo foi provar que não existia. Ainda, porém, quando existisse, e assim fosse considerada a do *Diário do Govêrno*, que se apontou como modêlo, não é tal publicação da natureza das que se podem consultar para êste fim, pois as dições não estão aí dispostas por ordem sistemática ou outra, tornando-se, portanto, impossível a consulta.

É notório que, mesmo nas publicações oficiais, e nas diferentes imprensas dependentes do Estado, os sistemas ortográficos variam, conforme o critério mais ou menos au-

---

[1] Portaria de fevereiro de 1901, publicada no DIARIO DO GOVERNO n.º 31 de 8 do dito mês, elucidando (?) a doutrina da de 20 de setembro de 1897, sôbre o mesmo assunto.

torizado do pessoal incumbido da revisão; isto quando os autores do que aí se publica não interveem com a exijéncia de serem conservados os seus modos peculiares, acertados ou desacertados, de escrever as palavras. A ortografia da Imprensa Nacional difere das que usa a Academia Real das Ciéncias, e ambas das que a Universidade de Coimbra tem seguido, sem contarmos que todas estas são já em si mesmas diversas, conforme os tempos e os escritores. A Imprensa Nacional, mercê de dilijéncias anónimas muito louváveis, alterou já recentemente, e devemos convir em que para muito melhor, o sistema que seguia, se sistema se lhe pode chamar.

As ortografias dos documentos oficiais impressos, assim como as dos livros e publicações dados á estampa por editores, ou autores, também não são uniformes, e ainda o são menos as dos documentos manuscritos; cada amanuense tem a sua ortografia privativa, não contando nós as numerosas cacografias, sistemáticas ou assistemáticas, e incluindo nesta categoria as pseudo-eruditas, que não são em menor abundáncia que as evidentemente erróneas, devidas a ignoráncia consciente e confessada. Se há certa uniformidade nas palavras e formas gramaticais mais usuais e correntes, deixa de havê-la logo que tais formas ou palavras são mais raras, e neste caso as contradições e arbítrios dependem do critério de cada escritor, de cada redactor, de cada amanuense, ou de um director, raras vezes mais competente que o seu subordinado para resolver questões destas.

Quanto á imprensa diária, sabemos todos que cada periódico tem a sua maneira de ortografar: em uns a escrita é ultra-etimolójica, sem deixar de ser errónea, e em outros mais ou menos simplificada; e essas simplificações possíveis variam de época para época, de revisor para revisor, de pájina para pájina, com assombrosa incoeréncia.

É êste, sem a menor dúvida, o estado das ortografias actuais.

Estabelecidas estas premissas, que me parece não serão impugnadas, passarei a sujerir o modo, pelo qual, a meu ver, se pode sair da desordem que sempre tem havido em Portugal, com relação a ortografia.

Não desconheço que várias tentativas sensatas se fizeram já para acudir a tamanha irregularidade. Até agora, porém, o resultado tem sido nulo; talvez em razão de todos êsses vários sistemas se não escudarem com o conhecimento histórico da língua, e por tal motivo parecerem ao público meros arbítrios, determinados por amor á novidade, ou por exajerado intuito de simplificação, fundado em uma imajinária unidade de pronúncia, que na língua falada se não observa, nem jamais se observou.

Temos por assioma que toda a ortografia, sómente adequada a figurar a pronunciação peculiar de certa rejião, de certas classes, ou de certo indivíduo, não logrará aceitação, porque a observação, feita por qualquer pessoa, do modo como profere êste ou aquele vocábulo, êste ou aquele grupo de letras, a leva a rejeitar lójicamente a ortoépia que tal ortografia lhe impõe.

Assim, o sistema a seguir deve ter por fundamento representar todas, ou as principais pronunciações lejítimas, sem figurar exclusivamente nenhuma, pois o contrário equivale a complicar a questão ortográfica com a ortoépica, tornando a primeira dependente da segunda, para a qual não há padrão ficso, nem o pode haver.

O primeiro preceito, pois, para que se obtenha um método ortográfico nacional e que sem resistência valiosa possa adoptar-se, é que nenhum dos diversos modos de pronunciação usados actualmente no reino haja de rejeitá-lo por estar em contradição com os factos. A escrita, portanto, deve expressar com rigor os acidentes comuns a todo

o domínio portuguès, desatendendo os especiais que não tenham fundamento histórico dentro da própria língua.

O segundo preceito será, conseguintemente, o estudo consciencioso da evolução do idioma pátrio, para que também não haja descontinuidade manifesta na sua escrita, com respeito ás diversas épocas em que podemos classificar as alterações que foi sofrendo até o seu estado actual, e bem assim ao seu desenvolvimento presumível no futuro. De outra maneira, teríamos tantas línguas escritas diversas, quantos os diferentes períodos; como sem o primeiro preceito, as teríamos em relação ás diversas rejiões.

Para regularização e unificação das diferentes ortografias usadas em portuguès é mester, contudo, que se opere larga simplificação nas convenções gráficas até agora empregadas, muitas das quais são de orijem moderna, e teem contribuído muitíssimo para agravar a já complicada escrita herdada pelo XIX século, e que lhe fòra legada pelo anterior. Pode dizer-se que o renascimento literário efectuado no primeiro quartel do século passado, continuado com a maior eficácia no segundo e já em decadéncia no terceiro, período glorioso para as letras portuguesas, e que se denominou Romantismo, em vez de prosseguir nos esforços por acomodar a ortografia ao que fòra antes a da Arcádia, ao contrário introduziu nela innovações de procedéncia principalmente francesa, conquanto aparentemente latinas; e neste ponto foi a sua acção prejudicial ao ensino da língua, pois desconheceu ou menosprezou o estudo histórico desta, único que pode servir de base á ortografia nacional. Para escrever, mesmo vocábulos que há muitos séculos eram usualíssimos em portuguès, excojitou-lhes as orijens latinas, reformando-lhes por elas a escrita. Foi um caminho errado, um desvio, e torna-se necessário, quanto antes, enveredar por outra estrada.

Não é, pois, sómente preciso uniformizar as inúmeras

ortografias, que aí se usam, sistemáticas, ou assistemáticas; é também indispensável que a uniformização e reforma sejam ditadas, não pelo capricho individual, ou por opiniões desconecsas e arbitrárias sôbre êste ou aquele vocábulo ou preceito, mas sim pelo estudo reflectido de toda a questão ortográfica, e pelo conhecimento histórico da língua e das suas modificações sucessivas.

A não ser assim, os arbítrios continuarão, como até aqui, porque terão razão de ser, lójica e lejítima.

Para se evitar êste grave estôrvo á reforma — os arbítrios fundamentados — torna-se preciso que as modificações, alterações e simplificações, necessárias para se obter a uniformidade que se deseja, tenham explicação fácil e compreensível a todos, e, na sua maior parte, exemplo autorizado, ou razões fundamentais que as determinem, ou aconselhem, e sejam rigorosa dedução de princípios estabelecidos, pouco numerosos, firmes e, quanto possível, incontestáveis: pois, na verdade, o fito a que principalmente deve tender a reforma das ortografias portuguesas é o de resumir em regras certas, com pouquíssimas excepções, ou nenhuma se possível fosse, todos os preceitos sôbre a escrita dos vocábulos, de qualquer orijem ou natureza que êles sejam.

É inquestionável que, no interêsse da instrução geral e dos nossos foros de nação que possui língua culta, será de grande vantajem a simplificação da ortografia, pautando-se esta pela simplicidade das dos dois idiomas que com o nosso teem maior afinidade, o castelhano e o toscano. Em Espanha, como em Itália, são raras as cacografias e os erros de leitura, porque a sinjeleza racional dos seus sistemas ortográficos é estôrvo eficaz ao capricho individual, e dá marjem a poucas dúvidas. Cada um dèles tem suas particularidades vantajosas: em castelhano difícil será haver hesitação sôbre a acentuação pronunciada de qualquer palavra, porque as regras de acentuação escrita são claras e de

facílima aplicação; em toscano, logo que bem se pronuncie um vocábulo, nenhuma hesitação pode persistir no modo de o escrever, pois não existe na sua ortografia uma só letra, ou grupo de letras, cujo emprègo se não deduza imediatamente da pronúncia, conquanto o seu alfabeto seja insuficiente para a cabal representação dessa pronúncia, e esta seja diferente de província para província, de localidade para localidade.

Na maioria dos vocábulos portugueses é a sua escrita de maneira que todas as letras neles se proferem, com os seus valores alfabéticos, principalmente as consoantes; é conveniente, pois, sujeitar os restantes á mesma simplicidade lójica, visto que a tendéncia moderna, que preside a todas as reformas que se intentam é emendar simplificando e sistematizando: parece portanto de manifesta vantajem que o menor número de vocábulos se submeta ás condições do maior, até onde a analojia e a derivação evidente não contrariem absolutamente essas condições essenciais da escrita, que não são mais que a observáncia de preceitos lójicos, determinados pelo estudo dos factos.

Temos pois letras necessárias á escrita de todas as variedades do português, e letras supérfluas em qualquer dessas variedades.

A base para a regularização da ortografia portuguesa tem de ser a história da língua no tempo e no espaço; convém saber, o exame detido e científico dos seus monumentos escritos, desde os primeiros tempos, e o conhecimento metódico dos seus vários dialectos actuais. As línguas estranhas, cujo conhecimento se torna necessário para ficsar, e sobretudo para aplicar essa ortografia, são a latina e a castelhana, estas duas mesmas sómente como aussílio para resolver os casos duvidosos; e em muito menor grau algumas das outras línguas románicas, o asturiano, o italiano, o provençal, pois que o romeno, o francès e os dialectos

róticos, ou os gálio-itálicos fraco subsídio ministrarão ao estudo do português. Para a aplicação da ortografia, o próprio estudo do latim, ou do castelhano, poderá ser sumaríssimo, porque os casos duvidosos se reduzem a pequenas séries de vocábulos, que podem ser ensinadas dogmáticamente.

É notório que os dialectos portugueses falados actualmente se não orijinaram do latim literário, mas sim de outros dialectos que se falaram no nosso território, e de que são evolução, como êsses o foram do latim popular aí usado no tempo dos romanos.

Desconhecer ou menosprezar as formas portuguesas anteriores ás actuais, para entroncar estas com o latim literal, é êrro insanável de método, porque, desprezando-se as formas intermédias, se eliminam os factores mais importantes nessa evolução, a transformação lenta e sucessiva.

Estou de há muito convencido, e várias vezes o tenho dito pela imprensa,[1] de que a denominada ortografia etimolójica é uma superstição herdada, um êrro científico, filho do pedantismo que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assober-

---

[1] Vejam-se, entre outros trabalhos do autor dêste livro, sôbre o mesmo ou análogos argumentos, os seguintes escritos:

ESSAI DE PHONÉTIQUE ET DE PHONOLOGIE DE LA LANGUE PORTUGAISE D'APRÈS LE DIALECTE ACTUEL DE LISBONNE, *in* «Romania», vol. XII, 1883, Paris.

BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885: em colaboração com o snr. Guilherme de Vasconcelos Abreu, que redijiu o opúsculo. Como se verá, o plano de reforma agora proposto é essencialmente o mesmo das BASES. Impressas nesta ortografia publicou a casa Guillard Aillaud & C.ª as duas obras seguintes, que são do domínio pûblico: MÁGOAS DE WERTHER, tradução do orijinal alemão de J. W. von Goethe, por A. R. Gonçálvez Viana, e

bou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pòde vingar, porque a leitura e a conseqùente instrução das classes pensadoras e dirijentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quási sem protesto.

Sabem todos que essa cópia servil, apenas modal, e como tal ilusória, de feições ortográficas de línguas arcaicas tivera a sua existéncia explicável em tempos, nos quais o espírito público se não podia manifestar, em razão do despotismo político e administrativo, e da ignoráncia quási geral; e que, portanto, a aceitação tácita de tam incongruentes como falsos e insensatos sistemas de escrita, impostos por uma minoria pedante, em detrimento da utilidade pública e da conveniéncia geral, não significa o consentimento, e ainda menos o aplauso, porém mera submissão e assentimento inconsciente, ou forçado, da parte

---

A literatura e a relijião dos Árias na Índia, por G. de Vasconcelos Abreu, a última das quais saíu tipográficamente mais correcta.

Revista de educação e ensino, vol. I e IV, 1886 a 1890.

Esquerda Dynastica, de 13 de dezembro de 1889.

Revista Lusitana, vol. I e II, 1887 a 1892.

Exposição da pronúncia normal portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894.

Correspondance. Philologique, *in* «Revue Hispanique», 1899.

Bases da transcrição portuguesa de nomes estrangeiros, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

As orthographias portuguesas, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciéncias, 1902.

Estas duas últimas obras não foram ainda integralmente expostas ao público, e devem constituir base de estudo em commissões especiais, que hão de tratar dèsses objectos, a primeira das quais foi nomeada pelo Govèrno, e a segunda eleita pela Academia Real das Ciéncias.

de quem tinha por hábito obedecer cegamente, abdicando a razão e a vontade.

Com efeito, como o número das pessoas que se ocupavam de literatura ou de ciência era extremamente restrito, pode afirmar-se que os letrados e os filósofos, os doutos em suma, escreviam uns para os outros; e fácil lhes foi criarem uma ortografia artificial dos vocábulos menos triviais, e pautarem ao depois por estes as mais dições, conforme a sua orijem latina ou grega presumível, e as suas analojias, verdadeiras ou supostas: e com tanto maior servilismo e menosprêzo das formas reais dos idiomas falados, quanto é certo que o latim continuava a ser para muitos dêsses eruditos a língua literária predilecta.

O resto, não muito maior, dos indivíduos, que sabiam ler e escrever, ortografava como podia, ora tomando incompletamente os doutos por modelos, ora guiando-se pelo ouvido, mal educado em viciosos métodos de ensino, agravados ainda pela influência que a disciplina preponderante e empírica da gramática latina, o latim bárbaro, e as fórmulas tradicionais, introduzidas no ritual ou no foro, e em inúmeros documentos públicos, exerciam permanentemente.

Assim se explicam as estranhas formas que hoje surpreendem os incautos, tais como **lex** (**leis**), **regno** (**reino**), **esprivão** (**escrivão**), etc., que nunca representaram pronunciações reais. Acrescente-se ainda um factor importante—as pronúncias convencionais do latim, que levaram a mal interpretar a sua ortografia, e a reproduzi-la inconvenientemente nas línguas vernáculas, as quais em cada nação lhe emprestavam e continuam a emprestar as suas particularidades fonolójicas, que concorriam e concorrem para serem menos perceptíveis as diferenças fonéticas entre èsses idiomas e o latim do período áureo, e ainda do decadente, tidos como padrão e modêlo

ortográfico. Assim a pronúncia do latim não só foi diferente para cada povo, conforme o idioma que êle falava, mas seguiu a evolução de cada idioma, no que respeita ao valor das letras e seus agrupamentos. Diverjiu essa pronúncia de uma para outra nação, e em cada uma delas se foi diferenciando de um para outro século, afastando-se e desviando-se cada vez mais do tipo clássico, que a sua ortografia era destinada a figurar.

Em todas as nações, pois, sucedeu, pouco mais ou menos, com relação á falsa interpretação da ortografia latina, o mesmo que aconteceu em Portugal.

A tradição douta fez lenta, mas firmemente, o resto, e só a Itália pòde, a bem dizer, fujir a èsse influeso nefasto, porque a sua literatura se desenvolveu consideràvelmente antes do renascimento clássico, que se defrontou ali com hábitos ortográficos diferentes, já aceitos, e contra os quais a reacção literária foi, por fortuna, impotente. A Espanha, pela sua parte, soube a tempo emancipar-se da obnócsia preponderáncia dos eruditos, e a sua Academia organizou há mais de um século uma das mais perfeitas ortografias que se conhecem como espelho de um idioma literário; emquanto a França foi curvando a cerviz, de geração para geração, ao predomínio ortográfico dos doutos, ou que se presumiam tais.

Se a revolução dos fins do século XVIII, que tamanha ascendéncia veio a exercer em Portugal pela conseqùente difusão da literatura francesa entre nós ao depois, ascendéncia prejudicial por exclusiva, e não atenuada na actualidade; se essa convulsão extraordinária, essa portentosa renovação, que tudo pretendeu reformar, aniquilando o passado, tivesse democratizado também a extravagante e aristocrática ortografia que encontrou; a nossa febre de imitação havè-la-ia seguido, como em tantas outras instituições copiou e copia a França, e hoje a simplificação da or-

tografia seria facto consumado em Portugal, como já o era em Itália e Espanha sem a acção dessa influência.

Não o fez então, infelizmente, e só em data muito próssima começou aquela nação a iniciar activamente essa reforma, e com tal decisão e entusiasmo, que há todas as probabilidades de lá se efectuar em breve prazo, em virtude da pressão exercida pela opinião pública, desperta afinal do marasmo paciente da obediência irreflecsiva.

Entendo, pois, ser necessário que, imitando a Itália e a Espanha, uma geração qualquer em Portugal se liberte do jugo dessa tradição postiça e presunçosa de ortografia helenizada e alatinada, para não dizer afrancesada, criando obra nova, assente em bases científicas para que seja perdurável, e não em pareceres mais ou menos sofísticos, vagos, parciais e incompletos; conservando-se da antiga tradição clássica sómente o que, á face da ciência, da história da língua e da conveniência geral, tenha justificação presentemente. É mester formular-se ortografia portuguesa, com os elementos tradicionais da sua escrita, e não com farrapos de escrita alheia; considerando-se aproveitáveis e lejítimas só aquelas feições que se revelam e principiaram a desenvolver-se, quando a língua começou a escrever-se para ser lida por todos, e não únicamente por sábios ou literatos.

É preciso que a ortografia nacional não contrarie nem disfarce a evolução real do idioma pátrio, nem as suas diferenças e diferenciações dialectais, até onde se coadunem com escrita comum. Para êste fim cumpre rejeitar prudentemente, mas com ánimo, o predomínio erudito, que principalmente por influência francesa, não me canso em repetir, a desfigurou em tempos modernos, sim, mas ainda durante um período, no qual o estudo científico das línguas, e conseguintemente o da orijem e evolução da nossa, nem se havia sequer iniciado em Portugal; carecendo

portanto èsse influcso erudito de bases, quer teóricas, quer reais, que aos nossos olhos lhe possam dar hoje autoridade.

As antigas hipóteses dos humanistas sòbre a formação das línguas, enjenhosas hipóteses em que imperava o raciocínio e minguava a observação, e que entre nós ainda disfrutam de certo crédito, caíram já perante o exame consciencioso, paciente e reflectido dos factos e a reformação dos métodos. O público não pode perder o tempo em investigar para cada vocábulo as orijens remotas, que hajam de obrigá-lo a empregar letras inúteis em portuguès, ou noutro qualquer idioma, ou em fazer que dependa de tal investigação a escrita da palavra mais trivial; chegando qualquer pessoa, por èste modo, ao fim da vida, sem conseguir formar idea clara da língua que fala, por mais que a leia e escreva.

Darei exemplos de quanto as nossas ortografias actuais (que não são poucas) prejudicam neste ponto, como em outros muitos, o ensino racional do idioma pátrio, dissimulando-lhe a continuidade histórica. Aprende-se que nos vocábulos de orijem evolutiva, popular, herdados, o **t** e os **tt** latinos permaneceram em italiano, como em **lato**, latim latus, **gotta**, latim gutta; ao passo que em castelhano èsse **t** se abrandou em *d*, **lado**, e dos **tt** resultou um único *t*, **gota**.

É fácil reconhecer que nessa transformação, evolução, ou o que quiserem, o portuguès é ao castelhano absolutamente comparável, **lado**, **gota**, desviando-se do italiano, que mais de perto acompanha o latim.

Modernamente começou a escrever-se **gota**, com dois **tt**, **gotta**, e por alardo de cultismo um escrevedor de notícias, em periódico muito lido, escreve recentemente o portuguesíssimo verbo **esgotar** pela seguinte forma, **exgottar**: com o mesmo fundamento deveria

o articulista escrever **exquecer**, **exquentar**, **extorvar**, **excarnar**, **extripar**, **exmerar**, etc.

Noutro periódico, com suas pretensões a ser bem redijido, vimos ainda não há muito *expesso,* por *espêsso,* cacografia que obedeceu ao preciosismo de se proferir *eis*, por *es,* o preficso **ex-;** a ignoráncia do escritor ou do revisor, porém, fez-lhe supor que havia nesta palavra aquele preficso; e a ignoráncia semelhante se há de atribuír a forma bárbara **expontáneo**, por **espontáneo**, que se tem difundido em periódicos e livros.

Vimos que o latim gutta, latus, deram por evolução em italiano *gotta*, *lato*, em castelhano e português *gota, lado.* Confrontamos ao depois dois vocábulos nas mesmas condições, mas de orijem artificial, trazidos do lécsico latino por qualquer escritor, como ignotus, attribuere, e vemos que o italiano procedeu como se êles fossem populares, deduzindo *ignoto*, *attribuire;* mas que o castelhano deu, tanto ao **t** como aos **tt,** tratamento em tudo idéntico, *ignoto*, *atribuir*, igualando-os portanto, em uma só pronúncia e em uma só escrita, com relação a essas letras.

Ocorre indagar o que fêz o portuguès com qualquer dêstes dois vocábulos. Aqui a ortografia etimolójica deixa de o ser, porque falseia a interpretação dos factos e os dissimula: o tratamento português foi nesses dois vocábulos enteiramente igual ao castelhano, **ignoto**, **atribuir**, com um **t** e não com dois, pois não existem, nem existiram jamais na nossa língua, no interior da palavra, consoantes duplas, geminadas, na pronúncia, como se observam em toscano, e existiam em latim.

A aprossimação, pois, do português ao italiano, na escrita, é fictícia, porque é falsa na pronúncia, a qual, neste particular, difere nas duas línguas.

Outro exemplo.

Do latim fructus fêz-se em português antigo, e ainda

dialectal, *fruito*, do mesmo modo que de exsuctus se fèz *enxuito*, vocalizande-se em *i* o *c*, como em *oito* de octo. Da perda posterior dèsse *i* resultou a fórma pronunciada e escrita *enxuto*, que ninguém, felizmente, ainda se lembrou de disfarçar em **enxucto**, como aconteceu a *fruto*, adornado com um **c**, **fructo**, apendículo inútil e contrário á etimolojia, a qual é o anterior *fruito*, e não o remoto fructus, cujo **c** há uns doze séculos já se não proferia como *k*, nem na península Hispánica, nem em parte alguma do domínio románico.

Outro exemplo mais:

O vocábulo latino bucca produziu em italiano *bocca*, com *cc*, mas em portuguès resulta dèle *boca* com um *c*, e não com dois; exactamente como em castelhano *(boca)*, por mais que teimem os etimolojistas em escrever èsse segundo **c**, que ninguém profere, nem jámais proferiu em portuguès, e que dantes ninguém escrevia. Ressuscitou-se uma letra latina, na escrita, em palavra que nunca a tivera na pronúncia portuguesa, nem na pena dos nossos maiores, nisto, como em muitas outras cousas, consideràvelmente mais sabedores e avisados do que nós.

Erros ortográficos dèstes, pretensamente etimolójicos, deturpam uma boa quinta parte do nosso vocabulário usual com letras inúteis, que os defensores das ortografias eruditas insistem, contra toda a evidéncia, em que se mantenham, com o fundamento falaz, que alegam, de que tal escrita é a verdadeira, por estar mais próssima da latina. Vimos que é falsa, porque a ela se opõem factos demonstráveis, e está em contradição com as formas dèsses vocábulos portugueses perfeitamente comprovadas por vasta literatura de uns poucos de séculos, e cuja pronúncia real todos podem confirmar com o simples exame de como proferem tais palavras, nas quais nunca foram pronunciadas essas letras intrusas, nem o são, em que há um século se não es-

creviam e modernamente foram acrescentadas, contra toda a razão, sem que se saiba por quem, porquê, nem para quê.

Recentemente, vários escritores, tem ido introduzindo muitas correcções nas ortografias usuais, deixando porém subsistir todos, ou quási todos os vestíjios da ortografia denominada etimolójica, e restabelecendo mesmo algumas letras, que haviam caído em desuso. Essa ortografia, que poderíamos denominar clássica ou erudita, é aquela que, a começar por Alexandre Herculano, adoptaram e adoptam, com diversas variantes, principalmente na acentuação gráfica, no maior ou menor respeito pela ortografia latina, e ainda com mais ou menos coerência, as pessoas que teem estudado históricamente o idioma pátrio, se apartam dos usos reconhecidamente erróneos das escritas empregadas na imprensa diária, e cujo voto e exemplo são conseguintemente autorizados. Empregam-na habitualmente, entre outros escritores, os seguintes filólogos: A. A. Cortesão, António Garcia de Vasconcelos, A. G. Gonçálvez Guimarães, Augusto Epifánio da Silva Díaz, Cándido de Figueiredo, D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Francisco Adolfo Coelho, F. J. de Sousa Gómez, Guilherme de Vasconcelos Abreu (nem sempre), José Leite de Vasconcelos, Júlio Moreira, e além dêstes e de outros, o autor dêste trabalho, que aliás lhe tem preferido outra muito simplificada. É a ortografia de duas revistas científicas, a Revista Lusitana e o Archeologo português, e últimamente a usada no Diario do Governo. Tende a generalizar-se e a prevalecer entre os romanistas nacionais, e já deu entrada no ensino público.

Repudio em parte esta ortografia, porque estou há muitos anos persuadido de que, mesmo depois de escrupulosamente corrijida, tendo-se na devida conta a orijem imediata e averiguada dos vocábulos e formas gramaticais,

ela não pode vir a ser ortografia nacional, sem que primeiro seja aliviada dos artifícios eruditos, que não só a complicam inútilmente e a tornam irregular e incompreensível, mas igualmente são estranhos á evolução conhecida da língua pátria, e não constituem elementos essenciais da sua escrita herdada e lejítima.

A que vou expor e motiva esta publicação é a ortografia tradicional, científicamente regularizada em todas as suas minudéncias, e na qual foram adoptadas as simplificações e correcções que o estudo histórico da língua portuguesa aconselha, e o autor defende e entende necessárias para a uniformização científica e prática da escrita nacional. É a primeira ortografia a que me referi, mondada de todas as superfluidades que a afogam e tornam impraticável ao público. É também a meu ver a mais racional e a mais conforme com a fonolojia portuguesa, quer actual, quer anterior, podendo, com insignificantes modificações, servir para representar, com igual propriedade, a língua moderna e a antiga, a comum, e a dialectal.

Repetirá aqui o autor a doutrina ortográfica por êle expendida na Exposição da pronúncia normal portuguesa,[1] e cujo primeiro tentámen de propaganda e execução havia sido feito nas Bases da ortografia portuguesa, citadas na nota de pájinas 8:

«I. Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimolojia grega, *th*, *ph*, *ch* (=*k*), *rh*, e *y*.

«II. Redução das consoantes dobradas a singelas, com excepção de *rr* e *ss* mediais, que teem valores peculiares.

«III. Eliminação de consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as preceda.

«IV. Regularização da acentuação gráfica.»

---

[1] Pájinas 96

Por êste livro se pode ver como êle resolveu êsses pontos capitais da reforma, que, como disse, de há muito julga necessária e advoga. Na realidade, o presente trabalho não é mais que o desenvolvimento dêsses preceitos, a demonstração da conveniência e vantajens que para o público e para o ensino da leitura e escrita do idioma pátrio, para o perfeito conhecimento dêle, para a disseminação da instrução geral, emfim, resultariam da sua adopção.

O sistema ortográfico que proponho diferença-se ainda de vários outros, em que os erros ortográficos possíveis, a quem haja bem aprendido a ler, ficam reduzidos a um mínimo quási igual ao da actual ortografia castelhana.

Efectivamente, as dificuldades subsistentes resumem-se em duas categorias: As de carácter geral, e as de carácter especial. Na primeira categoria estão compreendidas as seguintes espécies:

a) Emprêgo do **h** inicial, emquanto não for de todo proscrito, sendo-o já daquelles vocábulos em que êle contra a etimolojia ainda figura, de *hontem*, por exemplo, que se deve escrever, como antigamente, *ontem*.

b) Emprêgo de *i*, ou *e* inicial com o valor de *i*: *evitar, elojio, egual*, ou *igual*, etc.

c) Selecção entre *o* e *u* átonos: *tonante* (tonans, tonantis) e *tunante* (de *tuna*), *moral* (de mores) e *mural* (de *muro*).

Esta dificuldade não existe para os brasileiros, que diferençam *o* de *u*, antes da sílaba tónica do vocábulo, e na maioria dos casos a analojia e a derivação dentro do português fácilmente resolvem a dúvida. Assim, devemos escrever *formosura*, e não *furmusura*, ou *furmosura*, ou *formusura*, porque êste substantivo se deriva de *formoso*, o qual, pela sua parte, provém de *forma; porteiro*, e não *purteiro*, atenta a sua orijem, que é o substantivo *porta*.

d) Selecção entre *o* e *u*, *e* e *i*, átonos, antes ou depois

de vogal, dificuldade que se resolve igualmente pela analojia e etimolojia: escreveremos *desfear*, com *e*, porque o seu étimo imediato é *feio*, mas *desfiar*, com *i*, porque procede de *fio*; *soar*} s o n a r e, com *o*, *suar*} s u d a r e, com *u*; *roedor*, de *roer*, com *o*, mas *ruidoso*, de *ruído*, com *u*.

Em grande número dèstes vocábulos basta recorrer-se a qualquer forma, em que a vogal duvidosa seja tónica, para se determinar a escrita correcta. São excepção conhecida a èste preceito certos verbos em *-iar*, como *odiar*, *negociar*, que nas formas rizotónicas mudam o *i* em *ei*, *odeio*, *negoceio*.

Em razão de a forma rizotónica ser *negoceio* se escrevia dantes **negoceo** por *negócio*, **remedear** em vez do *remediar*, como vemos em Rui de Pina (Crónica de El-Rei Dom Affonso v, cap. clxxxvi); e ainda hoje se escreve **presencear**, **licencear**, por **presenciar**, **licenciar**, cacografias que devemos rejeitar absolutamente. Essa antiga escrita, nos nossos dias não de todo perdida, proveio de o **e** átono antes de vogal se proferir *i*, de modo que no infinitivo, por exemplo, se não diferençavam na pronúncia os verbos em **-ear** dos em **-iar** (**cear**, **ciar**), influindo os primeiros na conjugação dos segundos. Muitos teem sido reduzidos literáriamente á conjugação regular, tais como **gloriar**, **alumiar**, cujo tempo presente o povo continua a formar com o ditongo *ei*, *gloreia*, *alumeia*, e não *gloria*, *alumia*, que a linguajem culta prefere. Outros, porém, fòra inútil tentar emendá-los, e entre èsses **odeia**, **negoceia**, **presenceia** e **licenceia**, que citámos.

Além destas, poucas são as dificuldades a que neste opúsculo se não dè solução motivada. Entre as não resolvidas, porque o autor ainda hesitou, por contemporização com hábitos arraigados, sobressaem a manutenção de **g** inicial etimolójico, antes de **e**, **i**, a de **h** inicial igual-

mente etimológico, e de **ex**, preficso=*eis*, conquanto se aconselhe a substituição do primeiro por **j**, a total abolição do segundo, e a resolução do terceiro nos seus elementos fónicos, tal como se fez em italiano.

Menos essenciais são de certo as substituições de **c** a **q** antes de *u* proferido, e de **g** a **g** na mesma situação; por isso preferiu o autor assinalar êsse *u* com o acento grave, como em **eqùestre**, **argùição** (**ecuestre**, **arguição** =*argu-i-ção)*, acento cujo emprêgo em português procurei regular e justificar, como se verá no lugar competente.

As dificuldades ortográficas de carácter especial procedem de a pronúncia do português, mesmo no continente, variar, e não pouco, de uns para outros dialectos. Esta classe abranje os seguintes casos, dos quais podem orijinar-se, e na realidade se orijinam, freqùentes erros de ortografia.

e) Emprêgo de *e* ou *i*, átonos, antes de *nh*, *lh*, *x*, *ch*, *j*: *lenheiro* } *lenha*, *linheiro* } *linho*, *melhor*, antigamente *milhor*, *semelhante*=*semilhante*.

f) Emprêgo de *a* e *e*, tónicos, antes de *nh*: *lanho* e *lenho*.

g) Emprêgo de *ô* ou *ou*: *osso* e *ouço*.

h) Emprêgo de *e* ou *ei*, confundidos no Alentejo em um som único, *ê*: *cera* e *seira*.

i) Emprêgo de *e* ou *i*, antes de *s* seguido de consoante: *pescar* e *piscar*; *destinto* (de *destinjir*) e *distinto* (de *distinguir*).

j) Emprêgo de *x* ou *ch*: *buxo* e *bucho*, *feixe* e *feche*.

k) Emprêgo de *ç* ou *s* inicial: *çaga*, *saga*.

—— *ç* ou *ss* medial: *paço*, *passo*.

—— *ce*, *ci*, ou *s(s)e*, *s(s)i*: *cela*, *sela*; *cinto*, *sinto*; *incerto*, *inserto*; *comece*, de *começar*, *comesse*, de *comer*.

l) Emprêgo de *z* ou *s* medial: *cozer, coser.*
—— *z* ou *s* final: *noz, nós.*

Sôbre estas distinções, que na língua geral escrita devem ser feitas, por isso que na língua falada elas se faziam, ou fazem dialectalmente, procurei formular alguns preceitos, como o leitor verá.

O que, porém, será indispensável é que os compêndios a elas se refiram, e os mestres despertem nos alunos a curiosidade por tais investigações, para os habilitarem á sistematização e ao raciocínio; a resolverem por si próprios as dificuldades ortográficas, as quais, pela enumeração que fiz delas, ficam reduzidas a onze: bastando portanto, para se escrever com correcção, atender a essas sómente, visto que todas as outras dificuldades, que embaraçam a escrita actual, as suprimi por inúteis e faltas de fundamento histórico, ou racional.

Para convencimento cabal destas vantajens, será suficiente, com certeza, considerar a quantos erros estão sujeitas as denominadas ortografias etimolójicas.

CAPÍTULO I

Sistema português de escrita

A pronúncia da língua portuguesa não é a mesma em todo o continente, antes diverje bastante de umas para outras comarcas, mormente no extremo norte com relação ao extremo sul, e nos falares das rejiões orientais, comparados com os da beira-mar. Há, todavia, no centro do reino, entre Coimbra e Lisboa, um padrão médio, do qual procuram aprossimar-se as pessoas cultas, e que tende a absorver as particularidades dialectais, não só nesse centro, mas também nas cidades e povoações mais relacionadas com èle, em rejiões mais distantes. Pòsto que as diferenças de pronúncia, quer nas consoantes, quer principalmente nas vogais, não sejam tamanhas que obstem á mútua intelijência no colóquio entre os indivíduos das várias rejiões onde o português é a língua vernácula, são elas, não obstante, suficientemente consideráveis para causarem estranheza àquelles que pronunciam de outra maneira, tanto os vocábulos soltos, como o discurso ligado sintácticamente.

Uma parte dessas diferenças é devida ao arcaísmo, outra á evolução independente que o português teve em

cada uma daquelas rejiões, não só no material fonético, mas igualmente nas relações de uns com outros sons, e em leis diversas, que independentemente se manifestaram a regular tais relações em cada rejião[1].

O sistema de escrita, com que o português sempre se figurou, é o abecedário romano herdado, modificado lentamente por caracteres subsidiários e por vários sinais diacríticos. O mesmo aconteceu em todos os países e com todos os idiomas, que utilizaram aquele alfabeto como expressão gráfica dos sons que os compõem.

O abecedário romano constava das seguintes letras maiúsculas, porque as nossas minúsculas eram nele o cursivo, ou letra-de-mão.

A B C D E F G H I (K) L M N O P Q R S T V X (Y Z)

Sôbre esta série temos apenas a observar que os valores das letras no tempo do império eram aprossimadamente os que elas teem em português, com excepção das seguintes:

O C e o G sempre se proferiam como em português antes de **a**, **o**, **u**; o H, que primeiro equivalera á fricativa próstero palatal surda (o **j** castelhano actual), corresponde ao **h** das línguas germánicas, convém saber, era aspirado; o V pronunciava-se *u*, o X valia por *cs*. O S, mesmo entre vogais, tinha o valor do *ç* português[2], como é actualmente pronunciado.

---

[1] Veja o leitor sôbre este objecto os trabalhos dialectolójicos publicados na REVISTA LUSITANA, principalmente pelo seu director, e a EXPOSIÇÃO DA PRONÚNCIA NORMAL PORTUGUESA, pelo autor dêste opúsculo.

[2] Ao depois o G entre vogais adquiriu o valor de I consonans; *v. g.*: plaga, regem que passaram á Península Hispánica com as formas **playa, praia, rey, rei.**

As duas letras finais representavam o **u** francês e o nosso *z*, e eram sons estranhos ao latim, servindo para a transliteração de vocábulos gregos, a cujo alfabeto pertenciam.

Não obstante a opinião em contrário divulgada por Corssen, com relação ao valor do **s** latino entre vogais, o *s* sonoro não existiu em latim no período áureo, e é mesmo duvidoso que tivesse existido antes, apesar da sua mudança em *r* nessa posição, principal argumento dos que sustentam a doutrina oposta. Com efeito, se a situação do *s* entre sonoras (vogais) levava fisiolójicamente a fazer êsse *s* igualmente sonoro, como o latim não possuía outra consoante contínua sonora apical (proferida com o ápice da língua), valeu-se da que tinha, isto é do *r*, que talvez fosse um tanto assibilado, como o é em inglês depois de *d*, por exemplo em **dry**. Facto idéntico se dava com o *s* final de vocábulo em sanscrito, antes de sonora, como *agnir dahati*, «o fogo queima», por *agnis dahati*. Que não existia *s* sonoro é de toda a evidéncia, visto nenhum gramático romano se referir a mínima distinção do *s* em várias situações, excepto á sua considerável atenuação quando final. Em puro toscano o *s* medial continua a ser surdo entre duas vogais, a primeira das quais tónica, e é sómente no norte de Itália que tal *s* se ouve sonoro (*z*). Depois, o *s* antes de consoante sonora fez-se sonoro em certos falares latinos, como em italiano, conquanto nesta língua haja quem nem mesmo nesta situação aí o admita[1].

Também, com relação ao som que representaria o z, ao transcrever o ζ grego, pretendia Corssen que èste fosse uma dúplice, como ξ ou o ψ, que figuravam, respectivamen-

---

[1] O Príncipe L. L. Bonaparte: veja-se CORRESPONDANCE PHILOLOGIQUE (*in* ‹ Revue Hispanique» VI-1899. pp. 20 e 21).

te, *ks* e *ps*, com a diferença de que aquela letra, em vez de ser compéndio de *ts* o era de *dz*. Imperou esta doutrina na Alemanha, de lá passou a França, e ainda hoje é a que predomina, pelo menos teóricamente. Seria longo expor aqui os motivos que me levam a considerar averiguado que, fosse qual fosse o seu valor quando se introduziu no alfabeto grego, pelo menos ao adoptar-se no latim, essa letra tinha já o que tem actualmente no grego moderno, e em português.

Vélio Longo declara terminantemente que se alguém o experimentar ouvindo-o, achará não ser dúplice o valor do *z*: invenit duplicem non esse, si modo illam aure sinceriore explorauerit[1].

Observaremos ainda que uma das particularidades da pronúncia portuguesa do latim é o proferirmos o T final como *d*, por ex.: *déficid* por deficit. É difícil dizer hoje de onde nos proviria esta singularidade, em que nos apartamos de todas as mais nações. É facto que nas inscrições plebeias já se encontra, por exemplo reliquid, em vez de reliquit[2]; êsse facto, só por si, não explica porém satísfatóriamente aquela particularidade.

O **k**, o qual representara primeiro a sílaba KA, e ao depois o mesmo som que C, caíu em desuso não só em latim, mas em todas as línguas románicas, onde até o século XIII foi parcamente empregado, em concorrência com o **c** e o **qu**.

Èste abecedário, já de si escasso, tornou-se em breve insuficiente, em razão do valor, diverso do próprio, que várias letras foram adquirindo em certas circunstáncias, por virtude da evolução que sofreram os sons que repre-

---

1. V. Lindsay, THE LATIN LANGUAGE, cap. II, § 120.
2. *Id. ib.* II, § 73.

sentavam, conforme a influência dos sons contíguos e por outras tendências de carácter especial.

Desta maneira, o valor do C e do G antes de *e* e *i* modificou-se, e por isto se adoptou na Península Hispánica **qu** para o primeiro, **gu** para o segundo, como na Itália a adjunção de **h** a **c** e a **g**, quando se quis expressar o valor próprio e primitivo. O I e o V passaram a desempenhar duas funções distintas, a de vogais e a das consoantes *j* e *v*, que só muito depois se diferençaram gráficamente daquelas, já no século XVIII, pelo menos definitivamente.

Como o c antes de *e* e *i* se assibilara, isto é, adquirira um valor equivalente ao do **s** latino, para lho afirmar antes de **a**, **o**, **u**, acrescentou-se-lhe a cedilha (**ç**). O **s** entre vogais tornou-se sonoro, e portanto duplicou-se, nessa posição, quando se quis exprimir o seu valor como inicial.

O Y foi utilizado para denotar principalmente um *i* consonántico, isto é, formando sílaba com outra vogal, e mormente entre duas vogais, onde essa consonáncia é mais perceptível ao ouvido.

As cinco letras vogais foram modificadas por sinais diacríticos para representarem com maior exactidão o sistema vocálico português. O **n**, escrito por cima da linha e confundido com um sinal de abreviatura, passou, com o nome de **til**, a designar as vogais nasais.

Sendo ainda insuficiente èste desenvolvimento do abecedário romano, já antes se aproveitara o **x** para denotar na Península Hispánica uma consoante especial, que nas línguas dela se tinha manifestado, a que representa ainda hoje em português, quando é inicial, como em *xadrez*. Agruparam-se letras, o **c**, o **l**, o **n**, com o **h**, que perdera o seu valor próprio no latim vulgar, a fim de figurarem sons especiais do português, e que não existiam na língua de Roma.

Desta maneira, o nosso sistema gráfico, tal como actualmente o usamos, ficou composto dos seguintes símbolos, que expressam fonemas simples:

á, â, ã, é, ê, e, i, ó, ô, õ, u; b, c, ç, ch, d, f, g, gu, h, j, (k), l, lh, m, n, nh, p, qu, r, rr, s, ss, t, v, (w), x, (y), z.

O **k**, o **w** e o **y** sómente se usam em vocábulos estranjeiros, sendo o último também letra etimolójica.

Os sons que constituem a língua portuguesa, tal como é falada no centro do reino, são vogais, semi-vogais e consoantes.

As vogais portuguesas são orais ou nasais, e vão exemplificadas em seguimento.

à	como	em	*má*	escrita	**á, a**
ạ	»	»	*mal, mau*	»	**a**
ḁ	»	»	*da*	»	**a, â**
ã	»	»	*lã*	»	**ã, an, am**
è	»	»	*sé*	»	**é, e**
ê	»	»	*sê*	»	**ê, e**
e̥	»	»	*se*	»	**e, i**
ẽ	»	»	*vence*	»	**en, em**
í	»	»	*mil, riu*	»	**i**
ì	»	»	*rio*	»	**i, e**
ĩ	»	»	*sim*	»	**im, in**
ò	»	»	*avó*	»	**ó, o**
ô	»	»	*avô*	»	**ô, o**
õ	»	»	*som*	»	**om, on**
u	»	»	*tu*	»	**u, o**
ũ	»	»	*atum*	»	**um, un**

As semivogais são:

i̊	como em	**pai, fiar,**		escrita	**i, e**
ů	»	»	**pau, luar, quatro**	»	**u, o**

O círculo sobrescrito designa aqui vogal assilábica, subscrito, vogal surda; o acento grave vogal aberta, o circunflecso vogal fechada; o til nasalidade; o ponto subscrito ao *a* (*ạ*), que o som dêste tende para *ò*.

Uma vogal junta com uma semivogal forma ditongo, crescente se a semivogal é a prepositiva, decrescente se é a subjuntiva; ex.: *diabo, saibro, sueto, véu.*

Em portuguès sómente se denominam ditongos os decrescentes; todavia na metrificação a prepositiva dos ditongos crescentes não forma usualmente sílaba independente. Os ditongos decrescentes são orais ou nasais.

Os orais são:

ài̊	como	em	*pai*	escrita	**ai** ou **ae**
ḁi̊	»	»	*ensaiar*	»	**ai**
ạů	»	»	*pau*	»	**au** ou **ao**
èi̊	»	»	*réis*	»	**ei**
ei̊	»	»	*reis*	»	**ei**
èů	»	»	*céu*	»	**eu** ou **eo**
êů	»	»	*seu*	»	**eu**
ìů	»	»	*riu*	»	**iu**
òi̊	»	»	*sóis*	»	**oi** ou **oe**
ôi̊	»	»	*boi*	»	**oi**
oů	»	»	*grou*	»	**ou**
ui̊	»	»	*fui*	»	**ui** ou **ue**

O valor dos ditongos *ei* e *ou* varia de rejião para rejião: em Lisboa é *ḁi̊* e *ô*.

Os ditongos nasais são:

ãi̊	como	em	*mãe*	escripto	**ãe**
êi̊	»	»	*bem*	»	**em, en**

õĭ	como em	*põe*	»	**õe**
ũĭ	» »	*muito*	»	**ui**
ãŭ	» »	*pão*	»	**ão, am**

Em Lisboa o ditongo *ẽĭ*, escrito **em**, tem o mesmo valor que o ditongo **ãe**, isto é, *ãĭ*. No norte do reino ou se profere como em Lisboa, ou conserva a vogal tónica nasal o seu antigo valor *ẽ*. No sul, Alentejo e Algarve **em** vale por *ẽ*, convém saber, é vogal nasal e não ditongo.

Farei ainda uma advertência necessária.

Em vários pontos do reino prefere-se em muitas palavras *ôĭ* a **ou** (pronunciando-se *ôŭ* ou *ô*), qualquer que seja a orijem da subjuntiva dêste ditongo, *u*, *i*, ou uma consoante.

É pois facultativo pronunciar-se *touro* ou *toiro*, *couro* ou *coiro*, *noute* ou *noite* de taurum, corium, noctem. Dou em geral a preferéncia, com Alexandre Herculano, a **ou**, fazendo pequenas excepções de que são as principais *dois* e *oito*. Etimolójicamente *tesoira* } tonsoria deveria ser preferido a **tesoura**, que nada tem que ver com **tesouro** } thesaurum. Todavia o uso fundiu em muitos vocábulos os ditongos *oi* e *ou* em um só, que em uns pontos é proferido *ô* ou *ou*, e assim deve ser escrito (**ou**), e em outros *ôi*. Há também preferéncias individuais. Quem, por conseqüéncia, proferir *ôi*, deverá adoptar a escrita **oi**, visto que a pronunciação é facultativa.

As consoantes são:

b:	como em		*b*o*b*o.
c:	»	»	*c*al, *c*ôr, *c*ume, *c*ravo, *c*laro.
ce, ci, ç	»	»	*c*êu, *c*ifra, *ç*ar*ç*a.
ch	»	»	*ch*á.
d	»	»	*d*a*d*o.
f	»	»	*f*oz.

g	como	em	*g*ás, *g*ota, *g*ume, *g*rande, *g*lória.
gu	»	»	*gu*erra, *gu*ita.
g (e), *g* (i)	»	»	*g*ente, *g*iro.
j	»	»	*j*á, *j*óia.
l	»	»	*l*á.
ł	»	»	ma*l* (escrita l).
lh	»	»	*lh*ama.
m	»	»	*m*á.
n	»	»	*n*ó.
ṅ	»	»	fra*n*co, fra*n*go.
nh	»	»	le*nh*a.
p	»	»	*p*ó.
qu	»	»	*qu*ente.
r	»	»	ca*r*o.
rr	»	»	ca*rr*o, *r*ei.
s, *ss*	»	»	*s*ó, ca*ss*a.
ṣ	»	»	ca*s*a.
t	»	»	*t*u.
v	»	»	*v*oz.
x	»	»	*x*airel, *x*eque, cai*x*a.
ż	»	»	*z*êlo, fa*z*er.

Na pronúncia do centro do reino, e na actual culta de todo êle, são iguais entre si no valor os seguintes símbolos: **ch** e **x**; **s** inicial, **ss** medial e **ç** ou **c** antes de **e i**; **s** entre vogais e **z**. Não o são, porém, no falar do povo das províncias do norte, nas aldeias e campos sobretudo, nem o eram antigamente. É necessário, como veremos, manter-se a distinção entre êstes símbolos, porque pertence á história da língua, e quási sempre se tem feito, e porque a abolição da diferença a deformaria e interromperia a sua continuidade literária, ao mesmo passo que a escrita deixaria de corresponder á pronúncia dialectal, que

ainda distingue palavras em que essas letras figuram, e que se tornaram homónimas no idioma literário. São letras etimolójicas dentro do português, representam factos fonéticos que lhe pertencem, ou pertenceram, e não devem ser menosprezados numa ortografia nacional, que represente o idioma total até o presente, e haja de ser perdurável no futuro.

Com efeito, devemos ter em consideração que, se cada pessoa, que pretender simplificar as ortografias correntes, se guiar pela sua pronúncia individual ou dialectal, nos perderemos num dédalo de sistemas, todos tam bons, ou tam ruins, como o de Barbosa Leão. Em uma parte do Minho a palavra **quanto** profere-se *canto* e não *cuanto;* o reformador que assim pronunciar quererá que dêste modo se escreva, e dentro do seu dialecto será coerente, e terá razão; mas não a terá em presença de portugueses de outras rejiões, que não reconhecerão o vocábulo de tal maneira escrito.

Semelhantemente para as pessoas da Estremadura, do Alentejo, ou do Algarve seria perfeitamente aceitável que se escrevesse **otro**, **oço**; mas não seria admissível tal grafia para os indivíduos das demais províncias, para quem não há confusão possível entre *osso* e *ouço,* quer porque diferençam rigorosamente *ç* de *ss,* quer porque proferem o digrama **ou** como verdadeiro ditongo, e não como *ô* fechado.

O regulador, a norma para se fujir dêstes extremos censuráveis, é a história língua.

São estas letras, e grupos de letras, de valor particular, suficientes para a escrita do português normal, e com êsses símbolos se escreve a grande maioria dos vocábulos portugueses, quer herdados do latim, quer de outras proveniências. Constituem, pois o alfabeto nacional, o que tem de servir da base á ortografia do idioma pátrio.

Há de certo outros sons, além dos indicados, quer dialectais, quer mesmo da língua culta, e que sómente se manifestam em certas circunstáncias. Numa ortografia comum a toda a nação inútil seria, em contrário da tradição, atender a tais distinções.

Em trabalhos científicos de fonética seguramente a escrita diacrítica terá de ser mais minuciosa, e a seu tempo veremos o modo de a fazer mais compreensiva, com o aumento ou modificação de símbolos.

Os próprios sinais desusados que aqui empregámos, como o círculo sobrescrito, ou subscrito, o ponto inferior, o ɫ e ꞥ cortados, não teem cabimento na ortografia usual da língua, e a sua aplicação cumpre que se restrinja a livros especiais.

Com referéncia ao valor do ɫ direi que, entre as línguas románicas, sómente o possuem na actualidade o portugués e o catalão, ou que pelo menos ainda não foi reconhecido em nenhum outro dialecto novi-látino. É evidente, porém, que êle existiu no francês antigo, e provávelmente no antigo provençal, pois é por tal fonema que se explicam os plurais franceses em **aux**, de nomes em *al*, e as formas **beau**, **nouveau** (*bô, nuvô,* antes *bèů, nuvèů*), a par de **bel, nouvel,** e ainda os vocábulos **autre** } alter; como por êsse *l* em latim se explicam as palavras portuguesas **outeiro** } altarium, **souto** } saltum.

Não há a menor dúvida que os romanos possuíram êste *l*, não só em razão da existéncia da forma caucuIus por calculus, que se encontra num edito de Diocleciano, mas porque ha dêle menção expressa nos gramáticos latinos, que o denominavam pinguis, por oposição ao *l* ordinário, a que chamavam exilis[1]. Calculus foi escrito

---

[1] Lindsay, The Latin lang. II, § 99.

c a u c u l u s pela mesma razão, pela qual se tem confundido *caução* com *calção,* em cacografias de gente inculta.

Há nas línguas esclavónicas um *l* especial, que em polaco se escreve *ł*, isto é um **l** cortado obliquamente de baixo para cima e da esquerda para a direita. Assemelha-se bastante no valor ao nosso *l* de *mal;* como porém não é absolutamente idêntico, diferencei dèle o *l* português depois de vogal pertencente á mesma sílaba, invertendo a disposição do traço que o corta (*ƚ*), e usei dêste símbolo na EXPOSIÇÃO DA PRONÚNCIA NORMAL PORTUGUESA, e na «Revue Hispanique» [1]. Na «Romania» [2] tinha empregado para êste som o *ł* polaco.

Com relação ao a g m a ou *n* póstero-palatal, que, imitando a transliteração de Vasconcelos Abreu, representei por *n*, como já o fiz na PRONÚNCIA NORMAL PORT., direi que èste novo símbolo é perfeitamente dispensável, pois o som que representa não tem em português existência independente, sendo apenas um fonema de transição entre uma vogal nasal e a consoante explosiva póstero-palatal seguinte, *c* ou *g*, como nos exemplos dados, **franco** e **frango.**

Os nossos escritores dos séculos XVI e XVII serviram-se do **m** para designar êste som, quando final de nomes pertencentes a várias línguas da Ásia, tais o malaio, o chinês e outras, onde é freqùente, não só nessa situação, mas igualmente como inicial; sendo neste último caso por êles

---

[1] LES LANGUES LITTÉRAIRES DE L'ESPAGNE ET DU PORTUGAL, tomo I da citada revista. A. Fabra, que aliás seguiu a minha transcrição no seu notável trabalho sôbre a fonética do catalão [*ib.*, t. IV, 1897, ÉTUDE DE PHONOLOGIE CATALANE] representa por **l** simples êste som, que em catalão se manifesta nas mesmas circunstáncias que em português, modificando igualmente a vogal que o precede.

[2] t. XII, 1883: ESSAI DE PHONÉTIQUE ET DE PHONOLOGIE DE LA LANGUE PORTUGAISE.

representado quási sempre por **n**, e também modernamente por **g**, e assim pronunciado. Dêste modo o número 2, em chinês de Macau proferido *ni*, é pelos portugueses escrito e pronunciado *gui*, por oferecer para muitos dêles dificuldade, insuperável quási, o dar àquela nasal o seu valor próprio, quando se lhe segue vogal, ou em fim de palavra.

Apesar de muitas simplificações, que sem menoscabo da língua escrita podem fazer-se, são inevitáveis as homofonias de caracteres que indicámos, convém saber: as de **ç** e **s** ou **ss**, as de **s** e **z** entre vogais, as de **ch** e **x**, de **ou** e **ô**, de **e** e **i** iniciais, de **e** e **i** antes de vogais, de **ão** e **am**, de todas as que enumerámos antes, e para cuja diferenciação procuraremos dar fundamentos e regras.

Antes, porém, que entremos nesse assunto, vamos minuciosamente examinar os sinais alfabéticos usados em português, devidos a injustificável imitação da ortografia latina, quer própria, quer reproduzindo a grega.

As homofonias de caracteres, a que dá origem a imitação de ortografia latina ou helenizada, são as seguintes:

cc,	a par de **c**;	ex.:	**soccórro, accesso.**
ch, cch	» » » **c**, e **qu**	»	**Baccho, chímica.**
bb	» » » **b**,	»	**abbade**; cf. **abelha**
dd	» » » **d**,	»	**addição**; cf. **ádito.**
ff	» » » **f**,	»	**affecto**; cf. **afiar.**
gg	» » » **g**,	»	**aggregar**; cf. **agrado.**
ge, gi	» » » **je, ji**,	»	**Jesus, gente, giro.**
h inicial e medial		»	**hontem, inhábil, vehemente.**
ll	a par de **l**,	»	**allusão, elle**, cf. **alado, eleição.**
mm	» » » **m**,	»	**immenso**; cf. **imajem.**
mn, nn	» » » **n**,	»	**somno, panno**; cf. **sonoro, paneiro.**

*

pp,	a par de **p**,	ex.:	**appenso**; cf. **apenas**.
ph, **pph**	» »	**f**, »	**philtro**, **Sappho**; cf. **filtro**, **safo**.
rh, **rrh**,	» »	**r**, **rr**, »	**rhetórica**, **arrhas**; cf. **reitor**, **arrastar**.
sc,	» »	**c**, »	**sciencia**; cf. **civil**.
tt, **th**, **tth**	» »	**t**, »	**attento**, **theatro**, **Mattheus**; cf. **atilho**, **tear**, **matéria**.
y	» »	**i**, »	**hypócrita**, **physica**.

E, além destas, muitas letras que se conservam, com o fundamento único de que existem nos vocábulos latinos, étimos dos portugueses, pois se não proferem, nem se proferiram nunca; por exemplo, o **p** e o **c**, em **prompto**, **práctica**, **conjuncção**, etc.

CAPÍTULO II

Ortografia etimolójica

Esta falsa denominação, e falsa teoria, contra as quais se insurjem os romanistas, porque elas escurecem a verdadeira orijem dos vocábulos actuais, desdenhando-se na sua presente escrita a evolução lenta e gradual de tantos séculos, para se prenderem a étimos antiqùíssimos e muitas vezes erróneos, já há muito haveriam sido repelidas da ortografia portuguesa, se a leitura predilecta estranjeira fosse em Portugal a de livros italianos e espanhóis, como o tem sido, há um século, de franceses, de onde copiámos e copiamos essa falsa escrita etimolójica, que mesmo em França levanta hoje veementes protestos entre as pessoas mais doutas e competentes, como são os lentes da Escola de Estudos Superiores (École des Hautes Études). Na realidade, parece fútil o querermos arremedar feições anacrónicas de ortografias estranhas, ouriçando os vocábulos de letras inúteis, que a maioria das vezes só são etimolójicas para quem não está ao facto do que seja verdadeira etimolojia.

Os preceitos para a aplicação da denominada Ortografia etimolójica, no sentido em que êste epíteto é entendido geralmente, acham-se dêste modo formulados no Prefácio do Parnaso Lusitano:

«I. Conservar fielmente a ethymologia (*sic*) quando se lhe não oppõe a pronúncia.

«II. Combiná-la com a pronúncia quando ésta se oppõe á inteira conservação d'aquella.

«III. Nas palavras de raiz incognita seguir o uso geral.

«IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronúncia não obsta.

«V. Não pôr accentos (agudo e circumflexo que são os unicos portuguezes) senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra.»

Estes cánones, mais confusos que os arábicos de Erpénio, começavam, como se vê, por um êrro ortográfico, **ethymologia** por **etymologia**, o que não abona muito a autoridade de quem os formulou.

Por outra parte, nada mais contraditório e embaraçoso que aquele recurso da etimolojia para a pronúncia, desta para a etimolojia, com passajem pelo afamado uso geral, que se não sabe por fim de contas o que seja.

Em substáncia, as quatro regras citadas significariam talvez que a ortografia etimolójica se havia de limitar ás dições e formas de orijem artificial, eruditas ou semi-eruditas, e desta maneira interpretadas seriam até certo ponto aceitáveis, se não ocorresse uma objecção óbvia. Conquanto a simples circunstáncia de qualquer vocábulo haver já sofrido alteração fonética, representada na escrita, claramente indique ser êle de orijem popular, o critério e rigor científico para se fazer a discriminação segura entre as duas categorias de vocábulos — eruditos e populares — não são cousa tam fácil e trivial, que dêles haja de depender a escrita usual de qualquer palavra: porque tal critério e tal rigor são instrumentos, como outros, privativos do gramático, do lecsicógrafo, do etimólogo, do romanista de profissão emfim, e não do literato, do indivíduo versado em outras ciências, e muito menos do comum das pessoas, me-

dianamente instruídas que elas sejam, quanto mais iletradas. Além destas considerações de carácter particular, há ainda outra mais geral e compreensível, a qual já aqui foi expendida: adoptar ortografias diversas para os vocábulos portugueses, conforme êles sejam de formação evolutiva ou artificial, seria criar duas línguas escritas, diferentes uma da outra, quando a falada é uma só, e nela os vocábulos se fundem e nivelam uns pelos outros, e não são discriminados por procedências na sua pronúncia, pois todos se ajeitam ás leis fonolójicas que prevalecem em cada época, após certa resisténcia de pequena, direi mesmo, de imperceptível duração. Isto é assiomático e evidente na evolução das línguas e seus dialectos. Se pois a língua falada é uma única, uma só deve ser a sua ortografia, e não há razão para atender na escrita das palavras á condição de serem, ou não, de orijem artificial. Com efeito, ainda que na escrita diferencemos enjenhosamente, por exemplo, **philtro** de **filtro**, em todo o domínio portuguès estes dois vocábulos constituem um só na pronúncia. A palavra **salva** tem várias orijens e vários significados, e escreve-se de um único modo, sem confusão possível do sentido em que é empregada. Outro tanto se pode dizer de **canto**, **fiar**, **era**, e muitas outras dições, cuja pronúncia não varia em parte nenhuma do domínio português, qualquer que seja o sentido em que se tomem. A preposição **a** } latim ad, e o artigo **a** } latim illam teem a mesma ortografia; o mesmo acontece a **se** } latim se, e **se** conjunção do latim si; e ainda ninguém se lembrou de escrever **ad** por **a**, conquanto não seja sem exemplo **si** por **se** a escrita da conjunção: assim ortografou José Maria da Costa e Silva, que felizmente poucos imitadores teve no Brasil, e ainda menos em Portugal.

Em português os homónimos, ainda quando escritos sem distinção ortográfica, justificada ou não, raras vezes

perturbam a intelijéncia de qualquer texto. Outro tanto não acontece em francês, onde a homonímia freqùente deu orijem a trocadilhos especiais, que, como se sabe, se denominam *calembours*, e lhe são peculiares, mais que a nenhum outro idioma europeu, pôsto que a nenhum sejam estranhos. É notório que o chiste característico de algumas peças teatrais de Duarte de Sá consistia principalmente no uso e abuso deste expediente, hoje em dia já um tanto fora de moda.

Em francês, porém, a obscuridade é a bem dizer inevitável. Assim, **la personne qui l'aime,** «a pessoa que o estima», e **la personne qu'il aime,** «a pessoa a quem estima», confundem-se absolutamente na enunciação. Êste defeito capital do idioma francês é em grande parte obstáculo ponderoso, não obstante a sua clareza, mais apregoada que demonstrada, a modificações radicais na sua ortografia, e muitas vezes compele os escritores a valerem-se de outras línguas, para evitarem a confusão resultante das homonímias da sua. Exemplo frisante dêste expediente encontramo-lo em Leroi-Beaulieu [ISRAËL CHEZ LES NATIONS, p. 184], na seguinte frase: — «La Thora voulait faire d'Israël un peuple sain et saint, *sanus et sanctus*» —

O que, portanto, se entende por ortografia etimolójica é a conservação de letras inúteis para a pronúncia, ou que podiam ser substituídas por outras, própriamente portuguesas. Temos, pois, as letras empregadas na ortografia latina para a transcrição de vocábulos gregos, e as peculiares da sua propria ortografia, mas que são escusadas na portuguesa.

Examinaremos as da primeira espécie, formulando uma pregunta: ¿ Convirá conservar em português as feições de ortografia latina nos vocábulos e formas gregas, quando se oponham á simplificação da nossa ortografia: **ch**=*k*, **th**=**t**, **ph**=**f**, **rh**=**r**, **y**=**i** ?

A resposta perentória damo-la já, negando terminantemente essa conveniência.

Não há vantajem neste francesismo anacrónico, de conservar os exajerados vestíjios da ortografia alatinada de nomes gregos, já abandonado em Espanha e nas nações escandinavas, e nunca seguido em Itália e nos países esclavónicos. Os dois idiomas cultos que mais se aprossimam do portuguès, pela sua fonolojia e morfolojia, são o italiano e o espanhol, e nestas denominações genéricas compreendo grande parte dos diferentes dialectos románicos falados em Itália e Espanha. Pelas ortografias destas duas nações é sensato que pautemos a nossa, simplificando-a, em vez de a complicarmos com os arrebiques inúteis, risíveis alguns dèles, que vemos nos modos de escrever usados em França ou em Inglaterra; herança incómoda do pedantismo dos séculos XVI e XVII[1], que se pòde estabelecer, se bem que não sem protestos cordatos e enérjicos, porque nesses tempos a cultura literária era priviléjio de poucos, uma prenda aristocrática, ou hierática. De então para cá a leitura tornou-se geral, e o estudo das línguas raciocinado e científico, de fantasioso que era e empírico.

A evolução ortográfica tem pois de acompanhar essa transformação de hábitos, essa propagação da leitura e da escrita, acomodando-se melhor a tal generalização e progresso, para que não continue a servir de estôrvo á difusão e aperfeiçoamento da instrução geral, nem de alimento a vaidosas pretensões de falso, ou impertinente saber.

Escrever com o que se chama correcção ortográfica é hoje um título de capacidade especial, e sê-lo há emquanto perdurar a incongruente maneira de ortografar que usamos.

---

[1] V. Miguel de Lemos, ORTOGRAFIA POSITIVA, Rio-de-Janeiro, 1888, p. 16, e o que dissemos na Introdução, a páj. 8 e 9.

Cumpre que a verdadeira correcção neste particular se converta em doutrina geral e de fácil aplicação, e para tal fim é mester que a ortografia seja simples, conseqùente, verdadeiramente portuguesa, e não alatinada como é.

Só me parece útil conservar as particularidades da ortografia latina quando não contrariem a simplificação e regularização da portuguesa, á qual muitas vezes são permanente obstáculo, e que teem de ser removidas, porque a vida moderna reclama essa simplificação como necessidade imperiosa. A língua escrita com correcção não é já, nem pode ser, como foi, instrumento privativo de literatos, pois deve tornar-se em património de todos os indivíduos que saibam ler e escrever, quer os seus diplomas científicos lhes custassem anos de trabalho a granjear, quer se limitem e se resumam na certidão de instrução primária. A língua portuguesa tem de ser escrita por todos e para todos; erros ortográficos não é lícito a ninguém, que aprendesse a ler e escrever, fazê-los. Para se chegar a essa universalidade de correcção na escrita é necessário que ela seja compreensível, simples e coerente, e que tenha como condição única, mas essencial, o ser a língua portuguesa bem ensinada, tendo-se em atenção o seu desenvolvimento histórico. Refiro-me com isto á língua usual em que todos se expressam, e não a primores de conceito e de estilo, que sempre e em toda a parte foram condão de poucos.

Desenvolvendo-se o que foi exposto, é conveniente que se substituam as letras **i** a **y**, **f** a **ph**, e se simplifiquem grupos, cujo emprêgo, justificado talvez em latim, no tempo em que foram introduzidos, para indicar aos romanos a pronunciação dos vocábulos gregos abundantemente adoptados pelos seus escritores, é para nós de nenhum valor, sendo, como é, verdadeiro enigma para a maior parte das pessoas.

Se examinarmos êsses grupos a um e um, patentear-se há a sua inutilidade; mais do que isto, a sua inconveniéncia. Estou persuadido de que, se se adoptasse uma pronúncia do latim mais conforme com o que sabemos ela foi no período áureo da literatura romana, o que julgo ser já quási impossível [1], todos êsses **hh** e **yy**, que em portuguès nada significam, desapareceriam por si da ortografia portuguesa. O **th** nenhum outro valor tem além do de *t;* e mesmo considerado etimolójicamente, como costuma dizer-se, vemos que os nossos antigos, e muitos modernos, o empregaram, sem explicação possível, em **cathegoria**, **systhema**, **Themudo**, **author**, **Thomar**, **Athayde**, **theor**. já emendado por Duarte Núnez do Leão, na sua ORTOGRAFIA [2]. O **ph** só muito recentemente foi generalizado aos vocábulos a que se presume orijem grega, e não a todos. Nos séculos passados escrevia-se quási sempre **f**, a que Bento Pereira [ORTOGRAFIA, Lisboa 1665, p. 24] dá a preferéncia.

Assim também, encontramos **Filodemo** em Camões, **filósofos** em Diogo de Couto, para não citarmos mais exemplos antigos. É conveniente, porém, indicar já aqui ao leitor que a única escrita peninsular certa, e ainda não de todo desusada em Portugal, é **Felipe**, e não **Filippe** ou **Philippe**. Diogo do Couto, na Epístola preliminar, oferece as suas DÉCADAS DA ÁSIA a «El-Rey Dom Felipe»,

---

[1] A Associação de línguas modernas, de Londres (Modern languages Association), nas suas sessões de 19 e 20 de dezembro de 1901, expressou o voto e resolveu promover a tentativa de reformar a pronúncia do latim. V. LE MAÎTRE PHONÉTIQUE, 1902, p. 39.

[2] É sabido que **temudo** é o particípio passivo do verbo **temer**. Dèsses particípios em **-udo**, de verbos em **-er**, restam hoje poucos vestíjios em vários adjectivos como **teúdo**, **manteúdo**. F. Méndez Pinto (PEREGRINAÇÃO, CXCVI), ainda usa **reteúdos=retidos**.

e é de notar que a edição [Lisboa, 1602] emprega **ch** e **th**, imitando a ortografia latina, em **Achilles**, **Parthos**, **Themístocles**, etc.

Em tempos mais modernos, em meados do século passado, Manuel António Ferreira Tavares empregou sempre **f** por **ph**, nas suas Lições de Filosofia [Coimbra, Imprensa da Universidade, 1846], conquanto usasse de outros símbolos greco-romanos, como são **rh**, **th**, **ch**, **y**.

A razão da conservação dêstes, e substituição daquele, está em que, tanto moderna — como antigamente, ao **rh**, **th**, **ch** e **y** se davam valores absolutamente iguais a *rr, t, c, i* ao ler-se latim, emquanto ao **ph** se não atribuía já o valor de *p,* mas sim o de *f,* representando-se portanto por esta letra.

O **ch** tem ainda inconvenientes mais graves que o **ph** ou **th**, pois designa e designou sons diferentes. Se, escrevendo com toda a coerência etimolójica, ortografarmos **chôro** *(côro),* não sei como se há de diferençar de **chôro** (afim do verbo **chorar**), a não ser que se ponha cedilha no **c**, como propunha a mêdo D. Núnez do Leão. Nenhum *h* foi jamais proferido nestas palavras portuguesas, e nenhuma escrita, pretensamente etimolójica, fará que em tempo algum êle se pronuncie em **rhetórica**, **throno**, **párocho**, **philosophia**, etc. Por outra parte já escrevemos **talo**, **catecismo**, **carta**, **cirurgião**, etc., se bem que os grupos **th**, **ch** fossem aí tam justificados, como o são em outras palavras. Mesmo em latim Varrão preferia a escrita retor a rhetor.

É digno de reparo que um nosso grande helenista e sócio da Academia, num parecer a ela em tempo apresentado, já se pronunciava contra a manutenção dèstes símbolos exóticos: foi António José Viale, a quem o profundo conhecimento da literatura italiana patenteara o absurdo de tais modos de escrever, em português. António de Ser-

pa, no seu parecer dado pela mesma ocasião, conformou-se com êsse modo de ver, indo mais lonje ainda, pois desterrava igualmente as letras geminadas e outros vestíjios da ortografia latina, inúteis na leitura do português.

Pela sua parte, o **y** é motivo de constante embaraço para quem queira escrever com acêrto; aos que se não preocupam com preceitos serve êle apenas para ridícula — e pedantemente alardearem saber que não possuem. Como alatinadamente o vêem em várias palavras, nas quais entra como primeiro elemento o vocábulo grego φύλλον, «fôlha», os pseudo-eruditos trasladam-no a outras, cujo primeiro elemento ó φίλος, «amigo»; e assim vemos, principalmente nos periódicos, em artigos assinados porém, **phylosophia,** como vemos **lythographia,** por analojia falsa com **typographia,** que por outra parte já trouxe a escrita **typoia**, isto é, **tipoia**, «maca», a que se deram as honras de um étimo grego. **Christo**, como é sabido, já deu **sachristão** por **sacristão**, **christal** por **cristal**, e não é raro ver-se **prophano**, como se tivesse relação com **propheta**.

Vale talvez a pena fazer aqui um excurso, para avivar a memória de factos, que podem não estar lembrados. Examinemos, pois, detidamente, o que são em si os quatro grupos de letras, denominados de etimolojia grega, **ch**, **ph**, **rh**, **th**, e o **y** como letra etimolójica.

Quando se afirmou o predomínio da literatura grega em Roma, e mesmo em tempos anteriores, desde o II século antes de Cristo, porque o da língua já havia criado fundas raízes em época mais antiga, a gente culta caprichava em dar aos vocábulos literários gregos, que em grande cópia eram usados, não só pelos escritores, mas até no trato social das classes instruídas, pronúncia, quanto possível, idéntica á que êles tinham naquela língua. Os novos sím-

bolos **ph**, **th**, **ch**, **rh**, **y** foram então introduzidos, e eram destinados a representar com fidelidade essa pronúncia.[1] Os escritores antigos, porém, davam aos vocábulos gregos, que se haviam vulgarizado, formas alatinadas, como veremos.

A única razão, pois, de tais letras e grupos não prevalece actualmente, visto que se lhes não atribuem os valores especiais que êles figuravam para os romanos do século de Augusto, porém sim os que os romanos antigos lhes davam, que subsistem nas línguas modernas, e se escreviam com letras do abecedário latino, e não com estes artifícios, imperfeita imitação da escrita helénica.

Alegará talvez alguém que de todos estes símbolos, **ch**, **ph**, **th**, **rh**, **y**, se servem com a mesma aplicação franceses, ingleses e alemães. Vou responder a esta alegação.

Entendo que se por uma vez, e decididamente, nos não emanciparmos dos primeiros, como modelos de ortografia, nada poderemos fazer sensato e aceitável neste particular. A ortografia francesa foi desfigurada e mascarada pelos escritores do século XVI ao XVIII, e alterada consideravelmente pelo famoso Rabelais e outros do seu tempo: assim o reconhecem e confessam contritos os seus mais abalisados filólogos contemporáneos. Quem escreveu, contra o estilo antigo, **sçavoir**, porque em latim há scio significando «saber», ignorava que aquele vocábulo vem de sapere; emendaram-no ao depois e fizeram bem; mas ainda não emendaram **sçeau** de sigillum, **scier** de secare, nem **poids**, que imajinaram provir de PONDUS (um absurdo, pois que vem directamente de PENSUM), e centenas e milhares de outras palavras, cuja boa escrita foi de-

---

[1] V. sôbre êste objecto, como sôbre outros muitos pontos, referentes quer á pronúncia, quer á morfolojia latina, a excelente obra de W. M. Lindsay, THE LATIN LANGUAGE, [Oxford, 1894], já citada e que terei ensejo de citar ainda muitas vezes.

turpada pela fantasia de se lhes darem étimos disparatados, em tempos nos quais a etimolojia era um entretenimento de fantasia vã. A sua Academia continua a imprimir **forcené**, apesar do italiano **forsennato**, e mil outros erros etimolójicos semelhantes[1]. Já não foram pequenas a perturbação e inconseqùência trazidas á nossa ortografia pela cegueira de ver no francês modêlo a seguir para tudo, até para a escrita portuguesa; urje acabar com tam absurda desnacionalização, que no caso sujeito equivale a trocar-se a verdade pela mentira.

A propósito dos vocábulos **pêso**, **pesar** portugueses, aos quais pensum deu igualmente orijem, é útil observar que nenhum fundamento há para a distinção que alguns escritores, e entre êles Almeida Garrett, quiseram estabelecer entre **pesar** em balança, e **pesar**, aflijir. Gil Vicente rima **pês**, síncope de *pêse,* ou *pése,* com **português**:

> Fala aravia português,
>
> . . . .
>
> Irei, inda que me pês.

O verbo **pesar** nesta acepção é antigo em várias línguas románicas, e Dante (VITA NUOVA) emprega-o na seguinte frase: «che a molti amici pesava della mia vista» — que Francisco Costèro interpreta da seguinte maneira: «che a molti suoi amici doleva (il vederlo tanto mingherlino)».

Os ingleses teem também ortografia tam extraordinaria, conquanto mais explicável do que a francesa, que não

---

[1] V. *passim* «Le Réformiste», no qual se teem publicado substanciosos artigos sôbre êste objecto, o que torna dispensável a consulta de obras de mais reconhecida autoridade.

creio haja alguém que de boa fé a defenda, ou queira imitar. As censuras e sarcasmos que motiva, mesmo em Inglaterra e nos Estados Unidos da América do Norte, são bem notórios, e até o parlamento lhes tem prestado eco em ambas as nações. Na realidade as Ilhas Británicas parecem fadadas para enjenharem ortografias abstrusas. Não é sómente a sua língua oficial, de estirpe germánica, a que possui uma ortografia que assombra estranjeiros e nacionais; das relíquias de línguas célticas ali faladas, únicamente o galês tem escrita simples, racional e intelijível; a do gaélico da Irlanda, e a do erse dos serranos da Escócia (Highlanders) são tanto ou mais complicadas que a inglesa, a qual já o não é pouco, se a compararmos ás escandinavas, á alemã, e principalmente á holandesa, mais simplificada e melhor harmonizada ainda no dialecto do Cabo (Cape-Dutch). [1]

Devemos advertir igualmente, no ponto de que nos estamos ocupando agora, em que, dos símbolos gregos indicados, o **th** teem os ingleses de o conservar, porque, ao lerem latim ou grego, lhe atribuem o valor que êle tem nos vocábulos destas procedéncias usados na sua língua— o que lhe dão no maior número de palavras própriamente inglesas, principalmente se é inicial, como em **think**, **thirst**, etc.: ainda pois que proscrevessem os outros grupos, teriam de conservar êste, para não falsearem a pronunciação dos vocábulos em que actualmente figura, mesmo abusivamente, como em **author**. [2]

Examinemos o que fazem os alemães, que possuem or-

---

[1] Veja-se A. Werner & G. Hunt, ELEMENTARY LESSONS IN CAPE DUTCH [Oxford, 1901], p. VI.

[2] V. Henrique Sweet, HISTORY OF LANGUAGE, Londres, 1900, p. 75: — «Thus English is full of historically incorrect pronunciations, as when we pronounce author with *þ*, instead of *t*».

tografia mais regular e sóbria, mormente depois que a reformaram nos nossos dias. O que dissemos com relação ao símbolo **th**, referindo-nos aos ingleses, temos de o repetir aqui acêrca do **ch**. Os alemães, ao lerem grego ou latim, e ao usarem nomes próprios ou alguns termos de uso universal dessa proveniéncia, proferem o **ch** como na sua língua, isto é, de maneira diferente do **k**, o qual, dito seja de passajem, substituem sem o menor escrúpulo, até nos nomes próprios, ao **c**, que também, para o banirem de todo, é figurado por **z** antes de **e** e **i**, por exemplo, em **zivilisieren**, antes escrito **civilisieren**, a que o Dr. Augusto Vogel dá ainda a preferéncia [Nachschlagebuch der deutschen sprache, Berlim, 1902]. O Dr. F. Tetzner, porém, usa de **k**, **z**, **f**, **i**, em vez de **c**, **ph**, **y** [Wörterverzeichnis zur deutschen Rechtschreibung]. Substituem, pois, letras do seu alfabeto a letras romanas diversas, para o germanizarem, e fazem bem. É de sentir, únicamente, que não levassem a coeréncia até mais lonje, desterrando o **th**, o **ph** e o **rh**.

Convém, contudo, não esquecer que em alemão os vocábulos latinos e gregos sobrenadam no imenso vocabulário germánico, em que são forasteiros intrusos e de que não formam parte constitutiva, integrante e assimilada, como acontece nas línguas románicas aos latinos, e a grande parte dos gregos, quer estes lhes viessem por intermédio do latim, quer por derivação artificial recente.

Das três línguas cultas europeias, que ainda usam símbolos greco-latinos, só uma é irmã da nossa, e já vimos que não temos por que envejar-lhe a ortografia.

Julgo, portanto, ocioso insistir em que nenhuma destas três — a francesa, a inglesa ou a alemã — é modêlo que se siga, nem exemplo que se aponte como autoridade no assunto de que estamos tratando — formular regras de ortografia portuguesa; como padrões a imitar, não creio que

possa haver dúvida em que o castelhano e o toscano lhes devem ser preferidos, como dissemos.

Encaremos a questão por outra face. Examinemos agora o que são em si êsses símbolos: **ch**, **ph**, **rh**, **th**, e **y**. O valor das letras gregas, que os romanos figuraram por letras do seu abecedário seguidas de H (χ, ϑ, ῥ, φ) e o Y (υ), está averiguado que, quando foram acrescentadas ao primitivo alfabeto grego, valiam respectivamente por *k, t, p,* seguidos de uma aspiração (o *h* germánico inicial); que o υ valia por *u*; e que o ῥ, **rh**, era provávelmente fricativo, o que quer que fosse semelhante ao *rz* polaco, ao *ř* cheque, um *r* assibilado como o proferem os brasileiros, em grande parte, no fim de sílaba, como em **mar**, **ter**: por êste motivo os romanos, apesar dos protestos de Varrão e outros escritores, o não figuraram pelo seu R inicial ou RR medial (ῤῥ), de que se diferençava. O υ, Y, do valor de *u* passou ao do **u** francês (*ü*), ou cousa semelhante, e por isto os romanos o diferençaram do seu V, escrevendo-o Y, por exemplo no vocábulo lacryma, que também se escrevia lacruma e lacrima. Por aqui se vê quam pouca razão teve Alexandre Herculano, que por outra parte fez tantas restaurações e correcções ortograficas sensatíssimas, ao escrever em português **lagryma**; tam pouca, como em introduzir a ortografia **septe**, em vez de **sete**, que devia já ser a forma popular latina [sette(m)].

O υ grego, antes da influência helénica na ortografia latina, foi representado primeiro por V, como em tumba, depois por Y, como em cicnus { **cisne**, que alguns etimólogos ferrenhos escrevem também em português **cysne**, naturalmente para lhe figurarem o airoso arqueado do pescoço, motivo ponderoso pelo qual alguns poetas modernos franceses preferem **cygne** a **cigne**, ao fazerem versos para os olhos. Quando os romanos se deram, por moda, a

pronunciar com todo o rigor, á grega, os vocábulos desta proveniéncia, adoptaram o Y, para o qual o imperador Cláudio prescreveu um símbolo especial, que desapareceu, da escrita latina com o seu reinado, de companhia[1] com mais três letras novas por êle inventadas.

Muitas vezes os escritores do período áureo romano empregaram o **y** em vocábulos latinos, na suposição de que èstes proviessem do grego, como por exemplo em s y l u a, l y m p h a[2], escrita errada, transmitida também, por influéncia do classicismo, ás línguas modernas que ainda não souberam emancipar-se de tal predomínio, criando ortografias suas. É êste mais um exemplo da prejudicial mania etimolójica a complicar a escrita. Assim, vemos em certo período da nossa literatura dos princípios do século findo as grafias erróneas **Sylva**, **Sylvestre**, etc., igualmente com **y** por **i**.

Os romanos, e entre èles Cícero, e ao depois Aulo Gélio, empregaram a forma alatinada U l i x e s por U l y s s e s, que passou ás línguas románicas, e mais perto estava da grega de certas inscrições, ΟΛΥϹϹΕΥϹ, em vez de Ὀδυσσεύς[3]. Contra toda a razão prevaleceu em português a escrita **Ulysses** por **Ulisses**, de que usou Camões. A verdadeira transliteração do υ grego é por **u** e não por **y**, pois na realidade era èste o seu valor primitivo e assim se transcreveu sempre nos ditongos αυ, ευ, υι, etc., isto é, por **au**, **eu**, **ui**, etc. O *l* por *d* neste nome está em perfeita analojia com o *l* de l a c r i m a, comparado ao grego δάκρυ e á forma anterior d a c r u m a, que por uma estranha rotação ou reversão reaparece modernamente no calabrès *dacrima*, como o

---

[1] Lindsay, THE LATIN LANG. II, § 11.

[2] Lindsay THE LATIN LANG. II, §§ 5 e 8.

[3] Pape, WÖRTERBUCH DER GRIECHISCHEN EIGENNAMEN, Brunsvique, 2.ª edição, 1875.

*

toscano *lassare, lupo* são naquele dialecto *dassare, dupu*[1]. Há mais dições latinas que revelam o mesmo fenómeno, o qual é freqùente: cf. o português usual *nádega* com o dialectal e o castelhano *nalga*} natica} natis, latino, e *julgar*} iudicare.

Voltemos ás três consoantes aspiradas *kh, th, ph* (em grego χ, ϑ, φ). Há, pelo menos, uma ortografia europeia, sem contarmos as transcrições dos alfabetos da Índia e as científicas, que ainda emprega estes grupos com o valor de verdadeiras aspiradas, isto é, *k, t, p*, seguidos de aspiração antes que se profira a vogal com que formam sílaba. Essa ortografia é a usada pelos vascongados franceses, que as possuem nos seus dialectos (o labortano e o soletano), bem como o *h* simples; por exemplo nos vocábulos, *khe*, «fumo», *athe*, «porta», *aphal*, «baixo», *hirur*, «três», que os vascongados de Espanha (dialectos biscainho e guipuscoano, por exemplo) proferem e escrevem *que, ate, apal, irur*, sem *h* aspirado. Em grego, essas consoantes aspiradas *kh, ph, th*, com o andar dos tempos foram transformando a sua aspiração em africção; convém saber, passaram a proferir-se como *k, t, p* seguidos respectivamente das suas fricativas homorgánicas, **ch** alemão[2], **th** inglês de **thank**, e um *f* pronunciado com os dois lábios, como o *f* do espanhol vulgar do Chile [v. Rodolfo Lenz, Die chilenische Lautlehre verglichen mit der araukanischen, *in* «Zeitschrift für romanische Philologie», xvii, p. 209, 3]. É todavia possível também que êsse *pf* fosse proferido como o *ṗf* do alemão do norte, no qual tanto o *p* como o *f* são lábio-dentais.

---

[1] Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie, V, 1, p. 153.

[2] Os dialectos alemães da Suíça teem a africata *kch*, como em *kchommen*, al. *khommen* e *kommen*.

Lindsay (*op. cit.*) diz-nos ainda que o F por PH não foi usado em latim antes do IV século da era cristã, conquanto se encontre em inscrições plebeias, e mesmo em Pompeios, por exemplo em DAFNE por Daphne. Diz-nos mais [II, § 114] que o *f* latino começou por ser bilabial, como já advertimos. No tempo de Aulo Gélio porém, era sem dúvida lábio-dental, o que se infere da descrição, feita muito antes dêle pelo gramático Terêncio Mauro, no II século da era vulgar.—«imum superis dentibus adprimens labellum spiramine leni, e de Mário Vitorino, em verso, que a análoga a esta.

O fundamento com o qual Lindsay atribui ao **f** latino o valor primitivo de fricativa bilabial surda é a escrita im fronte por in fronte, e outras semelhantes. Não é bastante convincente, visto devermos reflectir em que, não havendo em latim letra que designasse um *m* lábio-dental, é de presumir que êste fosse representado ora por **n**, ora por **m**. Em italiano preferiu-se-lhe a escrita **n**, como em **inferno**, **ninfa**, mas com fidelidade igual se poderia escrever **imferno**, **nimfa**, pois a verdade é que a nasal em tal situação não é idêntica nem a *m*, nem a *n*.

A alteração ou simplificação das aspiradas foi ainda mais longe, com o tempo, desaparecendo dos ditongos consonánticos o seu primeiro elemento, as ténues *k*, *t*, *p*, e ficando sómente as fricativas **ch** (alemão), **th** (inglês) e *f*; assim como no português do sul e no francês moderno a antiga africata **ch** (*tẋ*) ficou reduzida, pela queda da ténue *t*, ao som *ẋ*, com o qual em português se confunde há dois séculos na língua culta. Fenómeno idêntico se produziu na pronúncia do **ce**, **ci** (*tẋe*, *tẋi*) mediais florentinos, que se proferem *ẋe*, *ẋi*, como em *peẋe* por *pece* (*petẋe*) geral toscano e romano. É êste um dos muitos casos de simplificação e facilidade de emissão, adquiridas em obediência á lei fisiolójica do mínimo esfôrço, e em certo modo análogo ao da

condensação de *ou* em *ô* no sul de Portugal, e que é uma simplificação também.

É natural que assim transformadas recebessem os romanos essas antigas aspiradas, já reduzidas a fricativas no dialecto comum ático. É desta opinião Frederico Müller [1], pois afirma sem hesitação: — χ, ϑ, φ não são (em grego antigo) ditongos de consoantes (*k-h, t-h, p-h*), mas sim fricativas simples. É assim que no dialecto lacónico o σ corresponde ao ϑ.

Entre o φ grego e o *f* latino, porém, havia de certo diferença, acusada pelos gramáticos romanos, e entre êles Quintiliano [DA INSTITUIÇÃO DO ORADOR, tom. I, versão de Vicente Lisbonense, Lisboa CIↃ IↃ CCLXXVII, p. 47 e 48]: e cita Cícero, o qual mofara de uma testemunha que não podia pronunciar o F do nome do seu cliente Fundánio, proferindo em vez dêle φ. Como é provável, mas não certo, que o *f* latino tivesse o valor do *f* português, segue-se que o *ph* diferia dêste; mas era com êle muito parecido, a darmos crédito, como devemos, ao que diz Aulo Gélio [NOCTES ATTICAE, I, XVIIII Lípsia, 1870]: — N a m q u o d a G r a e c i s n u n c κλέπτης d i c i t u r, a n t i q u i o r e G r a e c a l i n g u a φῶρ e s t d i c t u m. H i n c p e r a f f i n i t a t e m l i t e r a r u m, q u i φῶρ G r a e c e, L a t i n e **fur** e s t. — Êste φῶρ é conecso com φέρω, latim fero, inglês **to bear**, «levar». No IV século, quási pelo tempo em que Aulo Gélio escreveu as suas interessantíssimas Noites Aticas, parece que o **ph** já equivalia ao **f** em latim, pois Diomedes dá como regra ortográfica que o **f** se deve empregar em palavras latinas, e

---

[1] GRUNDRISS DER SPRACHWISSENSCHAFT, vol. III, tom. II, Viena, 1887, p. 423: *Die Laute* χ, ϑ, φ, *sind nicht Consonanten Diphthonge* (*k-h, t-h, p-h*), *sondern einfache Fricativlaute. Dem* ϑ *steht im laconischen Dialecte direct* σ *gegenüber.* Veja-se também sôbre êste objecto a notícia que dei do livro de C. Faulmann, DAS BUCH DER SCHRIFT [Viena, 1880], *in* «Positivismo», tom. III, p. 415 a 418.

o **ph** nas peregrinas [1]. Isto explica a razão pela qual os romanos, imitando os gregos, transcreveram o PĒA hebraico por **ph** e não por **f**, não havendo dúvida em que êle se proferia como *f*, pelo menos depois de vogal.

Seriam, pois, o χ e o ϑ para os gregos dos primeiros séculos da era cristã, e para os romanos seus contemporâneos, pouco mais ou menos o que para os alemães é o **ch** e para os ingleses o **th**, inicial principalmente. É incontestável que na pronúncia vulgar dos florentinos existe uma fricativa gutural, comparada por Volney [L'ALPHABET EUROPÉEN APPLIQUÉ AUX LANGUES ASIATIQUES, Paris, M DCCC XXVI, p. 89] ao ح arábico: o que não é absolutamente exacto, como tive já ocasião de verificar em Florença, pois aí lhe dão, por exemplo em *la casa*, *le case, i campi*, o valor que tem o *g*(*u*) antes de vogal ou *r* em grande parte da Galiza, convém saber, o do **ch** alemão, na emissão do qual, porém, os órgãos factores estão mais separados que neste, assemelhando-se portanto melhor ao *h* aspirado também alemão; ex.: *gato, guerra, groira*, etc. [2]

Se na representação dos nomes hebraicos utilizaram os gregos e os romanos χ, **ch**, ϑ, **th**, e φ, **ph**, para figurarem respectivamente KAF, TĀU, PĒA, é porque lhes davam o valor, mesmo como iniciais, do **ch** alemão, do **th** inglês, e do *f* português: contra a doutrina massorética, que só lhes atribui tal valor depois de vogal. Aqueles valores tiveram efectivamente as três letras χ, ϑ e φ no princípio da era cristã, no período bizantino, e teem no grego moderno e no albanês escrito com caracteres helénicos, dialecto tôsco. Isto dá talvez razão a Volney (*op. cit.*), quando repele o valor de *k, t, p*, que a Massora lhes atribui nessa situa-

---

[1] Lindsay, LAT. LANG. II, § 114.

[2] V. CORRESPONDANCE PHILOLOGIQUE, *in* «Revue Hispanique», 1899, p. 22.

ção, como repudia também toda a interpretação massorética da leitura hebraica, e os sinais variadíssimos com que esta a ficsou, e que a regulam ainda hoje na pronúncia clássica, com pequenas alterações.

É, pois, risível o pretender Madureira Feijóo que se devia manter o **ph** final em **Joseph**, por ser mais que o **ph** latino ou φ grego, por ser «uma aspiração hebraica», que êle não disse o que seja, nem em que consista.

Os sons, porém, do **th** e do **ch** não passaram ao italiano, nem ás outras línguas románicas; e se os italianos ainda empregam o grupo **ch** (como o **gh**), é apenas para lhe darem o valor que nós damos ao **qu** (e ao **gu**), isto é, o de confirmar ao **c** e ao **g** a pronúncia de explosivas póstero-palatais, levemente modificadas no ponto de articulação, como em **cheto**, **ghetta**: e é por isso que muitos vocábulos, que em português se escrevem, como se diz, etimolójicamente, por ex., **archeologia**, coincidem na escrita com a que teem em italiano; neste, porém, sem preocupação etimolójica, mas sim como expediente gráfico, análogo ao que empregamos usando **qu**, **gu** antes de **e**, **i**.

Não tem o **h** valor próprio nem em italiano nem em português, como já o não tinha no latim vulgar, e até mesmo no literário em certas circunstáncias, visto que era nulo facultativamente no verso, quando, por exemplo se elidia o *m* final do vocábulo precedente, como se o seguinte começasse por vogal; foi aproveitado, portanto, para suprir a insuficiéncia do alfabeto latino herdado: e como **ce**, **ci**, **ge**, **gi** haviam adquirido valores diversos, o **h** serviu em italiano para confirmar o valor que tinham **c** e **g** antes de outras letras. Outro tanto fizemos nós com o **u**, e com o próprio **h**, que na aurora da nossa literatura designou um *i* átono antes de vogal, como em **termho** =*térmio*, «termo», e foi ao depois utilizado por três modos: 1.º, á imitação do provençal, para, acompanhando

outras letras, representar os sons palatais, **lh**, **nh** e **ch**; 2.º para desunir vogais, como em **sahir**; 3.º, inicial, para dar mais corpo a vários monossílabos, como **ho** (**o**), **hũu** (**um**), ou diferençá-los de outros, por exemplo **he** (**é**); e neste queria Constáncio que se mantivesse, por uma razão de veras extraordinária: porque em persa se escrevia **h** inicial na palavra que significa existéncia (!), o que, francamente, não averigüei. O último emprêgo perdurou e ficsou-se, e não são raros ainda hoje exemplos manuscritos dos dois últimos, que se mantiveram por largo tempo, na literatura impressa, até quási os nossos dias.

O segundo emprêgo, isto é, o de desunir vogais que ordináriamente formam ditongo, sobretudo se as subjuntivas eram *i* ou *u*, como em **possuhio**=*possuíu*, [F. M. Pinto, PEREGRINAÇÃO, CXCIII] e **dohia**=*doía* [Azurara, CRÓNICA de El-Rei D. João I, cap. III], foi, a bem dizer, geral, e ainda hoje em dia tem adeptos; dêste modo, foram e ainda são muito usadas as escritas **sahir**, **cahir**, **subtrahir** (neste vocábulo e seus afins, **distrahir**, **contrahir**, etc., o **h** é etimolójico); **bahu**, **atahude**, **alahude**, e muitos outros, ainda os vemos escritos com **h** medial. O vocábulo **ahi** está tanto no uso comum, assim ortografado, que talvez seja difícil fazer que se aceite com a forma **aí**, analójica com **ainda**, por exemplo, e que aqui emprego por coeréncia.

Seria, talvez, uma utilização muito lejítima esta do **h**, para se evitar o uso de acentos; fôra, porém, necessário, para se manter a uniformidade, que èsse emprêgo se generalizasse a todos os casos semelhantes, e nisto consiste a dificuldade da sua adopção para tal fim. Se escrevermos **sahir**, com **h**, para indicar que o *i* não forma ditongo com o *a* antecedente, teremos de escrever também **sahude**, pois aqui também o *u* não forma ditongo com o *a*, e o **h** ocuparia o lugar de **l** latino ou castelhano, como em **sa-**

hir (salutem, **salud**; salita, **salida**). Por outro lado, se em **distrahir** o **h** é etimolójico, haverá de manter-se em **distraiho**, **distraiha**, e creio que ninguém defenderá esta escrita, na última forma indicada, nem em **atraiha**, **contraiha**, etc. Um escritor contemporáneo, preocupado com a etimolojia, escreve **abstraho**, de que resulta a pronúncia *abstrau*, que ninguém usa: omite, pois, uma letra que se profere, e conserva outra que é nula: Nec ius est.

O **h** como sinal de aspiração, que sucedera ao seu primitivo valor de fricativa velar surda ou póstero-palatal, (o **j** castelhano actual, ou o **ch** alemão)[1], conquanto empregado ortográficamente nos últimos períodos do império romano do Ocidente, já na pronunciação vulgar se havia perdido havia muito tempo. Há disto testemunhos directos, e é fenómeno que se tem dado em muitas outras línguas, apesar de um filólogo inglês afirmar ser a aspiração um dos fonemas que melhor se ouvem. Vemos, por exemplo, que a aspiração desapareceu, no francês literário, mesmo das palavras de orijem germánica; porque nas de orijem románica èle se não pronunciara nunca, o que é mais um documento de que o latim vulgar o não possuía já. No grego moderno nenhuma distinção se faz entre o espírito lene e o áspero: qualquer dèles é nulo para a pronunciação. É conhecido, pelas constantes recomendações dos gramáticos, que em holandês a aspiração desaparece da maioria dos vocábulos, mesmo inicial de silaba tónica. Em inglês, o povo suprime-a nas mesmas circunstáncias, e é já regra que o *h* apenas sôe quando é inicial de sílaba tónica[2]. Que êste costume é já antigo, provam-no várias rimas, de By-

---

[1] Lindsay, Lat. Lang, II 856.

[2] V., entre outros tratadistas, Walter Rippmann. Elements of Phonetics, English, French and German, Londres 1899, p. 22.

ron, por exemplo.[1] Em malaio, principalmente no dos Estreitos, o *h* desapareceu igualmente, pronunciando-se, *verbi gratia*, a palavra *hari* (هاري), «dia» como se fosse escrita *ari* (اري). Em albanês flutua a pronúncia entre **hark** e **ark** } latim arcus,[2] omitindo-se o *h* em vocábulos em que é orgánico. O mesmo acontece no vasconço de Espanha comparado com o de França, e tanto que o **h** inicial ou medial os guipuscoanos e biscainhos nem já o escrevem; ex: **amar**, «dez», por **hamar**; **bear**, «necessário», por **behar**. Aulo Gélio [Noctes Atticae, II, 3, 34] aponta várias palavras em que se introduzira o **h** «ut firmitas et uigor uocis intenderetur»: lachrima, halucinari, ahenum, etc.

Já no tempo da república, mas ainda mais no do império, hesitava-se na escrita dos vocábulos, por que o *h* como som havia desaparecido de muitos. Escrevia-se ora por hora, por exemplo; e na derivação ou composição, logo que o *h* inicial passava a medial, perdia-se toda a noção da sua existéncia, mesmo na escrita clássica: ex.: nemo } ne-hemo (homo); praeda } prae-henda; debere } de-hibere; praebere } praehibere.[3]

Outras vezes introduziu-se **h**, meramente gráfico, em

---

[1] Ovid's a rake, as half his verses show him,
Catullus scarcely has a decent poem.

Don Juan, Canto I, 42.

O Fame!—if I e'er took delight in thy praises,
'T was less for the sake of thy high sounding phrases,
Than to see the bright eyes of the dear me discover
They thought that I was not unworth to love her.

Stanzas to the Po.

[2] Gustavo Meyer, Kurzgefasste albanesische Grammatik, Lípsia. 1888, p. 7.

[3] V. Lindsay, Lat. Lang, II, §§ 56 a 60.

vocábulos nos quais não tinha cabimento: humerus por umerus (cf. onsus em úmbrico, *ãsa* em sánscrito); humor por umor, por influéncia de humidus, em que o **h** fôra acrescentado, talvez por aprossimação á forma humi, «na terra» (arável), como parece ao sr. Vasconcelos Abreu.

Por aqui se vê que a escrita **hombro, húmido**, mesmo em ortografia etimolójica, é errada, pois o *h* não figura na boa escrita latina, e já tem sido expunjido das edições esmeradas, imprimindo-se hoje umerus, umidus: devemos, pois, escrever em português **ombro, úmido**, mesmo em ortografia rigorosamente etimolójica, como faz o sr. Leite de Vasconcelos. Por outra parte, são bárbaras as escritas **philharmonica, desharmonia**, em vez de **filarmonica, desarmonia**, pois é conhecido preceito de ortografia grega que o espírito áspero desaparece do meio dos compostos ou derivados, e sómente fica sinal dêle na transformação de π, τ, κ em φ, θ, χ. É por esta razão que também devemos escrever **filelenos** e não **philhelenos** em que, demais a mais, pode o *lh* ser lido como em *filho*.

Os espanhóis conservam **h** inicial, não obstante o grande humanista António Nebrissence (Lebrixa) o haver proscrito, há perto de quatro séculos, dos vocábulos em que êle se não proferia; de então para cá desapareceu na pronúncia de muitos outros no castelhano comum e literário, em todos aqueles em que é pronunciado ainda pelos andaluzes, e corresponde a **f** do castelhano antigo, quer em palavras de orijem románica (excepto antes de **u**, **fuego**, e não **huego**), quer em outros de orijem arábica, como **alhucema** (português «alfazema»): de modo que a escrita está neste ponto em desacôrdo com a pronúncia do centro de Espanha, na actualidade.

Por outra parte, vemos que os italianos desterraram o **h** de todas as palavras, excepto de três monossílabos, **ha**, **hai**, **hanno**, para os diferençarem de **a**, **ai**, **anno**,

e dêsses mesmos já recentemente o lecsicógrafo Petròcchi, e com êle vários escritores contemporáneos o baniram também. Bom fòra que os imitássemos, no que não faríamos mais que seguir o exemplo dos nossos antigos autores, que em geral só o empregavam para desunirem vogais **(sahir)**, e para diferençarem *i* de *j*, e *u* de *v*, como em **hia**, **huivar**, etc., ou distinguirem palavras que de outro modo se não diferençavam, **he** (é), e **e** (*i*).

Conservo o **h** inicial, provisóriamente, proscrevendo o **h** medial entre vogais ou depois de consoante, porque esta simplificação causará menor estranheza do que a da sua supressão quando inicial. Dêste modo escreveremos **aí**, **compreender**, **inibir**, **inábil**; e com tanto maior razão estes últimos, quando o **nh** pode ser orijem de má leitura, pois, tem, como o **lh**, valor especial na ortografia portuguesa. A confusão a que se presta a escrita **nh** valendo *n* é causa de muitas vezes ser assim interpretada, mesmo quando deva dar-se-lhe o valor que representa própriamente.

Não é raro ouvir-se proferir o nome próprio africano **Inhambane**, com *in-ambáne*, em razão da pluralidade de valores dada ao grupo **nh**; como é freqùente ouvir aos portugueses, que sómente conhecem o francês pela leitura, pronunciar as palavras francesas **bonheur**, **malheur**, dando ao **nh** e ao **lh** o valor que estes grupos teem em português.

Temos visto semelhantemente o termo técnico de mineralojia *lignite*, isto é, *lig-nite* { latim l i g n u s, escrito **linhite**, do francês **lignite**, por imitação da pronúncia que se dá naquela língua ao **gn**.

Farei ainda algumas considerações relativamente ao **h** ligado a uma consoante, **ch**, **ph**, **th**, **rh**.

Até meados do II século antes de Cristo não havia em latim **ph**, **th**, **ch**. A innovação de representar por estas combinações o φ, ϑ e χ gregos começou, como já disse,

pela escrita de vocábulos peregrinos, usados em latim, philosophia, elephantus, etc. Por analojia, errou-se a escrita de vários vocábulos latinos, que anteriormente se escreviam sem **h**, como pulcher por pulcer, a que se supôs orijem grega. Outras vezes o **h** mudou de lugar, sinal de que se não proferia: incoho por inchoo. Antes, nos vocábulos gregos adoptados em latim, transcreviam-se as aspiradas pelos símbolos das ténues latinas; ex.: lancea por λόγχη, Acilles por Αχιλλεύς; triumpus vem nos Carmes dos Irmãos Arvais, em vez de triumphus, e igualmente se escrevia, mesmo no latim literário, purpura pelo grego πορφύρα, tus por thus,[1] Poeni e punicus por Phoenices, phoenicius.

Pode a estes exemplos acrescentar-se palanga por phalanga, grego φαλάγγη, de onde talvez proceda o cast. **palanca**, port. **panca**, de que proveio **pancada**. Já referi um passo de Aulo Gélio, em que o φ grego foi representado por **f** (fur por φῶρ), se é que fur, afim de fero, não existia na língua, sem influencia do grego φῶρ, afim também de φέρω, árico *√b'ar*.[2]

Com respeito ao **rh**, grupo empregado pelos doutos romanos para representar, ao depois, o ῥ grego, vemos que em vocábulos de introdução anterior ao tempo em que o estudo do grego se disseminou em Roma (e tanto que Quintiliano [*op. cit.*] era de parecer que primeiro se ensinasse ás crianças a gramática grega, e depois a latina), em tempos, digo, em que ainda não havia sido introduzida essa escrita artificial, o r figurava o ῥ, como vemos em Rodus, em vez de Rhodus.

Cumpre ter em atenção ainda que, no latim popular,

---

1. Lindsay, Lat. lang. II, § 33.

2 Veja-se no Vocabulário sânscrito-português, de Vasconcelos Abreu, p. 113.

de que se orijinaram as línguas románicas, o **ch** e o **th** em nada se diferençavam do **c** e do **t**, pois sabemos que como estes foram tratados nos vocábulos que para elas passaram. Assim, vemos que spatha deu em francês **espée, épée**, e em português **espada**, como se fôra spata; que conch(u)la deu **concha**, e concha, **conca**, (cast. **cuenca**); cochlearem deu **colher** [1], como apicula, **abelha**, isto é, como se não tivessem **h** em latim. Cf. ainda TILIMACO, por TELEMACHO, numa inscrição latina em Portugal [2].

O mesmo aconteceu com vocábulos que nos vieram por intermédio do latim eclesiástico, como **arcebispo** de archiepiscopus, **arcipreste** de archipresbyter; e havia tam pequena consciéncia do valor do **ph**, que tanto em italiano, como mesmo em castelhano e português, a palavra, perfeitamente erudita, sphaera foi interpretada como **spera** por Dante, entre outros, e por **espera** na península Hispánica. Duarte Núnez do Leão faz na sua Ortografia a correcção desta palavra, nos seguintes termos: — «Spera, tem esperança, verbo, Sphera, corpo redondo, nome.» — A primeira edição dos Lusíadas ainda traz **Emisperio**, (IV, 75 e V, 14) por HEMISPHERIO, que figura na estáncia 65 do Canto I.

Acrescentaremos mais exemplos do emprêgo das formas **(e)spera** e **emispério**.

> ... quando vidi un foco
> ch' emisperio de tenebre vincía.
>
> Dante, DIVINA COMEDIA, Inferno IV, 68 e 69.
>
> Tu hai i piedi in su picciola spera
>
> *Idem, ib*, XXXIV.

---

[1] É natural que esta palavra nos viesse directamente do francês *cuillère;* a forma portuguesa, como a castelhana, é *cuchara*, o que em nada invalida a conclusão.

[2] ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, V, p. 284.

— «Entre los elementos el fuego, por ser mas activo, es mas noble, y en las esperas puesto en mas noble lugar» — COMEDIA DE CALISTO Y MELIBEA [1].

Espera é também a forma usada no Roteiro de Dom João de Castro [2] e no ESMERALDO DE SITU ORBIS, de Duarte Pacheco, conforme a edição de Lisboa [Imprensa Nacional, 1892], a qual só muito acauteladamente, porém, deve citar-se, pela imperícia, desleixo e ignoráncia que revela da parte de quem dirijiu tal publicação, apenas apreciável pelos facsímiles que a acompanham.

Garcia de Resende na sua MISCELÁNEA (XLVI) confirma a pronúncia com *p*, nos seguintes versos:

El-rei Dom Manuel era
Filho mais moço do infante,
Teve por divisa espera,
Esperou, foi tanto avante,
quanto tua onra prospera.

Já Gil Vicente empregara a mesma homonímia, para fazer um trocadilho, na ROMAGEM DOS AGRAVADOS:

Cuidei que eles me esperaram
por não ficar em camisa,
e com o que me consolaram
foi dizer que não tomaram
espera por sua divisa.

O vocábulo **espera**, no sentido de «peça de artelharia» parece ter a mesma orijem, e aparta-se da nomenclatura então usada para tais armas de guerra, cujas denomi-

[1] Reimpresion publicada por R. Foulché-Delbosc, Paris, 1900, p. 38.

[2] Paris, 1833, p. 171.

minações eram geralmente tomadas dos nomes de vários animais, verdadeiros ou imajinários, estranhos pela sua fereza ou grandes proporções, como **leão**, **camelo**, **falcão**, **basilisco**. Citaremos três exemplos daquela palavra em tal acepção.

— Cinco peças por proa, e algumas delas passamuros e liões e esperas — [PEREGRINAÇÃO, VII].

— Chegado o inimigo em pouca mais distáncia de um tiro de espera,— [Frei Domingos Teixeira, VIDA DE DOM NUNO ÁLVAREZ PEREIRA, livro III, p. 365].

— Haveria oitenta peças entre esperas, selvagens, meias esperas e falcões — [Lopo de Sousa Coutinho, HISTÓRIA DO CÊRCO DE DIO, II, cap. XII].

O dr. Leite de Vasconcelos já se referiu a êste vocábulo, que, como vimos, se pronunciou por muito tempo *espera*. É provável que fossem os gregos bizantinos que difundissem, ao depois, a pronunciação com *f* (σφαῖρα).

Não era também o valor diferente dado a **t** e **th**, a **c** e **ch** herança greco-romana em nenhuma das línguas nóvi-latinas, visto que, nos vocábulos transmitidos oralmente, o **t** e o **th**, o **c** e o **ch** tiveram respectivamente sorte igual, sofreram modificações idénticas, como o provam os já citados e outros que se poderiam aduzir: **codorno** de de cothurnus, **cadeira** de cathédra, **bodega** e **adega** de apotheca, **cirurjião** de chirurgus, com um sufiєso, etc. Sabemos também que já em latim a forma sepulcrum alternava com sepulchrum, e pulcer com pulcher, como vimos, por influéncia helénica.

O **ph** e o **f** foram semelhantemente equiparados ambos ao *f* em muitas palavras, por exemplo: phaseolus e faseolus, que deu **feixóo** e **feixón** em galego, **feijão** em português; phasianus e fasianus que deu **faisão**; phlegma e flegma, que deu **freima**. Vimos também que a escrita **ph** foi ao depois mal interpretada como *p* em

espera por *esfera* (sphaera), a que se podem comparar as formas románicas **troféu, trophée** etc., latim tropaeum, grego τρόπαιον, e a latina Bosphorus por Bosporus (Βόσπορος), exactamente a permutação inversa da que se deu em spera por sphaera.

Confrontem-se ainda os seguintes vocábulos, em que o **ph** medial se abrandou em *v*, como se fosse *f*: **aventesma**, de **a phantasma**; **escarvar**, de scariphare; **Cristóvão**, de Christophorus; **Estêvão**, de Stephanus; como o *f* de profectus passou a *v* em **proveito**, e o de defensa em **devesa**, castelhano **dehesa**, antigo **defesa**, e em **ávrego** de Africus (Uentus).

Tem cabimento aqui dizer que o **h**, final, com que alguns escritores adornam certas palavras hebraicas, árabes e até indianas, nenhuma plausibilidade tem. Em hebraico, e principalmente em árabe, êsse **h**, se assim tem de ser transcrita esta letra (ה, ة), serve, na maioria dos casos, para indicar uma vogal final, e não uma consoante; e bem fez o sr. David López[1] em ortografar **Alá Xarquia**, imitando com muito discernimento os nossos autores antigos, que sempre escreveram **Baçorá** e não *Bassrah*, **Sara** e não *Sarah*. Em sánscrito, como nas línguas modernas da Índia, não existe *h* final senão em raízes, e estas, por si sós, não são vocábulos que se pudessem trazer de lá.

Não há, pois, fundamento plausível para o emprègo de **hh** inúteis em palavras portuguesas, qualquer que seja a sua orijem; e se èles se devem expunjir dos grupos **ch**, **th**, **rh**, com maior razão cumpre não empregá-los em ou-

---

[1] V. *passim* o erudito Prefácio aos Textos em aljamia portuguêsa. [Lisboa, Impr. Nac. 1897], trabalho doutíssimo, para o qual todo o encarecimento e louvor são justiça, de que é credor o arabista, que já tem não pouco enriquecido a nossa literatura com obras referentes á influência e relações dos mouros com Portugal.

tros de introdução recente, como são **bh**, **dh**, **gh**, **kh** e até **hh** (!), que devem ser reduzidos a **b**, **d**, **g**, **c**, **qu** ou **k**, e **h**, quer sirvam para figurar aspiradas das línguas da Índia, quer fricativas ou enfáticas das línguas semíticas, ou de outras.

Em geral, pretendeu-se justificar os grupos **bh**, **dh**, **gh**, etc. como sendo necessários para se diferençarem de *b*, *d*, *g*, comuns, certas letras peculiares de certos alfabetos. O que é verdade, porém, é que, ao lerem-se os vocábulos ou nomes próprios em que èsses grupos figuram, ninguém se importa com o **h**, cujo valor se ignora, parasita que na realidade nada representa, e é contra todos os princípios sensatos de transliteração, mesmo científica, visto que dèste modo se figuram por duas letras, uma delas sem valor apreciável, símbolos que em tais alfabetos são monogramas, e não digramas. Acresce a esta consideração principal outra não menos ponderosa, a qual consiste em que èsse **h** exerce funções diversíssimas, o que equivale a não exercer nenhuma. Assim, nos nomes da Índia árica, indica uma aspiração, *bh* por भ devanágrico, por exemplo, e uma palatalização च, *(ċ), ch;* nas línguas semíticas, ora uma fricativa, **kh** por خ, ora uma enfática, das que lhe são peculiares, **tha**, ط, ora uma palatalização **sh** ش *(x)*. Outras vezes é, como vimos, mero èrro de interpretação, como quando é final, em **Sarah** por exemplo, que, em virtude dèsse **h** inútilmente acrescentado, passa a ser errôneamente lido *Sará*, em vez da acentuação correcta *Sára*. É provávelmente a adjunção viciosa dèsse **h** que alterou a pronúncia de *rája*, *(rai* ou *rao* dos nossos cronistas) em *rajah*, isto é *rajá*, acentuação bárbara que pedimos emprestada aos franceses, os quais pela índole da sua língua não podem de outro modo acentuar os vocábulos seus ou alheios, e não obstante existir já a forma *rája*, que vemos na MISCELÁNEA de Garcia de Resende:

*

E tem uns governadores
Rajas que são regedores,
Tudo mandam... (XCI).

X

Continuando com os símbolos de etimolojia, passaremos ao **x**, letra de tantos valores, que há lejítima hesitação sôbre qual seja o que lhe é próprio. Èsses valores são:

ks	como em	**fixo**;
(e)is	»	**expor, exame**;
ss	»	**auxílio**;
s	»	**mixto**;
x (inicial)	»	*xeque, mexer, caixa.*

Entendo que se devem resolver por maneiras diversas as primeiras quatro hipóteses, respresentadas pelos diferentes valores do **x**, como letra etimolójica:

1. **x**, com o valor de *(e)is*, do preficso **ex-**, é talvez necessário conservá-lo, não só porque é muito usual, mas também porque as pronúncias variam, tanto de dialecto para dialecto, como de indivíduo para indivíduo, e, no mesmo indivíduo, conforme as circunstáncias, isto é, falando ou lendo, proferindo um discurso, ou recitando lenta e solenemente; por exemplo, em **exercer, exército, extemporáneo**, etc.

Não vejo, porém, grande dificuldade em substituir êste **ex** por **eis**, que se pronunciaria *is*, ou *eis*, segundo as ocasiões, e as preferéncias de cada um.

Medial, o **ex** de **sexto, texto**, poderia igualmente ser figurado por **eis**, *seisto, teisto;* conservei-o em atenção a se me afirmar que mesmo o povo assim o pronuncia em Coimbra, afirmativa de que é lícito duvidar, visto que a

antiga escrita é *sesto*, **texto** nunca foi palavra popular, e **pretexto** é geralmente pronunciado *pretêsto*.

Convém, todavia, que se expunja o abuso, modernamente introduzido, de escrever **x** por **s** em palavras já de há muito usadas em português, como **extranho**, **extrangeiro**, por **estranho**, **estranjeiro**; **exfôrço**, por **esfôrço**, **exgotar**, por **esgotar**, castelhano **agotar**, vocábulos que teem tanto direito a ser escritos com **x** por **s**, como o teriam **esmerar**, **estender**, etc.: cf. o italiano **strano**, **straniero**, cast. **estranjero**, francês **étranger**[1].

2. Nos poucos vocábulos, todos eruditos, em que o **x** vale por *cs*, seriam estas duas letras a representação do valor que tinha aquela letra em latim, e com elas se imita em português; ex.: *ficso, convecso, ocsijénio, ocsítono.*

3. Quando o **x** vale por *s* antes de consoante, seria êste a sua substituição; ex.: *misto.* Final, todavia, é preferível representá-lo por **z** (cf. *feroz, atroz; feroce, atroce,* em Camões [Lus. I, 88]: cf. também o castelhano **cáliz**, **lápiz**).

4. Medial, com o valor que damos aos *ss* em tal situação, seria o **x** por êles representado; ex.: *aussílio*, *próssimo*, como se vê em italiano, e já se encontra em monumentos latinos. Poucos são êsses vocábulos, e a substituição de *ss* a **x** estaria em perfeita analojia com a que se operou no pretérito do verbo **dizer**, *disse*, antes escrito **dixe**, do latim d i x i, d i x i t; conquanto provávelmente a pronúncia do **x** como *ss* seja modificação da pronúncia mais antiga de *x* (como em *caixa)*, que tais vocábulos tiveram, e que se orijinou em uns pela vizinhança do *i*, como em *bexiga*, latim u e s i c a, *fixe* (popular), em outros pela vocalização

[1] V. o que a êste respeito se diz na Introdução, páj. 13 e 14.

em *i* do *c*, prepositiva do ditongo consonántico *ks* que o **x** representava em latim, e assimilação parcial da subjuntiva *s* a êsse *i*. Pela vocalização em *i* de uma consoante preposta a *s* se explicam quási todos os *xx* mediais das palavras portuguesas derivadas de latim, como *seixo* de saxum, *feixe* de *facsis* por fascis, *luxo* de luxus (=*lucsus*), *caixa* de capsa, *coxa* de coxa (=*cocsa*), *rixa* de rixa (=*ricsa*).

É tanto mais lejítima a dissolução do **x** latino nos seus elementos *cs*, quanto é certo que esta escrita não foi estranha aos romanos, pois a usaram em *nicsit* por nixit, a par de outros expedientes gráficos menos sensatos, como **xc**, **cx**, **xs**, **sx**, iuxcta, ucxor, lexs, nisxit [1]. Quintiliano era de parecer que a dúplice x não tinha razão de ser, por isso que o alfabeto latino também não possuía símbolo para a dúplice PS, como o grego (ψ).

Ocorre ainda indicar outro embaraço causado pelo emprègo de **x** com o valor de *cs*, e é não poder repartir-se qualquer vocábulo em sílabas: **sexo**, por exemplo, como há de ser dividido, **se-xo** ou **sex-o**? Qualquer d'estas divisões é errónea, pois metade do **x**, o *c* pertence á primeira sílaba, e a outra, o *s*, á segunda, porque não temos palavras que comecem pelo ditongo consonántico *cs*, visto que o **x** inicial vale sempre por fricativa palatina.

Hoje-em-dia o valor de **ix**, em vocábulos como **caixa**, **seixo**, **peixe**, **roixo**, é em Lisboa simplesmente *x*, no norte *ix*.

Esta supressão do *i* antes da fricativa medial *x* parece ser antiga, não só pela escrita **coxo** dantes usada, mas até pela cacografia **taixa**, por **taxa**, que se encontra, por exemplo, na COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA [1763-

---

[1] Lindsay, LAT LANG, §§ 5 e 78.

1774, p. 642], e prova que o **i** se intercalava para manter ao *x* o seu valor de fricativa surda palatina, porque mesmo onde êle era orgánico, como em *caixa*, já se não proferia.

Inorgánico é todavia em **baixo, roixo**, dantes sempre escritos **baxo, roxo**, tanto em português, como em castelhano, e, se não estou enganado, *baxo, roxo* são as pronúncias gerais.

Ficaria, pois, o **x** tendo apenas dois valores, o de *(e)is*, e o que tem como inicial em *xadrez, Xerxes* e medial em *rixa* e num grande número de palavras, principalmente de orijem arábica, como *xarife, axorca*, etc.

Perdurando estes dois valores ao **x**, o de *(e)is*, e o seu próprio, poderia assinalar-se èste com um ponto superior *ẋ*, por imitação do *j*, cessando assim toda a confusão entre os dois valores a que fica reduzido: *ẋadrez, ẋairel, caiẋa; exame, expôr*. A ortografar-se, porém, com *eis* o preficso **ex-**, o ponto seria inútil, porque o valor do *x* ficaria sendo um só, o de quando é inicial, o seu verdadeiro nos idiomas da Península Hispánica.

É sabido que êste valor, mesmo sem sinal diacrítico, foi sempre atribuído ao *x* nas Espanhas; é o valor que êle designa actualmente em português, em galego, em catalão, em asturiano, e até no vasconço ortografado á espanhola (pelo menos na escrita de muitos vascongados), correspondendo, com pequenas diferenças no ponto de articulação, ao que os franceses indicam por **ch**, os italianos por **sc(i)**, os ingleses por **sh**, os alemães por **sch**, os polacos por **sz**; sendo apenas os hispanos quem tem para tal fonema expressão gráfica simples adequada, além dos boémios que o representam por **s** com um diacrítico (š), notação geralmente conhecida como técnica, e dos húngaros, que o escrevem com **s** simples. Não menciono outros povos europeus, que usam alfabetos diferentes do romano,

como os esclavões orientais, os arménios, os georjianos, os turcos, etc.

O que, porém, se torna necessário é distinguir em português gráficamente o *x* do *ch*, restituindo-o onde tem sido indevidamente substituído por êste grupo. (V. p. 20).

Grupos de consoantes

Dos vestíjios de ortografia latina resta-nos examinar certos grupos de consoantes, nos quais a primeira é nula, e as letras geminadas, visto que do **h** inicial já tratámos e o medial ou final nulos os expunjimos por inúteis e muitas vezes prejudiciais á leitura, como fica provado.

Os únicos agrupamentos de consoantes, iniciais de sílaba, verdadeiramente portugueses, são os formados por *r* precedido de *b, c, d, f, g, p, t, v;* e posteriormente, devidos a influência erudita, *bl, cl, fl, gl, pl, tl.* Os demais são usados em vocábulos de orijem artificial, que ainda se não acomodaram á fonolojia portuguesa, alguns dos quais, todavia, se tornaram populares.

Podem dividir-se em três espécies as dições em que entram êstes últimos. Compreende a primeira as palavras em que êles se proferem íntegros, sempre ou facultativamente, como **percepção, retracto** (de **retrair**), diferente de **retrato** («imajem»). A segunda abranje um grande número de palavras em que o **c** ou o **p** se não ouvem já, mas nas quais a vogal **a**, **e** ou **o**, que precedia essas letras, em vez de se obscurecer, como acontece quando é átona, ao contrário conserva o valor que tinha quando a consoante **c** ou **p** que a segue era proferida, isto é, o valor alfabético; ex.: **acção, director, adoptar.** Na terceira espécie entram vários vocabulos, em que são nulas as letras **c**, **p**, soando porém em outros afins; como **Ejipto**, pronunciado *ijito,* a par de *ejípcio.*

Devemos estabelecer regras ortográficas diferentes para estas três espécies e para uma quarta que já vamos mencionar.

I. Escrever-se hão sempre as letras que facultativamente se proferem, como, por exemplo, nas palavras **secção**, **facto**, pronunciadas por umas pessoas *sec-ção*, *fácto*, por outras *seção*, *fáto*.

II. Quando uma consoante muda influi na pronúncia da vogal precedente, vestíjio que perdurou de quando ela ainda se proferia, deve escrever-se também; exemplos: **director** = *dirètor*, e não *dirȩtor*; **acção** = *àção*, e não *ąção*; **preceptor** = *prȩcètor* (ou *prȩcèp-tor)*, e não *prȩcȩtor*.

III. Algumas palavras de derivação ou afinidade evidente devem conservar também as letras mudas; exemplos: **adoptar**, **adopção**; a par de *optar*, *opção*, com o *p* pronunciado; **Ejipto**, a par de *ejípcio*, em que se ouve o *p*, isto não obstante as escritas de Camões **Egyto**, **Egipcio**.

Outro exemplo é **espectaculo**, no qual ninguém profere o *c*, que muitos, porém, em *espectador* deixam ouvir, como em *expectatíva*, *expectante* etc.; isto com o fundamento de que todos devem reconhecer na escrita a pronunciação que dão a cada vocábulo, logo que não seja viciosa. Quando mesmo a vogal de um primitivo seja tónica, conservar-se há nele a consoante nula: **acto**, em razão de **activo**, **acção** = *àtivo*, *àção*.

IV. Com referencia aos vocábulos em que estas consoantes se obliteraram absolutamente na pronúncia, sem deixarem vestíjios nas vogais que as precediam, entendo que elas devem ser suprimidas. Assim escreveremos **tratar** e não **tractar**, **praticar** e não **practicar**, pois ninguém em Portugal pronuncia *tràtar*, *pràticar*. Esta regra é aplicável a todos os vocábulos em que **c** ou **p** estão precedidos de *i* ou *u*, vogais inalteráveis, como em **escrito**, **instrução**, **produto**, que ninguém profere *escrip-to*, *ins-*

truc-ção, produc-to, ou fazendo a mínima diferença de valor nas vogaes *i* ou *u*.

Nesta categoria entram as palavras em que o **c** está precedido de **n**, e o **p** de **m**, como **sancto**, **prompto**, que devem voltar á sua antiga escrita *santo*, *pronto*, principalmente porque em tais vocábulos é impossível, pela sua forma exterior, reconhecer se êles são de orijem artificial ou popular, e porque a coeréncia nos levaria ás estranhas escritas **uncto**, (em razão de **uncção**), **defuncto**, **comptar**, (como se encontra em moderno escritor brasileiro) por **contar**, o que já foi repreendido por D. N. do Leão; **quincto**, por **quinto**, latim quinctus, latim vulgar, porém, *quintus*, como também existiu *tento*, por tempto. O latim exemptus já foi reduzido em português a **isento** (melhor fòra **esento**), e os demais devem seguir o mesmo processo de simplificação racional na escrita.

Outro tanto devemos dizer com relação ao grupo **mn**, do qual deve ser expunjido o **m** inútil: assim escreveremos, como há um século se escrevia, *dano*, *solene*, *coluna*, (e não **damno**, **solemne**, **columna**), á semelhança do que já se faz geralmente em **outono**, de au(c)tumnus, e se fez sempre em **dono** | *dom(i)nus*.

Em **gymnasio**, porém, devemos conservar o *m* (*gimnásio*), porque em um vocábulo afim, **gymnastica** (*gimnástica*), que não está tam popularizado, muitos ainda o proferem.

Devo ainda referir-me aos grupos **ct**, ou **lct** depois de **au**, como em **auctor**, **mulcta**. Aqui, como no grupo já mencionado **nct**, o *c* deve suprimir-se, *multa*, *autor*, e pelas mesmas razões.

Resta mencionar o **g** de **Magdalena**, que nenhuma razão aconselha a que se mantenha, e o do grupo **gn**, quando nulo, como em **Ignacio**, que se deverá simplificar em *Inácio*, principalmente porque, a conservar-se, hesi-

tar-se-ia sôbre se o nome **Agnelo** se deverá ler *Anelo,* ou, o que é a sua pronúncia, *Ag-nelo.*

Se se conservar em **Ignacio**, **assignar**, [1] por coerência deverá restituir-se a *sineiro, sineta*, que proveem de signum latino, o que ninguém aceitaria e com sobeja razão; é por êste motivo que o **g** nulo de **signal**, **assignatura** se deve igualmente suprimir, não obstante êle se proferir em *consignar, resignar* etc. Isto mesmo aconselhava já Duarte Núnez do Leão; e com referência ao nome *Inês*, é evidente que a escrita **Ignês** (ou peor **Ignez**) é errada. O nome latino é Agnes, e dèle proveio, por vocalização do *g* em *i*, a antiga forma *Einês,* [2] da qual por condensação do *ei* inicial em *i* (cf. *igreja, eigreja*} ecclesia), resultou a forma actual *Inês,* já camoniana, pois até o século XVIII nunca èste nome se escreveu com **g**, que aí é tamanho êrro, como o seria *c* em **feicto**, **douctor**, por *feito, doutor,* nos quais igualmente o *c* se vocalizou em *i*, *u*, e portanto não há o mínimo fundamento para figurar.

Letras geminadas

Outra feição da ortografia latina, tal como a conhecemos pela literatura, são as letras geminadas. Na mais antiga ortografia latina, porém, nenhuma distinção se fazia para diferençar das suas sinjelas as consoantes dobradas. Se êste costume houvesse prevalecido, uma parte das impertinências ortográficas de algumas línguas modernas não

---

[1] «Porque screvemos *insigne, significar e significação* com *g* porque stão incorruptos: mas *sinal, sinete, assinar,* sem *g* por starem corruptos, sendo certo que todos descendem de *signum*». [ORTHOGRAPHIA DA LINGOA PORTUGUESA. Regras geraes: Regra II.]

[2] Cortesão, SUBSÍDIOS PARA UM DICCIONÁRIO COMPLETO (HISTÒRICO-ETYMOLÓGICO) DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, *sub. voc.* **Eynés**, **Inés** [Coimbra 1900.]

se haveriam estabelecido. Parece ter sido o poeta Énio,[1] quem, imitando a escrita grega, introduziu as geminações das consoantes, e Áccio a das vogais, para indicar serem estas longas, o que, felizmente para nós, não logrou aceitação.[2] Mesmo, porém, no periodo áureo da literatura latina as próprias consoantes dobradas eram ás vezes simplificadas, como em omitto, por ommitto.

As únicas letras dobradas que teem razão de ser, em português, são **rr**, **ss**, **mm**, **nn**, entre vogais, e ainda **cç**, conquanto se não possa considerar **cç** = **cc**, por isso que o segundo *c* tem valor diverso do primeiro, assinalado pela cedilha, quando o **c** está antes de **a**, **o**, **u**.

Com efeito, estas letras dobradas diferençam-se das sinjelas *r*, *s*, *m*, *n*, *ç*, na pronúncia; exemplos: *carro, cassa, immigrar, ennastrar, cocção, leccionar,* diferentes de *caro, casa, emigrar, enerjia, loção, ambicionar*. Com relação ao preficso latino im-, in-, ou seu aportuguesamento **em-**, **en-**, pode dar-se como regra que o *m* ou *n* antes de outro *m* ou *n* vai nasalizar a vogal precedente, quando o preficso não implica negação, como nos exemplos citados, e em *innato,* (=*inato*) e outros, comparados com **immortal**, **innocente**, pronunciados *imortal, inocente,* e que assim devem ser escritos.

Todas as mais letras dobradas reduzir-se hão a sinjelas, porque, ou se escrevam uma, ou duas vezes, a pronúncia é absolutamente a mesma, e sempre o foi.

Cumpre ainda fazer aqui uma observação importante, emendando modos de escrever incongruentes, que pouco a pouco se teem introduzido na ortografia portuguesa, torcendo ou dificultando a leitura.

---

[1] 23. Lindsay. **Latin lang.**, II § 8.

[2] Veja-se o que fica dito no Prefácio sôbre o nenhum fundamento da geminação de tais letras na escrita.

Quando, em virtude da adjunção de um preficso terminado em vogal, como **pre-**, **pro-**, a vocábulo primitivo começado por **r** ou **s** (que como iniciais se proferem *rr* ou *ss*), no vocábulo derivado èsse **r** ou **s** fica entre vogais, deve dobrar-se na escrita, para se lhe conservar o valor de *rr*, *ss*, que tinha no primitivo. Por esta razão é necessário escrevermos **ressentir**, **sobressair**, **sobressalto**, **prosseguir**, **prorrogar**; como já escrevemos **assombro**, **pressente** (diverso de **presente**) **derruir**, **arrazoado**, **assentar**, com dois *rr* ou dois *ss*, e não com um só.

Deixar de em tais derivados duplicar a letra inicial do primitivo é concorrer para difundir pronunciações erradas, abrindo excepções perigosas a uma regra geral, com o inane respeito a imajinárias causas etimolójicas.

Os ingleses e os italianos duplicam, os primeiros letras finais, os segundos letras iniciais, quando a pronúncia dos vocábulos assim o exije, como em *flatten* } *flat*, *preferring* de *prefer (prefér)*; *soprammettere* de *sopra* e *mettere*, *soprassalto*, de *sopra* e *salto*, apesar de èstes ultimos serem verdadeiros vocábulos compostos.

Por èste exemplo se vê que, na escrita de palavras compostas com elementos inseparáveis por haverem perdido a independência, devemos igualmente duplicar a inicial do último termo, se ela é *r* ou *s*, como em *pressájio* (cf. *presença*), *prorrata* (cf. *prurido*).

Nos numerais, pois, compostos com **dez**, a partícula de união **a** e os números **seis** e **sete**, devemos dobrar o **s**, como antigamente se fazia, ortografando *dezasseis*, *dezassete*, e não **dezaseis**, **dezasete**.

Cabe aqui ponderar que a questão em tempos debatida, de ser (ou não) correcta escrita *dezanove*, *dezasseis*, *dezassete*, tem de ser resolvida afirmativamente. É esta a escrita constante até época muito recente, e a pronúncia de todo o reino, documentada não só pelas antigas escritas

citadas, mas ainda pela palavra **dezoito**, que se profere *dezóito* e não *dezôito*. Com efeito, é da crase de *a* e *ô* que resultou o *ó* aberto, como da crase da preposição *a* e do artigo *o* resultou a pronúncia usual *ó* por *ao*, que dantes se escrevia *oo, ó*.

Convém advertir ainda que o número díjito **8** é no sul do reino pronunciado *òito*, em Coimbra *óito*, e no norte *ôũto*; o que, porém, não invalida a minha explicação.

Preficsos *des, dis* e *trans*

Há um preficso que, terminando aparentemente em duas consoantes, na realidade termina em uma só, *s*, porque a primeira delas serve na pronúncia apenas para nasalizar a vogal que a precede: é **trans-**, pronunciado *trãs*.

Quando êste preficso, em palavras de orijem artificial, porque nas populares êle se modificou em **tras** ou **tres** (ex.: **trasmalhar**, **tresler**), se antepõe a vocábulo iniciado por vogal, o *s* segue a analojia de todo o *s* final, proferindo-se surdo se a inicial é consoante surda, como em *transformar*, sonoro se ela é sonora, como em *transgredir*, ou se é vogal, como em *transatlántico*, *transitar*. Se compararmos esta última palavra com *transe*, por exemplo, em que e *s* é surdo, como o é em *ánsia*, *ínsua* etc., dá-se uma contradição ortográfica, a qual pediria a duplicação do *s*, para o último caso, numa escrita rigorosamente fonética. Como, porém, êste ultimo caso, a adoptar-se tal duplicação, viria a dar em resultado alterar-se a escrita de um sem-número de palavras, sómente em atenção ao múltiplo valor do *s* daquele preficso (*transse*, *inssua*, *mansso*, *censsura*, *Afonsso*; etc.), é sem dúvida preferível a êste remédio extremo que se mantenha intacta a escrita de todos êsses vocábulos e também a do dito

preficso, reservando-se para os compêndios de ortoépia a consideração de que neste caso o *s* muda de valor antes de vogal.

E é tanto mais cordato èste expediente, quanto é certo não alterarmos na escrita o *s* final, quando no encadeamento da frase èle muda de valor; por exemplo: *os pó-ros, os bois, os homens, os arcos*, em que o *s* do artigo tem pronunciações diversas conforme a letra inicial do nome a que se junta, sem que por isso lhe alteremos a expressão gráfica, a qual permanece a mesma que se estivesse em pausa: isto é, conservamos a ortografia vocabular, única, note-se bem, a que devemos atender na escrita das palavras.

Análogo, no que respeita ao valor do *s*, é o preficso *des-*, por isso que, quando se antepõe a vocábulo iniciado por *s*, se proferem, no sul do reino, dois *ss* de valores diferentes, o primeiro palatino, igual a um *x* atenuado, o segundo com o seu valor alfabético. Sirva de exemplo a palavra **desserviço** derivada de **des-** e **serviço**: neste caso pode separar-se o preficso por hífen, escrevendo-se *des-serviço*, se se entender conveniente assinalar ortográficamente a distinção: eu inclino-me a esta ortografia, e tanto mais, que não serão numerosos os casos análogos.

Com o preficso **dis-**, muitas vezes confundido com èste, o *s* perde-se no *s* inicial do vocábulo a que se junta; não há conseguintemente razão para empregar o hífen, visto que, *verbi gratia*, os vocábulos **dissentir, dissimular** se não proferem *dis-sentir, dis-simular* como acontece com *des-selar*, ou com a dição anteriormente citada. O motivo da diferença é que o preficso **des-** tem vitalidade ainda, e o povo continua a com êle formar, consciente do seu valor, novas palavras; emquanto o prefiso **dis** é erudito, morto na linguajem do povo, que lhe desconhece o valor modificativo da significação do vocábulo a que se

junta. O preficso **des-** é o verdadeiro indicador popular da negação ou privação da idea, expressa pelo vocábulo a que se antepõe. É conhecida a forma trivial *desinfeliz*, orijinada pela incapacidade que tem o povo indouto de atribuir ao preficso latino in- aquella faculdade modificativa do sentido, que êle dá a **des-**.

Em castelhano, pelo menos moderno, usa-se ás vezes o preficso **in-** onde nós usamos **des-** : **innecesario** corresponde ao nosso **desnecessário**.

Na realidade, poucas são as palavras populares em que figure o preficso latino in-, introduzido em português pela influéncia da literatara, e que é quási sempre substituído por **des-**.

É conveniente fazer-se aqui uma advertência: É freqùente a confusão gráfica entre os preficsos **des**, **dis** [1], porque a pronúncia dos dois é igual antes de consoante; pelo menos no sul do reino, em virtude da palatalização do *s*, que transforma por assimilação parcial o ę em *i*. Deve-se ter em atenção que o preficso *des-* é negativo, e *dis-*, distributivo.

---

[1] Esta confusão é já antiga, pois vemos em Rui de Pina **despunham** por **dispunham** [Crónica de El-rei Dom Afonso v, lvii].

CAPÍTULO III

Emprêgo do abecedário português

Vimos a pájinas 28 que o abecedário de que se usa para a escrita do português se compõe das seguintes vinte e três letras: **a b c d e f g h i j l m n o p qu r s t u v x z.** A estes símbolos temos a acrescentar as letras modificadas por sinais diacríticos e os grupos de letras que representam sons simples, isto é, dezassete símbolos: **à á â ã ç ch è é ê lh nh ò ó ô õ rr ss.** Ao todo quarenta símbolos diferentes, visto que **ẽ ĩ ũ** já não são usados. Com êles se podem representar os sons de todas as palavras portuguesas, mediante certas convenções e regras, cuja exposição pertence á ortoépia da língua. Costumam-se incluir na enunciação do abecedário mais três letras supérfluas, por serem desnecessárias á expressão dos sons portugueses, **k w** e **y.**

Faremos algumas considerações sôbre estas letras, enteiramente inúteis, por isso que ao **k** correspondem **c** e **qu**, ao **w**, **u** ou **v**, e ao **y** corresponde **i.**

Em relação aos dois primeiros dêstes três símbolos diremos que nenhuma vantajem há em complicar com êles a escrita, pois nunca foram portugueses. O primeiro é apenas utilizado em escrever nomes estranjeiros não aportu-

guesados, e ainda na nomenclatura do sistema métrico-decimal, indicando **1000**. Neste emprêgo proveio-nos do francês, como toda a defeituosa nomenclatura do sistema, que de França importámos: digo defeituosa, não na concepção própriamente dita dessa nomenclatura, que é muito enjenhosa, apesar de artificial, porém nas formas bárbaras que ela assumiu, já mesmo em francês, e principalmente nas línguas na Península Hispánica, desviadas como estão essas formas das que a analojia reclamava. São factos irremediáveis, e devemos já agora aceitar êsses nomes como estão. Parece-me todavia conveniente que o K apenas seja utilizado nas abreviaturas, ortografando-se com **qu**, os vocábulos, mal derivados do grego χίλιοι, quando são escritos com todas as letras; ex.: K(g.) *quilograma*, Kl. *quilolitro*, Km. *quilómetro*.

Semelhantemente devemos proceder com algumas palavras portuguesas em que o **k** ainda figura sem a mínima razão. Tais são **kysto**, **kaleidoscópio**, **kágado**, que devemos ortografar **quisto**, **caleidoscópio**, **cágado**, [1] como dantes se fazia sempre; e assim também **doca**, **coque**, **níquel**, **niquelar** e não **docka**, **coke**, **nickel**, **nickelar**, que nem são formas portuguesas, nem peregrinas.

O próprio vocábulo, de recente adopção, *stock*, ou deve ser banido, ou escrito á portuguesa **estoque**, como já o é há tantos séculos em acepção diversa. Outras palavras estranjeiras, não mais necessárias que esta, como *drawback* por exemplo, devem revestir feições nacionais, ou ser de todo desterradas da linguajem e escrita usuais, e pena é que até já em documentos oficiais figurem. Que o

---

[1] A homofonia com outro vocábulo, tendo por sílaba forte a segunda, evita-se pela acentuação marcada nesta palavra, e não por uma inicial extravagante e que não impede o cacófaton.

bom-senso público os pode aportuguesar de todo, prova-o a palavra **cheque**, admitida com esta escrita em toda a parte e em todos os documentos.

O que disse a respeito do **k** é aplicável igualmente ao **w**. Esta duplicação da letra **v**, introduzida em várias línguas germánicas quando o **u** se não diferençava do **v**, é apenas empregada na actualidade pelos alemães e polacos com o valor de *v* labio-dental, pelos holandeses e flamengos com o de um *v* bilabial, som que também lhe compete nos dialectos alemães meridionais e no baixo alemão, e com o de *u* consoante em inglês.

Os escandinavos já o baniram das suas ortografias, substituindo-o por **v**, desde que abandonaram quási totalmente o alfabeto gótico, no qual, ainda assim, já o 𝔴 pouco era empregado.

Esta letra é usada, por alguns escritores, e principalmente na imprensa periódica, em nomes estranjeiros, e em várias palavras inglesas ou alemãs que passaram a português, tais como **wagon**, **thalveg**, a primeira inglesa e mal escrita, porque se lhe suprimiu um **g** *(waggon)*, [1] a segunda alemã e também mal ortografada, pois actualmente em alemão se escreve sem o **h**.

Qualquer delas, visto haverem adquirido pronunciação enteiramente portuguesa, deve ficar sujeita á nossa ortografia: *vagom*, *talvegue*.

É o **w** ainda empregado em alguns nomes próprios, como **Wenceslau**, **Wamba**, **Hedwiges**, etc., e em todos êles deve ser substituído por **v**, visto assim se proferir. *Venceslau*, é nome de orijem esclavónica, talvez polaca; como, porém, pela terminação já se aportuguesou, ao passar pelo

[1] Atenta a pronúncia *vagom* que damos a êste vocábulo, é provável que directamente êle nos viesse do francês, que o recebêra do inglês, alterando-lha.

*

latim bárbaro W e n c e s l a u s, e os boémios o escrevem com **v** (**Václav**, pron. *váatçlaf)*, a escrita com **w**, sôbre não ser portuguesa, é errónea. **Hedviges** está igualmente aportuguesado, pois ninguém o profere á alemã; deve pois ortografar-se com **v**, **Hedvijes**.

A. Herculano escreveu **Witiza**, **Wamba**, como escreveu **Leuwighild**, **Erwig** e **wisigodo**. As crónicas em latim bárbaro empregaram na realidade o **w**, não porém sempre, [1] e no LIVRO DE LINHAGENS, do Conde Dom Pedro, [2] publicado pela Academia, revisto e prefaciado pelo nosso grande historiador, as formas dêstes nomes são em português ou em latim **Vuitiza**, **Bamba**, **Leouygildus** (isto é, *Leovigildo* ou *Leovijildo); e nos FORI GOTHORUM (II) [3] **Ervigius** *(Ervíjio).* [4]

Nenhum inconveniente sério há pois em desterrar dêles o **w**, substituindo-o pelo **v**. O mesmo devemos fazer ao nome étnico **visigodos**, **visigótico**, e com sobrada razão, pois o vemos em úm livro recente de história, inglês de mais a mais, e de autor abalisado, [5] sempre escrito com **v** e não com **w** *(«Visigoths, or West Goths»);* e nem a etimolojia evidente o impediu de lhe dar forma clássica.

O único emprêgo, análogo ao que demos ao K e que o W póde ter, é como abreviatura de **oeste**, assim como E de (l)**este**, visto que o uso da inicial O teria o inconveniente de coincidir com a inicial do quadrante oposto, em alemão, holandês e nas línguas escandinavas *(Ost, oost, öst, öster, oster).* É também por conveniência internacio-

---

[1] EURICO O PRESBYTERO I, e *passim*, HISTORIA DE PORTUGAL, I, *passim*.

[2] PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, SCRIPTORES I, f. II.

[3] Na CHRONICA GOTHORUM: V u i t i z a.

[4] PORT. MON. HIST. Leges et Consuetines, I.

[5] Tomás Hodgkin, THEODORIC THE GOTH, Londres — Nova-Iorque, 1900, p. 7, e *passim*.

nal que E e não L designa o ponto cardeal *Leste*. Assim, K, W, E passam a ser símbolos ideográficos, deixando de ser fonéticos.

Quanto ao **y**, que já proscrevemos como sinal de etimolojia grega, terei de acrescentar ainda algumas palavras, antes que de todo o risquemos do abecedário português necessário, constituindo com êle, o **k** e o **w** o grupo de caracteres supérfluos.

Esta letra, em promiscuidade com o **i**, de que o **j** não era mais que uma variante gráfica (á qual se diferenciou ao depois o valor, como aconteceu com o **u** e **v**), teve três aplicações na incerta ortografia portuguesa antiga, assim como na castelhana, para nos limitarmos á citação destas duas, que até o século XVII andaram quási sempre a par, com excepção de três símbolos, a que mais adeante me referirei.

Valia, pois, o **y** ora por *i* consoante, sistemáticamente, ora por *í*, isto é *i* acentuado. Dêste último emprègo se orijinou a escrita com **y** de muitos nomes de lugares da Índia portuguesa, como por exemplo **Mandovy** por **Mandovi** (**Mandoví**), ou **Mandovim**, como também se proferiu em português [1].

A preferéncia do **y** valendo por *i* consoante, que era tradicional e ainda subsiste em castelhano entre vogais, ficou anulada, por ser também usado como *i* tónico; assim vemos em F. Méndez Pinto [Peregrinação] **metropoly** *(metropoli)* [CLXXXII], **concluyo**, [CLXXIII], **sayda** [*ib*], **yr** [2] [CLXXVII], a par de **traseyra** [CLXXVIII], **fiquey** [CCIX], **foy**

---

[1] «Lá onde o Mandovim é nomeado» — Francisco de Andrade, O PRIMEIRO CÊRCO DE DIU, XI, 70.

[2] Alguns para afirmarem o valor de *i* ao **y** antepuseram-lhe um **i** escrevendo, por exemplo **baiyxa**, como vemos em Tenreiro [ITINERÁRIO, cap. I].

[*ib*], **mãy** [ccx], **mayor** [*ib*], em que valia por *i* assilábico; e a escrita **saya**, significando tanto *saía*, como *sáia* [CXCVIII], pois a usou no primeiro por ser *i* tónico [1], no segundo por ser *i* consoante. A homografia que se quis evitar pela escrita dúbia **saia**, reproduziu-se portanto. É o caso de se dizer que foi peor a emenda que o soneto. O mesmo acontecera já em latim, quando se adoptou o I alto (I), que ao princípio fôra destinado a representar o *i* longo *(ī)*, e ao depois o i consonans. Para êste último usou Cícero ii, como em Maiia, aiio [2].

Valendo por *i* consoante entre vogais ainda vemos **y** empregado em alguns nomes próprios, como **Arroyos**, **Foya**, **Fayal**, e no apelativo **alfayate**. Em tal situação deve èle ser igualmente substituído por **i**, pois a querermos, imitando os espanhóis, dar-lhe essa aplicação, teríamos de alterar a escrita de milhares de vocábulos e de formas gramaticais, como **mayo**, **joya**, **sayote**, **ensayar**, **creya**, etc., o que ninguém, de certo, aceitaria. A coerência, por conseguinte, leva-nos a escrever todos êsses nomes com **i**, *Arroios, Foia, Faial, alfaiate*, nem creio que haja quem, meditando um minuto sôbre aquelas tam abstrusas grafias, pretenda defendê-las presentemente.

É sabido que os italianos baniram do seu alfabeto **k**, **y**, e o **x**, só empregado por tradição em veneziano, com o valor do nosso *z*, hoje principalmente quando inicial, situação que o *s* sonoro nunca ocupa nos mais dos dialectos italianos. Antes, porém, usava-se dèle, mesmo entre vogais, naquele dialecto, por exemplo, em *doxe, Veniexia* [3]. Modernamente o **j** foi também banido do toscano, e substi-

---

[1] Sôbre outro modo de representar *i* inicial (hi), v. p. 61.

[2] Lindsay, LAT. LANG.

[3] Fábio Mutinelli, LESSICO VENETO, Veneza, 1851, *sub voc.* DOGE e VENEZIA, e *passim*.

tuído por **i**, sempre que não é inicial; assim, *jeri*, mas *gioia*, *marinaio;* e Gelmetti[1] propôs uma letra nova para o *i* consoante, por achar impróprio o **j**.

Outro emprêgo do **y** limita-se a nomes locais étnicos e brasileiros, como **Guarany**, **Piauhy**, **Paraty**, e a vários substantivos comuns usados no Brasil, dos quais alguns chegaram até Portugal, como **abacaty**, **jaboty**, etc.

Os frades que primeiro trataram de fazer gramáticas ou dicionários das línguas do Brasil, e entre êles e principalmente o espanhol, Frei António Rúiz Montoya[2], empregaram esta letra de dois modos: primeiro para o *i* assilábico; segundo, com ou sem acento diacrítico, para a designação de uma vogal especial do tupi-guarani, que denominaram *i* grosso, análoga ao *y* polaco, e ao *i* dos Açôres antes de vogal, como em *nario*, e em outras circunstâncias ainda. Deu-se-lhe, por conseqüência a mesma duplicidade de funções, que se lhe dava em parte em português e em castelhano.

Como, nem em Portugal, nem no Brasil, as pessoas que desconhecem as línguas dos indíjenas proferem em tais nomes e em tais vocábulos essa vogal particular, é evidente que devemos substituí-la em todos os casos pelo **i** latino, escrevendo **Guarani**, **Piauí**, **jaboti**.

Desembaraçados das letras superfluas, **k**, **w** e **y**, e dos símbolos etimolójicos **ch**=*c*, *qu*, **ph**, **rh** e **th**, etc., a que nos referimos, podemos afoutamente examinar os outros grupos, **qu**, **gu**, **ch**, **lh**, **nh**, que representam sons simples,

---

[1] Riforma Ortografica, Milão, 1886.

[2] Arte de la lengua Guarani, ó mas bien tupi. Nueva edicion, Viena — Paris, 1876. Accedunt: Vocabulario español—guarani e Tesoro Guarani (ó tupi) español.

P. Luís Vicéncio Mamiani, Arte de grammatica... Kiriri, 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1877.

Couto de Magalhães, O Selvagem, Rio-de-Janeiro, 1876.

o **ç**, e algumas outras letras, que dão marjem a várias considerações; guardando para depois tratar meúdamente das vogais acentuadas, *á*, *â*, etc., de que apenas farei menção agora.

Feições peculiares da escrita portuguesa tradicional: *ç, lh, nh, j*; acentos agudo, circunflecso e til.

São tam antigas as grafias **ç**, **lh**, **nh**, **j**, que seria temerário introduzir símbolos novos em vez dêstes, cujo uso está radicado e é conhecido de todos os que sabem ler e escrever português.

Assim, julgo que se devem conservar a estas letras e sinais os valores que exemplificam as dições seguintes: *praça, malha, manha, trajo; pá, pé, pó, sê, avô, mão, põe.*

O valor dos dois acentos em português, conquanto haja sido generalizado há muito menos tempo que o daquelas letras, é de toda a conveniência que se mantenha como em *pá, pé, pó, líquido, cúmulo, sê, avô.* Veja-se, todavia, o que digo mais adeante sôbre o emprêgo do circunflecso nas letras **i** e **u**: *î*, *û*.

Símbolos hispânicos

É do mesmo modo manifesta a conveniência de se conservarem os símbolos característicos peninsulares, quando não contradigam os que são peculiares do português: **z**, **ch**, **x**, **ce**, **ci**, **que**, **qui**, **gue**, **gui**?

Antes do século XVIII a ortografia castelhana sómente se diferençava da portuguesa, para a escrita dos sons que lhes eram comuns, nos símbolos seguintes: **ñ** =*nh* e **ll** =*lh*. O *z*, o *ç*, o *j* e o *x* tinham em ambas o valor que actualmente teem na portuguesa, e ainda conservam na castelhana falada pelos judeus da Turquia, de orijem espanhola, e mesmo, até certo ponto, pelos dos países barba-

rescos.[1] O **ch** designava também som idéntico em ambas as línguas. [V. «Revue Hispanique», I, p. 1 e ss.] É isto o que confirmam as antigas gramáticas portuguesas. Em castelhano, de então para cá e sucessivamente, o **x** e o **j**, o **z** e **ce**, **ci** adquiriram outros valores, e em português meridional (a partir do Mondego) o **ch** reduziu-se ao valor do *x* (como em *xadrez)*.

qu-, gu- com o *u* proferido: frequ-ente, argu-ir.

Para evitar a escrita *qù* (V. 82) parece que seria vantajoso imitar a grafia castelhana **cu** (**frecuente**), tanto mais que foram usualíssimas as portuguesas **coal** por **qual, coatro** por **quatro**, etc., e delas temos vestíjios na actual escrita **cincoenta**, antigas **cinquoenta, cinquenta**[2], esta última usada ainda por Garrett. A escrita **cincoenta** é injustificável sem èste precedente, se atendermos á orijem do vocábulo.

---

[1] Vejam-se: R. J. Cuervo, DISQUISICIONES SOBRE LA ANTIGUA ORTOGRAFIA Y PRONUNCIACION CASTELLANA *in* «Revue Hispanique», 1895 e 1898; *Id.* APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, [Bogotá, 1884]; J. Saroïhandy, REMARQUES SUR LA PHONÉTIQUE DU *ç* ET DU *z* EN ANCIEN ESPAGNOL, *in* «Bulletin Hispanique», 1902 [p. 200 a 206].

O **ç** parece ter tido em castelhano e em portuguès, antiqùíssimos, o valor de *tç*, como o **z** o de *dz*. Seria descabido aqui entrar na discussão dèste ponto importante, tratado com muita competéncia pelo último escritor citado, que conclui por atribuir ao **ç** o valor do actual **z** castelhano, análogo mas não idéntico ao **th** inglès de **thank.** A aceitar-se esta opinião, que me parece contestável, o *z* seria a sonora correspondente, o som que se dá ao **d** intervocálico, próssimamente. O símbolo **ç** parece ser de orijem francesa, ou provençal, na opinião de Saroïhandy, e seria adoptado no século XIII, definitivamente, escrevendo-se mesmo antes de **e**, **i**, tanto em espanhol, como em portuguès.

[2] *Vid.* Fernam Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, XXI e *passim;* e Damião de Góis, CRONICA DO FELICISSIMO REY DOM EMANUEL, *passim*.

Confronte-se com efeito, **oitenta**, que nunca foi *oitoenta*, e reconhecer-se há que **cincoenta** não provém imediatamente de **cinco**, mas directamente do latim vulgar *cinqua(g)inta*, correspondente ao literal quinquaginta.

Poderia conservar-se, contudo, **qu** antes de **a**, **o**, por não causar dúvida na leitura, reservando-se **cu** para antes de **e**, **i**. Desta maneira teríamos: **qual, quociente**; mas **ecuestre, ecuidade**. Confrontem-se **acuidade**, **cueiros**, e ainda **acuar** e **aquário**.

Em latim mesmo, **cu** e **qu** eram permutáveis antes do *u* com que faziam sílaba, por exemplo em locutio a par de loquutio}loqui, o que prova que o segundo *u* desaparecera da pronúncia, como em mortus, por mortuus.

No decurso de todo êste trabalho empregámos porém o acento grave sobre o **u** proferido depois de **qu**, **gu**, antes de **e**, **i**.

A escrita **cu** por **qu**, quando o *u* não é nulo, resolveria talvez a dúvida que persiste com relação ás formas rizotónicas de certos verbos em **-quar**, **-qùir**, como **obliquar**, **delinqùir**, principalmente. Com efeito, é lícita uma pregunta: ¿Qual é a forma da 1.ª pessoa (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) do presente do indicativo dêstes verbos, *oblíquo, delínquo*, ou *obliqúo, delinqúo?*

A aceitarem-se estas últimas, como parece ser o uso mais geral,[1] não pode subsistir a grafia **qu**, porque o *u* depois de *q*, quer nulo, quer proferido, é sempre assilábico, e conseguintemente não deve acentuar-se nas formas verbais rizotónicas. A tendência popular não é sem dúvida reduzi-lo á regra comum, documentada por *continúa, perpetúa*}*continuar, perpetuar*, pois o povo diz *enxágua*}*enxaguar*, e não *enxagúa*, como a maioria da gente culta.

---

[1] «esta (cabeçalha) obliqúa naturalmente» [PORTUGALIA, I, p. 253].

Com relação ao verbo *obliquar*, a voz de comando já consagrada é *oblíqua!* (*á direita*, por exemplo), e não a que usou o snr. Rocha Peixoto no passo citado em nota.

Estas considerações levam ao convencimento de quanto é infundada a pronunciação *distingüir*, com *u* proferido. ¿Como formam, os que assim pronunciam, as três primeiras pessoas do singular e a terceira do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, bem como o imperativo dêste verbo? Se proferem *distingo* erram a conjugação, suprimindo o *u* (cf. *continúo*); se dizem *distingúo*, arriscam-se a não ser compreendidos pelas mais das pessoas.

A adoptar-se a escrita **cu** em vez de **qü** para *eqüestre, eqüídeo*, (*ecuestre, ecuídeo*), por exemplo, conviria introduzir-se um símbolo especial para o *gu* de *argüir*, com *u* proferido, diferente do *gu*, com *u* nulo, de *seguir*, afim de se não resolver por modos diversos a mesma dificuldade homográfica. Poderíamos, pois, reservar o *g*, diferente de *g*, para tais vocábulos, escrevendo *arguir* e *seguir*. Não seria isto mais que continuarmos a tradição, aumentando o número de letras do abecedário.

Foi o que se fèz, ao diferençarem-se no valor *j* de *i*, *V* maiúsculo de *U* uncial, *u* de *v*, que antes eram respectivamente formas diferentes da mesma letra. Isto já fizeram os romanos ao distinguirem G de C, ao aumentarem o corpo do I, acima da linha de pauta, para lhe indicarem o valor de consoante (I: AIo); ao passo que era freqüente empregarem U por UU, como em iuenis, fluius (por iuuenis, fluuius), que são de Verjílio.[1] Que o U latino entre vogais era mais vogal que consoante, ao contrário da pronúncia que hoje lhe damos quando lemos latim, prova-o entre outras razões, que seria longo enumerar aqui, a sua

---

[1] Lindsay, The Latin language, II, § 53.

desaparição em oblisquor por obliuiscor, amastis por amauistis, etc.

Os islandeses, pela sua parte, também acrescentaram duas letras ao abecedário latino (*þ* e *ð*); os polacos entre outras *ł*; os espanhóis *ñ*: não seria pois descabido introduzir-se a diferenciação, que propomos, entre *g* e *g*, se se admitisse *cu* por *qù* antes de **e** e **i**, como dissemos.

O átono com o valor de *u*:
lado* a par de *tríbu*, *roer* em razão de *roa*, *portão* em razão de *porta*; *governar* e *guvernar*, *molher* e *mulher

O **o** atono valendo por *u* é uma particularidade da escrita portuguesa e também da catalã (dialecto de Barcelona), que é necessário manter, não só porque não estamos perfeitamente seguros de que em tais circunstáncias tivesse tido sempre êsse valor, mas também porque no Brasil êle se diferença de *u*, excepto quando é final. Além disto, a adopção do **u** alteraria um incalculável número de vocábulos, que em todo o tempo se escreveram com **o**, como actualmente, a começar pelo artigo, que ocorre a todo o momento.

A ortografarmos com **u** em vez de **o** tais vocábulos, teríamos *purteiro*, a par de *porta*; *furmoso*, a par de *forma*; *culucar*, a par de *coloca*; *Antunino* a par de *António*; *turcer*, a par de *torço*, *entorta*, *torto*; *rudar* a par de *roda*, etc.; e não creio que tal innovação fosse digna de aplauso.

Em vocábulos como **govêrno**, **boletim**, que pela sua orijem remota exijiriam **u**, e não **o**, na primeira sílaba, a orijem imediata mostra-nos que **o** é a verdadeira escrita, pois nunca de outro modo se ortografaram, e em castelhano, em que o *o* átono ainda se diferença de *u*, são, e sempre foram, *gobierno*, *boletín*. O mesmo acontece com outras muitas palavras, e entre elas vários nomes próprios franceses aportuguesados, como **Borgonha**, **Bordéus**, nos

quais semelhantemente **o** peninsular corresponde a *o* ou *ou* francês: *Bordeaux*, *Bourgogne*, *gouverner*, e a ŭ latino átono, gŭbernare, Bŭrgundiones, Bŭrdigăla.

Com relação ao vocábulo **mulher**, a forma mais antiga é **molher**, que está em harmonia com o latim vulgar mŭlĭĕre(m). Duarte Núnez do Leão (Ortografia) emenda *mulher* para *molher*, parecendo indicar que a pronúncia resultante seria diferente no seu tempo. Todavia, como em castelhano é, e sempre foi, *mujer*, e não *mojer*, é talvez lejítima a ortografia com **u**, e não com **o**. No Brasil é, creio eu, geral a pronúncia com *u* na primeira sílaba, e lá distinguem perfeitamente *o* de *u*, antetónicos. Nos Açôres, naquelles pontos em que o *u* átono se diferença de *o* átono, é com èsse *u* (*u* norueguès, *u* da Beira-Baixa, quasi o *u* francès) que esta palavra se profere, e não com *o* átono, igual a *u* normal, também átono.

Assim, é conveniente conservar o **o** átono tradicional com o valor de *u*, quando a etimolojia o recomende, o uso o não contradiga, e a analojia o torne necessário; principalmente porque no Brasil, como já ponderei, se mantém em geral a distinção entre *ò* e *u* na pronunciação das sílabas antetónicas, como **documento**, **portento**, **modificar**, etc.

É de notar, porém, que algumas palavras, que hoje-em-dia se ortografam com **o** para se aprossimarem dos seus presumíveis étimos, foram pelos antigos autores escritas com **u**, e de entre elas são exemplos principaes **cubrir** (como Herculano escreveu sempre) **custume**, que em castelhano também se escreve *costumbre*, **lugar**, que em razão desta escrita parece não provir do latim locale, que se lhe tem dado como étimo.

Para èste último a pronunciação castelhana com *u* e não *o*, confirma a dúvida, como sucede igualmente com *cubrir*. A ortografia de **costume** até há dois séculos era

também com **u**, como vemos, por exemplo, no LEAL CONSELHEIRO de El-Rei Dom Duarte:—«E se hũm moestoiro he bem regido em dereita devaçam, quantos a el veem de custumes desvairados todos se tornam a hũa maneira de vyda e custumes». [1]

E **inicial, ou seguido de vogal, átono, com o valor de** *i*:

erguer, em razão de **érgo;**
cear, » » » **ceia;**
elogio, evitar;
egreja, ou **igreja?** (ecclesia);
edade ou **idade?** (aetas).

Antes de examinar os mais vocábulos indicados, **erguer**, **elojio**, **evitar**, **igreja**, **idade**, deter-me hei um pouco com o segundo, **cear**, que é exemplo de muitíssimos outros análogos, nos quais **e** átono se profere geralmente *i* antes de vogal ou ditongo, e que, sem razão plausível, são, e muito frequentemente teem sido, escritos com **ei** (**ceiar**), mesmo por autores de boa nota, modernos.

É sabido que, tanto em português como em castelhano, o **d** latino entre duas vogais caíu nos vocábulos de orijem evolutiva: assim, de * foedare, *(a)fear*, de toeda, *tea*, de proedare, *prear*, de sedere *, *seer*, *ser*.

Conhecido fenómeno é também que em português o abrandamento se não limitou ao **d** latino, pois compreende igualmente o **l**, como em *recear*, castelhano *recelar*, do latim (re)zelare, *teia*, de tela; do que resultaram muitas formas converjentes, como *fiar* de filare e fidare. A esta perda do *l* são devidas as formas do plural dos nomes terminados em *l*, como **sal**, **saes**, **anel**, * **anees**, **arrabil**,

---

[1] Edição de J. I. Roquete, Paris MDCCCXLII, p. 222.

* **arrabies**, **sol**, **soes**, **azul**, **azues**, que escreveremos com **i**, **sais**, etc., por fazerem ditongos, *ái*, *éi*, *ói*, *úi*. As excepções principais são **mal**, **val**, (par **vale**), **mol** (por **mole**), cujo plural é **males**, **vales**, **moles**. Em Aveiro ouvi, todavia, apregoar *ovos móis*, por *ovos moles*.

Teve sorte análoga o **n** medial, que provávelmente em todos, e demonstradamente em alguns vocábulos, transitóriamente nasalou a vogal precedente, por exemplo em *arear*, antigo *arẽar*, castelhano *enarenar*, latino * a r e n a r e (cf. o substantivo a r e n a t u m, adjectivo a r e n a t u s, — a, — u m, o qual tem a forma de um partícipio passado passivo, que pressupõe aquelle verbo). Èsse *n* desapareceu no português moderno, sem deixar vestíjios: l u n a } * *lũa* [1], *lua*.

Temos, pois, que **d**, **l**, **n** desapareceram quando estavam entre vogais em latim, provávelmente porque já nesta língua se dava o fenómeno que observamos nos dialectos italianos, com excepção do veneziano: as consoantes sinjelas eram mais fracas quando mediais, do que sendo iniciais de sílaba, e nesta situação pronunciavam-se como quando mediais se escreviam dobradas, o que também acontece actualmente em italiano.

Os vocábulos como **cear**, **recear**, **afear**, e todos aqueles em que o *l* é precedido de *e*, quando na flecsão mudavam o acento tónico para èsse *e*, davam causa a um hiato *(cea*, *recea*, *afea)*, que naturalmente se manteve largo tempo, se não em todos, em grande parte dos dialectos portugueses, como revelam as grafias de há dois ou três séculos, desfazendo-se em alguns, e modernamente em quási todos, èsse hiato por inserção da semivogal *i*, dantes escrita com **y**: *ceia*, *receia*, *afeia*.

---

[1] A forma *lũa*, que se encontra, por exemplo, em Gil Vicente [Clérigo da Beira] está confirmada por *l̃uar*, *lunar* no crioulo malaio [Schuchardt, Kreolische Studien ix. p. 128].

Tem pois cabimento o *i* intervocálico sómente quando êsse hiato se produziu, isto é, quando o *e*, átono nas formas arrizotónicas dêsses verbos, recebe o acento, como se vê nas últimas citadas, que o teem no radical. Êsse *e* átono (que primeiro se pronunciaria *è)*, quando os *ee* não acentuados se obscureceram, na maior parte, em *e* surdo (como em *me*, *de*, *se*, *te*, *receber*, *perdão)*, adquiriu o valor de *i*, por não ter consoante que o amparasse. Confronte-se o valor do *e* nas três frases seguintes: **s***e* **viessem a horas / e s***e* **andassem depressa /, iam-s***e* **embora mais cedo.**

Deu-se um fenómeno, observável em tantíssimos idiomas, o da consonantização de *e* átono antes de vogal na semivogal *i*, como se dá a de *o* na semivogal *u* (cf. **cor***o***ar**, e **cor***o***a**), e entre êsses muitos idiomas, no vasconço de Espanha, em vários dialectos do qual se diz *semia*, «o filho», de *seme*+*a*, artigo; *echecua*, «o da casa», de *eche*+*co*, posposição, +*a* artigo; *oñecua*, «o do pé», «o calçado». É em resumo essa conversão de *e* em *i*, de *o* em *u*, semivogais, mais um exemplo da lei do mínimo esfôrço.

Não há, pois, motivo para se escrever o **i** em tais formas, porque é inorgánico, meramente fisiolójico, eufónico, como costumava dizer-se, senão quando o *e* passa a ser tónico, e a verdadeira ortografia é portanto: *cear*, *ceia: recear, receia; afear, fealdade, desfear* e *afeia, desfeia; passear, passeio; arear, areia; atear, ateia* e *teia; granjear, granjeia* e *granjeio; pear, peia: enlear, enleia, enleio; prantear, pranteia; acarear, acareia; mimosear, mimoseia; alhear, alheia, alheio; meão, meio; peor* (escrita antiga *pior*, que confirma a pronúncia popular, e condena a escrita, e não sei se também a pronúncia, *peior); como* de *galão, agaloar,* pronunciado nas formas arrizotónicas, *agaluar, agalôa,* nas rizotónicas, *agalôua,* em vários dialectos, para desfazer o hiato, nas mesmas circunstáncias

em que, nesses dialectos, se pronunciam *bôua*, *canôua*, *Lisbôua*, com inserção de *u* semivogal, como, depois de *e*, a de *i*, também semivogal, tal qual o demonstrei.

Examinemos agora os outros vocábulos, *erguer*, *elojio*, *evitar*, *igreja*, *idade*, que exemplificam outros casos de **e** = *i*.

Em qualquer circunstáncia me parece razoável manter o **e** com rigor, mesmo porque no Brasil, e defeituosamente em Portugal, há quem pronuncie *èrguer*, *hèrói*. Cumpre, a meu ver, atender á escrita castelhana. Assim, escreveremos **evitar**, **elojio**, porque em castelhano encontramos *evitar*, *elogio*; mas ortografaremos com **i**, **igual** (cast. *igual*), **edade** (cast. ant. *idad*, moderno *edad*), **igreja** (cast. *iglesia*). Neste último vocábulo o *i* não provém do *e* do latim ecclesia, pois a forma portuguesa antiga é *eigreija*, em que o primeiro *i* resultou da vocalização do primeiro *c* (confronte-se *feito* de factum); o ditongo *ei*, inicial, condensou-se em *i*, como o da forma popular *iró* por *eiró*, de arcola, por ser átono. (Cf. *avó* de aueola, e *grijó* de ecclesiola: -*ola* { -*ó*).

Não obstante êstes confrontos, que nos sujerem a distinção entre *i* inicial e **e** inicial = *i*, seria já difícil corrijir os vocábulos **irmão**, **irmã** pelo padrão do castelhano *hermano*, *hermana*, do latim germanus, germana; tanto mais que esta escrita é antiga, facto não bem explicado.

A conjunção **e** fôra talvez assisado escrevê-la com *i*, como em toda a parte se pronuncia, e como fazem os chilenos e também alguns escritores espanhóis, se a sua ortografia não houvesse sido sempre, em português, com **e**.

Cabe aqui referir-me a uma innovação ortográfica (se me não engano, introduzida por Garrett), a qual teve certa voga durante uns vinte anos e ainda hoje em dia tem aparecido em algumas publicações, entre elas numa de grande difusão pela sua barateza, a BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.

Consiste essa innovação em escrever com **im**, **in**, iniciais, não só vocábulos latinos de introdução artificial moderna, mas também um sem-número dêles, das orijens da língua, e que sempre foram escritos, tanto em Portugal como em Espanha, com *em*, *en*. Esta innovação imprudente abranje até algumas palavras que na sua flecsão veem a receber o acento nessa vogal inicial, que portanto já não pode ser escrita com *i*; ex.: o verbo *entrar*, escrito **intrar**, não obstante as formas *entro*, *entra*, *entre*, etc.. Confundiam-se dèste modo, ás vezes, vocábulos distintos, como *entender* e *intender*, *empar* e *impar*, *enformar* e *informar*, etc.

Creio que actualmente haverá poucos homens de letras que sigam esta escrita, a qual carece de fundamento lójico, e não representa a pronúncia geral, pois no sul do reino (Alentejo e Algarve) essa sílaba inicial átona é proferida *ẽ* e não *ĩ*, como acontece no centro e norte. Entendo, pois, que tal alteração não merece ser imitada nem aprovada.

Fora da analojia portuguesa encontramos também *o* = *u*, *e* = *i*, átonos, antes de vogal, como em *leão, coentro*.

Os autores antigos são contraditórios na maneira de escrever êstes e outros vocábulos semelhantes, especialmente **e** por **i**. Parece de razão atender á pronúncia brasileira (para que a ortografia portuguesa seja, quanto possível, aplicável ao Brasil) e ainda ás formas castelhanas afins, conservando nesta situação *e* e *o* átonos, por *i*, *u*. Ainda há quem escreva, **ágoa**, com menos razão, pela ortografia mais geral **água**. Em **mágoa**, por exemplo, é de necessidade preferir o **o** ao **u**, por causa do verbo **magoar**, em cujo presente ninguém pronuncia *magúa*, *magúe*. É o mesmo que sucede em **nódoa** (latim n o t u l a), de que deriva o verbo **ennodoar**, que nas formas rizotónicas é *ennodôa*, *ennodôe*, e não *ennodúa*, *ennodúe*. Outro tanto

acontece com verbos derivados de radicais em *-õ*, como *galardoar* de *galardão*, (antigo *galardõ), perdoar* de *perdão,* etc., de que se formam *galardoa, perdoa,* etc.

O **o** valendo por *u* semivogal, antes de vogal, assim como o **e** por *i*, na mesma situação e função, foram, sem dúvida, expedientes ortográficos, de que se lançou mão no tempo em que o *u* e o *i* se não diferençavam na forma de *v* e *j*. Outro expediente foi o de escrever **hu** (que subsiste ainda no espanhol *huevo, hueso*, etc.), como por exemplo em **huivar**, e do qual os franceses também se serviram para diferençarem *huile* de *ville*, *huit* de *vite*, *huis* de *vis*, *huître* de *vitre*, e que depois aplicaram a outros **uu** iniciais, como *hurler*, *huche*. Cf. **hia**=*ía*, a par de **ia**=*já;* **estorea**=*istória*, (**história**), para se evitar **estoria**=*estorja;* e veja-se o que fica dito a pájinas 61.

_i_ átono com o valor de _e_ surdo, em vocábulos de orijem evolutiva: *vezinho, vizinho; semelhante, similhante*

Não é recomendável a grafia com **i** nesta classe de palavras, pois está em oposição com a pronúncia geral, quer a popular, quer a de gente culta, na sua grande maioria, quando fala desafectadamente. Além destas razões, o **i** é em muitos dêsses vocábulos contra a verdadeira etimolojia. Examinemos os dois citados. Qualquer dèles é de orijem evolutiva: em *vezinho*, vemos *z* por c latino (uicinus: cf. *fácil,* latim facilis), *nh* por x (cf. *divino).* O *e* da primeira sílaba é uma dissimilação antiga, que ainda subsiste na pronúncia, tanto do português, como do castelhano, do provençal e do catalão, *vecino, vezins, vehí*, e o vocábulo foi sempre escrito antigamente com **e**. É certo que Bluteau traz a ortografia com **i**, conjuntamente com a anterior. A razão é que já no seu tempo, e mesmo antes, se começara a reformar artificialmente, por padrões latinos, a boa escrita do português, desdenhando-se as formas intermédias.

*

O segundo vocábulo aduzido, **semelhante**, é igualmente de orijem popular, como testifica o *lh* por L(I) latino (cf. **familia**), e para êste ainda é mais desarrazoada a forma alatinada **similhante,** que alguns lhe dão. O primeiro e segundo *i* de similis latino (que deu *símel,* citado por Duarte Núnez do Leão [ORIGEM DA LINGUA PORTUGUESA, cap. VII]) são breves, e a *i* breve corresponde em português, como em castelhano, *e* (cf. *pegar* de picare; *chegar,* cast. *llegar,* de plicare). Devemos ainda ter em consideração que, nas formas rizotónicas do verbo **semelhar,** a vogal que precede o **lh** é um *e* e não um *i,* pois dizemos **assemelha,** e não *assimilha:* cf. *assimilar, assimila*, que é de origem artificial, e portanto deve conservar os *ii* latinos.

A dissimilação a que acima me referi está tam enraizada em português, e o esteve sempre, como a escrita de inúmeras palavras documenta, que é hoje trivialíssimo ver em periódicos, cujos revisores são menos competentes ou menos cuidadosos, o tratamento **meritíssimo** escrito quási sempre *merctissimo,* apesar do vocábulo *mérito*, e a palavra **privilèjio** ortografada *previlegio*, isto porque são pronunciadas com *e* surdo, e não com *i.*

Na excellente revista científica PORTUGALIA, por exemplo, vemos [I, p. 603] **vecejante** } *viço,* em razão de a pronúncia actual ser *vecijante,* e não *vicejante,* } *viceja* } *vicejar.* Na mesma publicação [I, 517] vem apontado um conceito incompleto[1]: «*Não é* sesudo *o juiz que tem geito no que diz.*» Com efeito a forma *sesudo,* é a popular, e está de acòrdo com o castelhano **seso**, e não com o português **siso**.

---

[1] Não é sesudo o juiz
Quem tem jeito no que diz
E não acerta o que faz.

GIL VICENTE.

São numerosíssimas as cacografias désta espécie, e a maioria da gente, mesmo ilustrada, hesita sempre na escrita com *e* ou *i*. Exemplo flagrante é o vocábulo *itinerário*, três vezes escrito **itenerario** no periódico O Dia, de 23 de março dêste ano.

Nos vocábulos de orijem artificial é de necessidade manter o **i** latino por três razões:

1.ª porque foram directamente tirados do lécsico latino;

2.ª porque não sofreram alterações fonéticas reveladas na escrita;

3.ª porque no Brasil a pronúncia é em geral com *i*; e assim o é também a de muitos puristas exajerados em Portugal, não obstante as grafias antigas (**melitar**, **menistro**) indicarem que a pronúncia era, mesmo nos de orijem erudita, *e* e não *i*, nas sílabas anteriores á última que contenha *i*, como ainda hoje se manifesta na enunciação desafectada.[1] Nos Lusíadas (III, 90), por exemplo, vemos *arteficio*, e não *artificio*:

Não faltam ali os raios de *arteficio*

Não é êste fenómeno outra cousa mais que a aplicação da lei, que nas orijens da lingua produziu *vezinho* de uicinus, dissimilação regressiva, de que há exemplos em outras línguas (no francês **médecin**, **deviner**, de *me-

---

[1] *Vid.* Gonçálvez Viana, «Essai de phonétique et de Phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne», *in* «Romania», 1883, p. 57; Positivismo, vol. IV, 1882, p. 162; e «Exposição da pronúncia normal portuguesa», 1892, p. 56, 5.ª]

Cito-me a mim próprio, porque em nenhum outro tratadista tenho visto claramente exposta esta doutrina.

dicinus, diuinare), não porém com a regularidade, persisténcia e simetria, que observamos em português.

Os exemplos desta espécie são tantos, quer antigos, quer modernos, que a mais distraída leitura surpreende-os ás dezenas.

Citarei alguns:

artefícios, **arteficiaes**, **deligencia**, **maleciosos**, **openyon** [LEAL CONSELHEIRO]; **deligencias**, **dessimulada**, **hipocresias**, **restetuida**, **Secilia**, **sezeliano**, **vesitação**, e mesmo **permeteria**, contra o uso hodierno, na conjugação dos verbos em **-ir** [Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V]; **edeficado** [Azurara, CRÓNICA DE EL-REI DOM JOÃO I, Cap. I].

O verbo **dizer**, no imperfeito, escrevia-se com **e** no radical, **dezia**, como ainda se pronuncia popularmente: «e assi o dezia muitas vezes em sua vida». [Azurara, ib.]

NA COLLECÇÃO DA LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA vemos, na portada do volume referente ao período de 1750 a 1762 [Lisboa 1830], que essa colecção foi **redegida** pelo desembargador António Delgado da Silva. Hoje escrever-se-ia **redigida**. No SUPPLEMENTO ao mesmo período, a páj. 605, vemos, ao contrário, *sentença* difinitiva, por **definitiva**; mas. a páj. 584, **repremissem**, **lemitar**; a páj. 590, **verefiquem**, **devidendo**, que actualmente se escrevem **reprimissem**, **verifiquem**, **dividendo**.

Isto prova quanto são pretensiosas e faltas de fundamento as pronúncias adoptadas nos nossos teatros, *dividir, reprimir, verificar, ministro,* com *i* átono, em vez de *e* surdo, em oposição com a pronúncia usual, que há mais de dois séculos é com *ẹ* e não *i* naquelas sílabas, dissimilação eufónica, mais que eufónica, fisiolójica, de que o português apresenta numerosíssimos exemplos, como nenhuma outra língua románica.

Há mais de vinte anos, em uma análise feita no Posi-

TIVISMO [tomo IV, 1882, p. 165] á crítica do dr. Hugo Schuchardt aos CANTES FLAMENCOS de Machado y Álvarez, já me referi a esta deturpação pseudo-erudita, que só pode ser defendida por quem ignora, ou conhece mal, a língua portuguesa do continente, quer presente, quer anterior ao período actual. Felizmente, em vinte anos a influência perniciosa dos que, no teatro ou fora dèle, vaidosamente pretendem emendar pronúncias populares, que são de séculos, ainda não conseguiu divulgar as suas exóticas maneiras de proferir os vocábulos, e é mais que provável que nunca o conseguirá.

No exemplo extraído da Colecção de Legislação Portuguesa vimos **difinitiva** por **definitiva**. É isto ora incerteza na escrita, em virtude da consciência do fenomeno da mudança de *i* em *ę* por dissimilação, ora a tendência oposta, uma assimilação, cujas leis não estão ainda averiguadas, de *ę* a *i*.

Na primeira categoria entra *ligitimo* em Rui de Pina [CRÓN. DE EL-REI D. AF. V, Cap. II] *ouririzarias* em F. Méndez Pinto [PEREGRINAÇÃO, III]; na segunda, a assimilação progressiva de *e* a *i*, que transformou *mentir* em *mintir*, *rendeiro* em *rindeiro*, *pedir* em *pidir*, a que Duarte Núnez do Leão já se referia na ORTOGRAFIA, e é hoje rara, fora da pronúncia popular da Estremadura, principalmente rural. Nos escritores antigos, porém, é usualíssima: *despidido* (PEREGRINAÇÃO III, *pidia* XIX, *pidira* IV, *previniram* LXII, *mintires* LXIII, *consintiu* LXXIV, *servintia* LXXXVIII, *infirmidade* CXXXV, etc.).

Em virtude dessa assimilação do *e* do radical átono ao *i* da terminação tónica, a qual subsiste em certos verbos em castelhano, com o *i* átono porém, (*seguir*, *siguiendo;* cf. *conviniente* em Rui de Pina [CRÓN. DE EL-REI D. AFONSO V, cap. I]), a conjugação dèsses verbos em **-ir** era e é diferente da literária actual portuguesa.

A substituição **e**=ẹ por *i* e ainda por outras vogais átonas encontra-se também na pronúncia popular de varios vocábulos, nos quais o *e* fica entre duas consoantes iguais; por ex.: *didal* por *dedal*, *jijum* por *jejum*, *pipino* por *pepino*, *Cicília* por *Cecília*, para se evitar o encurtamento do vocábulo, que resultaria da contracção inevitável, devida á freqùente supressão de ẹ surdo entre consoantes do mesmo género, surdas ou sonoras, e que seria *dal*, *cília*, *jum*, *pino*.

O nome próprio **Cecília** manteve-se ainda de quatro sílabas por outra corruptela, *Cezília*.

Quando nestas circunstáncias o *e* ficava entrẹ duas consoantes desiguais, sendo uma delas labial, ou entre duas labiais, e ainda com *s* antes de sonora, substituíu-se por *u*, escrito **u** ou **o**, para se conservar a integridade do vocábulo; ex.: **sossegar** por **sessegar**, antigo, **buber** por **beber**, **somana** por **semana**; dêste modo se evitaram as contracções *segar, ber, esmana*.

Talvez concorresse para taes permutações o desejo de fujir à homonímia com *segar, ver, pino.* [1]

Também em algumas palavras se escolheu a vogal *a*, como em *samear* por *semear*, para se evitar a deturpação *esmear ('smiar;* confronte-se a fórma *Esdé* por **José**, popular no norte, *J'sé, Ejsé); esmear* confundir-se-ia com **esmar**} a e s t i m a r e, de que proveio **ésmo**, por «cálculo», empregado ainda hoje na locução **a êsmo**, «sem contar, pelo alto». Êste verbo e êste substantivo verbal foram muito usados até o século XVII. Um exemplo encontra-se na PEREGRINAÇÃO [XLII, e veja-se *passim*], «a êsmo de alguns».

Muito curiosa é a substituição de *i* a *u* em *titor*, por

---

[1] Sôbre êste objecto veja-se Gonçálvez Viana, in «Revista Lusitana», I, p. 312 a 319.

tutor, que pressupõe uma forma anterior *tetor*, que daria o monossílabo *tor*, o que se quis evitar.

Á separação nítida das sílabas devemos atribuir também a forma moderna *rossio* em vez da arcaica *ressio*. A deturpação popular, porém, do nome próprio **Junot** em *Jinó* parece provir de imitação imperfeita do **u** francês *(ü)*. Outra deturpação escrita deste nome foi *Jinote*.

Tem cabimento aqui referir-me, para a reprovar, á emenda modernamente restabelecida, contra analojias evidenciadas por milhares de vocábulos, de ortografar sem o *e* inicial algumas palavras menos usuais, em que êle é seguido de *s* e outra consoante, o que os italianos chamam *s* impuro, como em **stirpe**, **strénuo**, **Sparta**, **Smyrna**, (cf. o antigo **spiritu**).

¿ Não havendo dição portuguesa começada por *s* e outra consoante, com qual vogal há de èste *s* fazer sílaba? ¿ Acaso não se pronuncia o **st** e **sp** destas e outras palavras exactamente como em *estriga*, *estreme*, *esparto* e *esmèro*? ¿ Para quê, pois, se há de dar estranho aspecto àquelas dições, em desacòrdo com a escrita de todas as mais palavras portuguesas de estrutura fonética semelhante?

Ora, já no latim vulgar, tal como o podemos avaliar pelas inscrições plebeias, se havia anteposto uma vogal àquele *s* impuro do latim clássico, como em *istatuam ispose*, por statuam, sponsae[1], *istudium* por studium, por influência talvez das línguas vernáculas, visto que é principalmente nas Gálias e na Hispánia que essa adjunção de vogal inicial se deu[2].

Em francês o *s* veio depois a desaparecer como em

---

[1] Lindsay, Lat. lang, I § 117-122.

[2] Em galês, língua céltica do País de Gales, escreve-se e pronuncia-se *ystori*, pelo latim historia, **ystwrio** (*ẹstúrio*), pelo inglês *stir*.

épée | *espée* | spatha, sem deixar vestíjios, nos vocábulos de orijem evolutiva.

É pois um retrocesso injustificável a uma escrita arcaica essa ressurreição de feições ortográficas, em contradição com a ortografia geral, não só do português, mas do castelhano e outras línguas románicas, á excepção do italiano, principalmente toscano.

Quando o *s* está seguido de *l*, porém, difícil será decidir qual forma seja mais portuguesa, não só escrita, mas pronunciada, e se, portanto *eslavo*, como em castelhano, é preferível a *slavo*, que está mais conforme com a forma orijinal búlgara **slava**, «fama».

As formas portuguesas são *esclavão*, *esclavónio*, *esclavónico*, e estas mesmas teem ainda ressaibo estranjeiro, pois a verdadeira forma portuguesa que lhes corresponde morfolójicamente é *escravo*, da mesma orijem esclavónica, mas que adquiriu outra acepção, a de «cativo», ou «servo». Esta palavra, passou ás línguas románicas por intermédio do latim bárbaro, como é sabido.

_e_ átono com o valor de _i_ átono—Correcções:

desejar ou **desijar, tejolo, meolo, meúdo, deante;**
tijolo, miolo, miudo, diante

É indispensável conservar a escrita com **e** valendo *i*, depois de vogal, como em **ajaezar** de **jaez, israelita** de **Israel**, ou antes de consoante palàtina, **ajoelhar**, de **joelho, lenheiro**, de **lenha**, (cf. **linheiro**, de **linho**), para que se não perca a analojia com outras formas ou vocábulos afins, nos quais é tónico êsse **e**, como em **desejo**, e portanto deixa de ter o valor de *i*. Assim devemos escrever **artelharia**, como Camões [Lus., VII, 12], em razão de **artelho**.

Não obstante o exame de cacografias modernas e de grafias antigas concorrer bastantemente para ser favorecida

a pronúncia do **e** átono antes de palatal como *i*, não há por emquanto segurança completa da generalidade dèste fenómeno fisiolójico.[1]

Cumpre igualmente restabelecer o **e** nos vocábulos em que abusivamente foi introduzido **i**, para que se mantenha a coerência. **Bisbilhoteiro**, porém, escrever-se-há com **ii**, do ital. **bisbiglio.**

Os outros vocábulos citados explicam-se pela comparação com formas análogas em castelhano [2]. Eis a comparação:

Semelhante, gallego **semellante,** castelhano **semejante,**
tejolo, castelhano **tejuelo,** de **tejo** (de **teja,** lat. tegula)
meolo, » **meollo** (lat. medulla)
meúdo, » **menudo** (lat. minutus)
deante, » **delante** [3].

Todavia, as grafias antigas autorizam talvez **tijolo** e **diante,** análogas a **milhor, pior,** em vez das modernas **melhor, peor,** cast. **mejor, peor;** provam que **e** átono antes de vogal ou consoante palatal já em tempos remotos valia por *i*, e confirmam a existéncia de *e* surdo no português antigo, a qual foi posta em dúvida por J. Cornu [4].

É mais razoável, pois, escrever **e** nestes poucos vocábulos em vez de **i**, do que substituir em tantos outros **i** a **e.**

---

[1] Influéncia da palatal explica também a forma *castinheiro*, trasmontana, por *castanheiro*, e que parece ter sido geral, pois a vemos empregada por F. M. Pinto.

[2] V. Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa, p. 93 e 95.

[3] «*alantre* e *delantre* — de ad in ante; cf. hesp. arch. *denante* (de in ante, prov. *denan*: *n — n* dissimilou-se em *l — n*, d'onde o hesp. *delante* = *de-lante*; cf. mir. **a-lante*.» J. Leite de Vasconcelos, Estudos de Philologia Mirandesa, I, 448.

[4] Grundriss der Romanischen Philologie, vol. I., p. 735.

¿Convirá manter *ge*, *gi* a par de *je*, *ji*?
No caso afirmativo, como se regulará o emprêgo de cada um déstes símbolos, tendo-se em atenção a conjugação e os derivados: *ranger, ranja; laranja, laranjinha?*

De uma vez por todas, seria um passo agigantado no caminho da simplificação e regularidade da ortografia portuguesa o escrever-se j sempre que *j* se pronuncia, não obstante a extranheza que possa causar **j** por **g**, principalmente inicial, e com fundamento em palavras comuníssimas como são **jejum**, **Jesus**, **Jerónimo**, **Jerusalém**, **Jericó**. A não se adoptar esta emenda radical, o emprêgo de **g** ou **j** antes de **e** e **i** terá de determinar-se pela etimolojia e pela analojia, mas com grandes dificuldades. Darei alguns exemplos:

Do vocábulo **anjo** parece que devemos derivar **anjinho**, com j, e não g, apesar de **angélico**; todavia, é possível que a escrita mais analójica deva ser com **g**, **anginho**, pois temos a forma antiga **ângeo** [1] (de angelus), de que se formaria *angeínho*, contraído depois em *anginho*, forma actual: cf. *igreja* de *eigreija*, *arisco* de *areísco*.

As duas formas **joelho** e **geolho** (antiga) proveem respectivamente de *geniculum e genuculum: ¿escrever-se há a primeira com **j** e a segunda com **g**, quando em ambas as formas latinas a letra inicial é **g**?

Duarte Núnez do Leão [ORTOGRAFIA] considerava errada a forma **joelho**, hoje a única que é empregada, por haver caído em desuso em quási toda a parte **geolho**, correspondente ao castelhano **hinojo**, italiano **ginocchio**, francês **genou**, tida por culta no século XVI, e que é a forma camoniana.

É vulgar a escrita **magestade**, com **g**, contra a eti-

---

[1] Muytas aues fremosas que auyã penas de angeos — Otto Klob, A VIDA DE SANTO AMARO, *in* «Romania», t. XXX.

molojia (maiestas); explica-se, porém, perfeitamente, conquanto incorrecta, porque foi sujerida por outras formas, como **magno**, **magnífico**. Deveria no emtanto corrijir-se. A ortografia **majestade** é a que segue D. Núnez do Leão, que reprova a forma **magestade**.

Repreensíveis são igualmente **geito** } iactum, e não de gestum, e seus derivados **engeitar**, **regeitar**, como também **obgecto**, **sugeito**, por **jeito**, **enjeitar**, **rejeitar**, **objecto**, **sujeito**.

Os castelhanos continuam a manter **ge**, **gi**, a par de **je**, **ji**, e é êste um dos poucos embaraços que ainda subsisem na sua ortografia; sendo os outros o emprêgo do **h** inicial ou medial, a que pode servir de norma a pronúncia andaluza, e o de **b**, ou **v**, que se não diferençam na pronunciação, pelo menos actualmente, sendo que qualquer dêles se profere *b* explosivo quando inicial ou depois de *m*, *l*, *r*, e *b* fricativo entre vogais, pronúncias perfeitamente iguais ás duas do *b* em palavras portuguesas como *beber*, nas quais o *b* da primeira sílaba é explosivo, e o da segunda fricativo.

Antigamente o **u** ou **b** latinos, seguidos de vogal, achavam-se representados na posição forte, isto é, como iniciais, ou depois de consoante, por *b*, entre vogais por *v*; dêste modo **vivir**, **beber** escreviam-se *bivir*, *bever*, o que melhor explica o dístico de Escalíjero:

> Haud temere antiquas mutat Vasconia voces,
> Cui nihil est aliud *vivere* quam *bibere*

Em latim parece que já desde o III século da era vulgar o **b** se empregava por **v** nas inscrições plebeias, talvez porque a antiga vogal assilábica *ŭ*, representada pelo **v**, já havia adquirido o valor do *v* português, e os gravadores lutavam por encontrar expressão gráfica do novo som que se manifestara. Por outra parte o *v* era, a datar do II sécu-

lo, pelos gravadores dessas inscrições representado por **b** na posição forte, isto é inicial ou precedido de consoante[1].

Vé-se que o **v** latino antes de vogal, que ainda no tempo de Plauto era vogal completa, pois se contava como formando sílaba por si em l a r u a, isto é *lārŭă*[2], se foi consonantizando cada vez mais, até chegar a *v:* confronte-se o trissílabo latino b e(l) l u a, como italiano *belva,* dissílabo, português antigo *belfa.*

Não está averiguado, nem o será talvez nunca, se **ge**, **gi** no português e castelhano antigos se proferiam como em italiano, ou como actualmente os pronunciamos, e se o **j** diferia do **g** em tal situação. No tempo do Duarte Núnez do Leão eram idénticos, pois nos diz [ORTOGRAFIA]:— «Mas sendo verdade que da mesma maneira soa *ge*, *gi* do que *je*, *ji*»...—. Pedro de Alcalá dá-os no XVI século como iguais ao ج arábico; mas é sabido que ele se refere ao árabe da Barbaria, onde parece não ser rara a pronúncia desta letra como *j* portuguès, ou francès. Sabido é também que na Síria essa quinta letra do alfabeto árabe se profere como o *ge*, *gi* italiano, isto é, quási *dj*, e que no Ejipto tem o valor do *g* português de *gado*, sendo èsse provávelmente o som primitivo, no que respeita á dita letra, e que desapareceu dos outros dialectos arábicos.

Á semelhança do que fiz com o **h** inicial, conservo provisóriamente o **g** inicial antes de **e**, **i**, em palavras primitivas ou derivadas, quando a etimolojia o pede. No interior da palavra emprego sempre **j**, para não estabelecer regras fictícias para o emprêgo de **j** ou **g**, em verbos como **arranjar**, **arranjei**, **rejer**, **reja**, ou em derivados, como de **loja**, **lojista**.

---

[1] Lindsay. LAT. LANG, I, § 78.

[2] *Id. ib.* II, 48.

Correcções ortográficas

s **entre duas vogais, com valor de consoante sonora,** *casa* **a par de** *azeite; ss* **e** *ç, ce, ci,* **mediais,** *passo* **e** *paço, inserto* **e** *incerto; s* **e** *ç, ce, ci* **iniciais,** *sala* **e** *çarça, sela* **e** *cela.*

São a etimolojia e a imitação dos escritores anteriores ao XVII século que devem regular a selecção entre **ç** e **s** (ou **ss**) entre **z** e **s** medial; com o maior rigor, porém, como o fez Herculano quási sempre, restabelecendo-se a antiga escrita nos vocábulos em que abusivamente houver sido alterada; isto com respeito aos de orijem românica. Relativamente a vocábulos de procedência arábica directa, vemos que, a bem dizer em todos èles, são os *ss* arábicos representados em português, como em espanhol antigo, por **ç** (**ce**, **ci**) quando iniciais de sílaba, por **z**, quando finais.

A ortografia castelhana, á falta de outros elementos, pode servir de modèlo para a restituição de **ç** por *s*, pois sempre os figura por **z** (antigamente **ç**), excepto antes de **e** e de **i**, posição em que o *z* foi modernamente substituido por **c**.

Excepção notável **á** regra de **ç** por *s* arábico é a palavra **alvíçaras**, que em F. M. Pinto e em outros autores vemos escrita **alvissaras**, em contrário da escrita castelhana **albricias**.

Mais adeante explicarei esta anomalia aparente.

Convém ainda advertir que mesmo antes de *e*, *i* se escrevia dantes **ç**, e não **c**.

Outro modo mais simples de resolver a questão seria proscrever o **c**, **ç** com valor de *s*, e o **s** com valor de *z*. Esta simplificação, além de ter de abranjer grandíssimo número de palavras, e de ser históricamente falsa, tornaria a escrita incapaz de representar a pronúncia antiga e a de

Trás-os-Montes, por exemplo, na qual ainda perdura a distinção de *ç* e *s*, e a de *z* e *s* medial.

De três modos portanto podem remover-se as dificuldades ortográficas que existem em português no emprêgo de **ce**, **ci**, **ç** ou **s** (**ss**), e de **z** ou **-s-** entre vogais. São os seguintes:

1.º Proscrever absolutamente o **c**(**e**) **c**(**i**) ou **ç** com o valor da sibilante *s* no centro e sul do reino, e bem assim o **s** com o valor de *z*, substituindo todos os **çç** e **ce**, **ci** por **s** no princípio, e por **ss** no meio das palavras, e todo o **s** medial, com o valor de *z*, por esta letra. Em conformidade com êstes preceitos poderia manter-se **z** final em todos os vocábulos acentuados na última sílaba e que possam receber incremento, de que resulte ficar o **z** entre vogais, por exemplo, **mez**, **mezes**, **cortez**, **cortezes**, **portuguez**, **portugueza**, **portuguezes**, prevalecendo esta regra de ortografia moderníssima e puramente empírica, infelizmente muito arraigada, e há muito tempo, e que bastante contribuíu para deformar os vocábulos portugueses.

2.º Proscrever-se o **ç** inicial, e **s** com valor de *z*, mantendo-se apenas o **ce**, **ci**, e o **ç** medial, orijinados de c e, c i, ou t i latinos, para desfigurar menos o grande número de palavras que conteem **ce**, **ci**, como fêz a Academia Espanhola, imitando hábitos ortográficos antigos. É um meio-termo entre duas soluções opostas.

3.º Escrever com todo o rigor etimolójico, e em harmonia com a escrita antiga e a pronúncia dos dialectos setentrionais, **s** como representante de s latino, quer surdo, quer sonoro (= *z*), duplicando-o entre vogais quando tenha o valor de inicial; **z** como representante de z, CI ou TI latinos, e de *zz* arábicos, e ainda como substituto de *ss* arábicos em fim de sílaba; **ce, ci** e **ç**, como representantes de ce, ci e ti latinos, e de *ss* arábicos iniciais de sílaba, restabelecendo-se o uso do **ç** inicial, correspondente a **z**

inicial do castelhano moderno, **ç** do antigo, e que sem a mínima razão foi proscrito.

Dou sem hesitação a preferéncia á última destas três soluções: o que fácilmente se depreenderá de todo êste escrito, como também dêle se verá que o modo de ortografar que adopto e defendo, com ser rigorosamente histórico e verdadeiramente etimolójico, no sentido exacto desta expressão, nem por isso é tam diverso das várias ortografias a que o público está habituado, como o são outros sistemas que teem sido propostos antes ou recentemente. Com efeito, nem um décimo talvez dos vocábulos usuais terá de sofrer alteração estranhável.

Disse antes que o vocábulo **alvíçaras**, escrito com **ss**, **alvissaras**, na PEREGRINAÇÃO de F. Méndez Pinto e em outros autores, necessitava explicação.

O vocábulo arábico (ALBIXARE البشارة), tem *x* (ش), e não *s*, na segunda radical. Foi portanto èsse *x* imitado com o *s*, e é sabido que o *s* peninsular foi representado pelo *xin* (ش) não só nas aljemias, mas ainda na escrita de textos arábicos em que figuravam nomes da Península Hispánica. A forma peninsular daquele vocábulo, que mais se aprossima do seu étimo, é a valenciana *albíxeres*, citada por Dozy [1].

A confusão entre *ç* e *s* (*ss*), e *x*, *-s-* parece haver começado no sul, por meados do seculo XVII: Bento Pereira (ORTOGRAFIA, Lisboa, 1666) já os não distingue, diferençando ainda *ch* de *x*.

Duarte Núnez do Leão parece já confundir em alguns vocábulos *z* e *s* medial; e na verdade vemos, mesmo

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE; Leida, 1869, p. 74.

nos LUSÍADAS, as seguintes rimas, que duvido possam ser levadas á conta das licenças poéticas de que mais adeante me ocuparei: *Leoneses, portugueses, vezes;* [III, 7] *tristeza, empresa, inglesa* [VI, 59].

A confusão entre *ç* e *s* (*ss*) deve ser posterior, pois não há dela exemplo nos escritores quinhentistas e seiscentistas, e as escritas **eça** por **essa** (latim *e r s a) e **rocio** em vez de **ressio** são relativamente modernas [*Vid.* Cortesão, *op. cit. sub. voc.* **Rocio**.], e repreensívelmente erróneas.

A escrita **eessa**, que vemos na PEREGRINAÇÃO [CLXVII e *passim*], é devida ao desejo de diferençar êste vocábulo do femenino do pronome **êsse**, **essa**, pronunciado no seu tempo *êssa,* como ainda hoje o é no Minho. É sabido que *rs* latino deu em português *ss,* nas palavras de origem evolutiva, como **avesso**}a d u e r s u m, e já no latim vulgar se encontra r u s s u s em vez de r u r s u s.[1] **Eça**, apelido, é diferente, e F. Méndez Pinto escreve-o com **ç**, assim como Diogo do Couto e João de Barros, **Deça**, **de Eça** [Décadas da Ásia].

Na edição das obras de Camões, feita pela BIBLIOTHECA PORTUGUEZA, e não sei se em outras, vêem-se os seguintes versos da comédia Filodemo escritos dêste modo:

Solina — E que é esse amador
Que quer ter comigo p a s s o ?
Será elle algum m a d r a s s o ?

Vilardo — Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo e s p i n h a s s o.

Alterou-se a ortografia de **madraço** e **espinhaço**, para darem rima para os olhos com **passo**, quando mais

---

[1] Lindsay, LAT. LANG. II, 169.

adeante, em **madraço**, é restabelecida para ficar rimando com **pedaço**, [1] á vontade do editor, a quem isto pareceu cousa de pouca monta.

Assim se brinca levianamente com os nossos escritores clássicos, reformando-lhes os vocábulos. Ora, a verdade é que **passo** é ali um erro, por **paço** na acepção de «zombaria», como o vemos empregado por Lucena: «Fazendo entre si graça e paço».

Neste sentido já foi admitido **paço** no Nôvo Diccionário da língua portuguêsa, de Cándido de Figueiredo.

É sabido que, tanto nos nomes do Brasil como nos das duas Américas, colonizadas por espanhóis, o som da sibilante forte foi sempre representado por **ç** e não por **s**; e quem ignorar qual fosse o valor do **s** na Península Hispánica, ficará sem entender as afirmativas dos escritores espanhóis e portugueses que se ocuparam dos idiomas do Novo-Mundo, quando asseveram não existir neles a letra **s**: isto é, o som *s*, visto que tais idiomas eram e são analfabéticos [2].

Foi justamente essa ignoráncia que fez dizer ao grande orientalista Silvestre de Sacy que os árabes da Península davam ao ش o valor de *s*, como já adverti no meu opúsculo Deux faits de phonologie historique portugaise, [Lisboa, 1899]. Digo aí:

«Ce n'étaient point les Arabes qui prononçaient le **x** comme un *s*, mais bien le *s* hispanique qui étant un son étranger pour eux, avait à leur oreille une valeur qui se

---

[1] Vil. E mais para namorado
Não sou ora tão madraço
Sol. Sois muito desmazelado.
Vil. Mas antes, de delicado
Caio pedaço a pedaço.

[2] Veja-se, por exemplo, P. Ant. Ruiz Montoya, Arte de la lengua Guarani ó mas bien Tupi; nueva edicion, Viena — Paris.

*

rapprochait de celle du ش; tandis que le *ç*, et le *z* à la fin d'une syllabe, avaient bien la valeur du س, par lequel ils les ont transcrits.

S. de Sacy ignorait certainement la valeur particulière du *s* hispanique, et voilà comment on comprend qu'il ait eu recours à l'hypothèse peu vraisemblable que nous venons de citer.»

As palavras de Sacy são estas: «D'après la manière dont les Arabes d'Espagne transcrivoient l'espagnol en caractères arabes, (e podemos acrescentar igualmente o português), il y a lieu dé croire qu'ils prononçoient le ش comme le *s* fortement articulé, et le س comme le *ç* ou *z*» [Grammaire arabe, Paris, 1831, I, p. 19].

Como se vê, a hipótese de Sacy carece de fundamento.

z final proveniente de ci, ti latinos: **Méndez**; **Mendes**; **simplez, simples**; **ourivez, ourives**

A emenda seria oportuna, visto estar de acôrdo com a antiga escrita e com a ortografia castelhana, na qual,

---

1876, p. 93 — Vocabulario y Tesoro de la leng. Guarani, etc., *ib. passim.*

Conforme a antiga ortografia castelhana escrevia-se **ç** nos nomes americanos, como **Chimboraço, Mocteçuma,** formas que devemos manter em português. Os espanhóis hoje ortografam **Chimborazo, Moctezuma**: êsse **ç** tinha o valor do *ç* português ou francês; **z** = *ç* só se escrevia em fim de sílaba, como em **Azteque**, pronunciado *açteque*, **Cuzco**, pron. *cuçco*, como **mezquinho, mezquita,** pron. *meçquinho*, *meçquita*.

— «**E leva-me deste mũdo** mezquinho **que he rryo de amargura, e lago de treevas... thesouro** de mizquindade — Otto Klob, A vida de Sancto Amaro, texte portugais du XIV[e] siècle, *in* «Romania», t. XXX, 1901. — «E as suas mezquitas sagradas com elle são tornadas em templos» — Azurara, Crón. de El-Rei Dom João I.

como ainda hoje em Trás-os-Montes, parte do Minho e parte da Beira-Alta, se faz constante distinção entre *s* e **z** (=*ç*). Nos nomes comuns, como **alferes**, **ourives**, **simples**, **cális**, **lápis** (em castelhano **cáliz**, **lápiz**), apezar das formas **lapizeira** (moderna), e **calezes**[1] (antiga) e modernas **cálice**, **cálices**, talvez seja preferível conservar a actual grafia com **s** final, visto que, na língua comum e literária de hoje, não variam no plural, por haverem sido proscritos dos vernáculos meridionais os plurais antigos **alfêrezes**[2], **ourívezes**[3], **símplezes**. Se plurais em **z** não fossem uma excepção, nova e pouco recomendável, a estabelecer nas regras de formação do plural dos nomes, as formas com **z** final poderiam ser comuns aos dois números, em atenção á formação dos derivados, **ourivezaria**, **lapizeira**, por exemplo. Poderíamos também, com menos plausibilidade, escrever **símplez**, etc., no singular, e **simples**[4], etc., no plural. Opto, porém, pela terminação em **s** para o singular e plural.

Semelhantemente devemos restabelecer a antiga escrita dos patronímicos em **ez** átono, que antes era usada, fazendo que regressem á sua antiga forma todos aqueles em que modernamente se tem substituído por **es** aquela caracte-

---

[1] — Dous cálezes d'ouro — Inventário de 1536, *in* ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, v, p. 69.

[2] — Alférezes volteiam as bandeiras — LUSÍADAS IV, 27.

[3] — E assy como os ourivezes, querendo conhecer alguũ ouro... o metem no cimento — LEAL CONSELHEIRO, p. 26 e notas.

Na MISCELÁNEA de Garcia de Resende o plural é **ourívezes**, o singular **ourivez** [CLXXXII, LII].

[4] A forma **simples**, no plural, é já bastante antiga: Garcia da Orta intitula o seu famoso e apreciado livro «DIALOGOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA». Todavia, D. N. do Leão ainda diz: — outros infinitos os quaes são simplezes, e não compostos — [ORTOGRAFIA DA LINGOA PORTUGUESA].

rística terminação, tais como **Henríquez**, de **Henrique, Díaz** de **Dídaz**, de Didaci, **Páes** de **Paio**, **Fernándes**, de **Fernando**, **Miguéiz** de **Miguél** etc., como se encontram em documentos e escritores antigos, e mesmo até data relativamente recente, até o século XVIII.

Mesmo abstraindo de fundamentos meramente paleográficos, parece que a defeituosa escrita com **es** foi devida á dilijéncia de se distinguir esta terminação de outra acentuada, escrita com **ez**, que se estabeleceu há dois séculos, para denotar *-ês*, com acento na última sílaba, cometendo-se assim dois erros.

Com efeito, pelos fins do século XVII começou-se a dar ao **z** final valor de posição, denotando que a vogal precedente é acentuada, o que proveiu de na realidade, haver muitos vocábulos nessas circunstáncias, em que êle era etimolójico, como **feliz**, **arroz**, **feroz**, **capaz**, **surdez**, **alcaçuz**, etc. Daí procede a escrita há muito introduzida **-ez** por **-ês**, de **francês**, **cortês**, etc., que é êrro etimolójico,e contribuíu não pouco para deformar a escrita dos vocábulos portugueses.

É necessário pois restabelecer o **s**, como o fez Herculano em todos os vocábulos que soube identificar com segurança, banindo-se o **z** dos que por abuso o aceitaram desde o XVII século, quando começou a obliterar-se no sul a distinção, antes geral e que ainda subsiste em vários pontos no norte do reino, onde a escrita com **z** falsearia a pronúncia primitiva, que ainda lá dão ao **z** final *(=ç)*, diferente da do **s**.

A escrita dos vocábulos tem de servir para todo o reino, e é por isso que os preceitos ortográficos hão de regular-se pelo conhecimento das condições e vicissitudes de pronunciação de todos os dialectos da língua pátria, sem representarem particularmente nenhum, nem no tempo, nem no espaço. É isto condição essencial para a sua geral

aceitação. Para tal fim cumpre não tomar por cacografias certas escritas antigas muito lejítimas no seu tempo, e que ainda hoje o são para muitos pontos em Portugal. As alterações ortográficas, que teem sido modernamente introduzidas, chegam a parecer monstruosas a todos aqueles que possuem conhecimento, superficial que seja, da história da língua; e não teem concorrido pouco para obscurecerem a etimolojia dos vocábulos, quando por outra parte se manteem letras inúteis com o pretexto de a evidenciarem, mas que na realidade a disfarçam. Alega-se a conveniéncia das letras geminadas, dos grupos **th**, **ch**, **ph**, do **y**, com o fundamento de que nos sujerem a etimolojia latina ou grega de vários vocábulos; e desdenham-se diferenciações ortográficas que explicam factos da própria língua portuguesa, e concorrem para o reconhecimento das suas formas primitivas: Estranha contradição!

Convém, portanto regular com todo o rigor etimolójico o emprêgo das letras seguintes:

z e *s* **mediais**? — *gozar, ousar; baptizar, analysar.*
z e *s* **finais**? — *noz, nós.*
ç e *s(s)* **mediais**? — *paço, passo.*
(ce, ci) ç e *s* **iniciais**? — *çarça, salsa; cera, seira.*
sc e *c* **iniciais**? — *sciencia, centelha.*

Examinemos êstes vocábulos.

O sufixo **-izar** assim se escreveu dantes, por exemplo no Parnaso Lusitano, e assim continua a escrever-se em castelhano, porque provém do latino -izare: **baptizar** é em latim eclesiástico baptizare, com **z**, e o **s** seria um barbarismo, que para a escrita portuguesa veio da indiscreta imitação da ortografia francesa, da qual muitas dessas palavras são copiadas, e em que o emprègo de **s** e **z** mediais se regulam por outros princípios, que teem ori-

jem na história dessa língua. Em **analisar**, todavia, o **s** provém de **análise**, e o suficso é simplesmente **-ar**.

Em **ousar** o **s** procede de *s* latino (ausus); em **gozar** o **z** representa, segundo todas as probabilidades, *ti* ou *di* latino, e em todo o caso correspondem-lhe **z** no castelhano antigo, **z** e **c** no moderno: **gozar**, **goze**, **goce**.

Em **noz** o **z** representa **c** latino; em **paço**, *t(i)* latino o **ç**.

Em **çarça**, qualquer que seja a sua etimolojia, correspondem os **çç** a igual letra no castelhano antigo, e na escrita portuguesa anterior ao século findo, ainda conservada por Herculano e outros escritores escrupulosos; a **zz** castelhanos, depois da reforma ortográfica da Academia Espanhola, que só admite **c** antes de **e** e **i**, como já se ponderou.

Devemos igualmente restituir a antiga escrita **suíço**, **Suíça** (**Soiça**), que encontramos, por exemplo na MISCELÁNEA de Garcia de Resende, rimando com **atiça** (CXXVI), e que é a forma ortográfica ainda empregada por Bluteau, a par de **esguíçaros**, **esguízaros**.

Imitando a ortografia académica espanhola, seria tambem conveniente que se suprimisse o **s** inicial do grupo **sc(e,i)**; com tanto maior facilidade, quanto é certo haver poucos vocábulos em que figure èsse grupo inicial, e não dever causar, portanto, grande estranheza a supressão. Camões [LUS. III, 9] escreveu **Cytas** e não **Scythas**.

Prosseguindo nas correcções ortográficas de que me estou ocupando, direi que é indispensável restabelecer letras e escritas antigas, que teem sido erróneamente substituídas; por exemplo:

essa	em vez de	**eça**
sossegar	»	**socegar**

consertar	em vez de	**concertar**
Sintra	»	**Cintra**
Buçaco	»	**Bussaco**
açucar	»	**assucar**
tejolo	»	**tijolo**
mês	»	**mez**
país	»	**paiz**
português	»	**portuguez**
pézinho	»	**pésinho**
mesinha	»	**mezinha**
enteiro	»	**inteiro**
pôde	»	**poude**
preguntar	»	**perguntar**
charão	»	**xarão**

Não são de certo sómente os vocábulos aqui apontados os que devem ser emendados em escrita verdadeiramente etimolójica, na qual se observem as feições peculiares do português, e se respeite a história da língua, a sua formação e derivação, e bem assim a tradição da sua antiga escrita, tumultuáriamente adulterada há dois seculos, no que há pouco findou, principalmente. As categorias mais importantes estão ali, porém, exemplificadas, e para maior clareza passo a indicar sucintamente as razões das emendas que fiz nos vocábulos constantes da 1.ª coluna.

1. *sossegar*. É esta escrita antiga, a par de *sessegar*, a que está em harmonia com o castelhano *sosegar*, com a pronúncia transmontana, e com o seu étimo latino, quer êle seja s e s s i c a r e, como propõe D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, quer s u b s e d i c a r e, como pretende com menor plausibilidade João Storm.

2. *consertar*, no sentido de «restaurar», «compor», é um verbo diferente de *concertar*, significando «combinar, ajustar», o qual provém de c e r t u s. *Consertar*, afim do

italiano *conserto*[1], «conchegado», deriva-se do participio latino consertus, de conserere, «unir, ajuntar». Cf. *inserto*, diferente de *incerto*.

3. *Sintra* é a escrita antiga e não **Cintra**, e a etimolojia **Cynthia** não merece discussão, nem creio que tenha hoje quem a defenda. É Sintra e Sintria no latim medieval, e *Sintra* sempre nos Lusíadas. No mesmo caso estão *Sezimbra*, *Seia*, e outros, erradamente escritos com *C* inicial por *S.*[2]

4. *Buçaco*, e não **Bussaco**, é igualmente a escrita antiga.

Ao contrário, devemos restabelecer a antiga escrita *ressio*, ou *rossio*, em vez da errónea **rocio**, que significa «orvalho» } lat. roscīvum[3]. A pronúncia *rócio* (orvalho), é falsa e moderna; cf. o castelhano *rocío*.

5. *açúcar*, e não **assúcar**, escreveram sempre os nossos; está esta ortografia em harmonia com o castelhano antigo *açucar*, modernamente escrito **azúcar**. O vocabulo é de orijem imediata arábica, e não da remota latina saccharon, ou grega (σάκχαρον), como o prova o *u*, e para português e castelhano a adjunção do artigo árabe. Já se advertiu que os *ss* das palavras arábicas estão representados em português por *ç* em quási todos os vocábulos, mesmo moder-

---

[1] — Le braccia al sen conserte — A. Manzoni, Il Cinque Maggio.

[2] Assim escrevem hoje os romanistas, e entre êles a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [A Princesa Dona Maria, p. 129].

[3] Vão as dôces abelhas sussurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco e frio.

Camões, Canção xvi.

V. D. N. do Leão, Origem da lingoa portuguesa, cap. xvi.

namente, e é inútil abrirem-se excepções, que põem a ortografia actual em desacôrdo injustificável com a antiga, e são francesismos de escrita que convém expunjir.

6. *tejolo*, cast. **tejuelo**. Cf. *lentejoula*, de **lentejuela**.

7. *mès*, latim mensis, cast. *mes*. Com *s* é a grafia antiga portuguesa e a de todas as línguas románicas.

8. *país*, e não **paiz**: é o francês **pays**, que vem do latim pagensis, de pagus. Em castelhano é *país*, em italiano, *paese*.

9. *portuguès*: assim escreveu Herculano, assim também os nossos quinhentistas. Esta terminação provém da latina -ensis, e em todas as línguas románicas está representada por formas que se escrevem com *s*, que é tambem a pronúncia trasmontana: francès **portugais**, italiano **portoghese**, castelhano **portugués**, assim também *burguès*, *burgueses*, *cortès*, *corteses*, *princesas*, etc.

10. *pézinho*, e não **pesinho**: o suficso é *-zinho*, castelhano **-cico**, **-cito**, **zuelo**. Que em portuguès é *-zinho*, *-zico*, etc. provam-no a escrita antiga e a pronunciação trasmontana. No plural, sómente o suficso recebe o **s** terminal, ficando o tema dèsse plural invariável; ex.: **vintémzinho**, **vintémzinhos**; **homemzinho**, **homemzinhos**; **cãozinho**, **cãezinhos**; **grãozinho**, **grãozinhos**: **botãosinho**, **botõezinhos**; **painelzinho**, **painéizinhos**; **farolzinho**, **faróizinhos**; **pinhalzinho**, **pinhaizinhos**; **árvorezinha**, **árvorezinhas**.

11. *mesa*, e não **meza**, *mesinha* e não **mezinha**: em latim mensa, em castelhano **mesa**, na pronúncia trasmontana *mesa* e não *meza*. **Mezinha**, pronunciado *mèzinha*, corresponde ao castelhano antigo **melezina** do latim medicina, e portanto aqui o **z** proveio de ci. (V. p. 20).

São geralmente confundidas numa escrita idéntica duas terminações diversas em orijem, e que se diferençam perfeitamente em Trás-os-Montes, como antes se diferen-

çavam em todo o reino, *-esa* e *-eza*, a última das quais procede da terminação latina -itia, e a primeira de -ensa. Dêste modo *avareza* deve escrever-se com **z** porque vem de auaritia, mas *defesa* com **s** porque o seu étimo é defensa. Assim também *despesa, pêso, pesar,* de dispensa, pensum, pensare, etc.

12 e 13. O apelido *Márquez* deve, como em castelhano, escrever-se com *z* final, porque a terminação procede do *ci* de genetivos latinos; assim *Pérez* de Petrici, *Martinz* de Martinici, *López* de Lupici, *Díaz*, antes *Dídaz*, de Didaci, e não de **dias**, plural de **dia**. É esta a escrita castelhana, confirmada pela sua pronúncia e pela de Trás-os-Montes.

Ao contrário, o vocábulo *marquês* deve escrever-se, como já disse, com **s** final, como em castelhano *(marquês)*, porque entra na categoria a que pertencem *português, burguês, cortês,* á qual também já me referi. [1]

14. A forma antiga é *enteiro,* (castelhana *entero*), e não *inteiro;* cf. o catalão **enter**, e o francês **entier**: é pois de orijem evolutiva, como o testificam a deslocação do acento do latim integrum, para intégrum, e a vocalização do *g* em *i*.

Com *en-* e não *in-* inicial se deve igualmente escrever *enveja* (galego **envexa**, castelhano **envidia**, francês **envie**), do latim invidia, por motivos análogos; com *e* inicial vemos êste vocábulo no Leal Conselheiro [p. 202].

15. *pôde,* e não **poude**. A pronúncia trasmontana e minhota prova que não há ditongo como existe em *coube, soube,* etc., que são comuns á 1.ª e 3.ª pessoas, ao passo que a 1.ª do perfeito de *poder* é *pude*. A escrita antiga é

---

[1] V. D. Núnez do Leão, Origem da lingoa portuguesa, cap. xiii, *s. v.* Marcha.

com *o* e não *ou*. Duarte Núnez do Leão já recomenda a distinção, por meio de acentos, entre *pòde* e *póde* [ORTOGRAFIA]. De *pude* se derivam *puder*, *pudera*, *pudesse*, com **u** e não **o**. Modernamente, em vários verbos da flecsão forte, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, e o imperfeito e futuro do subjuntivo formam-se da 1.ª pessoa do perfeito do indicativo: **tive**, **tivera**, **tivesse**, **tiver**; **fiz**, **fizera**, **fizesse**, **fizer**; e portanto **pude**, **pudera**, **pudesse**, **puder**, e não **podera**, **podesse**, **podér**. Antes, aqueles tempos derivavam da 3.ª pessoa **teve**, **fez** e não da 1.ª, e por isso se dizia **fezera**, **fezesse**, **fezer**; **estevera**, **estever**, etc., e conseguintemente escrevia-se **podera**, **podesse**, **poder**, de **pôde**, e não de **pude**.[1]

16. *preguntar*, **perguntar**.

A única escrita que está em harmonia com a evolução fonética é *preguntar*, e é esta também a forma castelhana, confirmada pelas pronunciações vulgares portuguesas *prèguntar* e *pròguntar*. O vocábulo não vem pois do latim percuntari, porque a mudança de *c* em *g* só se dá depois de vogal: cf. *cèrco*, *mercar*, *fòrca*, em que o *c* latino depois de *r* permaneceu. Houve pois troca de prefiso, prae (pro) por per, e a fórma **perguntar** é posterior ás orijens da língua e semi-erudita, podendo talvez atribuir-se a D. N. do Leão (ORTOGRAFIA), que corrije *pregunta* em **pergunta**, e deve ter sido introduzida quando já o *e* átono havia adquirido o valor de vogal surda, quási nula, que tem actualmente: na realidade, só com muito cuidado na enunciação, ou com excelente ouvido se pode diferençar na pronúncia *perguntar* de *preguntar*, *perdição* de *predição*, *prefeito* de *perfeito*, *cérebro* de *Cérbero*. Cf. as

[1] No LEAL CONSELHEIRO (Paris, 1842), lêmos: **fezesse** [p. 200], **fezessem** [p. 209]; em Rui de Pina [CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V], **fezeram**; **satisfezeram** [cap. CLXIII].

cacografias **pertender**,[1] **perjuízo**, e **perclaro** nos Lusíadas,[2] etc.

Se consultarmos a literatura mais antiga, encontramos em geral a forma *preguntar*, ex.:

«**E começou de** preguntar» — Vida de Eufrosina, texto do xiv século, publicado pelo Dr. J. Cornu na Romania, vol. xi.

«*preguntar* em todo o texto da Vida do honrrado Ifante Josaphat, publicado pela Academia, revisto pelo seu sócio correspondente Vasconcelos Abreu, e que pertence ao xv século. Disse em todo o texto, porque apenas há uma excepção, que pelo mesmo académico me foi apontada e que pode ser atribuída a *lapsus calami*. (V. por exemplo, p. 6 e 7).

«Preguntar-vos **quero por Deus**,» — Cancioneiro de Dom Dinis, Cantiga xlviii. Halle, 1894.

«E preguntando **Affonso Anrriquez**» — Livro de linhagens do Conde Dom Pedro, título i, *in* Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores, p. 254.

Na Demanda de Santo Graal, texto publicado pelo Dr. Klob na Rev. Lusitana, vi, p. 335: «**E quando El Rei viu tal sa filha, ouue gram pessar e** preguntou-lhi, **quen li fezera aquelo**».

Em Azurara, Crónica d'El-Rey Dom Joam, cap. ii, *preguntar*.

No Roteiro de Dom João de Castro, Paris, 1833: «Preguntei-lhe **pello lugar de Soez, como era**»; e *passim*.

---

[1] Em João Pedro Ribeiro, Observações de diplomatica portugueza (Lisboa, m.dcc.xcviii, p. 59): — «Não pertendo nestas observações resuscitar» —, êrro repetido a p. 73: — «onde em vão pertende» —. É sabido, porém, que êste notável escritor não prima por correcção gramatical, nem ortográfica.

[2] — Os cristalinos membros e perclaros
Á calma, ao frio, ao ar vereis despidos — v, 47.

Em Fernam Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, a forma **perguntar** é raríssima, sendo muito freqùente a forma *preguntar:* é de presumir, pois, que **perguntar** seja aí erro tipográfico, não obstante a fidelidade da reedição rolandiana.

Os quinhentistas diferem, mas parece que a forma **perguntar** teve a preferéncia. É a que encontramos nas duas primeiras edições dos LUSÍADAS (**perguntavão**, I, 50; **perguntando**, I, 62; **Pergunta-lhe**, II, 6); na ÉCLOGA DE CRISFAL, de Cristóvão Falcão [edição esmeradíssima de Epifánio Díaz 1893]; na CRÓNICA D'ELREI DOM EMANUEL, de Damião de Góis; em Sá de Miranda, COMÉDIA DOS ESTRANJEIROS, acto III: — «**quero** perguntar **donde vens**» — [Lisboa, 1622]. Resta saber se a ortografia foi aqui fielmente respeitada.

Na própria publicação da Academia, PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquirições de Dom Affonso III [p. 294 e 296], vemos também **perguntando**. É provávelmente èrro de leitura ou de caixa, atenta a época dos documentos.

Disse que em castelhano a forma única é *preguntar*, e êste argumento é ponderoso para nos aconselhar igual ortografia em português.

Há outra palavra, em que, pelo contrário, em castelhano se deu a preferéncia ao preficso **per-**, emquanto em português prevaleceu modernamente **pre-**: é o vocábulo **perjuicio** e seus afins, em portuguès **prejuízo,** actualmente, dantes **perjuízo**, o qual se encontra em Bluteau, que lhe preferiu, todavia, **prejuízo.**

Pelas razões já expostas, principalmente pela mudança de *c* latino em *g* e pelas formas populares *prèguntar* e *pròguntar*, e castelhana *preguntar,* concluo ser esta última a escrita correcta e que convém adoptar, desterrando-se o latinismo **perguntar**, reversão a uma forma primitiva hipotética, como q foram **fructo** por *fruto*, **Philippe** por

Felipe, **similhante** por *semelhante,* **vizinho** por *vezinho,* etc., dos quais já me ocupei.

A vogal surda e̥ de *me, de, perdão,* desaparece, perdendo-se uma sílaba dos vocábulos a que pertence, logo que uma causa qualquer fonolójica, ou de intelijéncia fácil, o permite; dêste modo, falando, todos pronunciam *me̥rcer, pḁrcer* por *me̥re̥cer, pḁre̥cer.* É por isso que a posição do **r** acompanhado dessa vogal neutra é muito variável, não só em português, mas noutras línguas. Em islandês, por exemplo, o **r** final de vocábulo pronuncia-se *er*, como em **hnetr**, plural de **hnot**, «angústia»; em inglèz **centre**, **metre**, pronunciam-se *cente̥r*, *miiter.* Em albanês temos a par de *katre̥*, «quatro», *i kátre̥te*, ou *i kate̥rte*, «quarto»; em búlgaro *de̥rvó*, e *dre̥vó.* «árvore». A palavra *rebanho* procede, conforme J. Cornu [Grundriss der Romanischen Philologie, I] do latim h e r b a n e u m[1]. Veja-se, acêrca do *r* silábico, valendo por vogal, Pronúncia normal portuguesa, p. 25.

Há um vocábulo português, ao qual já me referi no Essai de phonétique et de phonologie da la langue portugaise, e cuja estrutura é bastante curiosa: **fevereiro** } f e b r u a r i u m, pronunciado actualmente *fevreiro.* ¿ Porquê se escreve então depois do **v** um **e**, que se não profere, e é contra a etimolojia? É êle o sinal de uma antiga intercalação de vogal a desunir duas consoantes, cujo agrupamento era desusado em português, *vr,* e que ao depois desapareceu da pronunciação do vocábulo quando èsse grupo se tornou usual: cf. *livre, livro, palavra* } p a r a b o l a, antes *paravra.*

17. *charão*, e não **xarão**. Do primeiro modo escrevem Bluteau, o Diccionario Contemporaneo, o Diccionario ety-

---

[1] «In Romania», t. xii 1883, p. 32, n.

MOLÓGICO de F. Adolfo Coelho, o NÔVO DICCIONÁRIO de Cândido de Figueiredo, e quási todos os lecsicógrafos. Roquete, no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, traz **charão**, mas remete para **xarão**, a que portanto parece dar a preferéncia. A definição de todos os dicionaristas é — «verniz da China e do Japão», e esta mesma é a que dá o Dicionário da Academia Espanhola ao correspondente vocábulo castelhano **charol**.

Pelos modos esta palavra, no entender dêles todos, seria chinesa, ou japonesa. O facto, porém, é que parece não existir lá semelhante vocábulo, que aliás não tem probabilidade, pela forma, de pertencer a qualquer das línguas dêsses impérios asiáticos. A forma portuguesa diferença-se da castelhana pela terminação *-ão* por *-ol*, análoga á de *español*, *espanhol*, por *espanhõ*, *espanhão*: e seria êste mais um motivo para se conjecturar que o termo não proveio da Ásia. Frei Gaspar da Cruz, no TRATADO DA CHINA, [cap. XIII], ao dar a descrição do vestuário dos sacerdotes chineses, diz: — «Toda via antrelles algũs sacerdotes do templo de idolos, que antre os chins sam mais reverenciados que os outros, estes criam cabello e trazem-no no cume da cabeça, arrematado com um pao muito bem feito a modo de mão fechada, envernizado de muito bom verniz, que chamam A c h a r a m» —.

Suposto pudessemos ter dúvida sôbre se o que c h a m a m **acharão** é o verniz, ou o pau, atenta a significação actual da palavra, tanto em português como em castelhano (**charol**), podemos concluir que é ao v e r n i z que o escritor atribui aquele nome, cuja orijem é problemática; sendo porém fora de dúvida que a ortografia certa é com **ch**, *charão*, e não com **x**.

Ditongos orais e nasais

As subjuntivas dêstes ditongos escrevem-se ora com **i**, **u**, ora com **e**, **o**.

Pronuncio-me em favor da grafia *i*, *u*, para as subjuntivas de todos os ditongos orais decrescentes, seguindo nisto a escrita antiga predominante, mesmo porque seria dificílimo dar regras certas e simples para o emprêgo de cada uma destas grafias, **ai** ou **ae**, **au** ou **ao**, diferençando-as uma da outra.

No uso moderno é também esta a tendência mais geral, principalmente para o **u**.

O emprêgo de **e** por **i** nos plurais dos nomes e 2.as e 3.as pessoas de vários tempos dos verbos (**paes**, **roes**, **vae**, **vaes**, **sae**, etc.) tem fundamento histórico, mas está em desacôrdo com as 2.as pessoas do plural dêsses verbos, que no português antigo terminavam em **-des**, como ainda hoje em grande parte dos verbos monossilábicos (**vêdes**, **rides**), e no moderno se escrevem com **is** (**amais**, **deveis**, antigamente **amades**, **devedes**).

É também fora de dúvida que, se não causam estranheza os vocábulos **pai**, **pau**, **Macau**, com **i**, **u**, ninguém de certo aceitaria **ae** por **ai**, **ao** por **au** em **paolada**, **feodo**, **paenel**. O próprio vocábulo **Deos** há muito que se escreve **Deus**, e o mesmo acontece com **deusa**, (e não **deosa**), não obstante a ortografia dos quinhentistas e seiscentistas ser com **o**, entre os primeiros Camões, que também escreveu **Deos**, **deoses**.—«Já quiseram os Deoses que tivesse.» [LUSÍADAS, I, 75].—«Põe-se a Deosa com outras em direito» [*ib*, II, 22].

Diz-nos D. N. do Leão [ORTOGRAFIA] que *ae*, *eo*, e *ao* eram diferentes de *ai*, *eu* e *au*, e que os primeiros os não considerava ditongos. Parece querer indicar que o vocá-

bulo *Deos* se pronunciaria no seu tempo como actualmente *dè-os,* verbo e complemento, isto é, em duas sílabas.

É duvidosa porém a exactidão da afirmativa, e Camões, por exemplo, não conta o *eo* como dissílabo.

Acresce ainda em abôno de **i**, **u** como únicas subjuntivas de ditongos orais, de preferencia a **e**, **o**, que a adopção dêstes dificultaria as regras que se devem formular para a acentuação gráfica, de que hei de tratar mais adeante.

Com relação ao ditongo *èu* a grafia dominante é **eu**, com **u**: fazer a distinção entre **eo** = *éu* e **eu** = *èu* seria racional, se fosse aceitável igualmente renovar a antiga escrita **ee** = *éi* [1], diferençando-a assim de **ei** do vocábulo **lei**, por exemplo; o que já não é praticável, porque **ee** valia antigamente também por *e* acentuado, e na escrita moderna está muitas vezes repartido em duas sílabas, gramaticais pelo menos, como em **areeiro**, **correeiro**, **reexportar**, etc.

Assim, é preferível que a distinção se indique com o acento agudo para o *e* aberto, escrevendo-se **réis**, **batéis**, **fiéis**, diferençados de *reis, bateis, fieis;* **léu** diferençado de *leu*, **céu**, de *seu,* **mantéu**, de *bateu.*

Por analojia, distinguir-se há também com o acento agudo o ditongo **ói** do ditongo **oi** *(=ôi),* escrevendo-se **jóias**, **faróis**, **róis** (nome e verbo) **herói**, **combóio**; mas **boi**, **bois** *(=bôi, bôis)* **joio** *(=jôio),* **çaloio**, **çaloia** *(=çalôio, çalôia),* **foi**, *(=fôi),* etc.

Há motivos para serem as vogais abertas as que nestes ditongos se assinalem gráficamente, e não as fechadas:

---

[1] No ROTEIRO DE VASCO DA GAMA, por exemplo: **batees, quartees, cascavees, anees, lambees**, plurais de **batel, quartel, cascavel, anel, lambel**; e mesmo quando átono, **empecivees**, no LEAL CONSELHEIRO, p. 54: V. a nota de Roquete, que não conheceu todavia que **ee** era ditongo = *éi*.

1.º Porque os ditongos de vogais *e, o* abertas, dominantes, são mais raros e sempre tónicos, convertendo-se essas vogais abertas em fechadas, logo que se tornam átonas (cf. *combóio* e *comboiar, bóia* e *boiar, jóia* e *joieiro*); 2.º porque, a marcarem-se as fechadas, haveria necessidade de se empregar o circunflecso em vogais átonas, e o *e* de *ei* seria mal figurado por *êi,* na maioria dos dialectos do centro do reino.

Para os ditongos nasais, *ãi, ẽi, õi, ãu,* nenhuma vantagem há em adoptar, ou antes renovar as grafias raras, com *i* como subjuntiva **ãi**, **õi**, e introduzir **ãu**, que nunca foi empregado. É sabido que os antigos ditongos nasais *õo, ũu, ĩi* (escrito **ĩj**) desapareceram já do falar comum, e que *ũi* figura presentemente em um único vocábulo, **mui**(**to**), que ainda em vários falares provinciais conserva a antiga pronunciação que tinha de ditongo oral, como por exemplo na afamada estança dos Lusíadas:

> Estavas, linda Inês, posta em sossêgo,
> De teus annos colhendo doce fruito,
> Naquelo engano da alma ledo e cego
> Que a fortuna não deixa durar muito,

Talvez fosse conveniente que o til cobrisse as duas vogais, pois são nasais ambas elas: **ãe**, **õẽ**, **ãõ**: assim se fazia nos manuscritos e assim fez o dr. J. Júlio Cornu em parte da sua gramática histórica[1].

A grafia **ãi** ficaria pois reservada para os poucos vocábulos em que êste ditongo existe no interior da palavra, como em *cãibra*: cf. *Coimbra* e *mãe*. As escritas dêste último vocábulo foram várias, **mãy**, **mãi** e **mãe** que pre-

[1] V. Grund. der Rom. Philologie, I.

valeceu, por analojia com certos plurais de palavras em **-ão: pães, escrivães**, etc.

Os antigos ditongos nasais *õo, ũu, ĩi*, vemos em D. N. do Leão [Ortogr.] que só se observavam nos plurais dos nomes em *em, um, im*, como *dom, dõos, hum, hũus, fim, fĩjs*.

Til e vogais nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ*,
lã(a), lan, lam; sĩ, sim, sin; sõ, som, son; um, ũ, un;

Seria preferível, sem dúvida, que o uso do til se houvesse generalizado a todas as vogais nasais que terminam vocábulos: é sabido que êste sinal entrou já na maior parte dos sistemas de transcrição científica, com a mesma aplicação que tem em português.

Essa generalização, contudo, iria alterar a forma de considerável número de palavras, e opôr-se-ia a usos muito radicados, que modernamente só admitem o til sôbre os ditongos *ão, ãe* e *õe*, e sôbre o *a* final, como em *lã, irmã*, etc., antigamente escritos **lam**, **lãa**, **irmam**, **irmãa**. O Parnaso Lusitano introduziu a escrita **an** (**lan**, **irman**); teve, porém, escassos imitadores essa innovação pouco feliz, pois com outra qualquer vogal o *n* final é proferido distintamente: *abdómen, monásticon*, etc.

No século XVII usou-se, ainda que com pouca uniformidade, **am** para a final nasal *ã*. Na edição rolandiana da Peregrinação de F. M. Pinto encontramos, por exemplo: — uma sua **irmam** — [CXLII], — igreja **meam** — [CXVIII], e — **cristammente** [CCLXXVI]. A grafia **an** para *ã* final deve ter-se deduzido dos plurais antigos dêstes nomes, **irmans**, **means**, **cristans**, [CXLVI], natural mudança do **m** de **irmam**, **meam**, **cristam**, antes de *s*: cf. **fim**, **fins**, **um**, **uns**.

F. Méndez Pinto parece que quis representar com o

m a nasal póstero-palatina que termina muitos vocábulos asiáticos — malaios, chineses, bramás, siames, etc., o *ng* das línguas germánicas quando final, como no inglês *fang, strong*.

A averiguar-se esta particularidade, cumpriria corrijir para **ã**, todos os muitos nomes ali citados, terminados nas antigas edições em **am**, e que indiscretamente se tem uniformizado na escrita *-ão*, que me parece inexacta, não só porque mal representa a pronúncia de tais nomes para portugueses, mas ainda porque, em virtude dessa temerária interpretação, se atribuem aos escritores antigos transcrições que êles não quereriam fazer como as lêmos actualmente[1].

Há em português, além das consoantes nasais, bilabial *m*, apical *n*, e palatina *nh*, de *cama, cana, cunha*, outra nasal que se ouve, por exemplo, em *canga, anca*, onde o *n* tem duas funções: a de nasalar o *a* da primeira sílaba *cã*, e outra a de representar uma articulação nasal igualmente, mas formada no ponto de contacto do extremo do palato duro, com o mesmo orgão, a parte posterior da língua arqueada, que o *g* da segunda palavra. É o chamado *n* gutural, ou melhor póstero-palatino, *ng* germánico, a que me referi. Os romanos que conheceram èste som, na mesma situação, antes de *g*, *c*, como em angulus, ancora, representaram-no quási constantemente, como nós, os espanhóis e os italianos, por **n**. Os gramáticos romanos chamavam-lhe agma, e ás vezes o figuraram por **g**, imitando os gregos, aggulus, agcora, figuração inconveniente no primeiro vocábulo, visto como **gg** representava a geminação de *g*, como em agger. Tambem ás vezes aparece escrito com *nc*, em concquam, por exemplo[2].

---

[1] V. o que fica dito a pag. 34.

[2] V. Lindsay, Lat. lang. II, 11 e 63.

Poderíamos assentar na grafia **m** final para indicar a nasalização de qualquer vogal. Todavia, escrever-se com **am** a vogal nasal *ã*, designando o **m** a nasalidade, como em **om**, **um**, **im** *(ã, ũ, ĩ)*, tem o grave inconveniente de colidir com o uso geral, que dá a esta combinação em fim de palavra o valor de *ão* átono, mormente em terminações verbais, valor que é bastante antigo, e terá provávelmente de ser confirmado [1].

São duas as grafias usadas actualmente para o ditongo *ãu*: **ão**, **am**, quando átono, principalmente nos verbos.

A grafia **-am** das terminações átonas dos verbos, diferençada assim da terminação tónica *-ão* (**amaram**=*amárão*, a par de **amarão**=*amarã'o)*, é a usual há bastante tempo, e proveio da diferenciação dos antigos modos de escrever êste ditongo nasal, **am** e **ão** empregados indiferentemente. É uma distinção muito conveniente, porque não só economiza acentos, mas torna igualmente menos ambíguos os dois tempos dos verbos; pôsto que a escrita **am** seja repudiada por três romanistas eminentes (Leite de Vasconcelos, Júlio Moreira e Epifánio Díaz), em razão de não ter fundamento histórico suficiente, e de representar mal o valor fonético do ditongo *ãu*. Cumpre advertir que mau representante de um ditongo nasal é a grafia **em**, e não tem sofrido impugnação de ninguém, nem os doutos romanistas citados a rejeitam [2].

Parece-me portanto útil o emprêgo de **am** nas termi-

---

[1] Roquete, na 1.ª edição do DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS (Paris, 1855) usou de **ão** para *ãu* átono, e de **aõ**, para *ãu* tónico; melhor fôra o contrário, pois o til sôbre **o** **a** vale pelo acento tónico da palavra.

[2] Provávelmente porque não é geral a pronúncia de **em** final como ditongo *(ẽi)*, pois no Alentejo é freqùente o valor de *ẽ*. Na realidade, parece que a pronúncia antiga da terminação **ẽe**, **em** era *ẽ*

nações átonas dos verbos, e em monossílabos átonos, como **gram (grande)**, **sam (santo)**, e principalmente **quam** e **tam**, o que Duarte Núnez do Leão já recomendara na sua ORTOGRAFIA; mas julgo-o inadmissível nos nomes, porque dificulta a formação dos plurais respectivos, e é por isso que a escrita **-ams**, usada por um lecsicógrafo contemporáneo, não tem recebido aceitação: *ams* é grupo de letras desusado em português; cf. **fim** e **fins**, **som** e **sons**, **jejum**, **jejuns**.

Nos nomes, pois, é preferível indicar a atonia de *ão* pelo acento marcado na sílaba predominante, mesmo porque tais substantivos são em número muito restrito. Nesta ocasião apenas me ocorrem os seguintes, e creio que poucos mais haverá: **Ródão**, **Pedrógão**, **Cristóvão**, **Estêvão**, **sótão**, **órfão**, **órgão**, **rábão**, **zángão**, **orégão**, **frángão**[1],

---

e não *ẽ i*, o que explicaria a escrita **inclinarense** (inclinarem-se) na PEREGRINAÇÃO [CXLI], **levarennas** (levarem-nas) ao colo [CXXXVIII], **decerenno** (descerem-no) [CL]. Por igual motivo é preferível a escrita **am** por *-ão* átono dos verbos, pois a sua primitiva pronunciação, ainda hoje dialectal no norte, era *ã* (*õ*, *ũ*, *u*), e não *ãu*. Cf. o castelhano *amáran* e *amáron*, que são diferentes, como o eram em português *amárõ*, do preterito perfeito, e *amárã* do mais-que-perfeito, que o dialecto comum e literal infelizmente unificou em *-ãu*.

[1] O vocábulo *frangão* parece também ser acentuado na última sílaba, no norte do reino, pois vemos na revista PORTUGALIA [I, p. 279] o plural *frangões*, que faz pressupor êsse singular, visto que os nomes em que *-ão* é átono formam os plurais regularmente pela adição de *s*. Com referéncia a **zangão**, conquanto todos os dicionaristas modernos o acentuem na penúltima, *zángão*, o que está em concordáncia com o castelhano **zángano**, e Bluteau lhe não indique a acentuação, Garrett emprega-o como vocábulo agudo:

> Pois quando eras tu vermelha,
> Não vinha z a n g ã o e abelha
> Em tôrno de ti zumbir?

bénção (no norte *benção*[1], plural *benções* forma mais correcta, pois que provém de benedictionem, benedictiones; cf. *oração*, *orações*, de orationem, orationes). É sabido que o povo pronuncia sem ditongo a maior parte dêstes vocábulos: *frango*, *zango*, *sóto*, *ourégos*, *bénçoa*, e até *órfo*, *órfa*, *Cristóvo*, *Estêvo*[2].

Por analojia com **-am** átono de verbos, e **-ão** tónico e átono de nomes, poderia restabelecer-se a antiga grafia **-ẽi**=*êi*, para êste ditongo nasal, nas mesmas circunstáncias. Conquanto ela nos cause estranheza hoje, está em harmonia com estoutras, **ãe**, **õe**, e foi muito usada pelos antigos escritores, para quem foram a bem dizer facultativos **ão** e **am**, **ẽe** e **em**. A ser admitida, reservar-se-ia, como digo, a escrita **em** para as terminações átonas dos verbos e para os monossílabos **em**, **nem**, **sem**, que sempre são átonos, e **quem**, que o é muitas vezes, escrevendo-se **ẽe** nas terminações tónicas dos verbos, e em todos os nomes; naquelles em que *ẽe* fosse átono, marcar-se-ia a sílaba tónica com acento: *pòrem*, *porẽe*, *contem*, *contẽe*, *contẽem* (cf. *põe*, *põem*, *matem*); *armazẽe*, *almárjẽe*, etc.[3]

---

[1] Agasta-se-me o coração,
Que quero sair de mim.
— Eu irei saber se é assim.
— Hajas a minha benção

Gil Vicente, Auto da Índia.

[2] Da forma *Estêvo*, por *Estêvão*, resultou o patronímico *Estêves*, por *Estêvãez*, castelhano *Estébanez*, o que prova que aquela forma havia subido acima de vulgar corrutela, entrando na lingua comum.

[3]. A edição dos Lusíadas, da Bibliotheca Portugueza [1852] ainda empregou **ẽe** por **em**. D. N. do Leão ficsa a escrita dos ditongos nasais, **ẽe**, **ĩi**, **õo**, **ũu**, para os plurais dos nomes terminados no singular em **em**, **im**, **om**, **um**, como **vintem**, **vintẽes**, **fim**, **fĩis**, **dom**, **dõos**, **hum**, **hũus** [Ortografia].

Ficaria, pois, a escrita do ditongo *ẽi*, conforme as condições apontadas, fixada em **ee** e **em**, em harmonia com a do ditongo *ãu*, figurado ora por **ão**, ora por **am**, como disse.

Se a repugnância em restabelecer o digrama **ẽe** for invencível e no intuito de alterar o menos possível modos de escrever que são já de uso geral, poderemos fazer a distinção entre *em* tónico e *em* átono, simplesmente, marcando o primeiro com o acento agudo, por ser menos freqùente: *contem, contém, almarjem, armazém*. É o que pratiquei neste opúsculo.

Cabe aqui fazer algumas observações sôbre a escrita de vários verbos monossilábicos em que figura a terminação **em**, e que são em geral mal ortografados, não só em periódicos, mas também em livros, e o eram antes no «Diário do Govêrno», dado á estampa na Imprensa Nacional. São êles os verbos **ter**, **ver**, **ler**, **crer**, **vir** e **dar**, com os seus derivados. A conjugação da 3.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo, ou subjuntivo é, respectivamente:

Sing. **tem**, **vem**; **vê**, **lê**, **crê**, **dê**;

Pl. **teem**, **veem**; **vêem**, **lêem**, **crêem**, **dêem**.

Agrupando-os pela pronúncia modernamente mais aceita, e que é a culta de Lisboa, teremos duas classes:

1.ª Os que teem nasalisação no singular, que, facultativamente, se duplica, ou não, no plural:

Sing. **tem**, **vem** (pron. *tẽi*, *vẽi)*;

Pl. **teem**, **veem** (pron. *tẽi*, *vẽi*, ou *tẽiẽi*, *vẽiẽi)*;

2.ª Os que não teem vogal nasal no singular mas sim *ê*, ao qual se acrescenta a terminação do plural **em**, nasal:

Sing. **vê**, **lê**, **crê**, **dê**;

Pl. **lêem**, **vêem**, **crêem**, **dêem** (pr. *vêẽi*, *lêẽi*, *crêẽi*, *dêẽi)*.

São, pois, duas categorias diversas, que cumpre distinguir na escrita:

1.ª **tem**, **vem**; **teem**, **veem**;

2.ª **lêem**, **vêem**, **crêem**, **dêem**.

Deve principalmente diferençar-se **veem** (de **vir**) e **vêem** (de **ver**).

Esta diferenciação parece não ser antiga, nem geral.

Camões, com efeito, rima *crem* (**crêem**) com *tem* (**teem**), ambos plurais, na estáncia 26 do II Canto dos Lusíadas:

> Alegres vinham todos porque crem,
> Que a presa desejada certa tem.

Tomás Ribeiro, no Dom Jaime, penúltima estrofe, conta **leem** por uma só sílaba:

> Que mais querem de nós? apoz tamanha
> galhardia de algôz, ébrios de gloria,
> apagaram acaso a luz da historia?
> não lêm seus feitos?... que nos quer a Hespanha?...

O que também fez Camões com **dêem** e **crêem**:

> Porém aos de Vulcano não consente
> Que dem fogo ás bombardas temerosas — Lus., I, 48.
>
> Crem ser em Lotaríngia os estrangeiros — Ib, VIII, 9.

Resta ver como se hão de formar os plurais dos nomes terminados em **m**, bem como as segundas pessoas dos dois verbos que na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo terminam em **em**, e seus derivados, como **atum**, **álbum**, **fim**, **som**, **vem**, **tem**. Èste **m**, conforme a ortografia usada, muda-se em **n** antes da terminação **s**: **atuns**, **álbuns**, **fins**, **sons**, **vens**, **tens**, e com razão visto que

o **m** deixou de ser final. Com efeito, já segundo a ortografia latina, nem sempre respeitada, se escrevia o **m** antes das consoantes homorgánicas *b* e *p*, ou *m*[1]. Já vimos que para o *a* nasal final temos de preferir a grafia *ã;* assim, **órfã**, **órfãs**, **lã**, **lãs**, **afã**, **afãs**, **imã**, **imãs** (e não **íman**, porque êste vocábulo provém do francês **aimant**, antigo **aïmant** | adamantem).[2]

Convém advertir que as poucas palavras, de orijem artificial terminadas em *n* proferido, devem formar os plurais em **-es**, como é de regra para os terminados nas consoantes *r*, e *z*, como, **côr**, **côres**, **vez**, **vezes**, **carácter**, **caracteres**, **cadáver**, **cadáveres**.

Dêste modo teremos: *cánon, cánones*, *abdómen, abdómenes*, *líquen*, *líquenes*, *dólmen*, *dólmenes*, *hífen*, *hífenes*, *gérmen, gérmenes*, com *ȩ*, isto é, *e* surdo na penúltima sílaba do plural, assim como o *o* de *cánones* se profere como *u*, ao passo que no singular tanto o *o* de *cánon*, como o *e* de *abdomen,* se pronunciam fechados, por estarem na última sílaba. Esta mesma regra se deve observar na pronún-

---

[1] É por esta regra que devemos escrever **setentrião, circunstáncia**, e não **septemtrião, circumstancia.**

[2] Há outro vocábulo actualmente homónimo com êste, *imã,* que designa um sacerdote maometano, e cuja pronúncia arábica é *imáme*, que poderíamos escrever **imame**, a não restabelecermos a antiga forma portuguesa *emamo*, o que seria preferível, por se evitar assim toda a confusão, com o vocábulo apontado no texto [V. João de Sousa, Vestigios da lingoa arábica em Portugal, 2.ª edição aumentada por Frei José de Santo António Moura, Lisboa 1830]. A acentuação na primeira sílaba, *íman*, *imam*, de qualquer dèstes dois vocábulos é crassíssimo êrro, pseudo-erudito, e muito propagado, por desgraça. É tempo ainda de se corrijir, visto que nenhuma destas dições se vulgarizou, e o povo as desconhece absolutamente. Os espanhóis acentuam, como cumpre, a última sílaba, *imán*, «pedra de cevar», e os italianos o *a* de *imano* «sacerdote islamita».

cia de *cadáveres*, *Césares*, *ímpares*, etc., com ḁ e e̥ na penúltima, e não *à* ou *è* como no singular, pronunciação viciosa muito divulgada. Confronte-se *úbere*, *úberes*.

Há um vocábulo que por Bluteau é dado como castelhanismo, mas bastante usado hoje em dia, e que todos os lecsicógrafos escrevem **joven**, á espanhola. Como porém, os que marcam a pronúncia o mandam proferir *jóvẽi*, com o ditongo nasal, é claro que se há de escrever **jóvem**, plural **jóvens**, como **homem**, **homens**. Com efeito, castelhanismo, ou não, corresponde ao latim iuuenem, iuuenes, como **homem** a hominem, homines.

No século XVI, porém a sua pronúncia seria com *n* proferido, pois vemos o plural *jóvenes* em Gil Vicente:

> Se os jóvenes amores
> Os mais tem fins desastradas.
>
> O VELHO DA HORTA.

Sòbre a acentuação de *carácter*, *caractéres*, que acima citamos, está ela de acòrdo com a latina, e é a única admitida em portuguès e em castelhano na pronúncia das pessoas cultas. No emtanto, em italiano acentua-se do mesmo modo o singular e o plural, *caráttere*, *carátteri*, não obstante o latim carácter, caractēres. A acentuação de *cadáveres*, *cadáveres* está em perfeita concordancia com a latina de cadāuer, cadāuĕres, tanto em portuguès e castelhano, como no italiano *cadávere*, *cadáveri*, e com a do francês *cadavre*.

-àmos, e -ámos

Há uma distinção ortográfica, a qual se foi estabelecendo em homenajem á pronúncia do centro do reino, principalmente a de Lisboa. Refiro-me á diferença que se faz na escrita entre a 1.ª pessoa do plural do presente do

indicativo dos verbos da conjugação em **-ar**, e análoga linguajem do pretérito perfeito: **louvamos** *(= louvâmos)*, e **louvámos**.

Sómente em uma parte do reino se pronuncia fechada a vogal *a*, tónica, antes de *m, n, nh*, como em *mama, mana, manha*, que no Porto, por exemplo, profèrem *máma, mána, mánha*. As ditas linguajens são lá pronunciadas ambas com *á* aberto, *louvámos*, e no Alentejo e outras rejiões ambas com *a* fechado, *louvâmos*.

Como, porém, na pronunciação mais geral se faz a distinção, parece que se deve de preferéncia acentuar gráficamente o pretérito *louvámos* por constituir excepção á regra do *a* fechado antes de nasal, com quanto a diferenciação em muitas rejiões de Portugal fique sendo meramente gráfica, e se não observe entre o presente e o perfeito dos verbos regulares das conjugações em **-er**, **-ir**, e em vários irregulares.

É o que realmente se faz, pelo menos em quási todas as publicações dadas á luz desde Lisboa até Coimbra. Dèste modo, teremos as formas do plural na 1.ª pessoa, diferençadas só na 1.ª conjugação e em muitos verbos irregulares, ex.:

Presente	Perfeito
louvamos	**louvámos**
podemos	**pudemos** *(= pudémos)*
vimos	**viemos** *(= viémos)*
vemos	**vimos**
damos	**demos** *(= démos)*
vivemos	**vivemos**
punimos	**punimos**

No Parnaso Lusitano acentuaram-se ambas as formas, **louvâmos**, e **louvámos**, em harmonia com a regra v, citada a pájinas 38.

CAPÍTULO IV

Distinções históricas e dialectais de pronúncia não observadas actualmente no sul ou no centro do reino. — Licenças poéticas

1. **ei** = *ei* ... **ei** = *ê* : **areia.. aréa**
   ei = *âi* ... **ei** = *êi* : **sei, feitor**
   em = *ãi* ... **em** = *ẽ*, *ẽi* : **bem fazem**
   ou = *ô* ... **ou** = *ȯů* : **osso e ouço**
   ch diferente de *x* : **chá e xá**
   ç diferente de *s* : **laço e lasso**
   z diferente de *-s-* : **cozer e coser**

Como já adverti, é de absoluta necessidade que na regularização e uniformização da ortografia portuguesa se tenham em atenção as distinções dialectais, até onde sejam compatíveis com escrita comum. A língua portuguesa não é sómente para o centro do reino, mas do mesmo modo para todo êle, e de necessidade se torna que a sua escrita não dissimule nem contradiga fenómenos lejítimos e incontrastáveis, ou racionais e valiosos de pronunciação.

Se não respeitarmos e tivermos em consideração, por exemplo, a distinção que em grande parte do reino se faz

entre *ô* e *ou (osso, ouço),* não será lícito distinguirmos entre *ê* e *ei (sê, sei, cera, seira),* visto que no extremo sul, por exemplo, êstes se não diferençam. Semelhantemente, teríamos de escrever *conciéncia, nacer, decer*, pois esta é a pronúncia do Pôrto, como era a antiga também no sul, em vez da actual das pessoas cultas, *consciencia*, *nascer*, *descer*, que todavia não são populares nem mesmo em Lisboa. O instinto de conservação, que em todas as línguas põe estôrvo á evolução rápida, tem mantido as distinções gráficas entre **-ãe**, e **-em**, **-anho**, **-a**, e **-enho**, **-a**, nulas na pronúncia do centro do reino; como tem igualmente conservado a de **ô** e **ou**, que do mesmo modo não indica, no sul ou no centro, diferença de pronúncia. Deve também advertir-se que, se **ai** átono se profere com *a* fechado antes de vogal, como em *ensaiar*, *caiar*, a pronúncia com *a* aberto se mantém antes de consoante, *verbi gratia* em *painel, bairrista, sainete, Raimundo,* e portanto se não poderia o ditongo escrever com **ei**, mesmo no sul, ou no centro.

Assim, o verbo **arraigar** ou se há de pronunciar *arràigar,* ou *arraìgar*, quando o *ai* é átono; ou teremos de escrevê-lo com **ei**, **arreigar**, conjugando-o *arreiga*, etc. nas formas rizotónicas, e não *arraiga,* etc.

É evidente, pelo que fica advertido, que sou a favor das diferenciações gráficas exemplificadas pelos vocábulos citados, entendendo que se devem corrijir as ortografias erróneas que se teem adoptado, como **ância** e seus derivados **ancioso**, **anciar**, etc., por *ânsia, ansioso, ansiar*, etc., que são as escritas correctas, evidenciadas pelas correspondentes formas italianas e castelhanas.[1]

1. *Areia*, e não **area**; porque em quasi todo o rei-

---

[1] V. Revista Lusitana, I, p. 223, onde me referi a êste grosseiro êrro de ortografia, há tanto tempo cometido, até por lecsicógrafos.

no se profere *ei* na 2.ª sílaba, para evitar o hiato. É fenómeno conhecido êste, e tam próprio do português, que nos vocábulos como **idea**, **Judea**, por exemplo, intercalamos ao pronunciá-los um *i* antes do *a* final, pelo menos no centro do reino, escrevendo-o até, conquanto sejam de orijem erudita èstes vocábulos, e o *e* seja neles aberto, sendo portanto desnecessário escrever èsse *i*, que se profere, quer escrito, quer não.

Já Dom Jerónimo Contador de Argote, no seu notável livro Regras da lingua portuguesa, espelho da lingua latina [Lisboa, M.DCC.XXV] fizera éste reparo: — «*Idea* se pronuncía como se tivera a letra I... porque a verdade he que as letras EA, que fazem ditongo, muytas vezes tem o poder de EIA» — [p. 347].

2. *Xá* e *chá:* porque soavam dantes, e ainda soam em Trás-os-Montes, Beiras e Minho, diferentemente. *Chá* é nome de uma planta, muito conhecida, e da sua infusão.

É digno de reparo que parece ter sido o Tratado da China de Frei Gaspar da Cruz o primeiro livro europeu em que se faz menção do **chá**, por estas palavras: — «Qualquer pessoa ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo tem por costume oferecerem em hua bandeja galante hũa porcelana, ou tantas quantas são as pessoas, com hũa agua morna a que chamam cha, que é tamalavez vermelha e muy medicinal, que elles custumam a beber, feita de hũ cozimento de ervas que amarga tamalavez.» [Cap. XIII].

Xá é o nome que os nossos cronistas da Ásia deram ao rei da Pérsia (persa شاه) principalmente, e a outros potentados, e que hoje para aí se disfarça, sem fundamento, em **shah**, **schah**, **chah**, e não sei que mais. Dêste modo, deveremos escrever, como fizemos até os princípios do século anterior, **baxá**, **paxá**, **xeque** e não **pachá**, **bachá**, **cheque**, **cheik**, **scheikh**, ou outras peores escritas, que o

insensato arremêdo estranjeiro tem introduzido. Camões empregou êste último vocábulo:

Velho sabio e co'o **xeque** mui valido[1]—Lus., I, 77.

O som que ali está figurado na inicial é o que nós representamos por *x*, em *xairel, xadrez*, etc., e este *x* transcreve uma só letra arábica, ش; é pois um desacêrto, uma necedade representá-lo por duas letras ou três, quando em árabe ou persa não há mais que uma única letra e um único som, cuja representação portuguesa é, e sempre foi, o *x*.

Num longo artigo sôbre o divórcio, publicado muito recentemente num dos mais lidos periódicos da capital, faz-se uma confusão propositada entre **chá** (planta) e *xá* (soberano), que ali se escreve **shah**. Como facécia seria aceitável a confusão, se o leitor, que não saiba inglês, pudesse adivinhar que **sh** se pronuncia *x;* se o não souber, ficará sem entender a graça, que ainda assim só o será no sul do reino, onde *ch* se não diferença de *x*.

Vimos recentemente em fôlhas periódicas, referindo-se aos países barbarescos, **sheriff** em vez da forma portuguesa *xerife* ou *xarife*.

Num deles, em notícia sôbre a guerra civil de Marrocos, epigrafa-se uma das partes da notícia com este título: **Negociações dos Sheriffes**, com dois erros de ortografia, **sh** por **x** e **ff** por **f**. Na coluna imediata o mesmo vocábulo árabe, o qual significa «ilustre», está escrito, e bem, *Xarife*, que é, como vimos, a forma portuguesa. Havia de ser dificultoso ao articulista explicar a duplicidade

---

[1] V. Os Lusíadas, Canto I, edição anotada por F. de Sales Lencastre, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 72 e 114. Diogo do Couto [Décadas da Ásia] escreve *baxá*, e Garcia de Resende [Miscelánea] «o *xeque* **Ismail Sofi**».

das formas, se é que deu por ela, e reparou que designavam o mesmo ofício. Proveio a duplicação de as fontes de informação serem diversas, a primeira inglesa, e a segunda espanhola, ou mesmo portuguesa; e é até natural que o escritor não soubesse que as duas constituem uma só palavra escrita de dois modos, o último dos quais é o único certo, para portugueses pelo menos.

Bluteau dá as duas formas, já citadas, *xarife* e *xerife*, abonando a segunda com João de Barros [DÉCADAS DA ÁSIA, I, fol. 60, col. 3.ª], e com o Padre Manuel Godinho [RELAÇÃO DA VIAGEM DA ÍNDIA, p. 23]. O Padre João dos Santos, na ETIÓPIA ORIENTAL [livr. V, cap. X], usa a forma *xarife*, que parece ser a mais geral, e é a preferida por João de Sousa [VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, 2.ª edição, anotada por Frei José de Santo António Moura, Lisboa, 1830].

Sôbre essa entidade Marcelo Devic, no Suplemento ao grande dicionário francês de Littré, diz-nos que **chérif** (ortografia francesa do vocábulo) é o titulo dado a qualquer descendente de Mafoma por sua filha Fátima, esposa de Ali, e dá-lhe como étimo um substantivo verbal, de uma raiz que quere dizer «realçar»; significando portanto «ilustre».

A forma inglesada **sheriff** tem ainda o inconveniente de se confundir com outro vocábulo inglês **sheriff**, derivado do anglo-saxão **scire-geréfa**, significando «governador civil», cargo puramente honorário hoje em dia, e que nada tem que ver com o *xarife* mouro, nem na forma, nem na essência.

«3. Os antigos, como ainda actualmente os trasmontanos e parte dos beirões e minhotos fazem distinção entre *ç* de *ss* ou *s* inicial, e entre *z* e *s* medial: assim, *paço* e *passo*, *cela* e *sela*, *cozer* e *coser* não eram antes nem são hoje ali confundidos, como o são no sul do reino actual-

*

mente, e desde o século XVII, pelo menos: o **s** e **ss** valiam por *ṣ*, e o **s** medial por *ẓ*, subcacuminais, convém saber, proferidos com o ápice da língua no ponto em que pronunciamos o *r* de *querer*. A confusão deve ter-se manifestado no século XVII, começando talvez já no XVI entre *z* e *s* medial.

4. Se fôssemos a pautar a escrita pela pronúncia sómente de Lisboa, teríamos de escrever *sâi*, *fâitôr*, e também não diferenciaríamos *lanho* de *lenho*, *sanha* de *senha*, *osso* de *ouço*, *impar* de *empar*, *enformar* de *informar*, etc. É pois o respeito pelas pronunciações dialectais e históricas que mantém essas distinções.

5. Semelhantemente, os poetas do centro do reino rimam sem escrúpulo *mãe* com *bem*, *pães* com *vinténs*. Não creio porém que haja quem defenda a unificação em uma só grafia, **ãe**, dêstes dois ditongos, que em muitos pontos do reino se distinguem perfeitamente ainda, como se distinguiam em toda a parte há sessenta ou oitenta anos, e como continuam a diferençar-se no Brasil, no Alentejo e no Algarve. E referindo-me aqüi ás chamadas licenças poéticas [2], parece-me que melhores versos serão aqueles em que se não aproveitarem tais rimas, que deixarão de o ser para muitos indivíduos, cuja língua materna é a portuguesa, sim, mas não a de Lisboa ou a de Coimbra.

Um doutíssimo romanista, talvez o hispanista que melhor conheça a sua língua actualmente e maiores serviços lhe haja prestado e continue a prestar, adverte, muito sensatamente, que as denominadas licenças poéticas, em referência a obras antigas, teem por principal fundamento a nossa ignorância da pronúncia usada no tempo dos seus autores.[1] Na sua excelente monografia, APUNTACIONES CRÍTI-

---

[1] *Vid.* R. J. Cuervo, *op. cit.* em 22.

CAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO [Bogotá 1881], lemos esta observação cordatíssima:

—«Recuérdese tambien que es de todo punto falso que el poeta puede hacer lo que se le antoje rompiendo con el uso universal: el vate mas encopetado nunca podrá hacer grave á *lágrima* ni esdrújulo á *altivo,* así como tampoco hacer regular el verbo *perder* ó irregular á *tomar.* Las licencias se reducen ó al arcaismo.... ó á la analogía de algunas de estas (formas),.... ó finalmente cuando las voces son poco usuales, y por lo mismo no choca tanto al oido cualquiera modificacion; por ejemplo, al acentuar Jovellanos *Secuána* em vez de *Sécuana.*»—

Acrescentarei que lejítimamente recorre tambem o poeta a formas dialectais, como por exemplo fèz Manzoni, empregando *nui* (napolitano ou siciliano) por *noi,* no CINQUE MAGGIO:

> — Fu vera gloria? ai posteri
> L'ardua sentenza; n u i
> Chiniam la fronte al Massimo
> Fattor, che volle in l u i
> Del creator suo spirito
> Più vasta orma stampar.

Na terceira categoria das licenças poéticas apontadas por Cuervo podem colocar-se algumas, de que se valeu Camões, transferindo o acento tónico, da antepenúltima para a penúltima sílaba, em vários nomes latinos ou gregos pouco usuais, como fèz na 8.ª estança do x canto dos LUSÍADAS:

> Matéria é de Coturno e não de S o c o,
> E que a ninfa aprendeu no imenso lago,
> Qual Íopas não soube, ou D e m o d o c o,
> Entre os Feaces um, outro em Cartago

Transformando *Demódoco* (grego Δημόδοκος) em *Demodóco*, o poeta usou de uma licença poética, até certo

ponto lícita, porque êste nome era pouco conhecido. Licença mais grave é a que a edição rolandiana, e não sei se outras, tomou, convertendo o *i* inicial de *Íopas* em consoante (**Yopas** das 1.[as] edições) e mandando em nota acentuar *Iópas*, tirando assim uma sílaba ao verso e errando-lhe as cadéncias. Esta edição foi, como lá se diz, revista por Francisco Freire de Carvalho.

Há dezenas, para não dizer centenas, de versos dos LUSÍADAS, tratados com esta sem-cerimónia. Essa presunção de licença, desculpável nas primeiras edições em razão do valor dúbio do **y**, entra na classe a que se referiu Cuervo: é fantasia da ignoráncia.

O hábito de quem faz nova edição dos LUSÍADAS é emprestar-lhe a ortografia de que usa, quer esta altere, quer não, a pronúncia dos vocábulos de que o poeta usou, alegando depois que essas alterações são licenças poéticas. Liberdades poéticas da natureza da que vemos em *Demodóco* encontram-se em certo número no poema, em muito menor, porém, do que poderíamos supor, ou talvez se creia; de outras não, ou raríssimamente, se tivermos em consideração que Camões escreveu na língua do seu tempo, e não na do nosso.

Também a forma, muito camoniana *imigo*[1] por *inimi-*

---

1 A leda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
Á coitada,
Que enganada
Duns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cair do seu i m i g o. Canção, XVI.

É mesmo provável que a pronúncia fosse *ĩmigo*, contracção de *ĩimigo*, não acusada na escrita por falta de sinal ortográfico para o *ĩ*, ou por imperfeita análise do seu valor fónico.

go, tem sido considerada como liberdade poética; e não o é, mas a forma usual popular, que já no tempo dêle era substituída pela artificial *inimigo*, ao depois popularizada em quási todo o domínio português. A antiga, a evolutiva, *ĩmigo*, resultante necessária da desaparição do *n* medial *(ĩimigo } inimigo)* era usadíssima na prosa, e não só ela, mas igualmente o substantivo cognato, ou derivado, *immizades*, isto é, *ĩmizades* (por *inimizades)*, empregado por exemplo, no Leal Conselheiro [p. 202]. Esta condensação de *ii*, *ee* em *i* vemo-la também em *priminencia*, por *preeminéncia=priiminéncia*, em Rui de Pina [Crón. de el-rei dom Afonso v, cap. xcix]; exemplo que, além disso, prova quanto é antigo em português o valor de *i* dado ao *e* inicial e ao *e* átono antes de vogal, e quanto são desnaturais, afectadas, e direi mesmo ridículas, as pronunciações novíssimas, *èrguer, èrói,* atribuídas aos vocábulos *erguer, herói,* cuja verdadeira pronúncia portuguesa é a popular *irguer, irói;* tam contrafeitas, como as não menos risíveis *ministro, dividir, militar, vizinho*, por *męnístro, dęvędir, męlitar, vęzinho*, a que já longamente me referi.

Apresentarei mais alguns exemplos camonianos de deslocação do acento tónico, que me ocorrem, e se encontram nos Lusíadas:

— Sintra, onde as Naiádes escondidas — iii, 56

— Nunca com Semīrámis gente tanta
Veio os campos Hidáspicos enchendo — iii, 100

— Pôsto que todos Etiópes eram — v. 63

— O gram poder de Dário estrui e rende — x, 21.

Mas na estança 41 do III Canto *Darío:*[1]

—Do que ao grande Darío tanto pesa—

É fóra de toda a dúvida que a verdadeira acentuação dêste nome é *Darío,* e não *Dário.* Assim era a latina Darēus, Darīus, da forma helénica, Δαρεῖος, dêste nome persa, que primeiro os gregos pronunciaram *dareios*, e depois *daríos*, quando o digrama ει adquiriu o valor de i longo, e até de *i* breve antes de vogal, pois vemos o nome Publius, e o vocábulo atrium, latinos, transcritos por πούπλειος, ἄτριον.[2]

O ει grego parece ter adquirido o valor de *i* ao mesmo tempo que ου começou a valer *u.* Aulo Gélio, no III século da era cristã, dá a entender que assim era o valor dos dois digramas no seu tempo, por estas palavras, citando o comentador Nijídio, contemporáneo de César e de Cícero:

—«Alio deinde in loco ita est scriptum: Graecos non tantae inscitiae arcesso qui ου ex ο et υ scripserunt, quantae, qui ει ex ε et ι; illud enim inopia fecerunt, hoc nulla re subacti. [NOCTES ATTICAE, XIX, 14, 8].

Há nos LUSÍADAS outros vocábulos, em que variou a acentuação, porque era facultativa, com um *Próteo* e *Protéo :*

—Que do gado de Próteo são cortadas—[I, 19]

—Bem quisera primeiro ali Protéo—[VI, 36].

Estas acentuações entram na classe das liberdades

---

[1] Já aduzido este exemplo por Fr. Diez, GRAMMATIK DER ROMANISCHEN SPRACHEN, 3.ª edição, Bonn, 1870, vol. I, p. 506.

[2] Lindsay, LAT. LANG., II, 41.

poéticas; algumas outras, porém, que poderíamos considerar tais, se as comparássemos ás de hoje, são, ao contrário, as do seu tempo, e algumas delas mais exactas do que as usadas actualmente. Darei exemplos.

Cantou Piritho e Théseo de ignorantes [II, 112].

As edições de Candido Lusitano [1843] e da Bibliotheca Portugueza [1852] marcaram o acento na primeira sílaba de *Téseo,* e fizeram bem. Êste hendecassílabo, para ficar certo, só póde ser medido:

Cantou Pirítoo e Téseo de ignorántes
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Há dois nomes muito semelhantes, nas fórmas latinas Thēseus e Thēsēus, nas gregas (condensadas numa só Θησεύς) Θησέος e Θησῆος: o poeta refere-se ao primeiro.

Camões acentua correctamente *Cleopátra* (latim Cleopātra), e somos nós que lhe erramos agora a acentuação pronunciando *Cleópatra.*

Outro tanto acontece com o substantivo comum *ido(lo)latra,* que nos Lusíadas é sempre parocsítono, sendo já latinas as duas formas empregadas pelo poeta:

— Levando o Idololátra o mouro preso — [II, 54]

— Responde o Idolátra que mandasse — [VIII, 85]

— A golpes de Idolátras e de mouros — [X, 147]

Efectivamente, em latim o *a* é longo, ido(lo)lātres.

— Vereis como Anibál escarnecia — X, 153

A acentuação latina dêste nome que em geral nos dão os dicionários é no nominativo sôbre o primeiro *a*,

nos casos obliquos sôbre o *i* (Hánnĭbal, Hannībălis), e o uso para êste nome ainda hoje flutua em português entre *Aníbal*, que é o mais difundido, e *Ánibal*, só de puristas meticulosos. Ambos êles teem fundamento, pois a primeira acentuação deriva do acusativo Hannibălem, como a de *multíplice* provém de multiplĭcem, e não de multĭplex, a de *munícipe* de municĭpem e não de munĭceps.

Vejamos como se explica a de Camões, *Anibál*. A explicação mais pronta é que êle seguiu a analojia dos nomes em *-al*, como *animal*} animālem e não de anĭmal. Há outra ainda, mas não ouso atribuir-lha, pois é provável, mas não certo, que êle a desconhecesse, e seria esta: Mesmo em latim, antes que se ficsasse a acentuação que nos dão os dicionários, e com a qual lêmos hoje o nome em latim, houve outra, conforme Valério Probo, abonando-se com Plauto e Énio, isto é Hannibālis no genetivo, documentada por êle com o verso do segundo dêstes poetas: Qui propter Hannibālis copias considerant.

Aulo Gélio, de quem recebemos esta informação [Noctes Atticae, IV, 7, 1-5], dá como única medição dêste verso a que exije longa a vogal da sílaba ba, e que, como diz, era assinalada por Probo com o circunflecso, é claro que por ser breve a última sílaba ris.

Outro tanto acontecia com os nomes de outros dois generaes cartajineses Hasdrubâlem, e Hamilcârem, em que ao depois em latim se fez a penúltima sílaba breve, Hasdrubălem, Hamilcărem, provindo dêste último o nosso nome próprio *Amílcar*.

Se, com efeito, atendermos ao valor da vogal da sílaba **ba** na língua semítica a que pertencem os dois nomes **Anibal**, e **Asdrubal**, nos quais *bal* é o segundo componente, não resta dúvida que breve era neles esse *a*, separado de outro *a* da 2.ª sílaba por uma consoante; elidida esta re-

sultou um *a* longo para os romanos seus contemporáneos, que conheciam os nomes púnicos por os ouvirem proferir, e portanto os aprenderam de ouvido: é presumível que assim os pronunciassem, variando depois, por qualquer analojia hoje ignorada, a quantidade do *a*, e por conseqùência a acentuação, quando a verdadeira foi caindo em esquecimento.

Também não é licença poética, como se pretendeu, a palavra *manho* (escrita **magno**, e rimando com *estranho*), em vez da pronúncia *mag-no*, que hoje usamos; cf. *tamanho, camanho* } tam magnum, quam magnum:

— Quais nas guerras civis de Júlio e Magno — IV, 82

— De Indígetes heróicos e de Magnos — IX, 92,

rimando com *estranhos, tamanhos.*

São simples latinismos de escrita êstes, como **regno**, (latim regnum), em vez de *reino*, já apontados por D. Núnez do Leão, na sua Ortografia, como não o sendo de pronúncia.

CAPÍTULO V

Sinais ortográficos

Acentuação tónica, ou icto

Trataremos aqui apenas da acentuação que compete a cada palavra sòlta, independente, como se encontra nos dicionários, e não daquela que lhes cabe na frase, em ligação com outras palavras, e que em português não é uso marcar-se, como o não é a acentuação melódica, ou entoação.

É pois da acentuação tónica vocabular que a ortografia tem de ocupar-se principalmente, e para êsse efeito examinarei quais são em português as suas Bases fonolójicas, para delas deduzir a marcação escrita que me parece conveniente que seja adoptada.

I — Os vocábulos portugueses são ou monossílabos, ou dissílabos, ou polissílabos, e com relação á sua sílaba predominante ou tónica, são: — 1.º, ÁTONOS, os que se encostam ao vocábulo seguinte e se denominam proclíticos, ex.: *a* **caça**, ou ao vocábulo antecedente e se denominam enclíticos, ex.: **dá**-*o;* 2.º AGUDOS ou OCSÍTONOS os que teem predominante a última sílaba, *alvará;* 3.º PAROCSÍTONOS, ENTEIROS ou GRAVES, os que teem predominante a penúltima sílaba, ex.: *caçada;* 4.º, ES-

DRÚXULOS OU PROPAROCSÍTONOS, aqueles em que a sílaba predominante é a antepenúltima; assim, são vocábulos agudos: **louvar, louvará, louvarás**; enteiros: **louvara, louvaras, César**; esdrúxulos: **louváramos, Césares.**

Vê-se, pois, que, para ter em atenção a sílaba predominante de um vocábulo português, o que devemos observar na sua estrutura são as últimas três sílabas dêle, o que já era a regra no latim clássico.

II — O sinal por excelência da sílaba predominante de um vocábulo é o acento (´) denominado agudo, que se coloca sôbre a vogal dessa sílaba se esta contém uma só, ou sôbre a dominante se contém mais de uma.

III — Como as letras **e**, **o**, podem, quando representam vogais orais tónicas, ser ou abertas ou fechadas, é uso marcar estas últimas com o acento (^) chamado circunflecso: *mercê, avô*, para se diferençarem das abertas, que se marcam com o agudo: *maré, avó.*

IV — A língua portuguesa, além de vogais orais, tem também vogais nasais, que, quando são as tónicas de ditongos, costumam marcar-se com outro sinal, denominado til (~): *pão, pães, barões*, e antes, igualmente *bẽe, bẽes, lãa, lãas.* Este sinal, não havendo outro no vocábulo, designa a vogal predominante: *maçã, carvão, louvarão, barões*, a par de *órfão, órfã.*

V — As vogais *a, e, o,* átonas, que terminam a sílaba ou são seguidas de *s* na mesma sílaba, e bem assim as que antes da tónica estão seguidas de *r*, enfraquecem-se em geral, adquirindo um som obscuro, ex.: **m***a***çã**, **d***e***ver**, **c***e***rtez***a*, **portal.** Mas há vocábulos em que conservam o som alfabético: *pàdeiro, crèdor, bèsteiro, còrar,* que dantes se escreviam: **paadeiro, creedor, beesteiro, coorar.**

VI — A ortografia tradicional designa por **qu**, **gu** antes de **e**, **i** os sons que representa por **c**, **g** antes de outras vogais ou de consoante: **quedo, quite, guerra,**

seguir. Nalguns vocábulos, todavia, o *u* é proferido: *seqüência, argüir.*

VII — Cada sílaba, em geral, tem em português uma vogal só; contudo, é grande o número de vocábulos em que duas vogais formam ditongo decrescente, ou crescente, pertencendo ambas á mesma sílaba: *laivo, causa, ruído, ciúme,* ou constituem sílabas distintas: *raínha, saúde.* Por outra parte, póde o acento tónico do vocábulo recair em sílaba diferente daquela que contém o grupo de vogais, ex.: **causar**, **deitar**, **pairar**, **reumático**; **saudar**, **ruidoso**, **ciumento**, **apaulado**, **arraigar**.

VIII — Há vocábulos de pronúncia diferente, mas que se escrevem com as mesmas letras: **sêde** e **séde**, **tôrre** e **tórre**, **louvâmos** e **louvámos**, **público** e **publíco**, **vós** e **vos**, **sáia** e **saía**, etc.

IX — Se discriminarmos os vocábulos, apartando-os em classes constituídas em atenção á sua sílaba final, reconheceremos os factos séguintes:

a) Vocábulos terminados em **a**, **e**, **o**, seguidos ou não de **s**, teem em geral como sílaba predominante a penúltima, são enteiros, graves, parocsítonos: **casa, casas**, **leque**, **leques**, **gado**, **gados**, **cadeira**, **cadeiras**, **açougue**, **açougues**, **sobôrno**, **sobornos**, **volumoso**, **volumosos**, **volume**, **volumes**, **divino**, **divinos**.

b) Vocábulos terminados em **i**, **u**, ou vogal nasal, seguidos ou não de **s**, ou outra qualquer consoante, teem como sílaba predominante a última em geral: **javali**, **javalis**, **peru**, **perus**, **barbacã**, **barbacãs**, **marfim**, **marfins**, **atum**, **atuns**, **casal**, **altar**, **rapaz**, **painel**, **mulher**, **fazer**, **mudez**, **fusil**, **repetis**, **perdiz**, **crisol**, **amador**, **taful**, **Ansur**, **capuz**, sendo *r*, *l*, *z*, as consoantes, que, além do *s*, e de *m*, *n* acusando nasalisação da vogal precedente, podem terminar vocábulo verdadeiramente português; todavia, em nomes peregrinos, como

os bíblicos, por exemplo, são freqùentes outras consoantes terminais, e a regra de serem agudos tais nomes prevalece, em geral, também: **Joab, Jalad, Isac, Oreb, Zared, David, Jacob, Henoc, Habacuc, Talmud,** isto quer essas consoantes se profiram, quer não.

c) Vocábulo que termine em duas vogais, seguidas ou não de **s**, tem em geral o acento tónico na primeira dessas vogais, quer as duas formem ditongo, quer não: **louvai, louvais, louvei, louvareis, painéis, Estoi, heróis, azuis, calhau, calhaus, judeu, judeus, chapéu, chapéus, uniu, louvou, sardão, sardões, cristão, cristãos, escrivão, escrivães, compõe, compões, idea, Maria, gamboa, falua, assobio, amuo, vazio, perpetua** (verbo), **continua** (verbo), **principio** (verbo) etc.

d) Vocábulo que contenha duas vogais na penúltima ou na antepenúltima sílaba tónica, não se lhes seguindo consoante pertencente a essa sílaba, teem como predominante dessa tónica a primeira das vogais: **causa, Cáucaso, raiva, fouce, tesouro, louça, feito, fluido, feudo, cáustico,** e o segundo elemento do ditongo é escrito com **i, u**.

e) Vocábulo cuja sílaba predominante, penúltima ou antepenúltima, contenha duas vogais seguidas de consoante pertencente á mesma sílaba, ou quando a segunda vogal é nasal, tem como tónica a segunda dessas vogais: **faísca, maiúsculo, balaústre, ainda, painço,** nos quais o *a* não forma ditongo com o *i* ou *u* seguintes.

f) Vocábulo terminado em duas ou três vogais seguidas de qualquer consoante, excepto **s**, tem como predominante a última: **sair, raiz, paul, ruim, arraial, paiol, maior.**

g) Vocábulo terminado em três vogais, seguidas ou

não de **s**, tem como predominante a primeira: **passeio, ensaios**, **tapuio**, **joio**, **jóias**, **comboio**, **combóios**.

h) Quando três vogais se reúnem no interior da sílaba tónica, a segunda é a predominante: **fieira**, **poeira**.

i) Quando a última de três vogais consecutivas no interior do vocábulo não forma sílaba com as duas que a precedem, é ela em geral a tónica: **ensaiado**, **Arraiolos**, **comboiar**, **alfaiate**, **saiote**.

j) Quando ás três, ou ás duas vogais consecutivas se segue consoante na mesma sílaba, a última é a tónica: **piorno**, **quiosque**.

k) Os monossílabos que não são átonos obedecem ás regras dos vocábulos agudos.

Averiguados estes fenómenos, para evitarmos a acentuação gráfica de todos os vocábulos portugueses, tendo em consideração os factos gerais expendidos nas alíneas antecedentes, podemos fixar uma acentuação gráfica, que sempre indique qual é a sílaba predominante da palavra, quer o acento se marque, quer não. Acentuar-se hão, pois, sómente as excepções ás regras gerais, e distinguir-se hão vocábulos escritos com as mesmas letras, porém com pronúncia diversa. Teremos dêste modo acentuação gráfica metódica, e fundada nas propriedades fonolójicas da língua portuguesa.

É indiscutível a vantajem de que não haja hesitação ou dúvida sôbre a acentuação pronunciada de qualquer vocábulo. É èste o sistema de acentuação gráfica em castelhano, que lhe dá inquestionável superioridade sòbre o italiano, cuja ortografia é mais perfeita, excepto neste ponto. É por isso que a língua castelhana é tam fácil de aprender pela leitura; e pena é que os catalães, que ambicionam, com razão, possuir uma língua literária e científica, e os vascongados, que tentam agora desenvolver

literatura vernácula, não imitem nessa regularidade os seus compatriotas de Espanha. Pelo menos nas línguas románicas, nas esclavónicas e em inglês, ignorar qual é a sílaba predominante de um vocábulo é ficar na impossibilidade de proferi-lo; dificuldade que, se é absoluta para o estranjeiro, é também freqüente para o nacional, enganado por supostas analojias, todas as vezes que êsse vocábulo lhe é desconhecido, ou menos familiar. Se em português houvesse sistema rigoroso de acentuação escrita, não se errariam muitas palavras, já agora talvez irremediávelmente, como por exemplo: **amído** por *ámido* (latim amȳlum, amŭlum); **invólucro** por *involúcro;* **álcali**, **álcool**, **bimáno**, **míope**, **nível**, **zenite**, em vez de *alcalí*, *alcoól*, *bímano* (cf. *bípede*), *miópe*, *nivél* (cf. *livél*, popular), *zénite*, etc.; e não seria incerta e arbitrária a acentuação dos nomes em **-ia** de orijem grega, como **autopsia**, **profilaxia** etc., por umas pessoas pronunciados *autópsia, profiláesia*, e por outras *autopsía, profilacsía.*

Com relação a estes nomes em **-ia** parece até que há duas escolas opostas, principalmente se êles pertencem á nomenclatura das ciéncias médicas; numa dessas escolas dá-se preferéncia decidida á maneira da acentuar francesa, e na outra á latina, quer a acentuação gráfica de cada um dêsses vocábulos em grego favoreça, quer não, tal preferéncia, e qualquer que seja a quantidade prosódica do **i** nas duas línguas clássicas.

Alguns, porém, como *ambrosía*, por *ambrósia*, a par da acentuação prosódica certa do nome próprio *Ambrósia*, (latim ambrósia, grego ἀμβροσία), parece que são acentuados no *i* por influéncia da acentuação grega, o que já se dava no próprio latim; estando o italiano *ambrósia* nesta acentuação em desacôrdo com o português, com o qual concorda, porém, a acentuação *ambrosía* do castelhano, que por outra parte está em contradição com a portuguesa

em muitos outros vocábulos, como, *democrácia*, *aristo-crácia*, *elógio*, etc., escritos sem acento marcado **democracia**, **aristocracia** [1], **elogio**, segundo as suas regras ortográficas; ao passo que são acentuados no **i** *impío*, *policía*, ao contrário do português *ímpio* [2], *polícia*.

Sôbre essas palavras em *-ia*, cuja acentuação é tam incerta, seguindo-se em umas a acentuação latina, que pedem as regras da sua prosódia, tais como foram expostas por Quintiliano [3], em outras a acentuação marcada nos vocábulos gregos, étimos dos latinos, devemos observar, que já os romanos, em muitos dêles e em outros, quebrantavam as normas da sua acentuação. Dêste modo se explicam éremus por erēmus, ídolum por idōlum, em grego ἔρημος, εἴδωλον, de onde proveem as formas portuguesas **ermo**, **ídolo**; Épiros por Epīros, grego Ἔπειρος, que empregou Vergílio nas Geórjicas [I, 59]; e finalmente Sóphía por Sophĭa [4]. É facto, porém, que philosophia e outros se pronunciavam com o acento na antepenúltima, por ser a penúltima breve, ao contrário da nossa acentuação, que é a grega, não só neste, mas em muitos vocábulos da mesma terminação, emquanto outros permanecem incertos, como disse.

---

[1] Veja-se Fred. Diez, GRAMMATIK DER ROMANISCHEN SPRACHEN, 3.ª edição, Bonn, 1870, vol. I, p. 500-508.

[2] **impío**, por liberdade poética, em Bocage, SONETOS:

— Se me crêste, gente impía —

rimando com corria.

[3] In omni voce acuta intra numerum trium syllabarum continetur, siue eae sunt in uerbo solae, siue ultimae, et iis aut proxima extremae, aut ab ea tertia. Trium porro de quibus loquor, media longa aut acuta aut flexa erit, eodem loco breuis, utique grauem habetit sonum, ideoque posita ante se, id est ab ultima tertia acuet.

[4] Lindsay, THE LATIN LANGUAGE, III, § 10.

Há um vocábulo que pela sua acentuação portuguesa contraria toda a expectativa: é **academia**, que tem duas acentuações diferentes, conforme o significado. No sentido de grémio científico parece ter para nós procedido do francês **académie**, visto ser acentuado na penúltima sílaba, ao contrário da acentuação latina academīa, que se reproduz no castelhano **academia**, e no italiano **accademia**, ambos com acento no *e*. Do italiano parece ter vindo, ou antes, ou mais provávelmente depois, a acepção de *académia*, «figura nua, em vulto», visto ser acentuado o vocábulo na antepenúltima como naquela língua. É sabido que a nomenclatura das artes plásticas, e a da música, é em grande parte italiana.

Outra palavra, *enciclopédia*, pela sua orijem, deveria acentuar-se na penúltima *enciclopedía*, visto ser o *i* longo no latim* encyclopedīa, correspondente ao grego ἐγκυκλοπαιδεία, com ditongo na penúltima. É tanto mais de admirar a acentuação errada, quanto seria de esperar a verdadeira sôbre o *i*, pois é natural que para português viesse do francês **encyclopédie** esta palavra.

Em **ciropedia** não está ainda porém fixada a acentuação.

Farei várias considerações sôbre alguns dos vocábulos que citei, principiando por dizer que *invólucro, míope, nível*, são já talvez irremediáveis: Usum loquendi populo concessi, scientiam mihi seruaui, como disse Cícero em assunto análogo.[1]

Nivel. Esta palavra (já apontada por D. Núnez do Leão, como procedente do francês, e hoje pronunciada, erróneamente, com o acento na primeira sílaba, ao contrário da acentuação castelhana, que é, como convém, na segunda) é antiga na língua, a par da popular *livél*, reprovada pelo

[1] Orator, XLVIII.

cultismo, porém certamente mais fiel ao seu ótimo, o latim libellum, tanto na acentuação, como na letra inicial, e que bom fôra restituir ao uso comum, como fêz Herculano.

Em Gil Vicente encontra-se duas vezes o vocábulo **nivel**, sempre com o acento na última sílaba; a primeira no Auto da barca do Inferno, rimando com três palavras em *-el*, e com a significação de «imparcialmente, com justiça»:

> Oh! que isca êsse papel,
> Para um fogo que eu sei!
> . . . .
> —*Non est tempus*, bacharel;
> *Inbarquemini in* batel,
> . . . .
> *Semper ego in justicia*
> *Feci*, e bem por nivel.

A segunda vez que o vemos empregado pelo grande poeta cómico, é no Auto da Cananeia, num sentido difícil de interpretar:

> Cristo: —Eu não fui cá enviado
> Por piedoso nivel,
> Senão socorrer ao gado
> Das ovelhas de Israel.

Como se vê, sempre rimando pela última sílaba.

A forma popular correspondente *livel* aparece em Garcia de Resende, também duas vezes, rimando igualmente pela última sílaba com palavras agudas em *-el:*

> E vimos a poderosa
> Rainha Dona Isabel,
> Tam prudente, virtuosa
> Tam real, tam grandiosa
> Governar bem por livel.

Miscelánea xxiii.

E em Portugal há tais (pintores)
Tam grandes, tam naturais
Que veem quasi ao l i v e l.

Ib, CLXXX.

No primeiro dêstes passos **livel** corresponde exactamente ao **nivel** da primeira citação que fiz de Gil Vicente; no segundo a acepção é menos clara, e parece querer dizer, junto como está ao verbo **vir**, «igualar», «chegar á devida altura».

É evidente, pois que a acentuação primitiva foi *nivél* e não *nível,* que é deturpação erudita.

Acentuação gráfica. Acentos agudo e circunflecso

O uso actual dêstes dois sinais diacríticos está ficsado da maneira seguinte.

O acento agudo (´) é o sinal, distintivo por excelência, para denotar a sílaba tónica de um vocábulo, quando se entende necessário marcá-la gráficamente; ex.: *dá, sé, avó, saía, ataúde.*

Como, porém, as vogais **a**, **e**, **o** são susceptíveis de ser abertas ou fechadas, emprega-se o circunflecso (^) sôbre elas, no último caso; ex.: *louvâmos, avô, sê,* mormente se é oral a vogal que se há de acentuar gráficamente.

Parece-me oportuno respeitar êste uso, recentemente generalizado. Talvez para o **i** fosse preferível empregar circunflecso, não só por melhor se diferençar do ponto, *(î, i)*, como advertiu e aconselhou Constáncio, e já Contador de Argote,[1] mas também porque existe em português um *i* mais aberto, que o normal, e é o que, na pronúncia do sul,

---

[1] REGRAS DA LINGUA PORTUGUESA, ESPELHO DA LATINA, Lisboa, MDCCXXV.

a começar do Mondego, se ouve antes de *l* pertencente á mesma sílaba, como em *píldora*, e no ditongo *iu*, da terminação da 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *-ir*, como *saíu:* cf. *riu*, 3.ª pessoa do pretérito, e *rio*, primeira pessoa do presente do verbo **rir**, e substantivo.

O Parnaso Lusitano usa já os acentos agudo e circunflecso, no mesmo sentido que actualmente, sôbre o **a**, **e** e **o**, e o agudo sôbre **i** e **u**, mas únicamente para diferençar vocábulos, ou fórmas gramaticais que se escrevem com as mesmas letras, mas se proferem da maneira diferente: *glória, côrte, crédito, incómmodo, ésta, perdêra, deixará, pêca, áquelle, interèsse, porêm, mendigâmos*, em oposição a *gloría, córte, credíto, incommódo, está, perderá, deixára, péca, aquelle, interésse, pôrem, mendigámos;* mas acentua *fé*, por exemplo, sem haver outro vocábulo *fe* ou *fê*, que obrigasse á distinção, e contra a regra v, que formulou.[1]

A atender-se á distinção entre *í* aberto e *î* fechado, teríamos quatro vogais tónicas abertas, *á, é, í, ó,* por exemplo em *dá, sé, saíu, avó,* e cinco vogais tónicas fechadas, *â, ê, î, ô, û, louvâmos, sê, saìa, avô, ataúde;* marcando também o *u* com circunflecso, por analojia com o *i*, conquanto não haja talvez *u* aberto em dialecto algum português. Sabe-se que existe em mirandês um *u*, quási *ô* (o *u* inglês de *bull),*[2] como em *usso,* «osso», castelhano **hueso**.

Exemplificando novamente, apresentarei vocábulos, em que num bom sistema de acentuação gráfica haverá de marcar-se o acento, agudo ou circunflecso, conforme a vogal

---

[1] V. pájinas 38.

[2] J. Leite de Vasconcelos, Estudos de Philologia Mirandesa [I, p. 177], onde o autor o representa por *ô*.

é aberta ou fechada: *Pará, virámos, maré, saíu, Grijó; mercê, Paçô, saî, baû,* ou *saí, baú.*

Vocábulos esdrúxulos, cuja última sílaba começa por consoante; ex.: *vocábulo, esdrúxulo, último.*

Conviria marcar com acento na sílaba predominante todos os esdrúxulos cuja última sílaba começa por consoante. É êste o sistema de acentuação que se usa em castelhano, e que os catalães infelizmente não seguem com rigor, nas várias ortografias que empregam na sua língua. Seria vantajosíssimo, para estranjeiros e nacionais, que imitássemos aquele sistema de acentuação gráfica, acabando com a perplecsidade em que fica o leitor, quando se lhe depara palavra que não conhece, portuguesíssima que ela seja, quanto mais latina ou grega. ¿ Quem pode, com efeito, se nunca os ouviu proferir, saber que nomes como **Zezere**, **Ilhavo**, **Pontevel**, **Almodovar**, **Setubal**, etc., se hajam de pronunciar *Zèzere, Ílhavo, Pontével, Almodóvar, Setúbal,* se a acentuação não estiver marcada? ¿ Não ouvimos nós acentuar *Damócles,* apesar de *Empédocles, Sófocles, Temístocles*[1]? ¿ Não vemos em dicionários assinalada a pronúncia *astúres, ligúres, gemonías,* por *ástures, lígures, gemónias; eiradègo, eiradíga* por *eirádego, eirádiga; achadêgo* por *achádego* (cast. *hallazgo)*[2]? Já ouvi, e a pessoa, que estava muito lonje de ignorante, pronunciar *Malága, Merída,* induzido ao èrro por *Maláca, Margarída,* por exemplo.

---

[1] No Diccionario de Rimas, de Eujénio de Castilho, aduzem-se as rimas erradas *Goa... Quiloa ; Cocles... Diocles, Damocles, Eteocles.*

[2] V. Ferreira Borges, no Diccionario Juridico [*apud.* C. de Figueiredo, Nôvo Diccionário da língua portuguêsa, *sub. voc.* **salvadêgo** (aliás, *salvádego*)].

Sabemos hoje que no tempo de Camões se acentuava *Choromándel, Macáçar, Quíloa, Madagáscar:* se a acentuação houvesse sido sempre marcada, não se acentuariam hoje comummente *Choromandél* ou *Coromandél,*[1] *Macaçár, Quilôa, Madagascár.*

¿Não ouvimos nós pronunciar *púdica* por *pudíca, rúbrica* em vez de *rubríca,* e não temos já *invólucro* por *involúcro?* Não existem *democráta, aristocráta,* a par de *autócrata?* Se quem introduz vocábulos novos, nomes próprios, ou termos técnicos, por exemplo, tivesse de acentuá-los gráficamente, o seu primeiro cuidado seria dar-lhes acentuação certa, baseada em princípios e regras; e, se a não pudesse averiguar, abster-se-ia de os empregar, o que seria uma fortuna. Pelo menos não ficariam êles á mercê do vulgo, ou, o que muitas vezes é peor, á dos literatos e professores que tratam as palavras ao sabor da sua fantasia, e porque teem competéncia num ramo de ciéncias, crêem, ou impõem, que lhes não falece também na ciéncia das palavras.

Assim, vemos que a acentuação correcta *díptero* vai sendo transtornada em *diptéro;* e *hotél,* já pretensiosamente o ouvimos a todo o momento pronunciar *hótel,* pelos mesmos que converteram o correcto *Gibraltár* no inglesado *Gibráltar; ábaco,* em *abáco;* a *reséda* em *resedá,* e *a acrópole* no *acropóle* e até *acropólio!* Nem ao menos a vulgaríssima palavra *metrópole* os ensinou a traduzirem o francês **l'acropole**.

---

1 —Os de Choramándel vendem
Seus filhos e suas filhas.—

Garcia de Resende, MISCELÁNEA CIX.

Este nome é tamul, *Choramándala,* «reino de Chora». [V. Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, *sub. voc.* **Coromandel.**

Gibraltár é o compêndio de duas palavras arábicas GEBEL TARIQ, «monte de Tárique»: conseguintemente o acento tónico recai na primeira sílaba do nome próprio, porque a última é breve em árabe, e perdeu-se em português e espanhol, deixando por único vestíjio o *r* inicial dela, que passou a terminal da última sílaba dêste nome.

Os castelhanos continuam a acentuar a última, como sempre se fez em português, até época recente. Nicolau Tolentino assim acentuou ainda:

> Um quer a cabeça dar,
> Se o conde de Estaing não fêz
> Trinta naus desarvorar;
> Outro levanta em um mês
> O cêrco de Gibraltar
>
> [SÁTIRAS]

Alexandre Herculano, na preocupação de dar as formas orijinais dos nomes próprios, quer pessoais, quer locais, escreveu **Geb-al-Tarik**, por **Gebel Tarik**, tomando pelo artigo **al** as letras **el** ou **al** da segunda sílaba **bel** do vocábulo arábico GEBEL.

Com respeito ao vocábulo *ábaco*, em latim abăcus, num escrito recente, aliás de muito interêsse, publicado no ARCHEOLOGO PORTUGUÊS sôbre os «contos de contar», **jetons** em francês, emprega-se a forma francesa **abaque;** parece pois que o autor do artigo desconhece a forma portuguesa, que é até um termo de arquitectura, que todos os lecsicógrafos desde Bluteau teem definido.

Basta correr um dicionário dos mais modernos para se ver como pululam os erros de acentuação, mesmo em palavras de orijem latina recente, e para cuja acentuação verdadeira bastaria que quem os aduz consultasse o mais modesto dos dicionários latinos, se nele estivesse marcada a quantidade da penúltima sílaba; e isto apesar de se exi-

jirem alguns anos de estudo de latim, nos liceus, anos que parecem ocupados em o desaprender.

É por motivo dêste desdém pela correcção, que se introduziram na língua formas bárbaras, como *reptíl,* em latim reptĭlis, *pensíl,* latim pensĭlis, etc. etc. etc., em vez de *réptil, pénsil,* que é a verdadeira acentuação. Duarte Núnez do Leão [ORIGEM DA LINGOA PORTUGUESA, cap. III] referese aos «ortos pénsiles» o que pressupõe um singular enteiramente alatinado *pénsil*[1]: cf. *cónsul, cónsules.* É conhecida a predilecção camoniana pelos adjectivos em *-íbil,* igualmente alatinados:

> — A lei tenho daquele a cujo império
> Obedece o visíbil e invisíbil, etc.
>
> [LUS. I, 45]

Muitas dessas palavras, cuja acentuação moderna contraria a latina, chegam-nos cá por intermédio do francês, e um dos que citámos, **reptil**, pertence a êsse número. É por esta razão que temos *limíte*, castelhano **límite**, do latim limes, limĭtis, que deu a forma evolutiva **linde**, étimo já português do verbo **deslindar**; da mesma proveniéncia imediata é *rejíme(n)*, castelhano *régimen*, latim regĭmen. Muito recentemente veio também para cá **recepissé**, acentuado á francesa, quando a palavra é enteiramente latina, recepisse, com o acento na penúltima, pretérito do infinito do verbo recipio, recipis, «receber». Nenhum dicionário, que eu saiba, colijiu ainda êste termo, muito usado no comércio, infelizmente com a pronúncia que em França se dá ao latim, em que invariável-

---

[1] E conquanto assi é esterile (= *estérile:* a cidade de Ormuz): António Tenreiro, [ITINERARIO, nova edição, conforme á de 1560, Lisboa, 1829].

mente se acentuam as últimas sílabas de cada dição, acentuação que tanto escandalizava o eruditíssimo padre Petit[1], e que recentemente reprovam os seus modernos latinistas e filólogos.

Quando o vocábulo tiver entrada nos nossos dicionários, cumpre corrijir-lhe a viciosa acentuação francesa, como se fêz no Nôvo Diccionário ao vocábulo, já apontado, **reseda**, e a alguns outros, pouquíssimos porém em comparação dos que fôra necessário emendar.

A cegueira ou o capricho em errar é tamanho, que o nome de um instrumento músico *oboé,* acentua-se agora por preciosismo *óboè,* acentuação pretensiosa e desnatural, pelo menos em português, em que não há palavras terminadas em *e* aberto átono. Este vocábulo veio, como outros muitos termos de música, de Itália, onde se pronuncia *oboé*, como é de razão, procedendo, como procede, do francês **haut-bois**, antes pronunciado *oboé*, actualmente *ôbuá.*

Esdrúxulos cuja última sílaba começa por vogal

A regra de acentuação gráfica do castelhano é marcar o **i** e **u** de penúltimas sílabas, seguidos de vogal, quando são êles os acentuados: **sería**, **continúa**.

Em português é sem dúvida preferível assinalar os esdrúxulos, para que a acentuação fique em harmonia com a dos vocábulos terminados em **i** e **u**. (V. p. 173).

Dêste modo teremos: **área**, **ária**, **mágoa**, **contínua**; mas **idea**, **faria**, **Lisboa**, **continua**, sem acento marcado, para serem pronunciados *idéa*, *faría*, *lisbôa*, *continúa.* Entende-se pois que, de duas vogais em fim de vocábulo a primeira é a tónica, quer formem, quer não di-

---

[1] Dissertation sur la Psalmodie. Paris, sem data.

tongo, e portanto não há motivo para indicar essa acentuação gráficamente, pois se subentende e constitui regra geral.

O actual sistema castelhano, que é recente, tem por fundamento a divisão que fazem das vogais em fortes *a, e, o,* e fracas, *i, u,* distinção já latina [1], e que não é essencial; e o considerarem como ditongos crescentes os agrupamentos de duas vogais, fraca e forte, em que a segunda é a dominante: *ia, ua, ie, ue, io, uo,* muito freqùentes em castelhano, especialmente *ie* e *ue,* correspondentes a *ĕ, ŏ* latinos acentuados. Esta classificação faz que um vocábulo como **hacia** seja considerado de duas sílabas; ao passo que um parómino dêste, **hacía**, tem três sílabas, o que se indica marcando acento na penúltima. O mesmo acontece com o verbo *continúa*, etc. Se porém as duas vogais agrupadas são ambas fortes, a regra de acentuação é a oposta; dêste modo **Bidassoa** tem acento na última e não se marca, **Guipúzcoa** tem-no na antepenúltima, assinalado gráficamente.

Vocábulos agudos, cuja última sílaba termina em *a, e, o,* seguidos ou não de *s*; marca-se o acento, como é já uso: *alvará(s) pá(s), maré(s), mercê(s), avó(s), avô(s)*

É a regra mais simples de acentuação gráfica, por isso que no maior número de palavras terminadas em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)** é acentuada fonéticamente a penúltima sílaba. O uso já consagrou êste sistema.

Se acentuarmos todos os vocábulos rigorosamente, e procedermos á eliminação dos acentos marcados nos casos mais freqùentes, chegaremos ao mesmo resultado.

---

[1]. Aulo Gélio, citando Nijídio, diz-nos: A et O semper principes sunt; I et V semper subditae; E et subit et praeit: praeit in Euripo, subit in Aemilio [NOCTES ATTICAE, XX, 14, 6].

É esta a prosódia da maioria das palavras portuguesas, que normalmente são parocsítonas quando terminam nessas vogais; as ocsítonas, e as proparocsítonas fora da conjugação dos verbos são relativamente poucas, e serão essas as que se acentuarão gráficamente.

Na acentuação gráfica os monossílabos seguirão em geral as regras dos ocsítonos.

Parece-me inútil a excepção que os espanhóis, até muito recentemente, faziam a esta regra de acentuação gráfica dos vocábulos terminados em vogal seguida de **s**: se o **s** pertencia ao vocábulo na sua forma primária, como por exemplo **antes**, acentuavam-no, **ántes**; e pelo contrário, palavra terminada em **s**, que não fosse suficso, entendia-se ter na última sílaba o acento, que portanto se não marcava: **franҫes**, por exemplo, pronunciado *francés,* como hoje se escreve.

Também dantes, vocábulos como êste e outros terminados em **s**, no singular, se não acentuavam em português.

Vocábulos parocsitonos, que não terminam em *a, e, o,* seguidos ou não de *s*: *açúcar, carácter, sável, órfão, quási, tríbu, alférez, abdómen.*

Em geral os vocábulos terminados em **i**, **u**, seguidos, ou não de **s**, e em outra consoante, ou em vogal nasal, ou ditongo são ocsítonos; a excepção, portanto, é serem parocsítonos ou proparocsítonos, e serão êstes os que se acentuarão gráficamente. Com esta regra, que é pouco mais ou menos a castelhana, evitar-se há a acentuação gráfica de inúmeros vocábulos, dos pretéritos em *-i*, por exemplo, como **senti**, **fugi**, **dividi**, etc.

Naturalmente, e por analojia, quando se nos depara um vocábulo desconhecido, que não termina em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)**, a tendência é acentuarmos-lhe a última sílaba. Raros são

aqueles que terminam em **i** átono, e o **u** átono escrevemo-lo em fim de vocábulo com **o**. Racional e analójico seria pois escrevermos **tribo**, reduzindo esta palavra ao padrão comum. Nas duas primeiras edições dos LUSÍADAS assim vem escrito:

— Ou quem o Tribo ilustre destruío—III, 140. [1]

. É isto que se fêz com **espírito**, que dantes se escrevia **spiritu**: assim o ortografou (M. J.) Fonseca, no seu Dicionário de sinónimos, e com **u** o escrevem os espanhóis; êstes, porém, diferençam na pronúncia **u** final, raro, de **o** final.

É claro que, a adoptar-se esta regra tam simples — as palavras que não terminam em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)** são agudas e dispensam a acentuação gráfica — é inútil marcar o acento nos monossílabos, como **cru**, **li**, etc., porque nos polissílabos em *-ú*, e seus plurais, como **peru**, **canguru**, **cauchu**,[2] **baju**, **perus**, etc., que são quási todos peregrinos, êle se omite. Tam pouco se acentuarão gráficamente os plurais dos vocábulos em **il** (**is**), como *funil*, *funis;* marcando-se, pelo contrário, o acento quando tais palavras não forem ocsítonas, por exemplo, em *quási*, *Tétis*, *Vénus*, *habil*,[3] etc.

---

[1] Vê-se que êste substantivo, seguindo a regra dos terminados em **-o**, era masculino, e não femenino como actualmente. Os italianos, saindo desta dificuldade, acentuam *tribù*.

[2] É esta a forma portuguesa do vocábulo, devendo desterrar-se, por exóticas, as escritas, muito usuais infelizmente **cautchu**, **caoutchou**, **caoutchouc**, e outras que tais. O **c** final, que tem a forma francesa, e que em francês é nulo, é êrro ortográfico, pois não figura no étimo americano.

[3] No século XVI, conforme Duarte Núnez do Leão (ORTOGRAFIA), o plural dos nomes ocsítonos em *-i* formava-se com um ditongo, como

Na acentuação gráfica os monossílabos devem seguir as regras dos ocsítonos, como é uso e já se advertiu.

Parónimos

Denominam-se parónimos dois ou mais vocábulos que se escrevem com as mesmas letras, mas se pronunciam de maneira diversa. Os exemplos de parónimos são inúmeros em português, e já tratei do modo de diferençar muitos dêles; ex: **louvamos** *(=louvâmos)*, e *louvámos*; *séria* e **seria** *(=sería)*, *contínua* e **continua**, *(=continúa)*, *público* e **publico** *(=publíco)*, *louvará* e **louvara** *(=louvára)*, *vencerá* e **vencera** *(=vencêra)*, *unirás* e **uniras** *(=uníras)*, *dêmos* e **demos** *(=démos)*. Estes por sí mesmos estão diferençados com acento marcado em uns, omisso nos outros, conforme as regras de acentuação já expendidas.

No Parnaso Lusitano diferençaram-se todos, mediante acentos marcados, em harmonia com a v regra dos seus cánones [1], escrevendo-se **louvâmos, louvámos**; **séria, sería**; **contínua, continúa**; **público, publíco**; **louvará, louvára**; **vencerá, vencêra**; **unirás, uníras**; **dêmos, démos**. Garrett seguiu estas normas, e mais ou menos elas teem sido respeitadas.

Parece-nos supérflua tanta marcação e diremos em breve porquê.

Há outros parónimos aos quais as regras de acentuação gráfica expostas e recomendadas neste opúsculo ainda apenas de relance se referiram. São os constituídos por dições, que entre si se diferençam pela pronúncia diferente dada a uma das duas vogais *e*, e *o*: *se*, *sê*, *sé*; *avô*, *avó*, por exemplo. O uso dos acentos agudo e circunflecso em portu-

---

o dos terminados em *-il*: *funijs (=funíis), marfijs*; cf. o castelhano moderno *maravedíes*, etc.

[1] V. pájinas 38.

guês já nos encaminha na distinção que podemos fazer entre êsses parónimos, para que em caso algum um vocábulo ou uma forma gramatical possa deixar dúvida sôbre o modo de ler-se, e portanto de entender-se. O que se diferença na fala não deve, em regra, confundir-se na escrita.

¿ Deveremos, á maneira de Garrett e do PARNASO LUSITANO, distinguir os parónimos enteiros, parocsítonos, marcando o acento agudo ou circunflecso em ambas as dições equívocas, isto é, **séde** e **sêde**, **córte** e **côrte**, ou **séde** e **sede**, **córte** e **corte**, ou *sede* e *sède*, *corte* e *côrte?*

Como a pronúncia que no abecedário português se dá ás letras **e**, **o** é com *é*, *ó* abertos, a excepção é serem êles fechados, e por conseqùência são êstes os valores que se deverão assinalar, *ê*, *ô* (por serem em menor número), quando haja outros vocábulos, escritos com as mesmas letras, em que **e**, **o** se profiram abertos: *sède*, *sede* (=*séde);* *côrte*, *corte* (=*córte).*

Marcar com o circunflecso todos os **ee** e **oo** fechados, como se fèz no NÔVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, suposto seja um princípio racional, sobrecarregaria demasiadamente de acentos a escrita, sem maior necessidade.

Uma lista dos parónimos mais usuais, quanto possível completa, deveria ser aprendida quando se estuda a gramática portuguesa, e até quando se aprende a ler, ainda mesmo que a paronímia se dê entre nome e verbo, ou partícula, ou entre nome comum e nome próprio: *escôva*, **escova** (=*escóva*); *sôbre*, **sobre** (*sóbre*); *lêmos,* **Lemos** (=*lémos*); *mêdos* e **Medos** (=*médos*)[1].

Há um certo número de nomes em que o **o** tónico va-

---

[1] E não **Medas**, como para aí risívelmente se escreve; em latim Medi, Medorum, com terminação masculina. É o vocábulo **Persa** que motiva o êrro.

ria na pronúncia de *ô* para *ó*, do singular para o plural, ou do masculino para o femenino, como *ôvo*, *óvos*; *formôso*, *formósos*, *formósa*, *formósas*. Entendo que é inútil acusar na escrita usual a diferença, quando não haja parónimos que a isso nos obriguem; verbi gratia: *almôço; almoços*, *eu almoço*.

Exemplos raros dêstes parónimos são *espôso*, *espôsa*, *espôsas*, em razão das linguajens do verbo **esposar**, **esposo**, **esposa**, **esposas**, pronunciadas *espóso*, *espósa*, *espósas*, e que são excepção aos nomes em *-ôso*, *-ósos*, *-ósa*, *-ósas*.

É muito digna de nota esta excepção, principalmente porque em toscano o correspondente vocábulo é igualmente excepção á regra dos nomes em *-oso*, *-osi*, *-osa*, *-ose*, que teem o *o* fechado, como **gioioso**, **gioiosi**, **gioiosa**, **gioiose**, **famoso**, **famosi**, **famosa**, **famose**, pois nele o **o** é sempre aberto, **sposo**, **sposi**, **sposa**, **spose**, sendo aqui sonoro o **s** medial, que naquellas terminações é em regra surdo.

É pois essencial diferençarem-se os parónimos, limitando-se a acentuação gráfica ao circunflecso, e omitindo-se o agudo nos parocsítonos terminados em **a**(**s**), **e**(**s**), **o**(**s**), e nos agudos terminados em consoante (excepto se for **s**). Dêste modo acentuar-se hão com o circunflecso, por exemplo, as palavras **côrte**, **côr**, **colhêr**, **sêco**, **sêca**, **sêde**, ficando sem acentuação gráfica os parónimos em que **e** ou **o** são abertos, **corte**, **cor**, **colher**, **seco**, **seca**, **sede**, e subentendendo-se que se hão de pronunciar *córte*, *cór*, *colhér*, *séco*, *séca*, *séde*, etc.

Sem acento gráfico ficarão conseguintemente os **ee** e **oo**, fechados, de **dor**, **ler**, monossílabos, e de **cera**, **fogo**, por exemplo, conquanto pronunciados, *dôr*, *lêr*, *cêra*, *fôgo*, por não existirem os parónimos *céra*, *fógo*, *dór*, *lér*, com essas vogais abertas.

12

Pouco mais ou menos, é esta a norma seguida hoje, se bem que com pouca regularidade. Vemos a todo o momento acentuados gráficamente **lêr**, **dôr**, pôsto não haver os parónimos *lér*, *dór;* ao passo que se não diferençam na escrita, por meio dos acentos, vocábulos que podem confundir-se, como são: *sôbre* e *sóbre, rôgo* e *rógo, rêgo* e *régo, lícito* e *licíto, líquido* e *liquído*[1], etc.

É claro que, quando os vocábulos são parónimos na pronúncia geral, mas teem escrita diversa, o emprêgo do circunflecso, ou mesmo do agudo, é inútil; exemplos: **pás** e **paz**, **pez** e **pés**, **poço** e **posso**. O vocábulo **pás**, plural de **pá**, recebe o acento agudo por ser ocsítono terminado em **a(s)**; no seu parónimo **paz** omite-se o acento por terminar em consoante que não é **s**. É inútil marcar com o circunflecso as palavras **pez, poço**, ainda que as vogais tónicas sejam *e, o,* fechados, porque na escrita se discriminam de **pés**, **posso**, seus parónimos com *e, o* abertos, no **z** e **ç**, em vez de **s** e **ss**. É outra regra ortográfica que os diferença. Por isto, é também inútil distinguir com acento **poder**, porque **puder**, futuro, se deve escrever com **u**, visto derivar-se de **pude**, como **fizer** se deriva de **fiz**, e não de **fêz**, na língua moderna. (V. páj. 125.)

---

[1] Já D. N. do Leão ponderava na sua Ortografia a necessidade de se diferençarem os parónimos: — «E porque muitas dições se parecem com outras por terem as mesmas letras, & todavia, por serem differentes na significação, tem differença no acento, releva usar dêstes accentos para demonstração da differença.»

Lonjíssimo nos levaria o exame de todos os vocábulos, quer nomes próprios, quer comuns, em que a acentuação é errónea, pois mesmo que tal exame se limitasse a dar uma lista das formas incorrectas, seguida das devidas correcções, não justificadas ou explicadas, seriam insuficientes vinte ou trinta pájinas para essas listas.

Vogal tónica antes de consoante nasal

As vogais nasais ou nasalizadas antes de consoante são sempre fechadas no dialecto comum, pois a distinção que se faz em certos dialectos do norte entre o *ẽ* de **vencer, venço** e **vence** não é reconhecida na pronúncia comum; assim, que elas se marquem com o agudo — acento indicativo geral da sílaba predominante —, ou com o circunflecso — sinal excepcional das vogais fechadas —, a pronunciação ficará sendo a mesma, conforme os dialectos. Conseguintemente, é preferível a acentuação com o agudo dos seguintes vocábulos, *concéntrico*, *brónzeo*, por exemplo, e não **concêntrico**, **brônzeo**; e é certissimamente essa acentuação a única admissível numa ortografia que represente a língua geral, e não um dialecto especial, para os vocábulos, *cándido, ánsia*, por isso que, no Minho e parte do Douro, o *a* antes de nasal é aberto.

Semelhantemente, as vogais **e**, **o**, tónicas, de muitos esdrúxulos e de numerosos parocsítonos, antes de *m*, *n*, *nh*, conquanto fechadas na Beira, são abertas em outros dialectos, entre êles no de Lisboa; convém pois que se marquem com o sinal geral de acentuação, isto é, o agudo, e não com o circunflecso, que lhes ficsaria o valor, as tónicas dos seguintes vocábulos, e outros análogos: *Vénus, génio, gémeo, género, nónio, gémeo*, *fénico*, *académico*, *génese*[1], *cómodo*, *cónego*, etc.

---

[1] Em Gil Vicente *Genesí;* cf. *Nínive e Nineví:*

> ... outro sacrifício figuram em si
> Que matar bezerros, nem aves ali:
> Outra mais alta oferta soletra,
> E outro Genesi.
>
> AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS.

Sei que na Beira-Alta, pelo menos, é preferido, se não dominante, o valor de *ê*, *ô*, dados ao **e** e **o** antes *m*, *n*, mesmo em palavras esdrúxulas, como as que citei, *académico*, *género*, *gémeo*, *génio*, *cómodo*, e em parocsítonos como *prénhe*, *Vénus* etc., que lá se pronunciam *acadêmico*, *gênero*, *gêmeo*, *gênio*, *cômodo*, *prênhe*, *Vênus*. É induvitável, todavia, que em Lisboa, e mesmo em Coimbra e Porto, elas se pronunciam com *e* e *o* tónicos, abertos, e conseguintemente não os devermos, em escrita comum, marcar com o circunflecso, sinal das vogais fechadas, mas sim com o agudo, que designa a sílaba tónica em geral, deixando lícito aos indivíduos de cada província pronunciarem conforme os seus hábitos.

Para Lisboa, podemos consignar as seguintes leis gerais em relação a essas vogais em tal situação.

a) Conservam o valor de *è*, *ò* abertos, antes de *m*, e *n* seguidos de vogal, os esdrúxulos, como os citados e outros muitos; as excepções mais usuais são *sêmea* e *fêmea*, que sem inconveniente poderiam também acentuar-se **sémea**, **fémea**.

b) Nos vocábulos enteiros prevalece esta regra se terminam em **e**, como *leme*, *fome*, e mesmo terminando em **us**, como *Vénus*, *bónus*, porque dêste modo lêmos estas palavras em latim; e tanto assim é que, mesmo em vocábulos de introdução moderna, ou de orijem italiana, como **especione**, **trombone**, nós damos ao **o** da penúltima sílaba o valor de *o* aberto; sendo certo que os italianos, conserveiros ou músicos, que para Portugal trouxeram essas palavras, nelas pronunciavam, sem a menor dúvida, êsse **o** como fechado, *spetsiône*, *trombône*.

Êsse mesmo valor de *o* aberto dão todos os portugueses, para quem o italiano não é familiar, aos nomes próprios em **-oni**, pronunciando *Albóni*, *Manzóni*, em vez de *Albôni*, *Mandzôni*, que são a pronúncia toscana. Por ou-

tra parte, o valor de *ô*, que damos ao **o** da sílaba tónica do nome do grande poeta **Ariosto**, está em contradição com a pronúncia dèsse **o** em italiano, que é a de *o* aberto, *Áriósto*, assim como aberto é lá igualmente o *e* de **Siena**, que nós, obedecendo aos nossos hábitos, pronunciamos *Siêna*.

c) Se o vocábulo enteiro termina em **a** ou **o**, é mais geral o valor de *ê*, *ô* dado a **e**, **o**, tónicos, antes de *m*, *n*; ex.: *remo, gema, como, pena, mono*, etc.

d) Antes de *nh* o **o** é sempre fechado nos parocsítonos terminados em **o**, **a**; ex.: *vergonha, bisonho*. O **e** fechado vale por *â* em tal situação; ex.: **lenha**, **lenho**, pronunciados *lânha, lânho*.

e) Não é facil explicar a razão porque, mesmo lendo latim, pronunciamos no sul *Vénus, Lémnos, Académus* (Acadêmus) e pelo contrario dizemos *Polifêmo* (Polyphémus), *Rómulo* e *Rêmo* (Rómulus, Rèmus).

Mais circunstanciada averiguação seria descabida nesta obra, que não é tratado de ortoépia, e ainda menos de fonolojia.

O que é mester, repetimos, por ser importantíssimo, é que a ortografia não prescreva preceitos de pronúncia, a não ser nos casos em que êles sejam de aplicação geral, comum a todas as rejiões onde se fala português, como o são as regras relativas á sílaba predominante de qualquer vocábulo, que, com poucas excepções, é comum a todos os dialectos portugueses do reino e do Brasil.

Parónimos *pára* e *para*, *pélo*, *pêlo* e *pelo*, *pólo* e *polo*. Nomes próprios

É necessário marcar excepcionalmente, e em certo modo contra as regras expendidas antes, os vocábulos *pára*, *pélo, péla, pólo, póla*, conquanto parocsítonos, e *pêra*, com o circunflecso, para os diferençar, respectivamente, de *para*,

preposição (com ambos os *aa* átonos e portanto fechados), *pelo, pela, polo, pola,* (formas muito usadas pelos quinhentistas[1]), e *pera,* átonos em ambas as sílabas, contracções os primeiros quatro de **per lo**, **per la**, ***por lo**, ***por la**, e o último forma gráfica antiga de **para**, usualíssima como forma fonética na língua falada, abreviada em *pra.*

Com efeito, nenhum outro modo há de fazer-se a distinção entre *pára* verbo e *para* preposição, *pêra* nome e *pera* preposição, *pélo* verbo, *péla* verbo e nome, *pêlo* nome e *pelo, pela,* contracção, *pólo* e *póla* nomes e *polo, pola,* contracções antigas.

Indicar as partículas com apóstrofo ou com hífen entre o **e** e o **l**, o que já se propôs, obrigar-nos-ia, por coerência, a empregá-lo em inúmeras outras formas em que se suprimiu uma letra, mediante assimilação regressiva hipotética, ou mesmo sem ela. Assim rejeito as escritas **pe'lo**, **pe'la** ou **pe-lo**, **pe-la**, pelo mesmo motivo por que todos rejeitam **d'o**, **d'a**, usados em galego, ou **d-o**, **d-a**. São sinais inúteis, que em nada auxiliam a pronúncia ou a orijem de tais formas, dificultando a leitura das palavras.

Convém aqui advertir que é muito corrente marcar fora do seu lugar o apóstrofo na contracção de **para** e **a** artigo, dêste modo **par'a**[2], em vez de **p'ra**, **p'ra a**, ou *prà.*

É evidente a orijem da contracção **pelo**, dantes ortografada **pello**, ao contrário de que hoje se faz, escrevendo o substantivo **pêlo**, com dois **ll**. Assim, também se escrevia **pollo**, por **por lo**.

---

[1] Ó miseros Christãos! p o l a ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos
Lus. VII, 9.

[2] «Já agora só p' r' a m o r de me ter enganado» — TRADIÇÃO, III, 34. Devêra ser — «p ' ra a m o r...» pronunciado *pràmôr ; prà = pr̥a+ḁ.*

A diferença entre **pelo** e **polo**, entre **per** e **por**, bem como entre **por** e **para**, em certos casos, parecia pouco ficsada, e actualmente caíu em completo desuso, apesar de ter tido muito quem defendesse a sua manutenção no meio do século passado. Quanto se tornara ambíguo o uso de **porque** na acepção de **para que**, evidencia-se no seguinte passo de Rui de Pina, na CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V [cap. CXXIX].

— «E porque **esta morte parecesse justa**» — (a do Infante Dom Pedro), que segundo a sintasse actual significaria «e **porque esta morte parecia justa**», sendo certo que o verdadeiro sentido é — «e **para que esta morte parecesse justa**.» — Igual ambigùidade oferecem as seguintes frases de Damião de Góis — «**e** porque **na casa do cível houvesse milhor expediente no despacho da justiça**» (isto é, **para que houvesse**) **lhes faziam as derrotas de sua viagem mais longas** polos **assi avexarem** — [CRÓNICA DE EL-REI DOM EMANUEL, cap. IX e X].

O dr. Júlio Cornu é de parecer que tanto **per** como **por** proveem do latim per, sendo **por** mera labialização da vogal átona *e*, por influencia do *p*, e deriva, **para**, **pera**, de per ad. Veja-se «Romania», t. X e XI, e *in* «Muséon», 1884, o que sòbre os valiosos trabalhos ali publicados na minha análise eu escrevi. Já aí figuram as duas citações de Damião de Góis, acima transcritas.

Temos portanto, como vocábulos enteiros terminados em **a(s)**, **o(s)**, excepcionalmente acentuados na escrita com o agudo: **pára** (mas **paras**, sem acento); **pélo**, **péla**, **pólo**, **pólos**, **póla**, **pólas**; com o circunflecso, **pêlo**, **pêlos**, **pêra**, (mas não **peras**), e também **Pêra**, apesar de se escrever com letra maiúscula, por ser nome próprio.

Esta consideração leva-nos a subordinar os nomes próprios aos preceitos de acentuação escrita, que a regularem

nos nomes comuns; e com tanto melhor fundamento, quanto é certo que muitos dêstes últimos se tornam próprios de localidades ou de pessoas, do que é exemplo muito conhecido o substantivo *pôrto,* que tem de receber o circunflecso para se diferençar de **porto** *(pórto),* forma do verbo **portar**. Quando houvermos, pois, de escrever o nome da **cidade do Pôrto**, conservaremos o circunflecso, apesar da inicial maiúscula o diferençar do nome comum.

O mesmo acontece com outros nomes próprios e apelidos, como *Rebêlo, Rêgo, Rôla, Pêgo* (cf. **pego** = *pégo), Tôrres, Lôbo* (cf. **lobo** = *lóbo), Média, Estrêla, Cacém* (cf. **cacem** = *cácem,* do verbo **caçar**); *Destêrro, Bornéu; Góis, Tróia,* etc., como *mantéu, róis, jóia,* etc.

Do mesmo modo, um qualquer nome comum que tenha *e,* ou *o,* fechado, como vogal tónica, deve ser acentuado gráficamente, quando haja parónimo, que seja nome próprio, em que tais vogais sejam abertas; assim *mêdo,* em razão de **Medo** *(= médo), Fêz,* como *fêz,* verbo, em razão de **fez** *(= féz),* singular de **fezes**.

Com relação aos nomes próprios de pessoas cumpre ainda ter em atenção o seguinte.

Para se escusarem das regras que governam a escrita das demais palavras, costuma-se alegar que cada um é dono do seu nome, e portanto póde escrevê-lo como lhe apraza.

Ainda admitindo que tal esenção seja exacta e justa, o que está bem longe de ser verdade, pois em italiano e espanhol, idiomas que possuem ortografias regulares e simples, os nomes próprios seguem na sua escrita as normas adoptadas para as mais palavras; ainda admitindo, repito, que seja lícito a qualquer escrever o seu nome como sabe ou quere, êsse priviléjio só poderia prevalecer em favor dos apelidos, pois os nomes de baptismo são a bem dizer comuns. E se não, vejamos.

O nome **Hipólito** é, sem alteração de pronúncia, sus-

ceptível dos seguintes variadíssimos modos de se escrever, de que poremos por extenso cinco séries.

1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª
Hipólito	Hypólito	Ypólito	Ipólito	Epólito
Hipóllito	Hypóllito	Ypóllito	Ipóllito	Epóllito
Hipólitho	Hypólitho	Ypólitho	Ipólitho	Epólitho
Hipóllitho	Hypóllitho	Ypóllitho	Ipóllitho	Epóllitho
Hippólito	Hyppólito	Yppólito	Ippólito	Eppólito
Hippóllito	Hyppóllito	Yppóllito	Ippóllito	Eppóllito
Hippólitho	Hyppólitho	Yppólitho	Ippólitho	Eppólitho
Hippóllitho	Hyppóllitho	Yppóllitho	Ippóllitho	Eppollitho

Se em vez de **i** na quarta sílaba se escrever **y**, e se antepuser **h** á caprichosa escrita com **e** inicial, obteremos o número de noventa e seis grafias diferentes; e suprimindo de todas elas o acento gráfico, teremos outras noventa e seis: total 192 modos possíveis de se escrever êste nome, que cento e noventa e duas pessoas, a quem êle fosse dado na pia baptismal, poderiam variar a seu capricho, como fica provado!

Ora, na verdade, não há na folhinha nacional cabimento para mais cento e noventa e um santos, que ficarão sendo todos diversos uns dos outros.

Bem sabemos que de todas essas grafias só tres ou quatro são admissíveis: *Hipólito, Ipolito, Hippolito, Hippolyto;* mas também é facto que outros nomes correm erradamente escritos, e seus donos insistem não só em assim os escreverem, mas igualmente em que as mais pessoas lhos escrevam como êles, por serem muito seus.

Um exemplo frisante é o nome *Mateus,* que vemos assim ortografado, e também *Mateos, Matheus, Matheos* ou *Mattheos, Mattheus,* sendo a primeira e a última destas seis formas as únicas certas, e por isso mesmo as menos usadas. Outro tanto acontece com o nome *Felipe, Felippe, Filipe, Filippe, Philippe,* etc.

No que respeita aos apelidos o absurdo será o mesmo. Um sujeito chama-se *Matos,* outro quere chamar-se *Mattos,* e outro *Mathos*, e por fim o nome é um só e o mesmo.

A êste propósito citarei aqui duas graciosas quintilhas, de um poeta contemporáneo conhecidíssimo, que se assina com o pseudónimo Belmiro, e que veem publicadas no *Século* de 12 de fevereiro dêste ano.

Queixou-se um *Motta* ofendido,
Deputado por sinal,
De lhe terem suprimido
Na Imprensa Nacional
Um dos *tt* ao apelido

O *Motta* de modo algum
Quer que lhe mexam nos *tt:*
Ou não lhe deixem nenhum,
Ou então metam-lhe três;
Mas não lhe ponham só um.—

Na realidade, tão momentoso e grave assunto merecia as honras de uma interpelação na Câmara; mas não merecia menos a zombaria a que deu margem, e que de certo não escaparia a Nicolau Tolentino, se vivo fosse.

A propósito de a ortografia dos apelidos dever em tudo conformar-se com a dos demais vocábulos, tem cabimento aqui as seguintes considerações.

Há em Portugal dois apelidos, iguais na pronúncia e diferentes na escrita: **Fonseca**, e **Afonseca**, isto é ···**da Fonsêca**, e ···**d'Afonsêca**. O Dr. J. Leite de Vasconcelos já tratou dêsse apelido; resumirei e ampliarei aqui os seus argumentos [1].

Já se pretendeu relacionar a segunda destas formas

[1] Revista Lusitana, I, 3.

escritas, erróneamente porém, com o nome de baptismo **Afonso**; a mínima reflecsão, todavia, mostra que, não existindo em português, nem nas outras línguas das Espanhas, o suficso **-êca**, a derivação é impossível; e por nenhum outro processo, sintáctico ou fonético, se pode obter tal apelido, o qual é simplesmente um grosseiro êrro de ortografia, como o seriam ··· **d'Assilva**, ··· **d'Amota** por ··· **da Silva**, ··· **da Mota**.

Èstes dois apelidos são na realidade, um único, e a forma errónea **d'Afonseca** procede da ortografia antiga, em que se juntavam num só vocábulo o apelido, própriamente dito, e a preposição **de**, significando proveniência, acompanhada, ou não, do artigo definido **o**(**s**), **a**(**s**), como em **Dávila**, **Dalbuquerque**, **Deça**, que se resolvem em ··· **de Ávila**, ··· **de Albuquerque**, ··· **da Eça**, ou **d'Ávila**, **d'Albuquerque**, **d'Eça**.

A única ortografia correcta, pois, dêstes e outros apelidos, procedentes da toponímia, é o **de**, **da**(**s**), **do**(**s**) separados do nome da terra, a que estão antepostos; portanto, ··· **da Fonsêca**, no caso sujeito.

Que êste nome de localidade é, pela sua parte, um composto de **fonte** e **sêca**, provam-na os muitos compostos análogos, como **Fontalva** [*fonte alva*], **Montalvão** [*monte alvão*], **Monsanto** [*monte santo*], **Moncorvo** [*monte corvo*], nalguns dos quais foi, como em **Fonsêca**, suprimida a segunda sílaba, em virtude da próclise, como o é em *Sam* por *Santo*, por exemplo, **Sam Bento**, **Sam Pedro**, por **Santo Bento**, **Santo Pedro**, **Mem Rodríguez**, **Fernam Pérez**, por **Mendo Rodríguez**, **Fernando Pérez**, etc.

Uma grande parte dos apelidos proveem de nomes de localidades, não só em Portugal, mas em todo o domínio románico, e mesmo fora dêle, como é sabido; sendo, entre outras orijens das denominações de localidades, evidentís-

simas as devidas a acidentes dos sítios em que se fundaram. Neste caso está **Fonsêca**, nome de nada menos de três lugares do reino, afora dois casais, e dois sítios; havendo também **Fonte-Sêca**, como nome de três lugares, e de um casal. Os nomes de terras, sítios, propriedades, em que entra o vocábulo **fonte**, já como primeiro componente, **Fonte-Alta**, **Fonte-Carriça**, **Fonte-da-Mó**, etc., já como primeiro elemento, radical, de nome derivado, **Fontainha**, **Fontão**, **Fontanal**, etc. são verdadeira legião no nosso país. Quem duvidar, pode recorrer ao VI volume da CHOROGRAPHIA DO REINO DE PORTUGAL, de João Maria Baptista [Lisboa, 1878], onde os encontrará ás dezenas, na competente ordem alfabética, para mais fácilmente se desenganar.

Se passarmos de Portugal á Espanha, a começar pela Galiza, onde se falam dialectos portugueses, lá encontraremos **Fonfria**, **Fonsagrada**, etc. na provincia de Lugo, **Foncuberta** na de Orense; não contando os dois tipos já indicados, **Fondevila**, **Fontecova**, **Fonteboa**, *verbi, gratia* na de **Pontevedra**, que é já por si um exemplo desta formação (Pontem*ueteram), e **Fontainha**, em Lugo.

Nas outras línguas románicas de Espanha (para não mencionar, nas Vascongadas, os nomes compostos com *iturri*, «fonte») as denominações locais em que *fon(te), fuen(te)* entram como primeiro elemento, quer de composição, quer de derivação, são ás centenas: **Fombuena**, na província de Çaragoça, **Fompedraça** na de Valhadolid, **Fontanar** na de Albacete, **Fontanilhas** nas de Gerona e de Çamora, etc., etc., etc. Quanto ao vocábulo *fonte* ou *Fuente,* íntegro, lá temos dezenas e dezenas de lugares, de aldeias, de sítios, de propriedades. [V. DICCIONARIO GENERAL DE TODOS LOS PUEBLOS, Madrid, 1862].

Parece-me, pois inútil insistir em que a única escrita

certa é **da Fonsêca** e não **d'Afonseca**, pois não creio que, de boa fé, haja contradição possível.

Vogais consecutivas

Vimos, nas regras de acentuação gráfica já expostas que os vocábulos terminados em **a**(**s**) **e**(**s**), **o**(**s**) são normalmente parocsítonos, e que pelo contrário os terminados em **i**(**s**), **u**(**s**), em ditongo, em vogal nasal ou em consoante são ocsítonos, e por conseguinte não precisam de acentuação gráfica. Vimos igualmente as excepções, estabelecidas como necessárias a essa omissão de acentos.

Todavia, nos da primeira espécie, terminados em **a**(**s**), **e**(**s**), **o**(**s**), pode a penúltima sílaba conter mais de uma vogal, e suscitar-se dúvida sôbre qual das duas ou três vogais consecutivas, que precedem a última sílaba, é na realidade a predominante. Em vocábulos menos usuais seria lejítima e justificada a hesitação, e nesta podem compreender-se, por exemplo, as palavras **lauto**, **fluido**, que poderiam ser lidas *laúto, fluído,* em vez de *láuto, flúido:* sabe-se que é vulgar a pronúncia incorrecta *gratuíto,* por exemplo, em vez de *gratúito.*

Por outra parte, quando em fim de dição se reúnem três vogais, é também fácil a dúvida sôbre qual delas será a dominante.

Convém, pois, formular regras, que nos eximam de marcar acentos dispensáveis, sem que por isso haja motivo para equívocos na leitura.

Eis aqui algumas dessas regras subsidiárias:

1.ª Quando de três vogais reunidas em fim de palavra duas formem ditongo, é inútil indicar mediante acento qual é a tónica, em vocábulos parocsítonos ou ocsítonos, quando essa tónica seja a dominante do ditongo. Assim não necessitam de acentuação gráfica os vocábulos **praia**,

poeira, e do mesmo modo a não necessitam **avaliai, malaio, areais, flou, arruou, joio, feio, continuei**, etc.

2.ª Assente que seja que todas as subjuntivas dos ditongos orais se escrevam com **i**, **u**, é evidente a desnecessidade de indicar por meio de acento que as duas vogais conjuntas em vocábulos como **moeda, poeta, poema, piorno, lioz, peor, fiel, sueco, poejo, jaez, fuão, coercivo**, etc., não formam ditongo: são vocábulos parocsítonos ou ocsítonos, que não necessitam acentuação marcada.

3.ª Se a segunda dessas vogais é *i* ou *u*, nesse caso haverá de marcar-se, quando não formem ditongo, porque a regra geral é que o constituam, como está previsto a pájinas 130 e 131, *q. v.*

4. Quando de três vogais, no interior da palavra, as duas primeiras formem ditongo átono, e a tónica seja a última delas, é desnecessário marcá-la gráficamente; ex.: **alfaiate, Arraiolos.**

Efectivamente, qualquer português, que haja aprendido a ler com suficiente correcção, não hesitará de certo na acentuação de tais palavras, ainda que lhe sejam estranhas, a analojia encaminhá-lo há com segurança: acentuará *Arráia*, como **praia**, *tapúio*, como **moio**, *doésto*, como **moeda**, *alfaiáte*, com **caiado**, etc.

i, u, depois de vogal, não formando ditongo

Sendo sempre **i** e **u** as subjuntivas átonas dos ditongos *ai*, *au*, *ei*, *(éi)*, *eu*, *(éu)*, *iu*, *oi*, *(ói)*, *(ou)* e *ui*, quando quaisquer dessas vogais agrupadas, seguidas ou não de **s** na mesma sílaba, não formem ditongo, deverá assinalar-se a excepção, acentuando-se gráficamente o **i**, ou o **u**, se forem tónicos; exemplos: *saí*, *baú*, *saúde*, *viúvo*, *faísca*, *balaúste*, *roído*, *ruído*, *deísta*, *meúdo*, etc.

São tam raros, porém, os vocábulos em que êsse **i** ou èsse **u** formem ditongo com a vogal precedente, se depois dèles há uma consoante, diferente do **s**, pertencente á mesma sílaba, ou a nasal **nh**, ainda que inicial da sílaba seguinte, que a simplicidade nos aconselha a que os deixemos sem acentuação gráfica em tal situação; exemplos: *raiz*, *boiz*, *sair*, *adail*, *ainda*, *Coimbra*, *buinho*, *moinho*[1], *rainha*, *paul*, *Saul*, *ruim*, *maunça*, etc.

Com efeito, se as palavras **ainda**, **maunça** se lessem *áinda*, *máunça*, com ditongos, deveriam ser escritas **ãida**, **mãuça**; e daqui se deduz a escrita que se deverá dar aos vocábulos como **cãibo**, **cãibra**, **zãibo**, **escãibo**, e ás formas populares *sãigue*, *tãique* (**sangue**, **tanque**).

É também evidente que, em conformidade com o que fica exposto, os vocábulos **pais**, **saia** se hão de ler *páis*, *sáia*, porque **país**, **saía** terão de receber acento no **i**, por èste não formar ditongo com a vogal que o precede; e que, pelo contrário, a palavra *arráiz*[2] deverá ser acentuada gráficamente no **a**, por formar ditongo com o **i**, excepcionalmente, visto a consoante ser **z** e não **s**, e pertencer á mesma sílaba em que está o ditongo. O plural, porém de *raiz* tem de ser acentuado gráficamente no **i**, *raízes*, porque o *z* não pertence já á mesma sílaba; o mesmo acontece a *saíres*, *caírem*, *boízes*, etc., pelo mesmo motivo.

Por outra parte, quando concorrerem duas vogais que não formem ditongo, e das quais a primeira seja **i**, **e**, **u**, ou **o**, átonos, é inútil a acentuação marcada, visto que, se

---

[1] E com tanto maior razão, quanto é certo que dialectalmente se pronunciam *múinho*, *búinho*, *rúim*, *rũi*, etc.

[2] É esta a ortografia do vocábulo nos nossos escritores antigos, e com razão, visto a última letra dela corresponder a *s* arábico, o qual sempre se representou por **ç** (cedilhado) antes de vogal, e por **z** em fim de sílaba (Veja-se a p. 112, e 116, nota).

depois do grupo há uma só sílaba, como em **diabo**, **arruela**, é evidente que o acento está no **a** e no **e**, porque se estivesse no **o** ou no **i** de **diabo**, no **a** ou no **u** de **arruela**, teríamos de os marcar, porque os vocábulos seriam ou agudos, ou esdrúxulos.

Nos vocábulos terminados em **e**, **o**, **a** precedidos de vogal, é também desnecessário marcar o acento se são paroxítonos: **dia**, **boa**, **pua**, **continue**, **roo**, **suo**, etc.

Em *sóis*, quer plural de **sol**, quer 2.ª pessoa do presente do indicativo de **soer**, teremos de marcar o acento agudo, porque o *o* de *oi* (cf. *sois* do verbo **ser**), sem acento, será normalmente fechado: (Veja-se a pájinas 131 e 132).

Havendo-se banido o **h** medial neste sistema ortográfico, mesmo quando etimolójico, por exemplo, o de **abstrair**, é manifesto que nas formas rizotónicas dêste e de outros verbos em **-(h)ir** se intercala um *i* para evitar o hiato: *abstraio*, como *saio*, e não **abstrao**, **abstraho**, escrita e pronúncia *(abstrau)* erróneas, de que há exemplos e a que já me referi.

Acentuação de vocábulos compostos ou derivados

Os vocábulos compostos e os derivados, que conservem na pronúncia a acentuação dos seus elementos, deverão ser acentuados gráficamente, conforme o seriam se não estivessem unidos.

Nesta conformidade acentuaremos na escrita as seguintes palavras compostas ou derivadas, e as seguintes formas gramaticais.

Advérbios: *fácilmente, rápidamente, amávelmente, cortêsmente*, *sómente*, por isso que assim acentuamos *fácil, rápida*, *amável*, *cortês*, *só*.[1]

---

[1] No século XVI usou-se dividir com hífen a terminação adverbial **-mente**, do adjectivo a que se junta, **livre-mente**, por ex.:

Deminutivos, com o inficso -*z*-: *sózinho*, *túmulozinho*, *pézinho*, *orfãozinho*, *pãozinho*, *pãezinhos*, *arráizinho*, *raízinhas*, *côrzinha*, de *só*, *túmulo*, *pé*, *órfão*, *pão*, *pãe(s)*, *arráiz*, *raíz(es)*, *côr*.

Aumentativos: *mázona*, de *má*.

Compostos: *maré-cheia*, *guarda-pó*, *guarda-jóias*, *mãe-d'água*, *água-raz*, *môlho-de-vilão*, *Trás-os-Montes*.

Pelos mesmos motivos deixaremos de acentuar gráficamente os seguintes, por isso que os seus componentes não são acentuados.

Advérbios; **ricamente**, **atrozmente**, de **rica**, **atroz**.

Deminutivos: **mulherzinha**, **rochazinha**, de **mulher**, **rocha**.

Aumentativos: **homenzarrão**, de **homem**.

Compostos: **livro-mestre**, **tira-olhos**, **ai-Jesus**, **não-me-deixes** (flor), **bem-aventurado**, **mal-aventurado**; mas **malogrado**, e não **mal-logrado**, pois a pronunciação geral desta palavra é *malogrado*.

Formas gramaticais. União dos pronomes átonos aos verbos e pronomes

Acentuados gráficamente: *matá-lo*, *devê-lo*, *dá-o*, *fê-lo*, *dávamo-vo-lo*, *vêem-nos*, de **matar**, **dever**, **dá**, **fêz**, **dávamos**, **vêem**.

Não acentuados gráficamente: *mata-lo*(=*máta-lo*), *da-va-o*, *dava-lo*, *devem-nos*, *compra-as*, *unir-nos*, *uni-lo*, de **matas**, **dava**, **davas**, **devem**, **compra**, **unir**.

Seria plausível esta escrita, mormente quando a terminação afecta vários adjectivos consecutivos, como **triste- e saudosa-mente.** Assim estão escritos êstes advérbios nas Ordenações Filipinas, publicadas no tempo de D. João IV. Usou-se também separar do adjectivo esta terminação: **livre mente**: cf. **de boa mente.**

União de dois pronomes átonos: *no-lo*, *vo-lo*, *no-los*, *vo-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-la*, *vo-las ;*

Pronomes compostos, enclíticos de verbos: *matar-no--lo*, *matar-vo-lo*, *dever-no-lo*, *dever-vo-lo*, *fèz-no-lo*, *fèz-vo-lo* *dávamo-vo-lo*, *vêem-vo-lo*, *matas-no-lo*, *dara-no-lo*, *dara--vo-lo*, *devem-no-lo*, *devem-vo-lo*, *compra-no-las*, *compra-vo--las*, *unir-vo-lo*, *unir-no-lo*, *dá-no-lo*, *dá-vo-lo*.

Acento grave

É de muita utilidade a adopção do acento grave, para denotar o valor alfabético das vogais, isto é, o valor do nome que teem, independentemente de serem, ou não, tónicas, por isso que estas últimas são marcadas com o acento agudo. Dêste modo *à*, *è*, *ì*, *ò*, (*ù*), designarão o valor de vogais abertas, como no alfabeto; *á*, *é*, *í*, *ó*, *ú*, èsse valor quando pertencerem á sílaba predominante, e que seja de regra marcar esta.

Admitido que seja o acento grave como sinal indicativo do valor alfabético das vogais **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, deveremos utilizá-lo para denotar que uma vogal conserva o som alfabético ainda quando seja átona, se há outro vocábulo, escrito com as mesmas letras, no qual uma dessas vogais se profira surda. Assim diferenciaremos **mòlhinho** (deminutivo de **molho** = *mólho*), do seu parónimo **molhinho** (deminutivo de *môlho*); **dòninha**, de **doninha**; **prègar**, de **pregar**[1]; **pègada**, de **pegada**; **àquele**, de **aquele**; **paùlada**, de **pàulada**; **àparte**, de **aparte** (verbo); **Àmor** (povoação), de **amor**; **Sàbor** (rio), **de sabor**. Quando, porém, tal parónimo não exista, é desnecessária a marcação na escrita usual; é pois inútil diferençar o **au** de **sau-**

[1] Com esta mesma aplicação usa a ilustre romanista Doutora D. Carolina Michaelis de Vasconcelos o acento grave sobre o **e** de **prègador,** [Princesa Dona Maria, p. 35], e de **vèdores** (ib. p. 114).

dade do de **causal**, ou o **a** de **amanhã, acêrca**, porque **a manhã, a cêrca**, se escrevem separados.

A aplicação do acento grave em vez do agudo é tanto mais conveniente, quanto é certo que êste último pode induzir a èrro alguma pessoa menos sabedora. Já houve quem defendesse a pronúncia, como esdrúxula, da palavra **pegada**, como *pégada*, em vez de *pègáda*, enganado pelo emprêgo dúbio do acento agudo (cf. **Pégaso**).

Entendo igualmente que a aplicação do acento grave, em lugar dos ápices ou cimalhas, é recomendável, não só porque está em harmonia com a serventia que lhe demos, indicar o valor alfabético de uma vogal, quando átona, mas também porque os dois pontos sobrepostos teem actualmente valor muito diverso dèste, como veremos mais adeante, e fòra orijem de freqùentes erros o empregar-se o mesmo sinal em dois usos diferentes.

Por outra parte, é condenável o uso dos ápices, mesmo que se admitissem no emprêgo que aqui damos ao acento grave (desunir vogais que normalmente formam ditongo), todas as vezes que o acento pode indicar a desunião de vogais, das quais uma é tónica. Foi J. I. Roquete quem introduziu èste uso francês, e felizmente tem tido poucos imitadores: *moído* é sem dúvida preferível a **moïdo**, *saúde* a **saüde**. Mesmo em francês, os ápices sómente tão usados, quando a diérese não pode ser indicada pelo acento; dèste modo, escreve-se nessa língua *poète*, *aérer*, e não *poëte*, *aèrer*.

O acento grave poderia também utilizar-se, quando seja necessário, no verso por exemplo, indicar que duas vogais, ambas átonas, que usualmente contam por uma sílaba, formando, ou não, ditongo, teem de contar-se por duas, como nos Lusíadas, *traìção*, por *traição*:

—Astútas t r a ì ç õ e s, enganos vários —VIII, 52

*

Êste vocábulo foi também contado por três sílabas por Garcia Resende:

— Com mêdo de t r a ì ç ã o — MISCELÁNEA, CLXXXVII.

O mesmo poeta dá-nos mais exemplos desta separação de duas vogais em sílabas distintas:

— Mas solapou v a ì d a d e — *ib.* CLXVIII.
— Em doutrina c o p ì o s o s — *ib.* CLXXXVII.

Esta última diérese, muito usada pelos poetas italianos, mesmo recentes, e em geral rejeitada pelos nossos, foi empregada pelos poetas cómicos latinos, naturalmente porque reflectia a pronúncia popular. Plauto fêz de l a r ŭ a três sílabas, ao passo que êste vocábulo, que nós pronunciamos *larva*, foi ao depois contado por duas, l a r - u a[1].

A palavra latina b e (l) l ŭ a, «fera», por sinérese produziu, ao contrário, *belfa* em português antigo[2], *belva* em italiano, vocábulo hoje raras vezes usado, mas que vemos em Torquato Tasso, por exemplo, acompanhado do arcaico *fera* por *fiera* } f ĕ r a:

Ma dove, o lasso me! dove restaro
Le reliquie del corpo bello e casto?
Ciò ch'in lui sano i miei furor lasciaro,
Dal furor delle f e r e è forse guasto?
Ahi troppo nobil preda! ahi dolce e caro
Troppo, e pur troppo prezioso pasto!
Ahi sfortunato! in lui l'ombre e le selve
Irritaron me prima, e poi le b e l v e.

GERUSALEMME LIBERATA, XII, 78.

---

[1] Lindsay, THE LATIN LANG. II, § 48.

[2] «e uirom b e l f a s marynhas queeram fortes eesquiuas» — A VIDA DE S. AMARO, texte portugais de XIV^e^ siècle, por Otto Klob, in «Romania» t. XXX, p. 508 (1901). A reprodução é diplomática, sem separação constante de vocábulos, nem uniformização ortográfica.

O PARNASO LUSITANO usa o acento agudo (ʹ) em vez dos ápices (¨), na função em que aqui emprego o acento grave (\`) isto é, para assinalar a desunião de vogais átonas, escrevendo **saúdosa** (*saùdosa*), a par de **alaúde, concluí**. Só neste último caso deve ser imitada esta notação.

Convém, todavia, advertir que o próprio acento grave só deve ser utilizado para indicar diéreses artificiais, no verso, por exemplo, e para diferençar parónimos, como **paùlada**, de **paul**, diferente de **paulada** (=*pàulada*); omitindo-se, por conseqùéncia em todos os vocábulos em que se dè usualmente a diérese, mas que se não possam confundir com outros, escritos com as mesmas letras, em que tal diérese se não observe, ou quando já estejam discriminados por outros sinais ortográficos. Não se empregará, pois, o grave em palavras como **paisajem** (=*paìsajem*), **sairá** (=*saìrá*), visto que não há *pàisajem*, e que **saíra** se diferença em ter o *i* marcado com o agudo. Dèste modo escreveremos sem sinal de diérese **faiscar**, **reunir**, a par de **faísca**, **reúne**; e **assiduidade** (=*assidu-i-dade*).

Com efeito, neste último vocábulo, da contajem fonética resultam cinco sílabas, quer se elas separem como *as-si-dùi-da-de*, quer como *as-si-duì-da-de*, que é a pronúncia usual: no primeiro caso teríamos *i* assilábico formando ditongo decrescente com o *u*, *úi*, no segundo temos *u* assilábico, constituindo ditongo crescente com *i*, *uí*. Haverá, portanto, únicamente a marcar com o grave o **i**, quando na feitura de um verso êle for contado como sílaba distinta do **u**, ficando para êsse efeito esta palavra de seis sílabas, excepcionalmente. Como já vimos vale por três sílabas o vocábulo **traições** (*tra-i-ções*) nos versos dos LUSÍADAS e da MISCELÁNEA, que citei.

A representação do *u*, como a do *i*, assilábicos, foi sempre muito incerta em portuguès, e noutras línguas que não adoptaram os caracteres **w** e **y**; e ainda mais o foi por

não haver distinção gráfica entre *i* e *j*, entre *u* e *v*, que, como já advertimos, se não diferençavam em latim, valendo aí ora *i*, *u*, vogais, ora *i̊*, *ů*, semivogais, e continuaram a ser confundidos até mais de meados do século XVIII.

Para a primeira destas vogais perdeu-se em breve, em português, o expediente de lhe antepor um **h** nos casos duvidosos, principalmente quando era inicial, como em **hia**, **hiate**. Em geral, no meio da palavra usou-se o **e** antes de vogal, porque em tal situação tivera êste sempre, ou adquirira ao depois, quando átono, o valor de *i*, como em **cear**, **leão**, pronunciados *ciar*, *lião*. Desta maneira se há de explicar a escrita **estorea**, por *estória*, *(história)*, inventada para se evitar a pronunciação *estorja*, resultante do valor ambíguo do **i**, como já disse.

Para o *u* assilábico os expedientes foram vários: inicial escreveu-se, á imitação de **hi** por *i*, **hu** por *u*, como em **huivar**, usando-se o mesmo expediente quando, tónico, acertava encontrar-se entre vogais, **atahúde**. Fujia-se dêste modo á confusão com **u**=*v*.

Outro expediente foi empregar **o** depois de consoante e antes de vogal, também á imitação de **e** por *i* na mesma situação. É o que vemos na antiga ortografia de **Manoel**, **agoa**, por *Manuel*, *água*, empregando-se o **o** (cf. **soar**= *suar)*, para que o primeiro vocábulo não pudesse ser lido *manvel;* sendo o segundo exemplo apenas a conseqüência do expediente adoptado para o primeiro. É por isto que, mesmo reeditando autores antigos, é inútil usar-se desta escrita arcaica, todas as vezes que nessas novas edições se diferencem *u* e *v*, como é prática geral, ás vezes, porém, arriscada do que daremos um exemplo. O nome geográfico *Jaůa* foi sempre escrito pelos nossos cronistas com **o**, **Jaoa**, e com isto quiseram representar a pronunciação *jáua*, que é a malaia e javanesa: confronte-se o nome étnico **jau**, dantes escrito **jao**. Da escrita **Jaua**, com **u**

proveio ao depois, por má interpretação do valor dèsse **u**, a forma *Java*, hoje em dia generalizada, mas errónea.

Outro exemplo. Na PEREGRINAÇÃO, de F. Méndez Pinto, tam interessante e fidedigna, e tam caluniada pelos seus contemporáneos, e ainda por modernos escritores estranjeiros, encontramos o nome, igualmente étnico, **Lauhos**, isto é, *láůos*, expediente gráfico em que a insersão do **h** serviu para se evitar a leitura *lavos*. Aqui não podia o escritor valer-se do **o** para expressão do *u* assilábico, porque a escrita **laoos** seria interpretada, conforme as grafias do tempo, como *laós* para a leitura.

As letras **u** e **h**, trocadas porém, **hu**, servem ainda hoje, em castelhano, como já serviram em portuguès (cf. **huivar**), para designarem êsse *u* assilábico, em **alcahuete**, e em muitos nomes geográphicos americanos, concorrendo com **gu**, por exemplo, **Huilliches**, **Guatemala**; e em nomes arábicos, como **Guadalquivir**, **Guadiana**, cujas formas portuguesas são **Alquebir**,[1] **Odiana**, como **Odemira**, **Odeceixe**, e onde as primeiras sílabas *Od(e)* castelhano *guad*, representam a palavra árabe que significa «rio», UAD.

A letra **o** por *ů* é ainda freqüente em vocábulos como **agoentar**, **goela**; **sangoenta** encontra-se em Rui de Pina [CRÓN. DE EL-REI DOM AFFONSO V, cap. CLXV].

O nome mourisco de cargo ou emprêgo, que deu em castelhano e portuguès antigo **alguazil**, (castelhano moderno **alguacil**), foi pelos nossos autores escrito com **o**, **goazil**, na DESCRIÇÃO DOS REIS DE ORMUZ, por exemplo, e nesta forma o **go**=*gů* representa o *u* consoante arábico,

---

[1] «Águas de Alquebir»,—Gil Vicente, farsa de QUEM TEM FARELOS. Neste nome a palavra UAD está suprimida, ou absorvida no *a* inicial do artigo AL.

de UAZIR, que hoje, por imitação francesa diremos **vizir**. Sôbre êste vocábulo e a mudança de significado que adquiriu em castelhano e português, pode ver-se Marcelo Devic, DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, e Engelmann & Dozy, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, *sub. voc.* **Alguazil**. Na forma portuguesa **goazil** há a menos o artigo arábico, como em **zarcão** a par de **azarcão**, **xorca** e **axorca**, etc.

Existe êste vocábulo em português com outra forma, **aguazil**, pronunciada *aguazíl;* aqui o *l* foi suprimido depois de ter modificado a pronúncia do *a* inicial, talvez por influência da palavra *água*.

qù, gù

Seria êste mais um emprêgo plausível do acento grave: dar a conhecer que o **u**, nulo em geral entre **q**, ou **g**, e **e** ou **i**, nas sílabas **que**, **gue**, **qui**, **gui**, é excepcionalmente pronunciado; ex.: *freqùente*, *ungùento*.

Efectivamente, temos de optar por um de dois expedientes: 1.º escrever **cue**, **cui** por *qu-e, qu-i*, e **gue**, **gui** (v. p. 91) por *gu-e*, *gu-i;* ou 2.º marcar o **u** com um sinal que indique ser êle proferido. Talvez o segundo expediente seja mais aceitável, pois seguindo-o se evita a introdução de uma letra nova, **g** diferente de **g**, suposto não serem raras essas adições ao abecedário romano: cf. o *þ* e o *ð* islandeses, o *ñ* espanhol, a ß alemão, e os diacríticos usados em polaco e principalmente em boémio, símbolos todos novos acrescentados ao abecedário latino.

Teríamos assim: **eqùestre**, **eqùídeo**, **argùente**, **argùir**, **argùi** (mas *argúi = argúî)*, para evitarmos as leituras *arguí*, *árgue*.

Com relação a vocábulos como **quatorze**, em que o **qu** está seguido de vogal que não é **i** ou **e**, o melhor se-

ria voltarmos para êles á antiga ortografia com **c**, **catorze**, (castelhano moderno **catorce**). Cf. **caderno** de quaternus, cujo radical é idéntico, e **cota** por **quota** (latim quota), com uma diferenciação de ortografia, etimolójicamente injustificável e disparatada; e confronte-se ainda a escrita usual, e até oficial, **licor**, em vez de **liquor**, latim liquor, e as ortografias antigas de *camanho* (quam magnum), *contia* e *calidade*, por *quantia*, *qualidade*, e a pronúncia vulgar, *còrtél*, por *quartel*.

ë

Varia tanto a pronúncia do *e*, não aberto, antes da consoante palatal, *x*, *ch*, *j*, *lh*, *nh*, e no ditongo *ei*, que seria muito conveniente a adopção de um sinal diferente do acento circunflecso, para indicar que êsse **e** não é aberto, e que o seu valor varia de província para província, mantendo-se, porém, sempre distinto daquèle. Os dois pontos sobrepostos (de que já fiz uso na ROMANIA, 1883, para èste fim) poderiam designar èsse *e* de valòr incerto, quando se torne necessário indicá-lo, quer marcando o acento tónico como em *amëijoa*[1], vocábulo esdrúxulo, quer nos livros de ensino, em outros quaisquer vocábulos, como *rëis*, diferente de *réis*; o *e* de *sëlha*, diferente do *e* de *vélha*; *fëcha*, cujo *e* também se diferença do de *frécha*; *rëjo*, a par de *réje*, *enréja* e *Téjo*, etc. Serviria aqui, pois, êste sinal diacrítico para denotar um valor do *e* análogo ao do *ö* em alemão e sueco, conquanto não seja com êle idéntico, e que em Lisboa tem o valor de *â*.

---

[1] Êste vocábulo escreve-o D. Núnez do Leão (ORTOGRAFIA), **amegeas**, isto é, *améjias*, ou *amêjias*, e manda-o diferençar de **amexeas**, fruto, que hoje se pronuncia *ameixas*.

ḁ, *e̥* de *pḁvor*, *pe̥rdão*, *i̊*, *ů* de *pai̊*, *paů*

O emprêgo do sinal (̥) subscrito é indispensável, quando em livros de ensino seja necessário designar claramente o *e* surdo, e que o *a* fechado não é tónico. Este sinal, introduzido por Lépsio [1] na transcrição geral, é conhecido de todos os que se ocupam de fonética, tem sido adoptado por inúmeros filólogos, e é preferivel ao apóstrofo subscrito *(a̦, e̦)* que se empregou na transcrição adoptada no Grundriss der Romanischen Philologie, [vol. i, 1888]. Assim, quando seja indispensável, se diferenciariam, por exemplo, *se̥* de *sê* e *sé, dḁ* de *dá, pre̥gar* de *prègar*, *ḁquela* de *àquela.*

Por outra parte, é também conveniente destinar-se um sinal diacrítico especial para denotar, em caso de necessidade, principalmente em gramáticas e dicionários, a atonia das vogais, como já se tem feito, isto é, um sinal, oposto ao acento tónico ('); por exemplo o *i* e *u* de *sai̊a, Soi̊dos*, *agůa,* por oposição a *saía*, *soídos*, *agúa*, quando essas letras passam a ter o valôr de semi-vogais — transeunt in consonatium potestatem —, segundo a expressão dos gramáticos latinos. É portanto aceitável para tal fim o emprêgo do círculo sobreposto, porque ao semicírculo, ou braquia (˘), que vários gramáticos e foneticistas teem adoptado, se dá outro emprêgo definido e já consagrado, servindo, como serve, para indicar a quantidade prosódica breve, em latim e grego, por exemplo, em oposição ao mácron (¯), ou sinal de longa; diacríticos muito usados também em livros de fonética, para o mesmo fim, e com referência a qualquer idioma, em que se observe a distinção: cf. em português *passēie* imp. de **passear** e *passĕi* pretérito de **passar**; *căi* de **cair**, e *cāie* de **caiar**.

---

[1] Standard Alphabet, Londres — Berlim, 1863.

Sinais de pontuação e outros signos ortográficos

Dos sinais de pontuação, **vírgula**, **ponto e vírgula**, etc., apenas me referirei aos **pontos de interrogação** e **de exclamação**.

Parece-me necessário que se usem os pontos denominados de interrogação e exclamação, invertidos ou sem inversão, no comêço de qualquer frase, oração ou período, cujo valòr interrogativo ou exclamativo, e conseguintemente a sua entoação própria, não estejam determinados por construção sintáctica especial, isto independentemente da repetição dêsses sinais no fim. É êste o uso espanhol, muito sensato, e que merece a pena imitar-se.

Na realidade, se se não colocar o ponto de interrogação no princípio da frase seguinte, por exemplo, o leitor errará a leitura, e só conhecerá o êrro, ao vê-lo no fim dela: — **O capitão veio ontem, no comboio das oito e um quarto, de Cascais?** —

O ponto de interrogação ou de exclamação inicial é tanto mais necessário em português, quanto é certo que na sua maioria as frases, que não começam por pronome ou advérbio, interrogativos, ou exclamativos, se não diferençam das enunciativas, a não ser pela entoação especial; o que não acontece em outras línguas, como a francesa e as germánicas, em que há construção especial, ou as esclavónicas, que possuem partículas interrogativas, como a latina as possuía.

Outros sinais ortográficos

(Apóstrofo e hífen. Divisão das sílabas)

A meu ver, o uso do apóstrofo só é conveniente limitando-se a formas pouco triviais, e sobretudo se se aplicar únicamente a indicar a supressão de letras, e não a outros

fins, como errόneamente e por imitação da ortografia francesa se faz na actualidade, por exemplo quando se emprega nos vocábulos **n'este**, **n'um**[1] e nas formas **dou-vo'los**, **davam-n'o**, **d'armada**, por *da armada*, etc.

É porém admissível o seu emprêgo para denotar a supressão de vogal ou consoante, de letra emfim, que na escrita ou pronúncia comum se não omita, restrinjindo-se o uso dêste sinal a casos raros de tais omissões. Por outro lado, é sempre melhor que a ligação facultativa das partículas com os nomes se não indique, pois é lícito proferir, por exemplo, a locução **anel de ouro** quer como *anel d'ouro*, quer como *anel di ouro*. A contínua repetição dêste sinal, como a usam os franceses, e ainda mais os catalães, é impertinente e inútil para a leitura.

O preceito, portanto, deve ser: unir sem apóstrofo vocábulos que nunca se usam separados um do outro, ainda mesmo que para tal união se elida a vogal do primeiro, **pintarroixo**, **pedraúme**, por exemplo, por **pedra-aúme** (alumen). Assim, devemos escrever sem apóstrofo **neste**, **dêste**, **dahi** (ou **daí**), como já escrevemos **no**, **do**, **donde**; semelhantemente **no-lo**, **vo-lo**, **lho** (=**lhe-o**, **lhes-o**) **mo**, **to**, isto quer haja, quer não, hífen.

As contracções **lho**, **lhos**, **lha**, **lhas**, correspondem a **lhe o**, **lhe os**, **lhe a**, **lhe as**, **lhes o**, **lhes os**, **lhes a**, **lhes as**, e sujerem-nos considerações ponderosas.

É extraordinária a segunda série, pois das formas *no-lo* etc., *vo-lo*, etc. se deduz que ela deveria ser constituída pelos correspondentes *lhe-lo*, *lhe-los*, *lhe-la*, *lhe-las*, em que o *l* inicial do pronome conjunto se houvesse mantido, amparado pelo *s* de *lhes*, como se manteve em *no-lo*, *vo-lo* por *nos-lo*, *vos-lo*; formas hipotéticas sim, mas indu-

---

[1] Já Bento Pereira, no século XVII, condenou o uso do apóstrofo em *neste*, etc. (ORTOGRAFIA, p. 63).

bitáveis, pois o *l* desapareceria, como desapareceu em português, quando ficava entre vogais, por exemplo, em *saes* plural de *sal*, e *pedraúme*} petra alumen, etc., etc.

Na fala popular *lhes* é efectivamente inaudito, e não só na popular, mas na de todos, quando conversam despreocupadamente. O que se conclui daqui é que a forma *lhes* é artificial, só para a escrita; e tanto assim é que ainda não conseguiu divulgar-se, nem mesmo na enunciação das pessoas cultas, apesar da influência literária, cada vez mais difundida e preponderante.

Porém mesmo na literatura, quer moderna quer antiga, não são raros os exemplos de **lhe** por **lhes**, como provarei, começando pela moderna, despretenciosa, para terminar pela antiga ultra-literária, por Camões.

— Já chegaram as *bicudas* (galinholas), como lhe chamam os caçadores [O SÉCULO, de 1 de novembro de 1901].

— Por *monturos* classificam-se os *ferragiaes* contiguos ao monte, ou os *bafos* do monte, como tambem alguns lhes chamam, se não lhe encontram a feição propria dos ferragiaes. [PORTUGALIA, I, p. 280].

Êste passo é principalmente digno de reparo, porque nos dá exemplo da forma natural e da artificial, e tanto mais singular a segunda, quanto é certo que o *s* desaparece antes do *ch*, ao falar, ou ao ler em voz alta; emquanto a primeira, *lhe*, em qualquer dos casos se manteria *lhes*, por estar antes de vogal, se quem isto escreveu assim proferisse deliberadamente.

Darei agora exemplos antigos, dois tirados de escritor desartificioso, mas correcto, em quem *lhe* é a forma constante por *lhes*; três extraídos dos LUSÍADAS, onde igualmente abunda lhe no plural.

— mas para efeituarem os seus torpes e sensuaes apetites, não lhe faltam invenções diabólicas — [PEREGRINAÇÃO, de F. Méndez Pinto, cap. CLXV] —

— Se os Reys que no tempo dagora governão... a terra, cuydassem que depressa lhe hade vir esta hora [*ib*] —

Na última citação é decisivo *lhe*, por ficar antes de vogal, a que se juntaria o *s*, se proferido fosse.

> O coração dos Mouros se quebranta,
> O temor grande o sangue lhe resfria — [ib. I, 89]

> — Sem ser dos Lusitanos entendido
> Que em figura de paz lhe manda guerra — [Lus. I, 94]

> Nem sabem nesta pressa quem lhe valha — [ib. II, 25.]

Não resta a menor dúvida que o poeta empregou lhe por lhes sem que o metro lho exijisse, tanto na segunda, como na última destas citações; e não digo na primeira, porque se poderia alegar, se fosse única no poema, que o *s* final de lhes ficara absorvido no **r** inicial de *resfria*, como fica em *dé réis*, por *dez reis*, *o reis*, por *os reis*, na pronúncia desafectada, que empregamos falando.

Se exemplos antigos de **lhes** para o plural não existissem, afirmaria que esta forma era não só artificial e analójica, mas moderna e falsa. Não o posso fazer, porque se encontram freqüentemente. Bastará citar um, colhido em edição escrupulosíssima, e portanto fidedigna. — e pres muitos dos milhores (cavaleiros) de Roma e fez-lhes jurar sôbrelles santos evangelhos — [Dr. Klob DEMANDA DO SANTO GRAAL, *in* «Revista Lusitana», VI, p. 339.].

lo, los, la, las, no, nos, na, nas, num, noutro

Desde 1850, por influência de doutrinas fantasistas de alguns gramáticos, começou-se a dividir do verbo o seu, completo objectivo da 3.ª pessoa, considerando êste como

tendo as formas **o**, **os**, **a**, **as**, únicamente, e essa divisão defeituosa é a geralmente adoptada hoje[1]. Assim também usa-se o apóstrofo, onde êle nada significa, em **n'um**, etc.

É pois urjente emendar as formas erróneas **matal-o**, **mátal-o**, **tem-n'o**, **tem-l'o**, **n'um**, **n'uma**, etc., substituindo-lhes as correctas *matá-lo*, *mata-lo*, *tem-lo*, *tem-no*, *num*, *numa*, etc.

Nenhuma dúvida resta a quem estudou históricamente a língua que esta divisão é a única lejítima, e assim também *esperáramo-lo*, *dá-vo-los*, etc., a não se reunirem em um só vocábulo aqueles elementos, o que eu não aconselharia[2].

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga forma do artigo-pronome, que se mantém depois de formas verbais e pronominais em *r*, *z*, *s*, suprimindo-se êstes; *no* o mesmo pronome artigo, que se modificou, transformando-se o *l* em *n* por assimilação parcial do *l* á vogal ou ditongo nasal, que termina certas formas verbais: assim, *matá-lo* (dantes escrito **matallo**), *mata-lo*, *tem-lo*, *di-lo*, *fá-lo*, estão por *matar-lo*, *matas-lo*, *tens-lo*, *faz-lo diz-lo; tem-no, dizem-no* estão por *tem-lo*, *dizem-lo; dá-vo-lo* por *dá-vos-lo*.

A forma enclítica do pronome *o*, *os*, *a*, *as* só se emprega depois de vogal, quer formando crase com ela na pronúncia, *dava-a*, *dá-a*, **canta-o** (=*cántò*, usada na conversação), quer não a formando, **dava-o**, **dá-o**, **canta-o**

---

[1] Parece ter sido D. N. do Leão, quem primeiro erróneamente pretendeu explicar o *l* das formas *viste-lo, fizeste-la*, por mudança em *l* do *s* de *vistes*, *fizestes*, por b o m s o í d o (Ortografia). Convém advertir, porém, que êle se referia á assimilação do *s* ao *l*, e não á sua mudança antes de vogal, fantasia muito mais moderna, que só vingou, e ainda mal, depois de 1850.

[2] Veja-se o que a êste respeito diz J. I. Roquete, a p. 6, n.º 1 da nova edição do Leal Conselheiro [Paris, 1852].

(=*cánta-u*). A contracção *no* é a ligação da preposição **em** com o artigo **lo**, em um só vocábulo, **em-lo**, com assimilação do *l* á nasal precedente (*ẽ*, *ẽi*), e supressão do *e*- átono. Da freqùéncia da contracção **no, na** por *enno*, *enna*, *ẽno, ẽna* } *em-lo*, *em-la* resultaram por analojia as contracções **num** [1], **noutro**, **neste**, **naquele, nesse**, em que a preposição **em** ficou representada, como em **no**, pelo *n*, transformação, ou como se diz com termo técnico, permutação do *l* por acomodação ao ditongo, ou vogal nasal, que o precedia imediatamente. Isto nos ensina a história da língua, e o facto da mutação em *n* do *l* do artigo é confirmado por formas vulgares no Aragão, como *en nos campos*, por *en los campos*, que eu lá ouvi, mesmo a gente culta.

Repito: isto diz-nos a história da língua. A própria reflessão, porém, ainda sem êste preparo, o mesmo nos ensinaria. Que o *r*, por exemplo, da terminação dos infinitos dos verbos não é incompatível com um complemento começado por vogal, transformando-se em virtude de tal suposta incompatibilidade em *l* por eufonia (palavra vã, que se emprega para explicar mal, o que o estudo reflectido explica melhor); que o *r* não se converte em *l* quando seguido de vogal, conforme preceituaram certos gramáticos fantasistas, está provado pela circunstáncia, de que só em contacto com o pronome objectivo da 3.ª pessoa desaparece o *r* para figurar um *l*. Assim dizemos *matá-las*, mas não dizemos *matal aves*, e sim, *matar aves; comprá-los*, mas não *comprá luns livros;* e o povo, por arcaísmo, dirá *matá las aves*, por *matar las aves*, tratando o artigo como trata o pronome.

---

[1] Assim escrito, por exemplo, na PEREGRINAÇÃO, cap. CLXVIII e *passim*.

Vou dar alguns exemplos, colhidos em escritores antigos e modernos, não só de *lo*, *no*, como pronomes, mas também como artigos, assim como da divisão ou união dêles, como enclíticos ou proclíticos.

No Roteiro da viagem de Vasco da Gama [2.ª edição, Lisboa, 1861, revista por A. Herculano] lemos: **demandalla terra**=*demandá la terra*, por **demandar a terra**, comparavel a *matá las aves*.

Na Tradição [Série I, n.º 1] veem publicadas umas cantigas alentejanas, que reproduzimos aqui em parte, modificando-lhes ou corrijindo-lhes a ortografia, e nas quais se colhem em flagrante os artigos *lo*, *la*, *no*, *na*, no uso popular. Na última estrofe figura *no* também como pronome enclítico:

Lá no palaiço reala
Uma estrêla baixou,
Visitá lo Deus menino
Que Deus ao mundo mandou

Entrai, pastorinho, entrai
Por êsse portal sagrado;
Vinde vê lo Deus menino
Entre palhinhas deitado.

Quem vai para o céu vai bem,
Se não errá lo caminho.

Esta noite de janeras
Éi de grande mer'cimento,
Por sê la noite primeira
Em que Deus passou tromento.

Esta noite de janeras
Se rezam nas profecias

Quem são n o s trés cavalheros
Que fazem sombra no mara?
São n o s trés do Oriente
Que a Jesus veem buscara.

Prècuram no Deus menino,
Aonde o irão achara?
Foram-NO achar em Roma.

No I volume do Dicionário da Academia [1793], único até hoje publicado, o pronome faz corpo com o verbo, sem duplicação da consoante final deste; ex.: **confrontalas, advertese**, o que é já simplificação, pois o uso era pôr a consoante dobrada; por exemplo, nas OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS de João Pedro Ribeiro, **ligallo, removello**, **pollo** [p. 58 e 72].

— S ô b o l o s rios que vão
Por Babilónia me achei — [Camões, REDONDILHAS]

Esta forma é feita por analojia com **todolos**, por **todos los**, sobejamente conhecida para precisar de abonação.

—Medões de A-vê-l o-mar, isto é, «A ver o mar», [PORTUGALIA I, 610, onde está erradamente escrito A v e l-o - m a r].

Ainda o ano passado, em Espinho, colhi em flagrante a seguinte frase, proferida por uma camponesa:— *Quebraste* la *corda* — por **quebrastes la corda** = quebrastes a corda.

Esta assimilação é análoga á que se deu com os vocábulos espanhóis *en-nos campos*, que citei, e a qual coincide perfeitamente com o portuguès antigo *ennos*, onde o artigo está representado por *nos*, como em Gil Vicente:

— Pessoas de mao viver
Não n a s posso ouvir nem ver [Auto das Fadas]

No Livro de Linhajens do Conde Dom Pedro, Titulo iii, [*in* Portugaliae Monumenta historica, Scriptores i] vemos ora **enno**, ora **em no**; em outros documentos antigos **ẽ-no**, **ẽno**. [1]

É também esta a orijem da forma *no*, *na* em galego, em que se dá igualmente a permanéncia de *lo*, como em português.

> Vaite d'ahi Pedro Chosco,
> non m'enganel la criada :
> non na calças, nin na vestes
> nin lhe pagal la soldada.

Na Revista Lusitana [t. iii, p. 139], onde veem publicados êstes versos, dobram-se os **ll** e **nn**; é porém duvidoso que se pronunciem duplicadas estas letras, sendo mais provável a absorção da primeira na segunda dessas consoantes, como em português, mormente por serem átonos êsses artigos.

Almeida Garrett, que dividia correctamente, do verbo ou do pronome, o pronome conjunto, **lo**, **la**, [2] apresenta-nos as formas falsas **em-lo** por *em-no*, e desconheceu a forma *no* do artigo [3].

> — Não quero ouro, nem prata
> Não lo quero para mi. (aliás **no**)
> — Que darias mais, Senhora,
> A quem lo trouxera aqui. (aliás **no**)

---

[1] Vida de Sancto Amaro, *in* «Romania», t. xxx, *passim*, por exemplo.

[2] «**Privaste-lo do auxilio dos homens desta villa**» — [Alfajeme de Santarém, Acto v, Cena iv].

[3] «**Digo-vo-lo eu**» [*ib.* Cena iii].

É evidente que o sumo poeta conhecia mal a língua antiga e a sua evolução dialectal, que Alexandre Herculano sabia muito melhor.

Na interessante comédia, A SOBRINHA DO MARQUÊS, dá-nos uma personajem minhota, Zé Braga, a pronunciar português como se fosse galego: *xesuitas*, *chente*, *locha* nunca foram pronúncia minhota, nem os bragueses chamam *Vraga* á sua cidade. Com semelhante elocução é justificada a apóstrofe **galego**, na boca de Simões, outra personajem da comédia.

É claro, pois, que na verdadeira divisão das palavras citadas o hífen deve anteceder o **l** ou **n** do acusativo do pronome pessoal da 3.ª pessoa, e que se pode suprimir o apóstrofo por inútil; **matá-lo**, **tem-no**, **tem-lo**[1], **no**, **num**.

Nem êste modo de dividir essas formas é uma innovação, mas sim uma renovação. Assim dividiu o verbo do seu complemento o PARNASO LUSITANO, assim dividiram Herculano e Rebêlo da Silva, assim Ferreira Borjes[2], e assim dividia o próprio Diário do Govêrno até 1850.[3] A divisão errónea proveio das teorias fantasiosas dos gramáticos de certo período, que estudavam a língua, não pelos

---

[1] Certos escritores modernos, ou por êles os compositores ou revisores, inventam formas monstruosas na união dos verbos aos seus complementos átonos. O autor de um livro de versos recente, ou alguém por êle, inventou para seu uso uma palavra portuguesa terminada em *-inl*, que deve causar assombro a todos os investigadores da fonolojia portuguesa:—e t e i n l - o **dentro do peito —**. Quis dizer *tem-lo*, por *tens-lo*.

[2] «**Omiti-**lo **ou nega-**lo **seria uma injuria porque é obrigação confessa-**lo.» (CODIGO COMMERCIAL PORTUGUEZ, Porto, 1836). *A sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro Duque de Bragança.*—

[3] E assim divide recentemente.

seus monumentos escritos, ou pela fala viva do povo, mas por filosofias abstrusas e sínteses arquitectadas no ar, ou armadas na sua imajinação. E, com efeito, é mais fácil, e mesmo mais vistoso, fazer conjecturas aparatosas, do que estudar laboriosamente os factos, deduzindo dêles as leis que os regulam.

Os emprêgos do hífen são pois os seguintes:

1.º Unir dois ou mais vocábulos quando o sentido da locução se não deduza do significado dos seus componentes, contanto que cada um dêsses elementos conserve a sua acentuação própria, por exemplo, na locução **pêra-formiga**, na qual o vocábulo **formiga** não é empregado na sua natural significação.

No mesmo caso estão **louva-a-Deus**, **pau-ferro**, **porta-voz**, **livro-mestre**, **pára-raios**, **peixe-galo**, **mãe-d'água**, **clara-bóia**, **flor-d'enxofre**, **pintarroixo**, etc.

Se os dois ou mais vocábulos se reúnem por tal modo, que o primeiro dêles perde a sua acentuação, ligar-se hão sem hífen, por exemplo, **matacão**, **aguardente** (} *água ardente*). Se, ao contrário, os elementos, conservando acentuação independente, mantém os seus significados naturais, são inúteis a união dêles e o hífen: **praça de armas**, **casa de campo**, **palácio de inverno**, **trem de praça**, etc.

2.º Dividir um vocábulo nos seus elementos constitutivos.

3.º Unir os pronomes pessoais no caso terminativo ou objectivo-terminativo, quando átonos, ao verbo de que dependem enclíticamente: **dei-lhe**, **dá-mo**, **vejo-te**, **dava-no-lo**, **sentar-se**, **levantar-se**, etc.

Quando, em qualquer caso, o primeiro elemento coincidir com o fim da linha, o hífen deve repetir-se no comêço

da linha seguinte; exemplo: **dá- -mo**, **porta- -voz**. (Veja-se **-formiga**, na pájina 213, l. 12).

Com respeito á divisão dos vocábulos em sílabas, quer em fim de linha, quer em outras condições, entendo que ela deve ser feita por sílabas fonéticas, pela soletração, e não pela separação dos seus elementos de derivação, da maioria dos quais não há consciéncia por parte de quem fala. Dêste modo dividiremos, por exemplo, *subs-cre-ver, de-sig-nar, trán-sito, bi-sa-vô, pre-cep-tor, vi-a-duc-to, di-rec-ção, res-pec-ti-vo, su-búr-bios, o-be-de-cer, i-ná-bil, i-nad-ver-tén-cia, ma-nus-cri-to, de-sa-ju-da-do*; como já dividimos *flo-res, fi-ze-rem, mu-lhe-ril, fu-ni-lei-ro, me-ses, ve-zes, ma-les, i-ne-fi-caz, ar-ra-zoa-do, bi-sar-ma, ab-sol-ver, ob-ser-var, as-sis-tiu, ac-ção*. A divisão etimolójica, á latina, ou á inglesa (ainda mais artificial e exajerada), é pouco natural, porque parte sílabas fonéticas, cujos elementos são inseparáveis, sem vantagem para a clareza, e em contrário da tradição, que tanto respeitava o princípio de a língua escrita ser a imagem da falada, que prendia umas a outras as palavras, quando o acento tónico as ligava, como vemos exemplo na nota (2) de pájinas 196, e é de todos sabido.

Esta regra tem duas excepções óbvias. A primeira é constituída pelo preficso **ex**, cujo **x** acompanhará sempre o **e**, por esta consoante ser dúplice, valendo em português, por *is*; a segunda pelas palavras compostas, unidas por hífen; ex.: **ex-ér-ci-to**, **vi-ce-almirante** = *viçalmirante*.

1. A divisão dos vocábulos em sílabas, preceituada pelo grande filólogo do século XVI Duarte Núnez do Leão, o nosso Nebrissa, é toda baseada na latina, e seria inútil citá-la aqui, mesmo para a criticar e refutar. Foi, como outros humanistas do seu tempo, vítima dos preconceitos clássicos do Renascimento, como os gramáticos romanos o foram, muito antes, da influéncia das teorias gramaticais dos seus mestres helénicos.

Os únicos grupos de consoantes pertencentes como iniciais á mesma sílaba são, em geral, os formados por *r* e *l*, precedidos de *b, c, d, f, g, p, t, v*, como em *a-brir, do-ble, a-cre, te-cla, a-dro, so-frer, me-lí-fluo, a-gro, a-glo-me-rar, a-prê-ço, a-pli-car, a-tra-ves-sar, livro;* sendo os formados com *r* incomparávelmente mais antigos e numerosos, e os únicos verdadeiramente portugueses nas orijens da língua. Como iniciais de palavra, os grupos com *l* como subjuntiva sómente os encontramos, no falar do povo, em *claro, glória, flor*, que substituíram os antigos *craro, grória, frol*, que foi precedido de *chor* ‹ florem, como *chuva* ‹ pluuia; cf. *chorudo, chorume.*[1]

Deve-se ainda ponderar que não são sómente os ditongos decrescentes cujos elementos se não podem separar, o que já é regra, visto que nenhuma pessoa que saiba gramática, mal que seja, dividirá **pa-i-nel**, **ca-u-sa**, **o-i-to**, **Ce-u-ta**. O mesmo preceito deve ser aplicado aos ditongos crescentes; não dividiremos, pois, um vocábulo como **diabo**, **ciúme**, *di-a-bo*, *ci-ú-me,* mas *dia-bo, ciú-me; á-gua*, e não *á-gu-a;* e ainda com mais razão *qua-tro* e não *qu-a-tro,* pois em tais palavras tanto o *i* como o *u* são tam assilábicos, como o são em *painel, causa.* E como é freqüente que, em vez de *i* e *u* assilábicos, haja em português **e** e **o**, para o efeito da divisão das sílabas não se apartarão estas vogais assilábicas daquelas com que formam sílaba. Assim, dividiremos, por exemplo, **asseado**, **trovoada,** não em *as-se-a-do, tro-vo-a-da,* mas em *as-sea-do, trovoa-da;* e *leal, roer* constituirão monossílabos indivisíveis, como o são igualmente *fiel, Luís,* onde o *i* e o *e*, o *u* e o *o* são também assilábicos. Na imprensa é já êste o uso, perfeitamente justificado.

---

[1] — «e al nõ comya se nõ das hervas e das chorumes das flores». VIDA DE S. AMARO, *in* «Romania» t. XXX.

No decurso dêste escrito terá o leitor encontrado freqùentes vezes um sinal ortográfico convencional, que talvez lhe não seja familiar: a chaveta ({), e esta mesma invertida (}). Significa a primeira, com o vértice para esquerda que o vocábulo colocado antes dela deu orijem aos vocábulos que estão dispostos á direita da chaveta. Êste mesmo sinal ao contrário, com o vértice para direita, quere dizer que o vocábulo, ou os vocábulos que estão á esquerda procedem, são derivados do que está escrito á direita do sinal. Substituí com êste signo, á imitação do que se faz na revista KRITISCHER JAHRESBERICHT ÜBER DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, o sinal (>), que até agora era empregado para indicar a derivação, e que em geral se usava com o vértice virado para o lado das palavras derivadas, e a abertura para o étimo, mas a que o dr. Hugo Schuchardt, com sobeja razão, dá a disposição inversa. Para o mesmo fim serviu-se o dr. Garcia Ribeiro de Vasconcelos da frecha (→), na sua GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, colocando o étimo á esquerda, e os derivados á direita, do signo.

CAPÍTULO VI

Ampliação do abecedário português

(æ, ä, ö, ọ̈, œ, ü, ï, w, y, ƚ, l̇, ṅ, ꞃ, ċ etc.

Alguns dos sinais diacríticos, e símbolos especiais, empregados em outras línguas mais conhecidas, são já de uso tam geral, que não podemos deixar de os admitir; taes são:

ä, ö, ü, com o valor, ou valores que teem em alemão; o *æ,* o *œ;* o *w,* e o *y,* se o desterrarmos, como convém, da escrita normal do português: alguns dêles serão mesmo necessários para a indicação de pronunciações dialectais da nossa língua, em dadas circunstáncias. Aos sinais e símbolos citados poderemos ficsar os valores seguintes:

æ, o *e* aberto tendendo para *à,* peculiar do Algarve; por exemplo em *pés,* e que é igual ao *a* breve inglês de *bad.*

œ: o *ö* alemão de *hölle,* que também existe nas ilhas dos Açôres, correspondendo ao **ou** do continente.

ö: o *eu* francês de *seul,* valor do **ou** na Beira-Baixa.

ọ̈: o *ö* alemão de *höhle.*

ü: o *u* dos Açôres e da Beira-Baixa, análogo ao **u** norueguês, e quási igual ao **u** francês *(ụ̈).*

ä: o *a* muito claro igual ao *a* francês de *là*, que se ouve em muitos pontos do Minho, em Caminha, por exemplo.

ï: o *i* açoriano de *navio*, etc., que está para o *i* normal, como o *ü* (*u* francês) para *u* (português)

w e *y*, para se indicarem, respectivamente, as fricativas ou contínuas bi-labial e palatina, com maior carácter de consoantes do que as semivogais *ů*[1] e *i̊* de *água*, *saia*.

ɫ: o *l* final de sílaba em *mal*, *sôlto*, *filtro*

ɴ: o agma, ou *n* póstero-palatal de *franco*, *frango*.

Outros sinais diacríticos serão necessários ainda, como o ponto inferior, já consagrado para marcar *t*, *d*, *n*, *s*, *z* cacuminais ou subcacuminais, e o *a*, fechado *(ạ)* de *mal*, *mau*, diferente do *a* de *má*; o ponto superior para denotar palatais, como *ċ*, *ẋ*, *j*, *ṡ*, *ż*, *ṅ*, *l*, etc., e para marcar distintamente qualquer vogal de valor médio, entre aberta e fechada, como por exemplo o *e* de *pė*, *crėr*, no Algarve, que não soa nem *è* nem *ê*, sendo mais fechado que o primeiro e mais aberto que o segundo, o *e* e *o* castelhanos emfim, isto é, *ė*, *ȯ*.

Um traço cortando as letras **k**, **g**, **t**, **d**, para significar que se proferem como contínuas, e não como divíduas: **j** castelhano, **ch** e **g** medial, alemães, **th** surdo e sonoro, ingleses, etc.

Êstes vários símbolos são principalmente aplicáveis á indicação mais rigorosa da pronúncia, em trabalhos especiais, nas transcrições de alfabetos estranhos, por exemplo; não devem portanto fazer parte do alfabeto necessário

---

[1] Que para o ouvido dos portuguêses o *w* inglês, pelo menos o inicial, não equivalia ao seu *u* assilábico prova-o a transcrição que Rui de Pina [CRÓNICA DE EL-REI DOM AFFONSO V, cap. CLXII] faz do nome **Warwick** por **Baroique** (isto é, *(baruíque)*. Note-se igualmente o segundo *w* representado por **o**, porque **u** seria interpretado como *v*. (V. páj. 198 — 200).

no ensino escolar. Quando muito, bastaria indicar o valor de *e* dos símbolos latinos **æ**, **œ**, já hoje em dia figurados pelos seus elementos separados, **ae**, **oe**; e ainda as três letras pontuadas **ä**, **ö**, **ü**, com a indicação dos seus valores em alemão, que são: *è* ou *ê*, *eu* francês, e *u* francês.

No alfabeto, porém, figurarão, como até aqui, as letras **k**, **w** e **y**, por isso que são freqüentes em nomes estranjeiros, que a todo o momento ocorrem em periódicos e livros, com valores muito variáveis, mormente as duas últimas, **w** e **y**.

Nomes das letras no abecedário português

Para denominar as letras do abecedário adoptaria eu o judicioso sistema de Erasmo Rask, que está em harmonia com o dos romanos, e é próssimamente êste:

1.° As vogais denominar-se hão com o som aberto que lhes compete, quando teem mais de um som: *à*, *è ò; i*, *u*.

2.° As consoantes explosivas tomarão como nome o seu valor de iniciais, seguido da vogal *ê*, ampliando-se esta já conhecida denominação, de muitas delas, ás que sejam nomeadas de outra maneira: *bê*, *dê*, *guê, pê*, *quê*, *tê*.

3.° As contínuas denominar-se hão pelo seu valor, precedido da vogal *è*, que é o nome que a maioria delas tem: *éfe*, *éje*, *éle*, *éme*, *éne*, *érre*, *ésse*, *éve*, *éxe*, *éze*.

4.° Terão nomes especiais as seguintes: **c**, *cê;* **ç**, *cê cedilha(do);* **g**, *gá;* **h**, *hagá;* **k**, *kapa;* **w**, *éu;* **y**, *éi*.

5.° Os sons que são expressos por uma letra seguida de *hagá*, denominar-se hão, como é uso, pelos seus elementos: *cè hagá* (**ch**), *éle hagá* (**lh**), *éne hagá* (**nh**), e não, como em castelhano, *che, elle (elhe), eñe (enhe)*.

CAPÍTULO VII

Vocábulos peregrinos e nomes próprios estranjeiros

Todos os vocábulos usuais na língua devem ter escrita portuguesa; os que a não recebam terão de figurar, e parcimoniosamente, como estranjeiros, sendo impressos em itálico. Se tais palavras são indispensáveis, por serem nomes de objectos para os quais não há denominação portuguesa conhecida, é de necessidade que se revistam de feições portuguesas, para que entrem no tesouro comum, enriquecendo-o. É o que fizeram os nossos autores antigos e até modernos, até o periodo recente em que se introduziu o presunçoso pedantismo estranjeirado, que mal disfarça a ignorância de quem dêle abusa. Citarei alguns vocábulos que, já na imprensa periódica, já em livros figuram com formas estranjeiras:

Alkaid, **Kitanda**, **grog**, **sorgho** (sorgo), **porte-monnaie**, **stock**, **drawback**, **nickel**, **docka**, **cocke**, **koran**, **shah**, **goodong**, **verandah**, **krees**, **muezzin**, **minarete**, etc.

Alguns dêstes tinham já forma antiga portuguesa, consagrada: **alcaide**, **quitanda**, **estoque**, **xá**, **godão**, **varanda**, **cris**, **almuadem**, **almenara**, ou **almeara**, **alcorão**.

Analisarei os seguintes:

Al-kaid: alcaide, «capitão de fortaleza», e **alcaide**, «empregado de polícia» são um e o mesmo vocábulo arábico, em duas acepções diferentes [1], e na primeira delas foi usado já em meados do século passado por Joaquim da Costa Cascais, no seu drama O ALCAIDE DE FARO.

Kitanda e **quitanda**: são igualmente um só vocábulo, quimbundo, e não há o mínimo fundamento para ser escrito de dois modos diferentes, conforme signifique «feira indíjena na África ocidental portuguesa,» ou «venda volante de objectos meúdos»: pois ninguém ainda reconheceu a necessidade de diversificar na ortografia os diferentes significados dos vocábulos **fio**, **salva**, **vela**, conquanto de orijens diversas, conforme as significações; e ainda menos as várias acepções das palavras **campo**, **céu**, **casa**, **luz**, **moço**, **água**, etc., ou, em francês, **grève**, por exemplo. Sôbre êste vocábulo, cujo primeiro significado, «praia areenta», ainda hoje perdura na língua usual, veja-se o excelente artigo, que se lhe consagrou no interessantíssimo livro de Nyrop-Vogt, DAS LEBEN DER WÖRTER [Lípsia, 1903, cap. IV, p. 93 e 94]. Na sua acepção mais recente, a de «abandono colectivo de trabalho», já passou para cá, dando um derivado **grevista**. Os espanhóis denominam **huelga**, «folga», êsse acto associativo e solidário de protesto, por parte dos jornaleiros; os italianos chamam-lhe **sciopero**, os ingleses **Strike**. Nós poderíamos aplicar-lhe a designação de **sueto**, cujo significado muito se lhe aprossima. Nenhum inconveniente há, porém, na adopção definitiva da palavra francesa **grève**, já muito

---

[1] Comparem-se as duas acepções que adquiriu nas Espanhas o termo arábico UAZIR, de que tratei a páj. 199. V. também Garcin de Tassy, MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, 2.ª edição, Paris, 1874, p. 74.

divulgada, de fácil pronunciação e de forma perfeitamente portuguesa (cf. **leve**, **neve**, **breve**); contanto, porém, que lhe tiremos o acento grave, enteiramente supérfluo e contrário aos nossos hábitos, escrevendo simplesmente *greve*, *grevista*.

Continuemos a nossa análise.

Se o vocábulo inglês **dog** recebeu, e bem, escrita portuguesa, *dogue*, é necessário que o vocábulo **grog**, ou se escreva *grogue*, ou se proscreva da língua; se escrevemos *oboé* (**hautbois**), *maré* (**marée**), é mester escrevermos *porte-moné*, porque tam francês é êste, como são aqueles. Semelhantemente, quem aportuguesou **stock** em *estoque*, pode dar êste mesmo nome á moderna acepção de **stock**, se é que é precisa cá semelhante palavra, que por nosso mal já há muito figura em documentos oficiais, com outra não menos esquipática, **drawback**, e não mais necessária. **Coke**, **nickel**, **docka** há muito tempo deveriam ser escritos á portuguesa, *coque*, *níquel*, *doca* (êste já o é), visto que tais vocábulos não teem substitutos correspondentes na nossa língua, e mesmo porque alguns são tam portugueses já, que produziram derivados, como *niquelar*.

Vemos a todo o momento ressurjirem, com formas estranjeiradas, palavras que eram há muito portuguesas, com escrita portuguesa: citarei entre muitas outras *xá* e *godão*, ressuscitadas com as formas **shah** e **goodong**!

Se até o portuguesíssimo *varanda* nos reaparece inglesado em **verandah**, com o pretexto de côr local, finjindo-se que o vocábulo é índio. Está averiguado que é hispánico, e afim de *varão*, *vara*. Foram os portugueses que o levaram para a Índia.

Com o mesmo sólido fundamento vemos numa obra recente nomes próprios mouriscos disfarçados com **w**, como se esta figura existisse em árabe!

O que há no alfabeto arábico é uma letra, cuja forma

é a de uma virgula (و), que se denomina *uáu* e se pronuncia *u*, e que ora vale por vogal, ora por consoante se está antes de outra vogal, com a qual faz sílaba. Ao autor, porém, que de certo ignora isto, aprouve preferir-lhe a letra inglesa **w**, por côr local, como diz, de nomes mouriscos nas Espanhas! Sôbre esta estranha deturpação vejam-se as sensatas observações a respeito da transcrição do alfabeto árabe em letras portuguesas, feitas pelo orientalista o sr. David López, no Prefácio ao seu precioso trabalho TEXTOS EM ALJAMIA PORTUGUESA [Lisboa, Imprensa Nacional, 1897] p. XVIII-XXII, cuja leitura deve ser recomendada aos partidários de feições estranjeiras em escrita portuguesa. Terão ali muito que aprender, apesar de convencidos de que muito sabem.

Assim também, transformaram-se modernamente as palavras *cris* em **krees**, *almuadem* (castelhano *almuédano*) em **muezzin**, *alcorão* em **koran** e **qoran**, *xá* em **shah**, etc.

Deter-me hei um tanto com os vocábulos *godão, cris,* e *alcorão,* que, como disse, são as formas portuguesas, visto já me ter referido a *xá* (V. páj. 145).

Bluteau escreve *gudão* e define o vocábulo, como palavra da Índia,—«logea debaixo do chão»—, abonando-se com João de Barros [DÉCADAS II, fólio 14] e com a MALACA CONQUISTADA de Francisco de Sá e Meneses, da qual cita o verso—

—E das riquezas os gudoens desertos [L, X, 61]

É de presumir que os ingleses formassem dêste plural o seu **godowns**, de que extraíssem ao depois o singular **godown**. O vocábulo é malaio, ou dravídico, como vemos em Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN COLLOQUIAL WORDS AND PHRASES [Londres, 1886], *sub voc.* **godown**. Dá-se aí por deminuta a definição de Bluteau, com um êrro

tipográfico (de chão por do chão). Maior averiguação seria fora do seu logar aqui.

Cris. Esta palavra veio para Portugal, com muitas outras, no tempo do nosso predomínio na Ásia. Foi do português que êle depois se difundiu pela Europa:

— As setas venenosas que fizestes,
Os Crises com que já te vejo armada —.

LUSÍADAS, X, 44.

Alcorão: esta forma portuguesa do nome arábico que se aplica ao livro relijioso dos islamitas, atribuído á Mafoma, empregaram-na os nossos autores não só com esta escrita, e nessa acepção, mas ainda, e muito freqùentemente, para designar a tôrre de onde o almuadem, ou sacerdote, chama os maometanos á oração.

A palavra alcorão, no sentido de «tôrre de mezquita», «campanário», vem em Bluteau, devidamente abonada com frei Gaspar da Cruz [ITINERÁRIO DA ÍNDIA]. António Tenreiro [ITINERÁRIO] emprega «**campanario**» no mesmo sentido (cap. LXIII), e nos meus apontamentos tenho **alcorana** por **alcorão**; infelizmente, por omissão, porém, não está abonado o termo.

Os franceses dão-lhe o nome de **minaret**, forma turca, da arábica **menara**, que com o artigo *al* deu em português **almeara** e a forma diverjente **almenara**, empregada por Alex. Herculano no EURICO, IX — «Porque as almenaras ou fogueiras nocturnas que eram do uso entre os arabes». — O vocábulo **almeara** ainda é usado no Alentejo: no SÉCULO de 23 de outubro de 1896 lê-se: — «Em Serpa... provocou o lançamento de fogo a umas almearas de palha». —

Um romancista contemporáneo, que em breve tempo já adquiriu justo favor do público pelas suas patrióticas e

bem tecidas novelas históricas, escreve **Cambodge** e **Cambodja**, por exemplo, confessando que foram os portugueses que divulgaram êste nome na Europa, e documentando o asserto com textos antigos, citados em notas, nos quais êste nome está escrito, como deve ser, *Camboja*, que é a forma camoniana, como escreve **Mekong**, por *Mécom*[1]:

> Vês passa por Camboja Mécom rio,
> Que capitão das águas se interpreta;
>
> Lus. x, 127.

¿ Como quere o autor, aliás de inegável merecimento, ter voto na matéria, se não presume, como creio, conhecer as línguas a que êsses nomes pertencem, se não sabe como nelas se escrevem, nem jamais os ouviu pronunciar aos naturais? ¿ Porque é então que alterou formas portuguesas, consagradas por séculos, que foram escritas por quem estava nas circunstáncias de as ouvir bem e de as representar melhor? A própria **Sião** bíblica ali a vemos afrancesada em **Sion**, depois de ter vivido centenares de anos com a forma portuguesa; e assim tantos outros nomes, e entre êles o de **Alcacer Quivir**, demudado em **Kebir**, apesar do conhecidíssimo *Guadalquivir*, que por emquanto tem escapado ás iras iconoclásticas dos escritores modernos. Almeida Garrett, cedendo também á moda, escreveu **Alcacer Kebir**, por *Alcácer Quivir*, ou *Quevir*, na cena XIV do 2.º acto do FREI LUÍS DE SOUSA.

---

[1] Não há a menor dúvida de que a acentuação dêste nome é na primeira sílaba, como as cadéncias do verso exijem. G. de Vasconcelos Abreu assim acentuou, mesmo em prosa [FRAGMENTOS DE UMA TENTATIVA DE ESTUDO SCOLIASTICO DA EPOPEIA PORTUGUESA, Lisboa 1880, p. 26]. Na estança 129 do mesmo canto dos LUSÍADAS, teremos tambem de acentuar *Áinão*.

> — E de Áinão vê a incógnita enseada. —

É sabido que êste epíteto *Quivir* significa em árabe «grande» e está apenso a êste nome, diferençando-o de *Alcácer Ceguer*, isto é, «pequeno». Deve ter-se em consideração que a forma predilecta dos nossos antigos escritores é *Alcácere* e não *Alcácer*, como era *Tánjere* e não *Tánjer*, nomes que assim escritos devemos pronunciar *Alcácere*, *Tánjere*, por serem vocábulos esdrúxulos e não haver e final ou medial postónico que se profira *è*, sendo que todos êles em tal situação valem ẹ; confrontem-se *intérprete*, *Alvaiázere*, *Zêzere*, etc. Quando porém o nome *Alcácere* está seguido de epíteto, vemo-lo sincopado em *Alcácer*, como em *Alcácer-do-Sal*, e nos dois citados.

Darei aqui o plano de romanceação portuguesa que em tempo apresentei á «Comissão para rever a nossa nomenclatura geográfica», nomeada por portaria régia de 19 de maio de 1900; reproduzindo igualmente em parte as considerações que o antecediam, e são necessárias á sua cabal intelijéncia: suprimirei, porém, com excepção da última, as tabelas que a acompanharam a bem dizer dispensáveis neste trabalho, que não apresenta carácter de provisório e consultivo, como aquele a que me refiro.

Como o leitor verá, êsse plano limita-se á uniformização e regularização dos nomes pertencentes a idiomas escritos com os alfabetos romano, gótico e clementino ou esclavónico, pois os que teem de ser transliterados ou transcritos de sistemas de escrita diversos dêstes estão confiados a outros membros da Comissão, ou ficaram reservados para estudo subseqüente meu próprio. Devo apenas acrescentar que o plano, que segue, foi pela referida Comissão aprovado, como devendo servir de base aos trabalhos ulteriores sôbre tal objecto.

Nomes próprios estranjeiros

A maior parte da antiga nomenclatura que usaram os nossos escritores desde o século XV, e mesmo antes até o princípio do século passado, vai caindo em desuso ou sendo menosprezada, não se tendo na devida conta que êsse vocubulário e as formas genuinamente portuguesas de nomes próprios de mares, de rios, de terras, de povoações, de quaisquer localidades emfim, fazem parte essencial do lécsico nacional, tam essencial como as demais dições da língua pátria. A maioria, se não todos os compêndios empregados no ensino geográfico veem inçados de denominações estranjeiras ou estranjeiradas, mal formadas umas, falsas outras, ilejíveis muitas delas, e não poucas inúteis por já existirem na língua outras, ou melhor autorizadas por bons escritores nossos, ou mais conformes com a índole e particularidades de pronúncia do idioma que falamos e sua ortografia tradicional, cujas feições típicas são característico nacional de tamanha valia como outro qualquer dos que nos diferençam dos demais povos.

É de necessidade que se restabeleça nos compêndios de geografia, de qualquer grau, a nomenclatura portuguesa empregada pelos escritores do período áureo da nossa literatura, e outros posteriores ao período de ficsação de formas da língua portuguesa, modificando-se-lhes apenas as feições ortográficas que sejam evidentemente reconhecidas como arcaicas ou erróneas; com a maior prudéncia, porém, para que da modificação não resulte alteração na pronúncia portuguesa de tais denominações. Para èste resultado, pelo menos parcial, há trabalhos feitos, alguns dêles tabulares, como são, por exemplo: o ROTEIRO DA COSTA D'ÁFRICA, de Castilho; os nossos antigos compêndios de geografia; a GEOGRAPHIA DOS LUSIADAS, do falecido Borjes de Figueiredo; a edição do mesmo poema feita em 1880 pelo

*

Dr. Francisco Adolfo Coelho; as DÉCADAS de João de Barros e Diogo do Couto, publicadas pela Imprensa Nacional de Lisboa, acompanhadas de índices de fácil e rápida consulta, (estas porém com bastante circunspecção), e outras obras análogas; e sôbre nomenclatura arábica, e com toda a confiança, os eruditos trabalhos de David López, dados á estampa por ocasião do centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia, nomeadamente o que trata da aljemia portuguesa, e o último publicado, HISTORIA DOS PORTUGUESES NO MALABAR, que tem um índice alfabético, ao qual fácilmente se pode recorrer.

Há ainda outras obras, de carácter mais especial, que conviria utilizar, mas que me abstenho de mencionar, porque me levaria muito lonje a resenha. Apontarei todavia ainda as publicações de carácter oficial anteriores a 1850, isto é, pertencentes a um período, no qual a innovação neste ponto se não havia ainda manifestado.

Restabelecida por êste modo a antiga e boa nomenclatura, ou as formas portuguesas das denominações geográficas indicadas, pelo menos até onde se puderem por agora averiguar, restará ainda um cabedal copiosíssimo de outras denominações da mesma natureza, mas de orijem moderna, ou não mencionadas em escritores nossos de boa nota nesta espécie, e para ellas urje igualmente ficsar normas que evitem a sua multímoda deturpação, ou a sua escrita inútil e desarrazoadamente estranjeirada, ou infundadamente etimolójica. Três ou quatro exemplos soltos darão idéa geral desta espécie.

A forma portuguesa consagrada do nome de uma cidade e de um império no norte de África é **Marrocos;** sendo para notar que é de todas as conhecidas a que mais se aprossima da pronunciação arábica dêste nome. Modernamente, porém, aparece outra forma a pretender substituí-la, quando se quere designar especialmente o nome da

cidade, distinção fútil que os mouros não fazem, e cuja escrita não contém elementos de leitura claros para portugueses: é **Marrakesch**. Esta fórma é de origem alemã, e muito recente, e representa a pronúncia *marráquex*.

As regras de duplicação de consoantes estão, mesmo na ortografia portuguesa denominada etimolójica, subordinadas actualmente á existéncia de tais geminações no idioma do qual foi, ou é, tomada a forma portuguesa do vocábulo, e nem sempre. O que é irracional e infundadamente complicado é figurar na denominação portuguesa uma duplicação de letras que não existe nas línguas orijinaes, nem por elas se explica. Assim, é êrro escrever-se **Iacca**, **Benguella**, por **Iaca**, **Benguela**.

Ás línguas africanas usadas em domínios nossos, quer da familia cafrial, quer dos vários grupos de idiomas falados a norte do Equador, é peculiar uma nasalização, em certas circunstáncias, de várias consoantes iniciais: **Ntessa**, **Mbundo**, por exemplo. É freqùente ver escritos estes nomes com um apóstrofo a preceder, ou a seguir, o que peor é, o *m* ou o *n*. Tal sinal ortográfico, cujo emprêgo em portuguès se limita a indicar, em certos casos, a supressão de uma letra, não deve ser usado para designar outro facto; e a verdade é que nenhuma letra há suprimida em tais nomes, nem antes, nem depois do *m* ou *n*. A romanização portuguesa lejítima destes vocábulos africanos já os nossos escritores a ficsaram há muito, e convém que os tomemos por modêlo: antepunham uma vogal que fizesse sílaba com êsse *m* ou *n*, como os nomes *Angola*, *Ambundo*, e outros testificam.

O *x* denotou sempre na Península Hispánica, com excepção única do castelhano moderno (desde o XVII século), o som que em portuguès se lhe dá nos vocábulos *xadrez*, *xairel:* cumpre, portanto, que esta letra substitua incondicionalmente, em todas as transcrições e transliterações de

nomes estranjeiros, escritos com outros alfabetos que não sejam o romano ou o gótico, as bárbaras escritas **sh**, **sch**, inglesa a primeira, alemã a segunda, e que nenhuma pronunciação indicam para portugueses. O mesmo se deverá fazer em relação a **w** e **y**, que serão substituídos por *u*, *i*, como fez Héli Chatelain, na ortografia do quimbundo; o mesmo ainda a respeito de **k** em vez de *c* ou *qu*, de **oo** ou **ou** em vez de *u*, e de **ch**, que só deve ser mantido para indicação do som que representa nos falares das Beiras, do Minho e de Trás-os-Montes, análogo ao *ch* castelhano e inglês, e sempre representou em português, até o princípio do século XIX. Dêste modo, **Tchad**, **Kamtchatka** devem ser escritos em português *Chad*, *Canchatca*, seja qual for a pronunciação que se lhes dê; qualquer outra escrita é bárbara, como o é **Shiraz** por *Xiraz*, **Nyassa** por *Niassa*, **Tanganyika** por *Tanganhica*.

Nem para tal regularização da escrita de nomes estranjeiros, geográficos ou pessoais, nos deve estorvar a alegação, tantas vezes repetida e nunca documentada, de que os nossos antigos autores escreviam êsses nomes como os ouviam, e que os ouviam mal; visto que o mesmo fizeram e fazem os escritores estranjeiros, a quem imitamos, ao usarem em tal representação gráfica os caracteres latinos, ou outros, aos quais davam e dão o valor que teem na língua de cada um dêles, ou um valor convencional, que varia conforme os autores, ainda mesmo que pretenda ser científico.

Apresentaremos um exemplo que é de molde para convencer. Os nossos cronistas na Ásia escreveram *Coje Çofar*, ou *Coja Çofar*, e em modernos escritos vemos o mesmo nome ortografado **Khwadjà Safar**. A pronunciação, porém, á parte o som inicial que não existe em português e que portanto está tão bem indicado por *c* como por *kh*, se é que o não está melhor, a pronunciação, pois, é muito mais

conforme em persa com a nossa antiga escrita e pronúncia, do que com a suposta transliteração moderna: a letra *u* não a proferem os persas depois daquela inicial; o *a* longo pronuncia-se como *o,* e o *a* final mal se ouve e está conseguintemente muito bem representado por *e* mudo. Assim a forma *Coje* ou *Coja,* como representação gráfica da pronúncia persa para portugueses, é muitíssimo mais fiel do que a forma **Khwadja**, a qual é um verdadeiro enigma para todos.[1]

O mesmo podemos dizer com relação á extravagante forma **Sikokf**, de orijem holandesa, que não é mais que o imperfeitíssimo arremêdo da forma portuguesa *Xicoco,* a qual reproduz com a maior fidelidade a pronúncia japonesa dêste nome.

As diferentes nações europeias possuem ortografias suas para a transcrição dos nomes geográficos e pessoais estranhos: aplicam essas transcrições os franceses, os ingleses (nem sempre com coerência), os alemães, os italianos, etc., e em todas elas é o valor alfabético que as letras romanas obtiveram na língua de cada uma delas, que constitui a base dessa transcrição, como a constituía para a dos nossos antigos autores o valor dessas letras em português. Os nossos vizinhos espanhóis ficsaram já, em trabalhos históricos, geográficos e outros, a escrita castelhana dos nomes arábicos, ao adoptarem a transcrição de Eguílaz Yanguas, quási toda baseada no valor tradicional dado na Península Hispánica ao alfabeto romano. Urje, portanto, que nós os portugueses, que tantos nomes fizemos conhecidos em virtude da narração dos nossos descobrimentos e conquistas na África e Ásia, não só recuperemos o cabedal esperdiçado, mas também, tomando-os por modelos e

---

[1] V. Garcin de Tassy, MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, p. 77, e 78 n. 2.

continuando a tradição, apenas interrompida ha uns cinqüenta anos, por êsses padrões pautemos a escrita dos que êles não mencionaram, ou não conheceram.

Outra necessidade impreterível do ensino geográfico, como do histórico, consiste em indicar-se em todos os compéndios a pronúncia portuguesa de todos os nomes próprios, visto como em tal ensino convém não deixar introduzir erros, que difícilmente se corrijem ao depois. Devem, portanto, ser esses nomes gráficamente acentuados na sua sílaba predominante, para o quê se terão sempre presentes as regras da acentuação latina, modificadas pelas leis que as rejem em português. O discípulo, e também o professor, (que não podemos exijir que seja um filólogo enciclopédico), o primeiro para aprender certo, o segundo para não ensinar errado, devem encontrar sempre nos compéndios indicada a acentuação, para que não pronunciem, como a todo o momento ouvimos, por exemplo, *Taygéto, Ladóga, Ónega, Cagliári, Gibráltar, Quilôa*, em vez das acentuações verdadeiras, que são *Taíjeto, Ládoga, Onéga, Cágliari, Gibraltár, Quíloa;* e bom fôra que se restabelecesse a verdadeira acentuação portuguesa em outros nomes, como *Madagáscar*, evidente na medição do verso dos LUSÍADAS em que aparece o nome da maior ilha africana (á qual os nossos primeiramente puseram nome São Lourenço), como a de *Quíloa,* tambem o é [1].

---

[1] Que Madagáscar é d'alguns chamada

LUSIADAS, x, 137.

A Quíloa fértil áspero castigo

IBID., x. 26.

Em todos os versos do poema em que vem mencionado êste nome a medição a acentuação é *Quíloa.* — V. Os LUSÍADAS, edição anotada por F. Sales de Lencastre, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 55.

Com relação a nomes não romanizados nem romanizáveis á portuguesa, de igual importancia sería a indicação, por letras portuguesas, da sua pronúncia aprossimada, mencionada entre paréntese, no texto e no índice, como vemos em geografias escolares estranjeiras, e até em livros nossos. E não se cuide que o ensino simultáneo, principalmente do francês, e do alemão ou inglês, obviará á incerteza que resulta para a pronunciação da falta de acentuação gráfica e de pronúncia, porque não só o conhecimento dessas línguas induz em êrro se tais nomes lhes são estranhos, mas também porque os nomes próprios que lhes pertencem são, em muitos casos, excepções ás regras que lhes regulam a leitura.

Vemos em compéndios já publicados exemplos dos dois subsídios que apontamos, e êsses subsídios foram muito bem aceitos pelo nosso professorado, e tanto que a falta dèles foi já assinalada como defeito capital em um dos livros adoptados para o ensino secundário, conforme a última reforma dêle.

Ninguém duvidará, de certo, de que a reivindicação, correcção e ficsação da ortografia dos nomes próprios geográficos, históricos e outros, e a indicação da sua acentuação ou pronúncia, são trabalho que exije noções muito especiais e devido preparo, ao mesmo passo que, em muitas circunstáncias, laboriosas pesquisas, segurança de método e bastante circunspecção.

Se se trabalhar neste empenho, poderá sem duvida, em breve prazo, estabelecer-se um plano geral de romanização portuguesa, acompanhado dos competentes nomenclatores; corrijindo-se, porém, desde já o que se puder de pronto corrijir, e consignando-se, por inclusão nos respectivos programas para concurso de livros de ensino, a condição expressa e indeclinável de que a nomenclatura seja, quanto possível, e sujeita a correcção motivada pelos

competentes júris, verdadeiramente portuguesa e devidamente acentuada. Conviria, além disto, que, entre parêntese, nos casos necessários, se indicassem nos mesmos compêndios as denominações nacionais, conforme a ortografia própria de cada uma das nações que se servem do alfabeto romano ou do gótico, todas as vezes que a identificação ás formas aportuguesadas não seja evidente, ou quando haja mais de uma denominação autorizada, como acontece, por exemplo, com **Antuérpia** e **Anveres**, á imitação do que se costuma fazer nos bons dicionários geográficos, e até em vocabulários bilíngues.

Por outra parte, convém semelhantemente que até a escrita dos nomes geográficos portugueses, do continente e das ilhas adjacentes, sofra tambem uma revisão e uniformização metódica, para que êsses sejam igualmente corrijidos. Escritas tais como **Foya**, com **y**, a par de **Azoia**, com **i**, **Monsão**, em vez de **Monção**, etc., devem desaparecer de livros de ensino; primeiro porque manifestam incongruência, segundo porque habituam o espírito do aluno á idea de que a escrita é assunto de escassa importância.

A execução dêste último trabalho será relativamente fácil, se se tomarem por base, para se fazer a necessária correcção, os índices do sexto volume da CHOROGRAFIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, de João Maria Baptista [Lisboa, 1874-79], isto é, o Dicionário Corográfico [1878].

Bases da transcrição de nomes estranjeiros

Como é sabido, servem-se do alfabeto romano, na Europa, os seguintes povos:

LATINOS: isto é, que falam línguas procedentes do latim: Portugal, Espanha, Itália, França, Béljica, Suíça, (em parte) e Roménia.

GERMÁNICOS: Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Suécia e Noruega, Áustria, Alemanha e Suíça, em parte.

Esclavónicos: Principalmente Polacos e Boémios.

De outras orijens: Húngaros, Finlandeses, Vascongados.

Alguns dêstes povos levaram com as suas próprias línguas para outras partes do mundo, por êles colonizadas, o alfabeto romano, que serve igualmente para a escrita de vários idiomas falados, na Europa e fora dela, por povos subordinados políticamente a algumas dessas nacionalidades, e para a representação gráfica de línguas analfabéticas.

Do alfabeto gótico servem-se únicamente, na actualidade, os alemães, os austríacos e suíços alemães, e os povos escandinavos, em parte.

Como, porém, o alfabeto denominado gótico, ou melhor romano-gótico, não difere do latino senão em acidentes mínimos, podemos agrupar os dois, com respeito á sua aplicação a representarem os sons principais que convirá diferençar, tomando nós por base o valor das letras romanas em português, e o das suas combinações, conforme a tradição legada pelos nossos antigos escritores, e o uso corrente na representação dos vocábulos portugueses usuais.

Nos sons, quer vogais e ditongos, quer consoantes, que formam o cabedal do português do centro do reino estão compreendidos dois ou três hoje desusados nessa língua comum, mas que existiam nela ao tempo em que os nossos autores do período áureo nos deram transcrições de nomes peregrinos.

Os nomes próprios, quer geográficos, quer pessoais, podem dividir-se em duas categorias: 1.ª Os pertencentes á antiguidade clássica, latinos ou gregos, os bíblicos, e todos aqueles que teem já forma portuguesa, há muito consagrada, e que por título nenhum convém que se alterem caprichosamente: a sua escrita há de regular-se pela ortografia portuguesa dos nomes comuns.

Constituem a segunda categoria os nomes peregrinos, e compreende ela os de introdução antiga, mais ou menos aportuguesados, que hão de servir-nos de modêlo, e os de admissão recente, que pela escrita dêsses teem de ser pautados. Podem êstes últimos dividir-se ainda em duas espécies, abranjendo a primeira os pertencentes a línguas modernas escritas com o alfabeto romano, os quais temos de reproduzir, indicando-lhes a pronúncia aprossimada, todas as vezes que os não possamos aportuguesar; na segunda espécie teem cabida os nomes pertencentes a idiomas escritos por sistemas diversos do nosso, e que é fôrça transcrevermos em letras portuguesas, conforme o valor delas, perfeitamente conhecido e ficsado.

Principiaremos pelos da primeira espécie. Antes, porém, diremos algumas palavras sôbre os clássicos, latinos, gregos, hebraicos, tam abundantes em todas as línguas cultas europeias, em razão da educação clássica e cristã, que prevalece nelas.

Como é sabido, a acentuação pronunciada dos nomes latinos, e, á imitação desta, a dos nomes gregos transcritos no alfabeto romano, alatinados portanto, regula-se nos vocábulos de mais de duas sílabas, pela quantidade prosódica da penúltima, sendo nela que recai o acento se é longa, e passando êste para a antepenúltima se a penúltima é breve. Nos dissílabos o acento faz-se na primeira sílaba. Nomes ocsítonos não os há senão monosílabos, ou polisílabos que perderam a última sílaba átona, como, por exemplo, *Ajáz* (em Camões *Ajáce)*, latim A i a c e m, acusativo de A i a x.

É esta a conhecida regra de acentuação latina, que todas as nações, com excepção da França moderna, respeitam, não só na leitura do latim, mas ainda na romanização ou acomodação dos nomes latinos e gregos aos seus idiomas próprios.

Como não há ninguém, por mais assídua que haja sido

a sua leitura clássica, por mais perfeita que seja a sua educação de humanidades, por mais firme que tenha a memória, que nesta possa conservar com segurança a quantidade prosódica da penúltima sílaba de todos os vocábulos polissílabos latinos e gregos, para a poder indicar aos leitores, mormente quando tal quantidade não depende de regras, mas de autoridade; é indispensável, para que tais nomes não sejam deturpados na acentuação, que esta figure marcada nos livros e mais elementos escritos de ensino, quer em todos êsses nomes, quer mediante qualquer convenção, pela qual, acentuando-se gráficamente uma parte dêles, por exemplo os proparocsítonos e certos ocsítonos terminados em vogal e parocsítonos terminados em consoante, o leitor saiba sempre sem hesitação qual seja a sílaba tónica. Nos casos duvidosos, cumpre que a pronunciação de todo o nome seja também indicada.

Teem acentuação sua própria os nomes bíblicos de orijem semítica, que para português vieram da VULGATA: são qúasi todos ocsítonos se terminam em consoante, parócsítonos se terminam em vogal. Há todavia considerável número de excepções, que mediante o acento gráfico teem de ser apontadas nos livros de ensino, com o mesmo fundamento com o qual se deve dilijenciar que as formas tradicionais portuguesas não sejam alteradas ao sabor do capricho individual, que tudo estraga, querendo aperfeiçoar, ou melhor dito, mudar tudo, para satisfazer a modas estranjeiras.

Volvendo aos nomes peregrinos pertencentes a idiomas que se escrevem com caracteres romanos ou góticos, quando êsses nomes sejam de adopção recente, e como tais não tenham forma portuguesa consagrada, nem se possam aportuguesar por analojia com outros nomes parecidos; vimos já que nos era forçoso reproduzi-los, na maioria dos casos, com todas as suas letras, indicando-lhes a

pronúncia aprossimada portuguesa, conforme o valor das letras em português.

É manifesto que a correspondéncia de sons tem de ser aprossimada, e em vários casos com bastante inexactidão: a pronúncia, pois, que tal correspondéncia é destinada a figurar, estará em muitas aprossimações consideràvelmente apartada da verdadeira pronúncia que os nomes teem nas línguas a que pertencem. Forçoso é, porém, proceder assim, porque seria difícil a sua expressão mais rigorosa logo que tais nomes contenham sons estranhos ao português comum, e também porque o hábito da língua nacional iria lentamente abolindo, e substituindo por outros familiares, aqueles que por umas complicadas convenções quaisquer se representassem com maior rigor. Neste pressuposto, considero equivalentes entre si vários sons perfeitamente distintos, e entre êles, por exemplo: **e** e **o** castelhanos a *ê*, *ô* portugueses; **a** e **â** franceses, já diferentes um do outro, a *à* aberto português; **ge**, **gi** italianos a *je*, *ji* portugueses; **z** castelhano a *ç* português; os dois valores do **ch** alemão ao *ca*, *co*, *cu*, *que*, *qui* portugueses; os dois valores do **th** inglês a *t*, *d* portugueses. Simplifico, aprossimando-o quanto possível do português, o sutil sistema de vogais inglês, considerando idénticos sons vocálicos que na pronúncia do inglês são perfeitamente diferençados, como os dos seguintes vocábulos, comparados dois a dois: **fit**, **feet**; **full**, **fool**; **not**, **nought**; **bud**, **bird**; assim como identifico os dois valores do **a** e do **ü** em alemão. Deixo, igualmente, de atender á diferença de duração das vogais longas, com relação ás breves correspondentes, como desatendo a distinção entre consoantes sinjelas ou dobradas em italiano. Como, porém, o francês é língua mais usual entre nós, destinei os símbolos *œ*, *œ̃*, *o̤*, *ü*, *æ̃* para denotar as vogais dos vocábulos **seul**, **un**, **feu**, **du**, **fin**. Alguns dêstes símbolos serão ne-

cessários para a figuração da pronúncia e para a transcrição de outras línguas.

Para a representação da pronúncia dos nomes espanhóis teremos racionalmente, seguindo a tradição que foi comum ás duas nações peninsulares, de preferir a antiga á moderna pronunciação castelhana, mesmo naqueles nomes que não pudermos aportuguesar na escrita. Dèste modo, teremos de pronunciar á portuguesa todos os vocábulos em que figurarem as letras **j** e **ge**, **gi**, substituindo em muitos *x* a **j**, e de marcar com *ç* aqueles em que encontrarmos o **z** castelhano. Designação mais exacta sería propor, ou antes impor, uma pronunciação violenta, e dificultosa para todos os que de crianças se não habituaram a falar castelhano. Não haverá, portanto, para a maioria dos nomes espanhóis senão a indicar entre paréntese as seguintes equivaléncias: **ll**=*lh;* **ñ**=*nh;* **y**=*i;* **z**=*ç;* **e**=*ê*, **o**=*ô*. Para os nomes catalães basta ter em atenção que **ll** corresponde a *lh*, **ny** a *nh*, **ch** final a *c*, o **s** medial a *z* e **ig** final ao *ch* castelhano e portuguès antigo e dialectal.

Nos nomes italianos, semelhantemente, quando não estiverem já aportuguesados, ou não forem aportuguesáveis, e poucos relativamente serão êstes, a indicação da pronúncia pode limitar-se ás equivaléncias seguintes: **gli**=*lh;* **gn**=*nh;* **ge**, **gi**=*je*, *ji;* **ce**, **ci**=*ch;* **che**, **chi**=*que*, *qui;* **que**, **qui**=*cuè*, *cuì;* **ghe**, **ghi**=*gue*, *gui;* **gue**, **gui**=*gùe*, *gùi*, denotando o acento grave no *u* que èste se pronuncia; e finalmente **z**=*ts*, *dz*, conforme os casos, se não for preferível indicar as duas pronunciações por *ç*, *z*, como é minha opinião.

Com relação á acentuação, também me parece que devemos substituir, por exemplo, *Otránto* a **Ótranto**, que está em oposição com a nossa prosódia, pois nos são estranhos os vocábulos do tipo *mándorla*, aliás raros também no italiano clássico. Mudança de acentuação deverão ter

também em português quaisquer nomes próprios, italianos ou espanhóis, que, acentuados conforme as línguas orijinais, possam oferecer em português sentido obsceno ou imundo.

Antes que passemos a examinar a pronunciação dos vocábulos pertencentes ás línguas germánicas, esclavónicas, etc., parece-me conveniente dizer algumas palavras acêrca de duas línguas románicas menos familiares, e do vasconço, idioma aglutinativo, que, como todos sabem, é falado na Rejião Pirenaica.

Escreve-se êste em duas ortografias diversas, a castelhana e a francesa, que se diferençam em pequenas particularidades. São elas as seguintes: *x* na parte francesa é representado por **ch**; *ch* por **tch**; *ç* por **ç**, **ce**, **ci**. Na parte espanhola a representação dêstes sons é: *x* por **x**; *ch* por **ch**; *ç* por **z**. O som do *c* antes de *a*, *o*, *u*, e o de *que*, *qui*, são ás vezes representados por **k**. Em quási todo o país vascongado o **j** é proferido como *i*, havendo porém alguns pontos da França em que tem a pronunciação do nosso *j*; em quási toda a parte pertencente á Espanha o valor desta letra é o do **j** castelhano.

Na escrita, como na pronunciação, deveremos, a meu ver, seguir a ortografia e pronúncia castelhana, excepto no **z**, que é conveniente pronunciar e escrever *ç*, e no **j** ao qual daremos o valor que tem em português, quando o não virmos escrito com **y**, pois neste caso o figuraremos na pronúncia por *i*.

Com referéncia á acentuação dos vocábulos, os castelhanos convertem a meúdo os nomes vasconços agudos em enteiros, e os enteiros em esdrúxulos. Assim, os espanhóis acentuam gráficamente **Lizárraga**, ao passo que a acentuação vasconça é *Liçarrága*. Quando os nomes espanhóis tenham o acento marcado na antepenúltima, teremos de guiar-nos por êles. Os nomes vasconços franceses apare-

cem-nos já acomodados á escrita francesa, na sua maior parte, e ó desta que indicaremos a pronúncia; por ex.: **Roquiague**, vasconço *Arroquiága*.

Não mencionei ainda os dialectos ladinos, réticos ou reto-románicos falados na Suíça, nem tampouco o romeno ou valaco.

A ortografia dos primeiros dêstes idiomas não está ficsada, inclinando-se uns escritores para a ortografia alemã, outros para a italiana, outros para um misto das duas. Como a língua tem tido pouco cultivo literário, os dialectos são muitos, e as pronúncias muito variadas, teremos de guiar-nos pelos estudos de Th. Gartner, [1] a principal autoridade no assunto, que emprega em todos os seus trabalhos escrita fonética, da qual podemos fácilmente deduzir a que houvermos de empregar na representação da pronúncia dos nomes geográficos pertencentes a esta rejião.

Sabe-se que o alfabeto latino só há um século incompleto começou a usar-se nos países moldo-valacos. Antes, quem nos dois principais dialectos desta língua románica, o daco-romeno, e o mácedo-romeno, escrevia, usava principalmente o alfabeto clementino, ou melhor o cirílico ou glagolítico modificado por aquele [2]. Quando o alfabeto romano começou a ser empregado, misturaram-se-lhe vários caracteres daquele outro para a expressão de sons, para os quais o romano carecia de letras. Triunfou por fim êste, e a ortografia, ainda bastante indecisa, é actualmente pautada nas suas principais feições pela italiana. Tem todavia três letras modificadas, *ţ*, *ḑ* e *ş*, isto é **t**, **d**, **s** cedilhados, que valem respectivamente *tç*, *(d)z*, *x*. O segundo dêstes

---

[1] V. Raetoromanische Grammatik, por exemplo, [Heilbronn, 1883], *passim*.

[2] Veja-se «O livro da escrita do Prof. C. Faulmann, por A. R. Gonçálvez Viana, *in* «Positivismo», t. IV.

caracteres é geralmente substituído por **z**, que é a sua pronúncia mais geral; o primeiro pode muito bem representar-se por *ç;* e quanto ao último, quasi sempre substituído por **ss**, quando está entre vogais, pode nas mesmas circunstancias conservar esta escrita, indicando-se-lhe a pronúncia *x* entre paréntese.

Usam-se na escrita romana do romeno dois sinais diacríticos, o semicírculo cóncavo sôbre *ĭ* e *ŭ* para denotar que formam a parte átona de ditongos, e o mesmo sinal sobre *ă*, *ĕ* para expressar um som analogo ao do *a* português de *cada*.

O outro sinal diacrítico é o acento circunflecso (^) sôbre qualquer das vogais, **â**, **ê**, **î**, para expressar uma vogal esclavónica, representada por **y** em polaco, e que, acústicamente, é um som que lembra a um tempo o nosso *e* de *se*, e o **u** francês, para cuja representação propusemos o *ü* alemão, que tem valor análogo. Poderemos usar do *î* romeno para êste som, diferençando-o assim do *ü* (*u* francês) ou, o que me parece preferível, *ï*, que a p. 218 reservei para o *i* açoriano, de valor semelhante.

A transcrição do outro diacritico (˘), de que primeiro falámos, nas imprensas em que êle não existir, será nula, isto é, eliminar-se há da letra, e a pronúncia de *ă*, *ĕ* será indicada pelo *â* circunflecso quando forem tónicas.

Para a representação da pronúncia de nomes pertencentes ás línguas germánicas, inglês, holandês, alemão, dinamarquês, norueguês, sueco, etc., é bastante insuficiente o cabedal de sons que possui o português. Faltam-lhe, por exemplo, os *hh* aspirados, que escreveremos na pronúncia figurada, mas que ficarão mudos; os dois sons do **ch** alemão, em **bach** e **brechen**, que representaremos por *c*, *qu;* os dois sons do **th** inglês, que, como já dissemos, representamos por *t*, *d;* e bem assim as vogais *ö*, *ü*. Para a figuração das línguas escandinavas ainda a dificuldade é

maior, pois não temos no português comum vogais que correspondam ao *o* muito fechado de *tro*, por exemplo, a que damos aqui como correspondente ora *ô* ora *u*. Falta-nos igualmente o *u* longo sueco, que equiparámos a *ü*, e o *u* norueguês, que na realidade corresponde ao *u* da Beira-baixa, como em *tu*, assim como *ö* equivale ao **ou** da mesma provincia, em **touro**. Carecemos também do som do **g** dinamarquês depois de vogal (**dag**), e do som análogo, muito mais gutural porém, que tem o **g** inicial holandês (**gaan**), e bem assim do **ch** também holandês de **lach**, **schaap** mais gutural ainda que o **j** castelhano e quasi idêntico ao خ árabe. Semelhantemente nos falta o **ng** germánico. As equivaléncias, pois, hão de ser bastantemente infiéis. Como disse porém já, seria dificílimo conseguir que reproduzisse tais sons quem não é foneticista professo, ou não fale com perfeição essas línguas; e direi mais, seria mesmo ridículo que, entremeando no discurso português quaisquer nomes próprios estranjeiros, nós lhes fôssemos dar com exactidão a verdadeira pronúncia, todas as vezes que contenham sons estranhos á nossa língua, principalmente se para nós são difíceis de proferir.

Cumpre também, em relação ás línguas germánicas, e a muitas outras que não possuem vogais nasais, que na figuração da pronúncia se dupliquem os **mm** e **nn** finais, ou se lhes acrescente um *e* mudo, para denotar que essas letras se proferem como se fossem iniciais. Quando porém o **m** final, conforme a tradição portuguesa, servir para nasalizar a vogal antecedente em substituição do *ng* final germánico, figurará sem adição de outro **m** ou de **e** mudo; devendo porém substituir-se pelo til sôbre o **a** *(ã)*, visto como a terminação **am** a lemos como *ão* átono.

Estas condições são igualmente aplicáveis aos *nn* finais do castelhano e catalão, que se pronunciam enteiros, sem nasalizarem as vogais que os precedem.

Relativamente ao aportuguesamento de vários nomes de orijem germánica, vemos que é já uso da língua o acrescentar *o* aos que terminam no vocábulo **burg**, **borg**, **borough**, que se converte em **-burgo** ao romanizarem-se. Sôbre os que terminam em **-berg**, o uso espanhol é acrescentar-lhes **a** ficando femeninos. Em português parece-me que bastaria acrescentar **-ue** ao **g**, terminando-os em **-bergue**. É conveniente também que, todas as vezes que se romanizem as terminações, o primeiro elemento do vocábulo perca as suas feições germánicas: assim escreveremos *Vurtembergue*, *Nurimbergue*, pelo alemão **Würtemberg**, **Nürenberg**, *Gotemburgo* pelo alemão **Gotenburg**, sueco **Götaborg**, como já escrevemos *Zelándia* por **Zeeland**.

Ainda com respeito á figuração da pronúncia dos nomes alemães e holandeses, é sabido que **b**, **d**, **g** finais de sílaba equivalem a *p, t, c* (**k**, ou **ch** em alemão, **ch** em holandês), e que portanto são estas letras, e não aquelas, que teremos de escrever na pronúncia figurada.

Dos idiomas que mencionei, como sendo nacionalmente escritos com o alfabeto romano, resta-me tratar dos esclavónicos, do finlandês e do húngaro. Começarei por êstes dois, reservando para depois dêles os esclavónicos, boémio e polaco, que nos darão subsídio para a transcrição do alfabeto russo, do qual, com pequenas modificações, se servem também outros povos esclavónicos do ramo oriental. Direi depois algumas palavras sôbre a escrita de algumas das línguas africanas, faladas em domínios nossos, principalmente do quimbundo, do umbundo e do lundês.

A indicação da pronúncia do finlandês não oferece dificuldades, pois poucos são os sons dêste idioma que não tenham representação em português ou em francês. O húngaro contém alguns sons palatais que nos são estranhos, comquanto não ofereçam para nós dificuldade de emissão, pois existem em francês, principalmente parisiense, e po-

deremos fácilmente imitá-los, quando se lhes segue vogal, se intercalarmos entre esta e a consoante que a precede um *i;* dois dèles existem em portuguès, **ny**=*nh* e **ly** =*lh.*

A não serem as vogais já observadas por nós em francès e nas línguas germánicas **œ**, **ö** e **ü**, quer tónicas quer átonas, (e alguns ditongos com elas formados), o sistema fonético do finlandès não apresenta, como disse, dificuldade alguma de compreensão ou de figuração em português. A única feição da sua ortografia que nos causará estranheza é a repetição da vogal e da consoante, para indicar serem elas longas. É claro que, desatendendo nós na figuração a quantidade prosódica das vogais ou das consoantes em outras línguas, basta que nessa figuração escrevamos uma só de tais letras.

A quantidade longa das vogais é em húngaro expressa pelo acento agudo nas vogais não modificadas pelos ápices (¨), e por dois acentos, substituindo os ápices, naquelas que, breves, são coroadas por êles; assim: **a**, **á**; **e**, **é**; **i**, **í**; **o**, **ó**; **u**, **ú**; mas **ö**, **ő**, **ü**, **ű**. O alongamento das consoantes é indicado pela repetição, como em finlandès, duplicando-se só o primeiro elemento, quando o som é expresso pela associação de duas letras; dèste modo **ssz**, é a dúplice de **sz** (=*ç, s).* Na representação da pronúncia com letras portuguesas desprezaremos essas particularidades de pronúncia e escrita, como disse a respeito do finlandês e também do italiano.

Relativamente á acentuação que devemos observar na representação da pronúncia dos nomes finlandeses e húngaros, cumpre ponderar o seguinte:

Em qualquer dèstes idiomas o acento tónico principal é sempre na 1.ª sílaba de cada vocábulo, qualquer que seja o número das sílabas que componham èste. Em todas as sílabas ímpares que se lhe seguem há, em geral, um acento

secundário se o número delas é par, e nas pares se êle é ímpar; a última sílaba é sempre átona.

Deduziremos dêstes três preceitos as seguintes regras de acentuação dos nomes próprios dêstes dois idiomas, quando pronunciados em português:

1.ª Os vocábulos de uma só sílaba são todos acentuados.

2.ª Os dissílabos e trissílabos terão o acento na 1.ª sílaba.

3.ª Nos vocábulos de mais de três sílabas acentuaremos a penúltima, se o número de sílabas fôr par, a antepenúltima se êle é ímpar, pondo acento secundário nas sílabas anteriores, pares, ou ímpares, respectivamente. Entende-se pois que, logo que o vocábulo seja acentuado na língua orijinária, finlandês ou húngaro, para trás da 3.ª sílaba a contar do fim, converteremos o último acento secundário em primário, ficando os anteriores secundários. Outra prosódia, mais conforme com a dessas línguas, repugnaria aos nossos hábitos de acentuação, pois em português só temos bisesdrúxulos, isto é, vocábulos com mais de duas sílabas átonas depois da tónica, na énclise dos pronomes pessoais complementos de verbos, por exemplo: *dávamos-te*, *dávamo-vo-lo,* casos raros, e pouco perceptíveis no encadeamento da frase e nos seus acidentes de tonicidade.

Todavia, como os vocábulos do tipo do italiano **mándorla**, do inglês **cháracter**, ou do alemão **árbeiten**, sejam contrários á prosódia portuguesa, quando os nomes finlandeses ou húngaros, polissílabos de número ímpar de sílabas, tenham a penúltima longa, quer por posição (fechada por consoante), quer por natureza, será nessa penúltima que recairá o acento tónico, ao figurarmos a pronúncia.

Dêste modo teremos os seguintes tipos de acentuação, acomodada á prosódia portuguesa, e nos quais separarei dos exemplos finlandeses os húngaros por ponto e virgula:

1.º Ocsítonos: sómente os monossílabos.

2.º Parocsítonos:

a) Dissílabos; ex.: **Osmo** *(óssmo)*; **Harkany** *(hórconhe)*.

b) Polisílabos compostos de número par de sílabas; ex.: **Toriseva** *(tòricéva)*; **Szamosfalva** *(sòmoxfólva)*.

c) Polissílabos compostos de número ímpar de sílabas, com a penúltima longa; ex.: **Mielikki** *(miêlíki)*, **Vuokatti** *(vuòcáti)*; **Szalatnya** *(sòlótnha)*, **Szentiványi** *(sentivánhi)*.

3.º Proparocsítonos: Polissílabos, com a penúltima sílaba breve, que sejam formados por número ímpar de sílabas; ex.: **Tietäjä** *(tiêtèiè)*; **Szombately** *(sômbotèlhe)*.

Os nomes compostos, cujos elementos estejam separados por hífen, serão considerados como tantos nomes diferentes, sujeitos àqueles tipos, quantos forem êsses elementos assim separados; ex.: **Három-Szék** *(háromm sêc)*, **Nady-Becskerek** *(nód béchkerek)*.

Como disse, o húngaro tem vários sons palatais, que vamos egualmente encontrar nas línguas esclavónicas. Disse tambem que existem dois dêles em português, *lh* e *nh*. Quando qualquer sílaba de vocábulo húngaro terminar em **ly**, **ny**, acrescentaremos ás trancrições um **e** mudo, com o qual se não contará para a acentuação. Nas outras palatais **gy**, **ty**, suprimiremos o segundo elemento, figurando-as por *d*, *t*, se terminarem sílaba, e representá-las-hemos por *di*, *ti*, quando se lhes seguir vogal.

Convém advertir que perduram em muitos nomes próprios, principalmente pessoais, isto é, apelidos, alguns restos de grafias antigas, tanto em finlandês como em húngaro. São êles os seguintes:

Finlandês: **x** = *ks*, **z** = *ts*, **c** = *s*, **qu** = *k*.

Húngaro: **cz** = *tç*, **y** final = *i*, **qu** = *k*, **ch** = *k*.

Diferençam-se os sistemas fonéticos dos idiomas esclavónicos (com excepção do búlgaro-moderno) pela sua riqueza em minuciosas distinções de sons palatais. A ortografia do boémio expressa-os geralmente por diacríticos acrescentados ás letras; a do polaco designa-os ora por êste expediente, ora por diversos grupos de duas letras, para expressarem sons simples, e de quatro para a representação de sons duplos que podem iniciar sílaba. A ortografia polaca representa por um acento agudo sôbre as letras **c**, **s**, **z**, **n**, por exemplo, em fim de sílaba, a mesma palatalização que é indicada pela adjunção de um **i** a essas letras quando se lhes segue vogal. Esta particularidade sujere-nos um modo de figuração que já aplicámos ao húngaro; representaremos a palatalização de *n* e *l* (*l* polaco) por *nh*, *lh* em todas as circunstáncias; a das outras letras modificadas palatalmente, representá-la hemos por **i** antes de vogal, considerando essas letras como não modificadas, quando finalizarem sílaba ou vocábulo. O **l** trancado polaco (*ł*) corresponde próssimamente ao nosso *l*, principalmente depois de vogal (*ł*), e por *l* o representaremos na pronúncia.

O vocalismo polaco tem uma vogal especial, quási sempre representada por **y**, a qual transcreveremos por *ï*, conforme a representação desta vogal, ou de outra analoga, no romeno, á qual já me referi.

O boémio escreve ainda **y**, mas pronuncia-o como *i* em muitas circunstáncias, e o mesmo acontece no polaco, no qual a letra **i** vale própriamente por dois *ii*.

Possui ainda o polaco, além do **y**, outra vogal peculiar, que é o **é**, análoga ao *ă* romeno, e que como êste podemos figurar ou por *â*, ou por *œ*.

O **rz** polaco e **ř** boémio valem quási por *j* português; se todavia estão precedidos de *p* e outras consoantes surdas, o som aprossima-se ao do *x*, também português.

O prefieso **prze**, **pre**, freqùentíssimo, talvez fosse preferível transcrevê-lo por **pre**, visto que o grupo *px*, estranho ao português, é difícil para nós de pronunciar.

O acento tónico em polaco recai, com raríssimas excepções, na penúltima sílaba. Em boémio, ou cheque, acentua-se, por via de regra, a primeira sílaba de todos os vocábulos. Na indicação da pronúncia, porém, em vocábulos de mais de três sílabas, devemos regular a acentuação dos nomes, em português, pela norma dos vocábulos polissílabos latinos, isto é, conforme a quantidade prosódica da penúltima sílaba; e como a quantidade longa é indicada em cheque pelo acento agudo, é facil saber qual haja de ser a sílaba tónica na figuração da pronúncia, logo que se conheça rigorosamente a forma orijinária. Outro modo de acentuar tornar-se-ia violento, como já disse relativamente ao finlandês e ao húngaro.

No boémio o sinal (ˇ) equivale a uma palatalização, correspondendo para êsse efeito ao (´) e ao **z** polaco; dêste modo: *č* = **cz** = *ch* português; *š* = **sz** = *x* portuguès; *ř* = **rz** = *j* e a *x* portugueses; *ň* = **ń** polaco, *nh* portuguès. A letra *ů* equivale a **ú** (ou *u* longo), escrevendo-se êste quando inicial, e aquele no meio do vocábulo. O **t'** e o **d'** valem por *ti*, *di* seguidos de vogal, e assim os transcreveremos nessa posição; quando findem sílaba suprimiremos na indicação da pronúncia o acento, como faremos nas consoantes acentuadas em polaco, na mesma situação, convindo advertir ainda que **ć**, **ci** valem por *t*, *ti* na figuração desta última língua.

Das actuais línguas eslavónicas é o polaco a única que ainda possui duas vogais nasais, *ą* e *ę*, que se proferem *õ*, *ẽ*, e que transcreveremos por *om*, *em* no fim dos vocábulos e antes de *b* e *p*, e por *on*, *en* em qualquer outra situação.

Transcrição, para a escrita usual portuguesa, de nomes escritos em alfabetos de outros sistemas, diferentes do alfabeto romano

O primeiro a que temos de atender é o alfabeto grego. Como, porém, os nomes da antiguidade grega nos são familiares nas suas transcrições latinas, não me occuparei dêles.

Mereceria detida atenção a transcrição dos nomes gregos medievais, bizantinos, quando já se havia manifestado no dialecto comum o iotacismo, a africção das consoantes brandas β, γ, δ, e a das fortes aspiradas ϑ, φ, χ; a obliteração da quantidade prosódica; o predomínio do acento como feição mais saliente do vocábulo, e outros fenómenos que já se começam a evidenciar no grego dos escritores cristãos. Direi apenas que será necessário assentar transcrição usual do grego moderno, ao menos (e também do albanês), visto que várias denominações antigas tomaram aspecto diverso, e que nas modernas seria, a meu ver, infundado o sistema de lhes atribuir a latinização que ás antigas foi e tem sido com suficiente razão aplicada. A própria escrita, a bem dizer fonética, que os gregos modernos dão aos vocábulos de introdução recente, e a todos aqueles que são de menos fácil identificação com as suas formas escritas no grego clássico, nos estão aconselhando, para a nomenclatura moderna, não alatinada nem romanizada, tratamento especial, diverso do que regula a antiga nomenclatura, e que é, repito, o critério da ortografia latina, e suas modificações.

Passarei a occupar-me do alfabeto russo, muito numeroso, como é sabido, e cuja transcrição não poderá ser feita letra a letra, mas, simplesmente, som a som.

A transcrição dos nomes russos mais familiar para nós é sem dúvida a francesa; não a mais moderna e metódica, mas sim a que começou a ser empregada no século

passado, e a difundir-se na Europa, sendo quási exclusivamente usada em documentos oficiais de várias nações até época muito recente. Desterrada por imperfeita, já pelos alemães principalmente, já pelos ingleses e por outros povos, vive ainda nas publicações periódicas francesas, e nas demais que se limitam a copiá-las cegamente. O abuso chegou a tanto, que posso citar um documento emanado da legação russa, em Lisboa, redijido em português, no qual o **u** de o u t u b r o se achava escrito á francesa, **octoubro**, isto é, **ou** pelo **y** russo, *u* português.

Vimos já pelo exame dos alfabetos polaco e boémio que as línguas esclavónicas possuem grande cópia de consoantes palatais, análogas a *lh* e *nh* portugueses. O que os alfabetos esclavónicos próprios teem particular na maneira de as transcrever é uma letra especial, o *i̊éri̊* (*ь*), que palataliza a consoante precedente; assim, *brat*, «irmão» diferença-se na escrita de *brati̊*, «trazer», como se diferença na pronúncia. Êste sinal (*ь*) serviu de modêlo ao *z* polaco, quando êste indica palatização da consoante que o precede: *cz*, *sz*, *rz*, que pela escrita equivalem aos grupos de letras russas *mь*, *cь*, *pь*, isto é *ti̊*, *si̊*, *ri̊*.

Parece-me que o melhor modo de trasladar esta feição especial do alfabeto russo é o que appliquei ao *y* húngaro, e ao diacrítico de várias letras boémias e polacas em fim de sílaba, a que me referi.

É evidente que o chamado *tvi̊órdï znak*, «sinal duro», que indica não ter a consoante final de um vocábulo essa palatalização, inútil será indicá-lo. Outra difficuldade de transcrição é a da letra *щ*, que se profere próssimamente *sti̊à* ou *stx(à)*, e é esta a transcrição que para ella proponho em russo, porque em búlgaro moderno se pronuncia *xta*, devendo portanto nele ser figurada por *xt*.

Suprimo a 35.ª letra do alfabeto russo, que é mera cópia do υ do grego moderno, que vale ora *i*, ora *v*, como êste,

e só figura nuns seis vocábulos. A 34.ª é tambem raríssima e reproduz na forma o ϑ grego, valendo por *f*, como a 21.ª, cópia do ϙ grego. Valor de *f* tem egualmente a 3.ª, *v*, quando está em fim de sílaba, seguida de consoante forte, ou em fim de vocábulo. Era costume transcrevê-la nesta situação por **f** e **ff**, expediente contraditório, visto que todas as outras consoantes brandas, *b*, *d*, *g*, *j*, *z*, nas mesmas circunstáncias se pronunciam *p*, *t*, *k*, *x*, *s*, e tal pronunciação se não transcreve. O que convém é que nestes casos se indique entre paréntese a pronúncia. O *g* inicial em vários nomes estranjeiros substitui o *h*, que falta neste alfabeto, e por êste o representaremos nessas condições. A pronúncia do *g* no suficso **-ago**, **-ego**, é de *v*; como porém tal pronúncia só é peculiar do russo geral e literário, podemos indicar essa pronúncia também entre paréntese, ou não atendermos a ela. Do mesmo modo, podemos desatender o valor de *ió*, *ó*, dado ao **e** e tambem á 30.ª letra em alguns vocábulos, porque ésse valor tampouco é geral. Nessas circunstáncias é costume escrever-se em russo o **e** com ápices (**ë**), nos livros de ensino.

Adopto o **k** para transcrição da 11.ª letra, em todos os nomes próprios esclavónicos, escritos nos alfabetos próprios com essa letra, para não ficarem em desarmonia com os das outras línguas esclavónicas que se escrevem com letras romanas; o *c* e o *qu*, porém, substituirão a 22.ª letra, que vale pelo **j** castelhano, e que como êste proscrevemos da pronúncia dos nomes estranjeiros, por não existir em português, e ser de difícil pronunciação para nós.

O **ç** cedilhado está, como em polaco e boémio, para figurar o **c** destas línguas, que própriamente vale *tç*, grupo de consoantes que nos é estranho, mas que vamos achar em italiano, alemão, vasconço e outras línguas.

Do mesmo modo, o *ch* representa a 24.ª letra, **cz** polaco, **cs** húngaro, e tem o valor do *ch* castelhano, inglês,

e portuguê; antigo e dialectal, que do Mondego até o sul do reino, e no Brasil, se reduziu ao som do *x*, do qual assim o diferençamos. A pronúncia ficará todavia facultativa, como *tx*, ou como *x*, tanto nestes nomes, como nos pertencentes a outras línguas em que o som existe, e nas quais por analojia simplifiquei também em *j* a africata que lhes é própria *(dj)*, estranha ao portuguès.

O búlgaro tem uma vogal sua própria, que ora se escreve com o sinal do *e* mudo, ora com o de palatalização (*b*), ora, o que é mais geral, com uma letra particular. O seu valor é o do *â* portuguès, e por èste o devemos transcrever quando for tónico, suprimindo-lhe o circunflecso quando seja átono.

O acento tónico em búlgaro recai ora na última, ora na penúltima, ora na antepenúltima sílaba, e, pela adjunção do artigo definido como suficso, fere ás vezes uma sílaba anterior a esta, dando-se o mesmo facto em outras énclises, na conjugação dos verbos, e na derivação. Será necessário saber em cada nome em qual sílaba recai o acento, para se marcar devidamente, e outro tanto teremos de indagar com relação aos nomes russos, em que a variação ainda é maior. Quando, porém, o acento estiver em qualquer destas línguas e noutras esclavónicas, como o ilírico por exemplo, para trás da 3.ª sílaba, marcaremos com acento secundário a verdadeira sílaba acentuada, e poremos o acento principal na penúltima sílaba se o nome terminar em vogal, e na última se terminar em consoante, com o fim de facilitar a pronunciação, como fizemos em húngaro, e finlandès, e convirá que façamos também ás vezes nas línguas germánicas, nomeadamente o inglês.

É dificílimo reconhecer qual é a sílaba tónica dos nomes esclavónicos pertencentes a idiomas desta família que não teem acentuação ficsa, como a teem o polaco e o boémio. Há, a bem dizer, a necessidade de a averiguar

para cada nome, e como trabalhos orijinais (para o russo, por exemplo), e portanto merecedores de toda a confiança, não existem, que eu saiba, por mais que haja dilijenciado informar-me a êsse respeito, teremos de socorrer-nos em muitos casos de transcrições estranjeiras, quando directamente não pudermos consultar os nacionais pessoalmente.

Muitas vezes, mesmo quando essas transcrições estranjeiras não estão acentuadas, como acontece com as francesas, há varios meios indirectos de ficarmos conhecendo qual é a sílaba tónica, pela representação das vogais. Darei dois exemplos, que manifestam mais claramente a utilidade desta indução. Os nomes russos **Potemkin** e **Mourawieff**, colhidos em obra francesa, deixariam dúvidas lejítimas sobre qual seria a sua acentuação na língua orijinal. Se, porém, com relação ao segundo, considerarmos que èle nos aparece transcrito por alemães **Muraviow**, depreenderemos que o acento é na última sílaba, pois o **e** russo sómente se profere como *ió* quando é tónico. O primeiro nome, além dèste critério, pois se encontra transcrito também com a forma **Potiomkim**, o que prova que a sílaba tónica é a segunda, oferece também a transcrição **Patemkin**, a qual corrobora a primeira indução feita, pois o **o** sómente se pronuncia como *a*, no russo própriamente dito, quando é átono. A transcrição portuguesa dèstes dois nomes terá de ser *Potémmkine, Muraviér,* se quisermos apenas indicar a pronúncia geral, *Patiómmkine, Muraviôv,* se designarmos a pronúncia peculiar ao russo comum e litterário, o que muitas vezes será dispensável.

Resumindo o que fica dito com relação á indicação da pronúncia dos nomes escritos no alfabeto romano e á transcrição dos alfabetos esclavónicos, chego ás seguintes conclusões e deduzo os seguintes princípios de transcrição portuguesa de nomes estranjeiros:

1.º Sómente se duplicarão consoantes para confirmar o valor delas, atribuindo-lhes o valor de iniciais, nos casos duvidosos: **ss** para **s** medial; **rr** para **r** medial; **mm** e **nn** para **m**, **n** finais; sendo na indicação da pronúncia preferível acrescentar a êstes últimos um *e* mudo, se são finais de palavra.

2.º Sómente se empregará o **h** inicial e o dos grupos portugueses *lh, nh, ch.*

3.º O som de *x* em *xadrez* será sempre expresso por **x**, reservando-se **ch** para o *ch* castelhano e inglês, quer o pronunciemos com rigor, quer lhe substituamos o valor do *x.*

4.º Transcreveremos o som do **k** antes de **a**, **o**, **u**, ou consoante, em geral, por **c**, e antes de **e**, **i** por **qu**; e semelhantemente o **gu** substituirá **ge**, **gi** quando o *g* se profira como em *guerra, guinda.*

5.º O som do **j** e o do **g** antes de **e**, **i**, será sempre representado por *j*, que indicará também a pronúncia do **j** inglês, quer êste se profira rigorosamente, quer se acommode á pronúncia portuguesa.

6.º O **k** poderá ser empregado na transcrição dos alfabetos esclavónicos, em substituição de **c** e **qu**, para que a transcrição fique mais em harmonia com a ortografia das línguas esclavónicas que se escrevem com o alfabeto romano, como o polaco e o boémio; esta faculdade póde ampliar-se ao finlandês, húngaro e outras línguas anáricas, que, em ortografias romanas suas, desta letra façam tal uso exclusivamente.

7.º É sempre preferível o emprêgo de *ç* (*ce*, *ci*) ao do **s**, que pelos seus muitos valores em português é susceptivel de se prestar a má interpretação. Todavia, na transcrição dos alfabetos esclavónicos usar-se há **s** (e **ss** mediais), para ficar em harmonia a transcrição com a escrita do boémio e do polaco, como se advertiu com relação ao **k**.

8.º Serão absolutamente banidos das transcrições **y**, **w**, que serão substituídos por *i*, *u*. Nesta conformidade, deverão escrever-se com **i**, e não com **y**, os nomes brasílicos em que figura esta última letra, em muitos dos quais foi introduzida no tempo em que o *i* semivogal se escrevia com **y**, acumulando nestes, como disse já, [1] esta letra três funções: essa; a da representação de uma vogal especial do tupi-guarani equivalente ao *y* polaco, de que prescindiremos; e a de *i* acentuado, como acontece na escrita tradicional do concani e outras línguas da Índia, nas quais terá de ser igualmente substituido pelo **i**, acentuado quando for necessário. Sómente se admitirão **y** e **w** em nomes europeus, não romanizados, em que estas letras figurem, e jamais na indicação da sua pronúncia.

9.º Nas línguas africanas, e em outras nas quais o fenómeno se produza, a nasalização especial das consoantes, pela prótese de uma consoante nasal com elas homorgánica, deve expressar-se antepondo-se uma vogal a essas consoantes nasais, com as quais ficará formando sílaba, como em **Angola** por exemplo; devendo dar-se a preferéncia á vogal *e*, nos nomes que não estiverem ainda aportuguesados, por isso que qualquer das vogais *a*, *i*, *u*, tem nelas, em muitos vocábulos, valor de preficsos significativos.

10.º Nas transcrições que houvermos de fazer de alfabetos estranhos, e bem assim na indicação da pronúncia, usaremos o **m** final como correspondente ao **ng** germánico, ou *n* gutural *(n)*, imitando os nossos escritores antigos que, como vimos, com tal valor o empregaram na escrita de vocábulos malaios, chineses, etc. Quando, porém, a vogal anterior fôr **a**, usaremos *ã* (**a** com til), e não **am**, que em português, como já adverti, vale por *ão* final átono,

---

[1] Veja-se a pájinas 87.

e poderia induzir a êrro. Na realidade, a diferença acústica entre *fing* alemão e *fim* português, por exemplo, é tenuíssima, como o é entre *lang* e *lã*, como o é entre *ung* dinamarquês e *um*.

11.º A indicação do valor do **ng** germánico medial será *ng*, correspondente ao **ng** português de *longo*, e a de **nk**, *nc, nque, nqui*, correspondentes a estas letras nos vocábulos *franco, tanque, chinquilho*. Estas vogais antes das guturais *c* e *g*, ficarão tendo a mais, apenas, a nasalização, que aliás é freqùente assumirem em tal situação, em muitos dialectos alemães.

12.º A nasalização poderá ser expressa sempre pelo til, na pronúncia. Pode, todavia, representar-se também por **m**, com todas as vogais que não forem **a**, quando final, ou antes de **b**, **p**, substituindo-se-lhe **n** antes de outras consoantes.

Farei aqui algumas considerações sobre a transcrição de nomes pertencentes a algumas línguas asiáticas.

Dos povos civilizados extra-europeus, com que nos achámos em contacto por virtude das navegações e conquistas que fizemos a contar do seculo XV, são os mais conspícuos os índios asiáticos, e os árabes ou outras gentes de civilização islamítica. Qualquer dèstes povos tinha escrita sua, á qual os nossos escritores e cronistas pouco ou nada atenderam na representação que fizeram dos vocábulos ou nomes próprios que tiveram de mencionar; e se o árabe podemos dizer que foi suficientemente conhecido dos nossos para que nos deixassem uma base, melhor ou peor, de transliteração portuguesa, o mesmo não podemos referir com relação aos variados idiomas que êles encontraram na Índia, a grandíssima maioria dos quais tinha escritas suas, a que os nossos permaneceram, para assim dizer, de todo estranhos. Na verdade, não excede muito dois decénios que os meios de estudar a preceito a principal das línguas ári-

cas da Índia estão estabelecidos na capital do reino, se é que afoutamente nos é licito apelidarmos escola de filolojia índica os esforços desinteressados, intelijentes e constantes de um indianista de subido valor e merecido conceito entre os seus pares, mas cujo influcso, por diversas causas que não vem para o meu caso mencionar, não tem por emquanto logrado assentar definitivamente em bases firmes essa escola, da qual diríamos que o é sem escolares, que verdadeiramente a tenham aproveitado e possam perpetuar.

Nos seus já numerosos escritos o lente do Curso Superior de Letras a quem me refiro, após algumas pequenas hesitações, ficsou dois sistemas gráficos portugueses para a representação dos vocábulos escritos em caracteres devanágricos, um dêles puramente científico, e o outro usual; e eu próprio tímidamente adoptei um no NOMENCLATOR que acompanha a 1.ª edição da História Universal do Prof. Consiglieri Pedroso. Vou examinar meúdamente agora os dois primeiros, e verei se de ambos se podem deduzir transcrições que, obedecendo aos princípios de fidelidade ao sistema comum de escrita portuguesa, sirvam tanto para a escrita usual, como para a rigorosa transliteração do silabário devanágrico, que ainda hoje é aplicado na Índia portuguesa ao concani, cumulativamente com o alfabeto romano, êste, em documentos oficiais sobretudo, na citação de nomes indíjenas inseridos em português, mas que também já tem sido empregado em texto.

As particularidades fonéticas mais gerais das línguas áricas da Índia são bem conhecidas, e sem exajeração pode dizer-se que a todas elas são comuns. Com pequenas omissões, e ampliações, na maior parte artificiais e principalmente de orijem europeia erudita, os diferentes silabários copiam-se letra a letra; são meras evoluções cursivas de um ou dois sistemas iniciais análogos, e representam os

mesmos sons, com pequenas excepções apenas, locais, ou procedentes de modificações ou evoluções fisiolójicas, devidas á fonética sintáctica interna, isto é a influência dos sons contíguos no interior do vocábulo.

A fonética das línguas áricas da Índia apresenta os seguintes caracteres, que a diferençam não só da portuguesa, mas também das demais áricas europeias, ao mesmo passo que de outras anáricas.

a) Uma ordem especial de consoantes LINGUAIS, ou, como quere Beames [1], a subdivisão das APICAIS (*t, d, n*) em duas articulações, CACUMINAL e DENTAL, isto é, um *d, t* ou *n* proferido na depressão que das genjivas separa o palato duro, e outro produzido na superfície interna dos dentes íncisivos superiores: ao passo que o *t* das línguas congéneres europeias é articulado num ponto qualquer intermédio dêstes dois, em umas mais dentro, em outras mais fora, compreendido sempre, porém, na parte convecsa que precede essa depressão.

As apicais portuguesas e as espanholas são das mais deanteiras, ficando o seu ponto de articulação muito próssimo do das dentais índicas, com as quais acústicamente se confundem quási, e assim parece que são igualmente as esclavónicas; sendo as germánicas, e também as francesas, mais fundas, e as inglesas, principalmente, verdadeiras subcacuminais, como é o *r* brando, de *caro* em português e castelhano.

b) Um grupo especial de consoantes, ditas ASPIRADAS, que compreende as explosivas de todas as cinco ordens, GUTURAIS, PALATAIS, CACUMINAIS, DENTAIS e LABIAIS, ao todo dez, visto que em cada ordem há duas ASPIRADAS, correspondendo ás respectivas TÉNUES, sonora e surda (*d*, *t*, por exemplo).

---

[1] «A COMPARATIVE GRAMMAR OF THE MODERN ARYAN LANGUAGES OF INDIA», Londres, 1872, vol. I, p. 231-246.

*

c) Ausência de fricativas sonoras, orijinária ou evolutiva, mas que parece ter sido dominante no sánscrito clássico e no védico, sendo a sua manifestação posterior em algumas das línguas modernas muito restrita, e não possuindo os silabários símbolos apropriados á sua expressão gráfica.

d) Constituição de todas as FRICATIVAS LINGUAIS (*ss*) em um grupo especial, ficando assim independentes das ordens orgánicas; arrumadas orgánicamente, porém, ao cabo do silabário, após as duas semivogais, PALATAL e LABIAL, e as duas ANCÍPITES, *l*, *r*, também consideradas semivogais, grupo que compreende uma aspiração sonora.

Nos trabalhos mais recentes de fonética vai-se manifestando a tendência a constituir essas fricativas linguais em um grupo distinto, com o nome de SIBILANTES, considerando-se como as fricativas correspondentes ás explosivas *t*, *d* sómente os dois valores, surdo e sonoro, do *th* inglês (*th*ank, *th*at). É inquestionável, todavia, que podemos proferir *t* e *d* em pontos em que seria impossível produzir o *th* inglês.

O silabário devanágrico contém três letras para essas sibilantes, correspondendo a três das ordens, PALATAL, CACUMINAL e DENTAL, e dois sinais subsidiários que denotam mais duas fricativas, correspondentes ás duas ordens extremas, GUTURAL e LABIAL, afora uma CONTÍNUA, considerada como sonora, que se transcreve por *h* e que represento por *ɦ*; as quatro semivogais já indicadas, e ainda três símbolos, dois designando nasalização de vogal, e o outro uma aspiração final de vocábulo na pausa.

Para assentarmos numa transliteração dêste numeroso sistema de consoantes é necessário examinarmos primeiro a quanto chega o alfabeto romano, na aplicação que tradicionalmente dèle se tem feito em português, começando por classificar, superficialmente ao menos, as consoantes por-

tuguesas, isto é, por distribuí-las também em ordens e classes. É o que o leitor verá no esquema seguinte, no qual a nomenclatura empregada é a mais conhecida, e em que foi seguida em parte a distribuição devanágrica.

Sistema das consoantes portuguesas

Ordens	Explosivas			Nasais	Semivogais		Fricativas	
					Ancípites			
Póstero-guturais. . . .							*h*ah! [1]	
Guturais . .	cá, a*qu*i	fi*qu*e	*g*az, *gu*ita					
Palatais . .	*ch*á [2]			ba*nh*o	(ma*lh*a) [3]	a*i*a	*x*adrez	(*j*á) [3]
Cacuminais .					ca*r*o, car*r*o			
Dentais. . .	*t*u	a*t*e	*d*á	*n*ó	*l*á		ta*ç*a	(*z*êlo)[3]
Labiais. . .	*p*á	ta*p*e	*b*oi	*m*ó		moeda	(*f*az) [3]	*v*ás
	Surda ténue	Surda aspirada	Sonora ténue	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Surda	Sonora

[1] Interjeição, exclamação, designativa de cansaço.

[2] Com o *ch* proferido como em Trás-os-Montes, isto é, *tx*, pouco mais ou menos.

[3] Os cinco símbolos *lh*, *j*, *z*, *rr* e *f* representam sons portugueses, para os quais o silabário devanágrico não tem letras apropriadas. No emtanto, o som *z* manifestou-se já em algumas vernáculas áricas da Índia, como por exemplo no marata e no concani, nos quais é representado pela mesma letra que serve para a sonora ténue palatal, considerada como equivalendo próssimamente a *dj*, equivalência sôbre a qual tenho muitas dúvidas, cuja exposição seria inoportuna neste logar. Existe também *f* em algumas, no concani, entre outras.

Examinando êste quadro, notamos que nos falta, ao compará-lo com o que expus a respeito do silabário devanágrico, uma ordem quási enteira, a das cacuminais, havendo desta articulação apenas o *r* (que melhor se dirá subcacuminal), compreendido na classe das semivogais; carecendo-se igualmente de símbolos para a figuração da nasal gutural, das fricativas gutural, cacuminal e (bi¿)labial, e para a aspiração final, bem como para todas as explosivas aspiradas, se bem que existam aspiradas surdas em quasi todos os dialectos portugueses, antes de *-e, -io, -o* finais átonos, como em *fico, tope, pátio.*

O Prof. Vasconcelos Abreu, a quem me referi, adopta uma transliteração científica que lhe é própria: é monogramática, com excepção dos símbolos reservados para as aspiradas, a que dá como expoente o *h;* e parece-me que, á parte este último expediente e a notação de que se serve para as duas semivogais, labial e palatal, pode ser considerada irrepreensível, levando vantajem ás inglesas, alemãs e francesas. O próprio emprêgo do *h* como diacrítico designativo do segundo elemento das aspiradas, imitação dos sistemas geralmente seguidos, tem sido por êle reprovado no curso de sânscrito, preferindo-lhe, como é de razão, a notação de Bopp por meio da vírgula invertida (‘), sobrescrita ao símbolo designativo da ténue correspondente. A continuação do uso do *h* para tal fim, por parte do douto professor, é apenas devida ao respeito por uma tradição, mais inglesa que alemã, aínda mal que muito radicada, e também a coerência com o seu modo anterior e já conhecido de indicar essas consoantes. O emprêgo da vírgula invertida, ou espírito áspero da escrita grega, tem sido restabelecido por foneticistas alemães e escandinavos, e é de conjecturar que tarde ou cedo obterá a primazia.

Na transcrição científica do sr. V. Abreu as palatais são designadas com um ponto sobrescrito aos símbolos das

guturais, em harmonía com o do *i*, vogal palatal; as cacuminais com um ponto subscrito ás bases das dentais, *t*, *d*, *n*, a figuração mais aceita desta articulação desde Bopp, e á qual só fojem os moderníssimos foneticistas da escola inglesa, que repelem os diacríticos, em razão de não sei que preconceito, cuja orijem deve ser a ausência de tais expedientes gráficos na ortografia inglesa, preconceito que ás demais nações não importa de modo nenhum acatar. A não ser que se criem letras novas, ou se modifiquem as existentes, é sem dúvida, em princípio, muito mais racional o uso de sinais indicativos de modificação sobrepostos ou sotopostos ás letras, expediente que está em perfeita conformidade com a evolução do abecedário romano nos diversos povos que o teem adoptado, do que o sistema de agrupamentos de duas ou mais letras para a indicação de um som, de que tanto usam e abusam os foneticistas ingleses, mofando desassisadamente dos que denominam *dot-makers*, os quais, mesmo sem sobrescrito, se conhece serem os alemães. Max Müller e a sua escola designam as cacuminais com *t*, *d*, *n* itálicos, mas teem tido poucos ou nenhuns imitadores fora de Inglaterra.

Ás sibilantes dá o sr. V. Abreu por símbolo o *s*, modificado com o ponto, em conformidade com a figuração das palatais e das cacuminais, isto é, sobrescrito ou subscrito, conforme a articulação que as produz, e semelhantemente ás nasais, com excepção da labial *m*, e da gutural, que é representada por *n* cortado diagonalmente da direita para a esquerda (*n*), diacrítico êste último que lhe serve, inscrito no *h*, para denotar a aspiração final, denominada *vissarga*. As semivogais labial e palatal são respectivamente designadas por *v* e *j*, o que é a notação usual alemã, mas tem seus inconvenientes em português, por isso que neste essas letras valem pelas fricativas sonoras lábio-dental e palatal.

Aplicou também o Prof. Vasconcelos Abreu uma notação vulgar e metódica á transcrição do devanágrico, na romanceação dos vocábulos ou nomes próprios que teve de empregar no seu excelente livro A LITERATURA E A RELIGIÃO DOS ÁRIAS NA ÍNDIA, muito simplificada com relação á transliteração rigorosa de que falei agora. Consiste a simplificação nos seguintes artifícios, que estão qúasi em harmonia com a ortografia portuguesa ali seguida, a qual é, com diferenças de pouca monta no sistema de acentuação gráfica, a que eu emprego e defendo aqui.

Consiste, pois, o sistema nos expedientes seguintes: 1.º supressão do ponto subscrito das cacuminais, não ficando portanto diferençadas das dentais, *t*, *d*, *n;* 2.º eliminação do *h*, símbolo da aspiração em todas as explosivas aspiradas; 3.º conservação do *h* inicial; 4.º transcrição das sibilantes cacuminal e palatal por *x*, com o valor do *x* inicial português; 5.º substituição de *ç (cc, ci)* a *s* medial entre vogais, para evitar a pronunciação *z*, por exemplo em *Viaça* por *Vjasa;* 6.º substituição de *i* a *j* antes de vogal, do que é exemplo o nome agora citado; 7.º substituição de *k* por *c* antes de *a, o*, *u*, ou consoante, e por *qu* antes de *e* e *i,* e adjunção de *u* a *g* antes de *e*, *i*, em conformidade com a ortografia portuguesa; 8.º representação por *ch*, *j* e *nh* das explosivas e da nasal palatais, com o valor que estes símbolos teem em português; 9.º substituição de *m* ou *n* ao *anussuara* (nasalização) facultativo.

A simplificações e modificações análogas foram submetidos os nomes gregos e latinos, para concordarem na sua escrita com a portuguesa ali empregada, e a acentuação dos vocábulos sanscríticos foi regulada também pelos mesmos princípios que rejem a clássica em português, com a excepção única de se acentuarem as vogais finais longas; excepção apenas aparente, todavia, pois que os vocábulos latinos, tomados em geral do acusativo, estão truncados em

português: por exemplo, *pintor*, que, como é de todos sabido, não representa o nominativo píctor, mas o acusativo pictóre(m).

Esta transcrição e esta romanização teem bases seguras, são regulares e harmónicas, e sôbre êsses expedientes apenas apontarei algumas modificações que me parecem atendíveis.

O primeiro reparo que se oferece é que na ordem das cacuminais se abre uma excepção á sua identificação com a das dentais, ao romanizarem-se, com manter-se a diferença entre *s*, *x*, acumulando em conseqüência disso esta letra duas funções, visto servir também para a sibilante palatal, ordem esta que, enteira, tem representantes na transcrição do autor. Por isto se me afigura que a identificação de todos os símbolos da transliteração rigorosa das cacuminais aos das dentais, incluindo o da sibilante, tornaria mais regular a passajem de um ao outro sistema, cifrando-se ela, em tal caso, na simples eliminação do ponto subscrito.

Com respeito ás palatais, o *x* é excelente figuração da sibilante, o *ch* da explosiva surda, pois está em harmonia com a tradição hispánica.

Direi ainda que, a querer-se manter a transcrição com *ç*, do *s* dental intervocálico, fòra melhor que ela permanecesse constante, quer inicial, quer medial, transliterando-se dèste modo, a exemplo dos nossos antigos escritores, *çuaiámvara, Çaraçuati, anunácica*, etc.

Um outro modo de transliteração, que apontarei apenas, seria o de figurar a dental por *ç* e a cacuminal por *s*, tendo-se nesse caso em atenção os valores tradicionais dèstes símbolos na Península, de que é exemplo a pronúncia transmontana dèstes dois caracteres, dos quais o *s* é sub-cacuminal, e o *ç* ginjival, como já tenho advertido.

Num sistema de ortografia portuguesa etimolójica, na acepção comum em que esta denominação é tida, eu pre-

feriria o *g* ao *j* para expressão da explosiva branda, o que daria á transcrição grande conformidade com a evolução románica do **g** latino. Como, porém, êste símbolo por ambíguo foi desterrado da ortografia do livro no texto português, resta só o *j* para a transcrição da explosiva palatal sonora, com a pronunciação que tem em português, qualquer que seja ou haja sido a da letra devanágrica que ficará representando.

Por outra parte, parece-me completamente inútil a figuração da nasal palatal por *nh*, em *Panchatantra*, por exemplo, escrito pelo autor **Panhchatantra**, não só porque o nome deixa de ficar romanceado na escrita e na pronunciação, que deve ser em portuguès *pãnchatãntra*, mas também, porque tal transcrição é um desvio do método seguido pelo próprio autor, que identificou ao dental o *n* gutural; acrescendo, para mais nos aconselhar á identificação completa das nasais das quatro primeiras ordens em um símbolo único, *n*, o facto, que nenhuma delas pode ser inicial de vocábulo, sendo as únicas nasais iniciais em sánscrito o *n*, dental, e o *m*, labial. Além disto, todas elas depois de vogal podem ser representadas na escrita pelo anussuara facultativo (˜), que, a não ser final ou estar antes de labial, será sempre transcrito por *n*.

Com referéncia á romanização da ordem das dentais, apenas observarei que me parece preferível a *ç* a duplicação do *s* medial, assim *Viassa*, não *Viaça*.

O sistema vocálico representado no silabário devanágrico é simplicíssimo. Consta de três vogais primárias, extremas, *a*, *i*, *u*, das suas respectivas longas *ā*, *ī*, *ū*, correspondentes ás três ordens de consoantes gutural, palatal e labial; e simétricamente de mais duas, em relação com as duas restantes ordens de consoantes, cacuminal e dental, e que costumam ser transliteradas pelas bases *r*, *l*, modificadas com um diacrítico qualquer subscrito, em geral um ponto, por

Lépsio com o círculo ou cifra, e pelo Prof. Vasconcelos Abreu com a cedilha orijinal devanágrica. Qual fôsse o valor fonético dêsses símbolos não está bem averiguado, e estas variadas transcrições são todas puramente convencionais. Rask atribuía-lhes por conjectura os dois valores do *eu* francês (fechado e aberto), de *(f)eu* para a vogal cacuminal, de *(p)eu(r)* para a dental. A regularmo-nos pelas leis do *samprassárana* [1], seriam elas análogas respectivamente aos grupos átonos *er*, *el* das linguas germánicas, e é esta a teoria dos indianistas alemães; a dos ingleses considera-as iguais a *ri*, *li*, pronunciação que parece ser a mais comum na Índia, e dessa apreciação partiram transcrições tais, como a que deu a forma já universalmente adoptada *Rigveda*. Além dêstes dez símbolos de vogais, pois há também longas correspondentes á cacuminal e á dental, apresenta o silabário devanágrico mais quatro caracteres, representativos de sons que, segundo a teoria dos gramáticos índios, resultavam das leis do GUNA e da VRÍDI, isto é, da roboração das vogais dos radicais pela preficsação de um *a* ou de dois *aa* ás vogais *i* e *u*, produzindo portanto essas operações *ai*, *au*, *aai*, *aau*, todos quatro considerados ditongos, figurados por monogramas, e representados geralmente por *ē*, *ō*, *ai*, *au*, e pelo Prof. V. Abreu por *e*, *o*, *æ*, *ꝏ*, na sua transliteração rigorosa; por *e*, *o*, *ai*, *au*, na romanceação dos nomes índios. Os dois últimos símbolos nada teem inconveniente como pura transliteração do devanágrico, pois que evidenciam artificialmente o processo de vridização, isto é, da adjunção de um segundo *a* ás vogais *i*, *u*, já gunizadas em *e*, *o*. A pronunciação preceituada pelo douto lente do Curso Superior de

---

[1] Conversão da semivogal na correspondente vogal homorgánica, por supressão da vogal que a afectava; assim, *ua: u; ra: r* vogal, *la: l* vogal, isto é, *ḷ*, *ṛ*.

Letras para os quatro símbolos é a de *ê, ô, ài, àu*, e, pôsto que seja a geralmente admitida na Europa, é meramente conjectural. O facto é que os pánditas pronunciam *ai*, *au*, quási como nós em português o *ai* do verbo ens*ai*ar, e a contracção *ao*, da preposição *a* e do artigo *o*.

Tenho como preferíveis na transliteração rigorosa as transcrições poligramáticas *ai, au, āi, āu,* ou mesmo *aai, aau,* para os dois últimos elementos, com os valores de *âi, âu, ài, àu,* que muito facilitariam as regras do GUNA e da VRIDI; desterrando-se os monogramas *e, o,* isto ainda quando se conservassem os valores de *e, o:* é sabido que *ai, au* em francès valem de há muito por vogais simples, e que os seus valores de *e, o,* uma vez aprendidos, não oferecem embaraço algum á quem lê:

Com relação aos valores de *ê ô,* fechados, e não *è, ò* abertos, também se me afigura inútil a distinção, que provávelmente se não fazia, pois que havendo uma só dessas vogais em cada série, *e* para a palatal, *o* para a labial, é de presumir que elas tivessem valor médio, como teem em castelhano.

Dito isto com referéncia á rigorosa transliteração, bastará acrescentar que na romanceação a pronúncia admitida pelo Prof. V. A. de *e, o* (indiferentemente fechados ou abertos), *ai, au* está perfeitamente estabelecida, e que a escrita se lhe deve acomodar.

As duas semivogais palatal e labial transcreve-as o Professor na romanceação conforme os valores que lhes atribui na leitura do texto devanágrico, e que são os geralmente adoptados, isto é, a palatal sempre por *i*, e a labial por *v* quando inicial de vocábulo ou medial entre vogais, e por *u* depois de consoante.

A um erudito índio me pareceu ouvir esta última, no

Congresso de Estocolmo[1], sempre proferida como *w* dialectal alemão, isto é, como um *v* bilabial, ou *b* fricativo medial português e castelhano, e esta era justamente a pronunciação dada, mesmo ao *v* dos vocábulos portugueses, pelo falecido Prelado de Moçambique, José Caetano Gonçálvez, natural de Gôa, a quem muitas vezes a ouvi, tanto nestes, como nos concanis. É claro que não temos de atender a tal minúcia na romanceação, e que é conveniente manter-se nos nomes índios a dupla transcrição por *v* e por *u*, análoga á que se dá com os vocábulos derivados do latim, por exemplo, em *suave* de s u a u i s, usualmente escrito s u a v i s.

Substituo, de acôrdo nisto, repito-o, com o abalisado indianista, ao *h*, diacrítico das aspiradas, a vírgula elevada e voltada (‘), restabelecendo uma notação que tem a autoridade de Bopp, e que é muito de sentir haja caído em desuso.

Efectivamente, e já o disse algures[2], o emprêgo do *h* para tal efeito é impróprio, não só porque dá aos vocálos áricos da Índia uma extensão enorme e um aspecto híspido, mas também porque figura uma inexactidão — a freqüencia de uma letra, que ao contrário é raríssima. E se estas razões não fossem já de sí ponderosas para o restabelecimento da notação primitiva dos indianistas europeus, haveria ainda a acrescentar que não está de todo averiguado que as aspiradas sonoras correspondam fisiolójicamente a ditongos consonánticos de subjuntiva *h*, e portanto essa transcrição pode ser, além de uma infidelidade gráfica, uma falsidade fonética. Por outra parte, se no hebraico parece provável que as actuais fricativas finais de

---

[1] O oitavo Internacional dos Orientalistas, em 1889, realizado, em parte em Cristiánia também.

[2] «Positivismo», t. III, p. 340.

sílaba, denotadas pela supressão do **dáguex**, ou ponto interno, que afecta as correspondentes explosivas, *p, b, t, d, k, g*, iniciais de sílaba, tiveram como antecedente as aspiradas destas explosivas; nas línguas da Índia tais fricativas, com excepção talvez da labial surda, e ainda da gutural surda, que antes é uma africata[1], não se produziram; e portanto a escrita *ph, bh, th, dh, kh, gh* não tem nelas a vantajem de expediente convencional, que a favorece naquela língua semítica, para a qual ainda assim sómente os grupos formados com os símbolos das explosivas surdas, *ph, th, ch*, (*kh*) mereceram geral aceitação, porque reproduziam a representação latina, já para êles tradicional, dos símbolos gregos das aspiradas surdas dos três órgãos, labial, lingual e gutural.

Como já adverti (a pájinas 55), Volney rejeitava a pontuação massorética, e conseguintemente, a lei, denominada por u o x m e m o r i a l i s, b e g h a d h k e p h a t h, palavra hebraica adrede inventada e convencional, em que se conteem as letras do alfabeto hebraico, (B e G a D K e P a T) que indico por versaletes, diferençando-as das vogais, e a que, segundo a interpretação e doutrina da Massora, se acrescentava o **dáguex**, para que entre vogais conservassem o valor de iniciais, isto é, como se disse, *b, g, d, k, p, t*, e não o das fricativas homorgánicas, que sem êle, devem assumir depois de vogal. É facto que, mesmo iniciais, K, P, T, foram pelos escritores e transcritores gregos cristãos, representadas por χ, φ, ϑ, e por **ch, ph, th** pelos romanos, o que, em certo modo, dá razão a Volney em lhes recusar o valor de ténues. A tese é importante, e mais o será se se tiverem em atenção as correspondências fonéticas dessas letras em

---

[1] Sôbre a significação dêstes termos técnicos, veja-se a Parte I da EXPOSIÇÃO DA PRONÚNCIA NORMAL PORTUGUESA, Lisboa, 1892, editada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, e escrita pelo autor.

outras línguas semíticas, mormente o arabe; desviaria, porém, o autor do assunto principal que tem em vista nesta obra, e pouco interessaria aos leitores a quem ela é destinada.

Sôbre os alfabetos semíticos, por não alongar mais êste capítulo, remeto o leitor para as considerações preliminares dos Textos em aljamia portuguesa, do snr. David López, já citados, onde se propõe uma transcrição portuguesa, baseada na tradição nacional, e com cujas feições típicas quási em absoluto me conformo. Veja-se também, do mesmo arabista português, o substancioso artigo, publicado na «Revue Hispanique» de 1902 (p. 36—74) intitulado Toponymia arabe de Portugal, onde êsse portuguesíssimo e racional sistema é pôsto a prova por quem possui enteira competencia e autoridade para o recomendar.

Por dificuldades tipográficas indicarei na tabela seguinte o silabário devanágrico por meio de números de 1 a 52, o derradeiro dos quais representa a última letra do referido silabário, conquanto o seu emprêgo em sánscrito se limite ao védico. Tal letra, modificação evidente da que designa o *l* dental, é ainda usada na escrita do marata e do concani, com o mesmo valor que naquele idioma literal se lhe atribui. O leitor, que mais ampla informação desejar, pode com muito proveito consultar o Curso de literatura e língua sánscrita clássica e védica, Lisboa, 1881-1898, dois volumes, pelo Professor Guilherme de Vasconcellos Abreu.

Transcrição comparada do silabário devanágrico

Figuração portuguesa

Classes ou ordens		Série dos símbolos devanágricos	Valor escolar na Europa	Transcrição portuguesa					
				V. Abreu		Tradicional portuguesa	G. Viana		
				Científica	Romanceação		Científica	Usual	Romanceação
VOGAIS		1	*a*	a	a	a, (ŏ)	a	a	a
		2	*aa*	ā	a	a	ā	à	
		3	*i*	i	i	i	i	i	i
		4	*ii*	ī	i	y	ī	ì	
		5	*u*	u	u	u	u	u	u
		6	*uu*	ū	u	u	ū	u	
		7	*ri*	r̥	ri		r̥	ri	ri
		8	*rii*	r̥̄	ri		r̥̄	ri	
		9	*li*	l̥	li		l̥	li	li
		10	*lii*	l̥̄	li		l̥̄	li	
		11	*e*	e	e	e	ai	e	e
		12	*ai*	æ	ai	ai, oi	āi	ai	ai
		13	*o*	o	o	o	au	o	o
		14	*au*	œ	au	au	āu	au	au
CONSOANTES	Guturais	15	*ka*	k	c, qu(e) qu(i)	c, qu	k	c, qu	c, qu
		16	*k-ha*	kh	c, qu(e) qu(i)	qh	k‘	c‘, qu‘	
		17	*ga*	g	g, gu(e) gu(i)	g, gu	g	g, gu	g, gu
		18	*g-ha*	gh	g, gu(e) gu(i)	gh	g‘	g‘, gu‘	
		19	*nga* (alemão)	ṅ	n	n	*n*	n	n
	Palatais	20	*cha* (transmontano)	k̇	ch	ch	ċ	ċh	ch
		21	*ch-ha*	k̇h	ch	chh	ċ‘	ċh‘	
		22	*ja* (inglês)	ġ	j	j	*g*	*j*	j
		23	*j-ha*	ġh	j	jh	*g*‘	*j*‘	
		24	*nha* (portug.)	ṅ	nh	nh	ṅ	ṅ	n
	Cacuminais	25	*ta* (inglês)	ṭ	t	tt	ṭ	ṭ	t
		26	*t-ha* (»)	ṭh	t	tth	ṭ‘	ṭ‘	
		27	*da* (»)	ḍ	d	dd	ḍ	ḍ	d
		28	*d-ha* (»)	ḍh	d	ddh	ḍ‘	ḍ‘	
		29	*na* (»)	ṇ	n	nn	ṇ	ṇ	n

Classes ou ordens	Série dos símbolos devanágricos	Valor escolar na Europa	Transcrição portuguesa					
			V. Abreu		Tradicional portuguesa	G. Viana		
			Científica	Romanceação		Científica	Usual	Romanceação
CONSOANTES — Dentais	30	*ta* (portug.)	t	t	t	t	t	t
	31	*t-ha* (»)	th	t	th	t'	t'	
	32	*da* (»)	d	d	d	d	d	d
	33	*d-ha* (»)	dh	d	dh	d·	d'	
	34	*na* (»)	n	n	n	n	n	n
Labiais	35	*pa*	p	p	p	p	p	p
	36	*p-ha*	ph	p	ph	d·	p'	
	37	*ba*	b	b	b	b	b	b
	38	*b-ha*	bh	b	bh	b'	b'	
	39	*ma*	m	m	m	m	m	m
Semivogais	40	*iá*	j	i	y, i	i̊	i̊	i
	41	*(pa)ra*	r	r	r	r	r	r
	42	*la*	l	l	l	ł	l	l
	43	*va, -uá*	v	v, -u	v, u, o	ů	v	u, v
Sibilantes	44	*xa*	ṡ	x	x	ẋ	ẋ	x
	45	*xa, sa*	ṣ	x	x	ṣ	ṡ	s
	46	*sa*	s	s	ç, s	s	s	
	47	*ha* (inglês)	ḫ	h	ḫ	ɦ	ɦ	h
anusuara.	48	nazalização		˜, m		˜	n, m	˜, m
vissarga	49	aspiração final	h	s		h	h	h
	50	*ch* alemão	»	s		h	h	h
	51	(¿)*f*	»	s		[illegible]	f	f
l cacuminal.	52	*rla* (inglês) prós.	ḷ (?)	l	ll	ḷ	ḷ	l

Depois dêste excurso, que, para complemento do que disse sôbre transcrições de alfabetos estranhos, aqui reproduzi, extraindo-o, com leves alterações, da Revista Lusitana (vol. ii), onde o publicara em 1892, apresentarei tabularmente a dos idiomas europeus a que me referi.

O Quadro seguinte exemplifica a aplicação do sistema

(exposto a pájinas 255-257) aos vários idiomas mencionados antes, e a alguns outros escritos com os caracteres romanos. Na 1.ª coluna incluíram-se as letras e suas modificações e combinações nas ortografias de cada língua; a 2.ª contém a designação dessas línguas; a 3.ª os valores das letras e mais sinais próprios de cada uma; e a 4.ª a escrita comum, que, a meu ver, convirá estabelecer como geral para indicar a pronúncia aprossimada e servir de base ás transcrições usuais de outros sistemas gráficos. O hífen (-) anteposto a qualquer letra, òu combinação, indica o seu valor como final de sílaba, ou vocábulo; posposto, que êsse valor é exclusivamente o inicial; letra ou combinação entre dois hífenes (- -) expressa que o seu valor é o que assume quando é medial, principalmente entre vogais. Os outros sinais de transcrição ficaram já conhecidos pelo que antes se expôs.

As imitações obedecem ao princípio, já expendido, de introduzir o menor número de sons estranhos ao português, com a excepção dos que são conhecidos pelo francês, e menos ferem o nosso ouvido como exóticos, por estarmos a êles habituados. Não incluo na tabela, como se verá, os fonemas áricos da Índia, nem os arábicos, sôbre cuja representação ficou já dito o suficiente.

São duas as aplicações da Tabela: a primeira ensinar o modo de romancear nomes estranhos; a segunda ministrar a transcrição portuguesa daqueles de que seja necessário indicar a pronúncia convencionalmente aprossimada.

É manifesto que tanto do francês, como principalmente do inglês, atentas as suas grafias tam apartadas da pronunciação real dos vocábulos, apenas são apontadas as feições mais gerais do valor de cada letra, ou combinação, o que em nada, porém, invalida a utilização do quadro, tanto para os demais idiomas, como para êstes dois.

Quadro geral e resumido de todas as letras romanas e suas modificações

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
a.	geral.	*à (â).*	*a.*	....
à.	geral.	*à.*	*à.*	*a* aberto.
a.	húng., inglês.	*ò.*	*ò.*	*o* aberto.
-a.	inglês.	*ei.*	*ei.*	com *e* fechado.
a-.	inglês.	*è.*	*è.*	*e* aberto.
ạ́.	port., cast., etc.	*á.*	*á.*	*a* aberto tónico.
á.	húng., boém.	*àà.*	*à.*	*à* longo.
â.	port., catalão.	*â.*	*a, â.*	....
à.	francês.	*à.*	*à.*	*a* port. de mal.
â.	romeno.	*ü* (quási).	*ï.*	quási *u* fr.
ă.	romeno.	*â.*	*a, â.*	*â* port.
ã.	português.	*ã.*	*ã.*	*â* nasal.
ą.	polaco.	*õ.*	*ã.*	*ò* nasal.
å.	sueco.	*ô, ò.*	*o.*	....
æ.	din., norueguês.	*è.*	*è, é.*	*e* aberto.
ä.	al., sueco, finl.	*è.*	*è, é.*	*e* aberto.
aa.	al., hol., finl.	*àà.*	*à.*	*à* longo.
aa.	din., norueguês.	*ò.*	*ò.*	*ò* aberto.
ää.	finlandês.	*èè.*	*è.*	*è* longo.
ae.	flamengo.	*àà.*	*à.*	*à* longo.
ạe.	alemão.	*è.*	*è.*	....
ai.	francês.	*è.*	*è.*	....
ãe.	português.	*ãi.*	*ãe.*	....
ai (*ai̊*)	port., ital., cast., romeno.	*ài.*	*ai.*	....
ail.	francês.	*ài.*	*ai.*	imitação.
aj.	sueco, finl.	*ài.*	*ai.*	....
an.	francês.	*ã.*	*ã.*	imitação.
au (*aů*)	port., al., cast., ital., (rom.).	*àu.*	*au.*	....
au, aw.	inglês.	*ò.*	*ò.*	*ò* longo.
au.	francês.	*ô.*	*ô.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
aau.	holandês.	*àu.*	*au.*	....
äu.	alemão.	*ói.*	*ói.*	....
äy.	finlandês.	*éü.*	....	especial, quási *éi.*
b.	geral.	....	....	....
-b.	al., hol., cat., esclavónico.	*p.*	*b* (*p*).	....
ca, co, cu.	port., cast., cat., ital., rom., fr., sueco, nor., din., al., hol., vasconço.	*k.*	*ca, co, cu.*	....
ca, co, cu.	húng., boém., pol.,	*tç.*	*ç.*	imitação.
ça, ço, çu.	port., fr., cat., vasconço.	*ç.*	*ça, ço, çu.*	....
ce, ci.	port., fr., cat., vasc., ingl.,	*ce, ci.*	*ce, ci.*	....
ce, ci.	castelhano.	som especial.	*ce, ci.*	imitação.
ce, ci.	al., húng., boém., polaco.	*tç.*	*ce, ci.*	imitação.
ce, ci.	ital., romeno.	*tche, tchi.*	*che, chi.*	imitação.
ch.	cast., valenciano, ingl., húng. (antigo).	*ch.*	*ch.*	
ch.	francês.	*x.*	*x.*	....
ch.	al., hol., pol., boé., escocês.	(*j* cast.).	*ca, co, cu.*	imitação.
c'h.	bretão.	(*j* cast.).	*ç, qu.*	imitação.
che, chi.	it., romeno.	*ke, ki.*	*que, qui.*	....
chs.	alemão.	*ks.*	*cs.*	....
cia, cio, ciu.	it., romeno.	*tch* (a, o, u).	*cha, cho, chu.*	....
-ck.	ingl., al., sueco.	*k.*	*c.*	....
ck.	pol., boe., húng.	*çk.*	*çk.*	....
cs.	húngaro.	*tch.*	*ch.*	imitação.
cz.	húngaro.	*tç.*	*ç.*	imitação.
cz.	polaco.	*tch.*	*ch.*	imitação.
ć-.	polaco.	*tci* (a).	*ti* (*a*).	imitação.
-ć.	polaco.	*tçi.*	*t.*	imitação.
č.	boémio.	*tch.*	*ch.*	imitação.

*

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
d.	geral.	*d.*	*d.*	....
-d.	al., hol., pol., boé.	*t.*	*d(t).*	....
d̦, z.	romeno.	*z.*	*z.*	....
d'-.	boémio.	*di*(a).	*di*(*a*).	imitação.
-d'.	boémio.	*di.*	*d.*	imitação.
dj.	sueco.	*y* cast.	*i.*	imitação.
-dt.	al., hol., escand.	*t.*	*t.*	....
e.	geral.	*è, ê.*	*è, é, ê.*	....
e-.	esclavónico.	*iè.*	*e.*	....
-e.	inglês.	*i.*	*i.*	longo.
-é.	fr., al., din., hol.	*œ.*	*œ, e.*	*e* surdo fr. de l*e*.
e.	catalão.	*â.*	*a.*	átono.
e.	português.	*e.*	*e.*	*e* de t*e*, m*e*.
e.	castelhano.	*ê.*	*e.*	imitação.
e, è.	fr., port., (ital., al., hol., ingl., sueco., din., nor., pol., boh., ect.).	*è.*	*è.*	....
é.	fr., húng.	*ê.*	*ê.*	....
é.	romeno.	*eà.*	*eà, eá.*	....
ê.	português	*ê.*	*ê.*	....
ê.	francês.	*è.*	*è.*	....
ê.	romeno.	*ü.*	*ĭ.*	imitação.
ë.	francês.	*è, ê.*	*è, ê.*	....
ě.	boémio.	*iè.*	*iè.*	....
ẽ.	geral na transcr.	*ẽ.*	*ẽ, em.*	*e* nasal.
ẽ.	geral na transc..	*ê*(ng).	*ẽ, em.*	imitação.
ę.	polaco.	*ẽ.*	*ẽ.*	....
ea.	inglês.	*ê.*	*ê.*	....
ea.	inglês.	*ii.*	*i.*	....
eau.	francês.	*ô.*	*ô.*	....
ee.	al., din., finl.	*ê.*	*ê.*	....
ee.	inglês.	*ii.*	*i.*	longo.
ei.	port., ingl., ital., castelhano.	*êi.*	*ei.*	....
ei.	inglês.	*ii.*	*i.*	....
-ei.	port., holl., nor.	*èi.*	*èi.*	....
ei.	al., dinamarquês.	*ai.*	*ài.*	....
eĭ.	romeno.	*êį.*	*ei.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
eil.	francês.	*èi.*	*éi.*	imitação.
ej.	sueco.	*èi.*	*èi, éi.*	....
eeu.	holandês.	*êu.*	*êu.*	....
eu.	port., castelhano.	*êu.*	*eu, êu.*	....
eŭ.	romeno.	*êu.*	*eu, êu.*	....
eu.	ital., português.	*èu.*	*éu.*	....
eu.	fr. (*seul, œuf*).	*œ.*	*œ.*	som especial.
eu.	fr.,hol.(*feu, steun*).	*ọ.*	*ọ, ö.*	som especial.
eu.	alemão.	*òi.*	*òi.*	....
eu, ew.	inglês.	*iù.*	*iù.*	....
ey.	finlandês.	*èü.*	*éü.*	som especial.
ey.	alemão.	*ài.*	*ai.*	....
ey.	cast., ingl., vasc.	*êi.*	*êi.*	....
ey.	francês.	*è.*	*è.*	....
-ey.	inglês.	*i.*	*i.*	....
f.	geral.	*f.*	*f.*	....
-f.	sueco, nor., din.	*v.*	*v.*	....
g.	holandês.	....	*ga, go, gu.*	som especial.
ga, go, gu.	port., cast., cat. ital., rom., fr., etc.	*ga, go, gu.*	*ga, go, gu.*	....
-g.	al., hol., polaco.	*k.*	*c.*	(*j* castelhano).
-g.	dinamarquês.	*g.*	*g.*	som especial.
ge, gi.	port.,fr.,cat.,rom.	*j.*	*je, ji.*	....
ge, gi.	ital., inglês.	*dje, dji.*	*je, ji.*	imitação.
ge, gi.	castelhano.	especial.	*je, ji.*	Vid. *j* cast.
ge, gj.	sueco, norueguês.	*y* cast.	*i.*	imitação.
gia, gio, giu	ital., romeno.	*dja, djo, dju.*	*ja, jo, ju.*	imitação.
-gh.	escocês.	(*j* cast.).	*c.*	imitação.
-gh.	inglês.	*f.*	*f.*	em muitos voc.
ghe, ghi.	ital., rom., (ingl.).	*gue, gui.*	*gue, gui.*	....
gue, gui.	port., cast., cat., fr., vasconço.	*gue, gui.*	*gue, gue.*	....
gue, gui.	italiano.	*gù-e, gù-i.*	*gùe, gùi.*	com o *u* pronunciado.
güe, güi.	cast., cat., vasc.	*gù-e, gù-i.*	*gùe, gùi.*	com o *u* pronunciado.
gwe, gwi.	bretão.	*gù-e, gù-i.*	*gùe, gùi.*	com o *u* pronunciado.

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações.
gn.	fr., italiano.	*nh.*	*nh.*	....
h.	germ., rom., escl.	*h* aspirado.	*h.*	póde supprimir-se
hj.	sueco, nor., din.	*y* cast.	*i.*	imitação.
-h.	al., etc.	nullo.	....	supprime-se.
i.	geral.	*i.*	*i.*	....
i.	holandês.	*è.*	*e.*	....
i-.	inglês.	*i.*	*i.*	imitação.
-i.	inglês.	*ài.*	*ai.*	....
í.	húngaro.	*ii.*	*i.*	longo.
î.	romeno.	*ü.*	ï.	imitação.
ǐ	remeno.	*i.*	*i.*	nos ditongos.
ĩ	português.	*ĩ.*	*im.*	....
ii.	romeno.	*íi.*	*ii.*	....
-ing.	germánico.	*ĩ.*	*im.*	imitação.
ie.	al., hol., francês.	*i.*	*i.*	....
ie.	escl., cast., ital., finlandês.	*iè*, *ié.*	*iè*, *ié.*	....
-ie.	inglês.	*i.*	*i.*	imitação.
ie-.	inglês.	*ai.*	*ai.*	....
ieu.	holandês.	*iu.*	*iu.*	....
ig.	catalão.	*tch.*	*ch.*	imitação.
ij.	holandês.	*èi.*	*èi*, *éi.*	....
in.	fr.	*œ̃.*	*œn.*	....
ille.	fr.	*íe.*	*íe.*	imitação.
j.	port., fr., cat., rom.	*j.*	*j.*	....
j.	ingl.	*dj.*	*j.*	imitação.
j.	ital., al., hol., escand., húng., finl.	*y* cast.	*i.*	imitação.
j.	cast.	especial.	*j.*	proferido como em port.
k.	germ., escl., húng., finl.	*k.*	*c*, *que*, *qui.*	....
kj, ki, kö, ky.	escand.	*tch*, *tchi*, *tchö*, *tchü.*	*ch*, *chi*, *chö*, *chü.*	imitação.
l.	geral.	*l.*	*l.*	....
l.	pol.	*lh.*	*lh.*	....
ł.	pol.	*l.*	*l.*	imitação.
lh.	port., prov.	*lh.*	*lh.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
ll.	cast., cat., valenciano, vasc.	*lh.*	*lh.*	....
ll.	galês.	*çl.*	*çl.*	imitação.
ly.	húng.	*lh.*	*lh.*	....
m.	geral.	*m.*	*m.*	....
-m.	geral, excepto:	*me.*	*me, mm.*	final.
-m.	fr., port.	nasalização.	*m,* ˜.	*som, lã.*
-m.	transcrição.	*ng* germ.	*-m, ã.*	imitação.
n.	geral.	*n.*	*n.*	....
-n.	geral, excepto:	*ne.*	*ne, nn.*	final.
-n.	port., fr.	nasalização.	*-m, -n, ã.*	....
ñ.	cast., valenciano, vasc.	*nh.*	*nh.*	....
-ń.	pol.	*nh.*	*nhe.*	....
ň.	boé.	*nh.*	*nhe.*	....
-ng.	germ.	especial.	*-m, ã.*	imitação.
-ng-.	germ. medial.	*ngg.*	*nga, ngo, ngu, ngue, ngui.*	imitação.
-ng.	al.	*ngk.*	*nc, nque.*	imitação.
nh.	port., prov.	*nh.*	*nh.*	....
nie-.	pol.	*nh.*	*nh.*	....
ny.	cat., húng.	*nh.*	*nh.*	....
o.	geral.	*o.*	*o, ó.*	....
o.	cat.,cast.,ital.,al., hol., escand.,fr., ingl.	*ô.*	*ô.*	....
o.	ingl.	*ôu.*	*ou.*	....
o-.	ingl.	*ò.*	*ò.*	....
o-.	ingl.	*òò.*	*ò.*	....
o.	port., cast., cat., fr., escand.,escl., romeno.	*ò.*	*ò.*	....
o.	ingl., sueco; cat., port., (átono).	*u.*	*u.*	....
ò.	cat., italiano.	*ò.*	*ò.*	....
ó.	cat., cast., vasc.	*ô.*	*ô.*	....
ó.	polaco.	*u.*	*u.*	....
ő.	húngaro.	*ôu.*	*ô.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
ó.	romeno.	*oà.*	*oà.*	....
ô.	port., fr.	*ô.*	*ô.*	....
ö.	al., sueco.	*ö, o̤.*	*ö.*	*eu* fr. de *feu.*
ö.	al., sueco, húng., finlandês.	*œ.*	*œ.*	*eu* fr. de *seul.*
ø.	din., norueguês	*o̤.*	*ö.*	*eu* fr. de *feu.*
ø.	din., norueguês.	*œ.*	*œ.*	*eu* fr. de *seul.*
ő.	húngaro.	*o̤.*	*ö.*	*eu* fr. de *feu.*
õ.	port.,	*õ.*	*õ, om.*	....
oa.	inglês.	*ôo.*	*ou.*	....
oe.	inglês.	*ôo.*	*ou.*	....
oe.	holandês.	*u.*	*u.*	....
oe.	português.	*ói.*	*ói.*	....
õe.	português.	*õi.*	*õe.*	....
œi(l).	francés.	*œi.*	*œi.*	imitação.
œ.	al. (desusado).	*œ, ö.*	*œ, ö.*	....
oei.	holandês.	*ui.*	*ui.*	....
oi.	português.	*ôi.*	*ôi.*	....
oi.	ingl., port., cat., esclavónico.	*ói.*	*ói.*	....
oi.	francês.	*uà.*	*uà.*	....
oĭ.	romeno.	*òi.*	*òi.*	....
oj.	escand., escl., húngaro.	*òi.*	*òi.*	....
ooi.	holandês.	*ôi.*	*ôi.*	....
oo.	hol., alemão.	*ô.*	*ô.*	....
oo.	inglês.	*u.*	*u.*	....
oo.	inglês.	*uu.*	*u.*	....
ou.	português.	*ôu.*	*ou.*	....
ou.	cat., hol., boémio.	*óu.*	*óu.*	....
ou.	fr., inglês.	*u.*	*u.*	....
ou.	inglês.	*ôo.*	*ou.*	....
ou-.	inglês.	*â.*	*â.*	....
ou, ow.	inglês.	*äu.*	*au.*	....
oui.	francês.	*uì.*	*uì.*	....
ouil.	francês.	*úi.*	*úi.*	imitação.
oy.	ingl., catalão.	*òi.*	*ói.*	....
oy.	castelhano.	*ôi.*	*ôi.*	imitação.
oy.	francês.	*uà.*	*uà.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
p.	geral.	*p.*	*p.*	....
ph.	geral.,	*f.*	*f.*	....
př, prz.	boém., polaco.	*px.*	*pr.*	imitação.
qu.	al., hol., escand.	*ku.*	*cu* (a, e).	seguido de vogal.
que, qui.	port.,cast.,cat.,fr.	*ke, ki.*	*que, qui.*	....
que, qui.	italiano.	*cuè, cuì.*	*cuè, cuì.*	....
r-.	geral.	*rr.*	*r.*	....
-r, -r-.	geral.	*r.*	*r.*	....
rr.	geral.	*rr.*	*rr.*	....
rr.	francês.	*r.*	*r.*	....
ř.	boémio.	*j; x.*	*j; x.*	imitação.
rz.	polaco.	*j; x.*	*j; x.*	imitação.
s-.	geral, excepto húng. e al.	*ç.*	*ç*, (*s*).	....
-s-.	cast.,finl.,escand.	*ç.*	*ç*, (*s*).	....
-s.	português.	*x, j.*	*x, j, s.*	....
s.	húngaro.	*x.*	*x.*	....
s-, -s-.	alemão.	*z.*	*z.*	....
-s.	final, alemão.	*ç.*	*ç.*	....
-s-.	port.,fr.,cat.,ital., ingl., al.	*z.*	*z.*	....
ș.ss.	romeno.	*x.*	*x.*	....
-ś.	polaco.	*s.*	*s.*	final port.
š.	boémio.	*x.*	*x.*	....
sc(e), s(ci).	italiano.	*x.*	*x.*	....
sch:	alemão.	*x.*	*x.*	..............a.
sch.	pol., boém., hol.	*s* + *j* cast.	*sca,sco,scu. squ.*	imitação.
sch.	ital., rom., cat.	*sc(a)*, etc.	*sc, squ.*	....
sh.	inglês.	*x.*	*x.*	....
si-	polaco.	*si(a)*, etc.	*si*(*a*), etc.	....
sj.	escand.' hol.	*si, x.*	*si-, x.*	....
sp, st.	ital., etc.	*çp, çt.*	*çp. çt.*	....
sp, st.	alemão.	*xp, xt.*	*sp. st,*	....
ss.	geral.	*ç.*	*ç.*	....
ss.	húngaro.	*xx.*	*x.*	....
st.	búlgaro.	*xt.*	*xt.*	....
st(i).	russo.	*xtch.*	*stia-, -sti.*	imitação.
sw.	inglês.	*su.*	*çu.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
sz.	húng., alemão.	*ç.*	*ç.*	....
sz.	polaco.	*x.*	*x.*	....
t.	geral.	*t.*	*t.*	....
ţ.	romeno.	*tç.*	*(t)ç.*	....
t.	boémio.	*tci.*	*ti.*	imitação.
th.	etimolójico, lat., grego e al.	*t.*	*t.*	....
th.	inglês.	especial.	*t.*	imitação.
-th.	inglês.	especial.	*d.*	imitação.
-ti-.	francês.	*ci.*	*ci.*	....
-ti-.	ingl., sueco.	*x.*	*x.*	....
-t-.	alemão.	*tç.*	*(t)ç.*	....
u.	geral.	*u.*	*u.*	....
u.	fr., hol., galês.	*ü.*	*ü.*	fr. t*u*.
u.	sueco.	especial.	*ü.*	imitação.
u.	norueguês.	especial.	*u.*	imitação.
-u.	inglês.	*iù.*	*iú.*	....
u-.	inglês.	*â.*	*â.*	imitação.
ú.	húngaro.	*uu.*	*u.*	longo.
ŭ.	romeno.	*u.*	*u.*	nos ditongos.
ue.	fr., alemão.	*ü.*	*ü.*	....
ue.	inglês.	*iú.*	*iú.*	....
ue.	castelhano.	*uê.*	*uê.*	....
uei.	francês.	*œi.*	*œi.*	....
ui.	port., cast., cat., it., al., finl.	*úi.*	*úi.*	....
ui.	inglês.	*iú.*	*iú.*	....
ui.	francês.	*üì.*	*üì.*	....
ui.	holandês.	*œi.*	*œi.*	....
uĭ	romeno.	*úi.*	*úi.*	....
uj.	húng., polaco.	*úi.*	*úi.*	....
um.	português.	*ũ.*	*um.*	....
um, un.	francês.	*œ̃.*	*œn.*	som especial.
-ung.	alemão.	*ũ.*	*-um.*	imitação.
uo.	ital., finlandês.	*uó.*	*uò.*	....
uu.	finlandês.	*uu.*	*u.*	longo.
uu.	holandês.	*ü.*	*ü.*	....
uw.	holandês.	*üü.*	*ü.*	....
uy.	cast., catalão.	*úi.*	*ui.*	....

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
uy.	francês.	*üí.*	*üì.*	....
v.	geral.	*v.*	*v.*	....
v.	castelhano.	*b.*	*v.*	aportuguesado.
v-.	alemão.	*f.*	*f.*	....
-v-.	alemão.	*v.*	*v.*	....
w-.	al., polaco,	*v.*	*v.*	....
-w.	pol., alemão.	*f.*	*v.*	....
w.	inglês.	*u(a), ů.*	*u(a).*	*u* consoante.
w.	holandês.	*v.*	*v.*	imitação.
w.	galês (welsh).	*u.*	*u.*	....
w.	em transcr. ingl. e depois de consoante em hol.	*u.*	*u.*	seguido de vogal.
wsk.	polaco.	*çk.*	*sk.*	....
x.	port., cast. ant., galego, cat., valenc., vasc.	*x.*	*x.*	....
x.	cast. ort. antíquada.	*j* cast.	*x.*	imitação.
x.	veneziano.	*z.*	*z.*	....
x.	port., fr., ingl., sueco, din., finl.	*ks.*	*cs.*	....
x.	fr., inglês.	*gz.*	*gz.*	....
x.	português.	(*e*)*is.*	(*e*)*is.*	....
x.	português.	(*e*)*iz.*	(*e*)*iz.*	....
x.	português.	*-s.*	*-s.*	....
y.	etim., lat. e grego.	*i.*	*i.*	....
y.	cast., ingl., fr., cat.	*i.*	*i.*	seguido de vogal
y.	escand., finl.	*ü.*	*ü.*	*u* fr.
y.	hol., ant., flamengo.	*èi.*	*èi.*	....
y.	inglês.	*ai.*	*ai.*	....
-y.	ingl., (final átono).	*é.*	*i.*	imitação.
y.	polaco.	*i.*	*i.*	....
y.	pol., boémio.	*ü.*	*ü.*	imitação.
y.	galês.	*e.*	*e.*	de *me, te.*
y.	galês.	*œ.*	*œ.*	*e* fr. de *le.*
yy.	finlandês.	*üü.*	*ü.*	longo.

Letras e sinais	Idiomas	Valores	Transcrição	Observações
z.	port., fr., cat., rom., ingl., hol., húng., pol., boé.	*z.*	*z.*	....
z.	cast., vasconço.	*ç.*	*ç.*	imitação.
z.	al., finl., sueco, ital.	*tç.*	(*t*)*ç.*	....
z.	italiano.	*dz.*	(*d*)*z.*	....
ž.	polaco.	*j.*	*j.*	....
-ž.	polaco.	*je.*	*je.*	....
zi-.	polaco.	*zi.*	*zi.*	seguido de vogal.
zs.	húngaro.	*j.*	*j.*	....

Pelo quadro se vê quanto é ilusória a persuasão de que, com o conhecimento do francês e de mais uma ou duas línguas, alemão ou inglês, se está habilitado a ler com relativa correcção qualquer nome estranjeiro, escrito no alfabeto romano; visto ficar patente não haver uma só letra, a não ser o *p*, um só sinal, que não variem de valor de uma para outra língua quando, dentro mesmo de cada uma, não são já de si variáveis, como em francês, em inglês e nas línguas escandinavas.

Alguns idiomas mais incluí no quadro a que me não referi antes, e entre êles alguns dialectos célticos. Omiti, porém, a ortografia do erse, ou alto escocês, das mais complicadas e irregulares, porque será mester fazer dela estudo muito especial, para o qual há já elementos, menos mal coordenados.

Entre os idiomas esclavónicos faltou igualmente mencionar e analisar o ilírico, o véndico, o malo-russo ou ruténico, e outros, com escrita sua especial; e por outra parte nenhuma referência se faz ao letão e litávico, cujas particularidades fonéticas e gráficas cumprirá ter igualmente em atenção. Nenhuma alusão fiz na tabela tampouco aos dialectos itálicos, numerosíssimos, como não tratei da

transcrição dos nomes que pertencem a várias línguas que se escrevem com alfabetos semíticos e outros.

Vê-se pois que o quadro terá de ser muito ampliado quando se tratar das transcrições de outros sistemas de escrita, a que não pude atender por agora.

Em relação aos nomes da África portuguesa, sou de opinião que se siga o sistema de romanceação que foi aconselhado a p. 17 do METHODO PRÁTICO PARA FALLAR A LÍNGUA DA LUNDA, de Henrique de Carvalho, e que com èle foi discutido pelos snrs. Estêvez Pereira, Vasconcelos Abreu, e quem escreve estas linhas. Èsse sistema poderia aplicar-se igualmente ás línguas da Guiné, e ás cafriais da Contra-Costa, substituindo-se por *c*, *que*, *t* e *p* os popismos, ou soluços, como os nossos antigos escritores os denominaram, e que são próprios de algumas destas últimas, todas as vezes que estiverem antes de vogal, suprimindo-os quando acompanharem consoante. Como guia para a transcrição póde seguir-se a Gramática das línguas cafriais, de J. Torrend, livro excelente e de fácil aquisição, acomodando á portuguesa a transcrição do autor [1].

É, pois, êste capítulo, por longo que pareça, considerávelmente incompleto, mesmo com relação aos idiomas que se servem do alfabeto romano, modificado e ampliado, para a sua escrita. É como disse, um esbôço apenas, um primeiro ensaio, um tentámen do método, que se me afigura mais português e mais singelo, que outros que vagamente haverão sido apontados. Consegue-se ao menos por êle continuar a antiga tradição das transcrições portuguesas, que por todas as razões cumpre, quanto antes, restabelecer, para crédito da nação.

---

[1] A COMPARATIVE GRAMMAR OF THE SOUTH-AFRICAN BANTU LANGUAGES. Londres, 1891.

CAPÍTULO VIII

Conclusões

Compendiando tudo quanto fica dito sôbre a simplificação, uniformização e correcções da ortografia portuguesa, resumirei aqui as regras gerais que, a meu ver, devem ser adoptadas num sistema de escrita, que se possa rigorosamente intitular *Ortografia nacional.*

Nessas regras encontrará, pois, o leitor o desenvolvimento prático para a aplicação do Sistema, se o quiser utilizar.

Os três preceitos fundamentais que as resumem e consubstanciam são os seguintes:

I. Tudo o que se diferença na fala tem de ser diferençado na escrita.

II. Todas as pronunciações lejítimas devem ser representadas na ortografia comum, para que a língua escrita seja uma só.

III. Todos os artifícios etimolójicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da língua falada, serão desterrados da escrita portuguesa, como contrários á sua expressão gráfica.

REGRAS

Letras

1. Proscrição, em todos os vocábulos aportuguesados e aportuguesáveis, de **w** e **y**, quer êsses vocábulos sejam nomes próprios, quer comuns: *Venceslau, vagom*, *iate*, *asilo*, *Policarpo*, e não **Wenceslau**, **wagon**, **yacht**, **asylo**, **Polycarpo**. Nesta regra está pois incluída a substituição do **y** etimolójico, valendo por *i*.

2. Eliminação de **h**, quer entre vogais, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, para designar-lhes o valor de consoantes palatinas; e provisóriamente quando inicial, por justificada etimolojia: *sair*, *empreender*, *pároco*, *arcanjo*, *teatro*, *Atenas*, *Rodes*, *arras*, *aderir*, *desarmonia, inibir*, *inábil*, *ombro*, e não, **sahir**, **emprehender**, **parocho**, **archanjo**, **theatro**, **Athenas**, **Rhodes**, **arrhas**, **adherir**, **desharmonia**, **inhibir**, **inhabil**, **hombro**; mas, *harmonia*, *chave, malha*, *mancha*.

3. Substituição de **ph** por *f*, e de **ch**=*k*, por *qu* antes de *e*, *i: física, zoófito, querubim*, *química*, e não **physica**, **zoophyto**, **cherubim**, **chimica**.

4. *X* representando únicamente o valor que tem quando inicial, e ainda provisóriamente o de *(e)is* no preficso **ex**, de vocábulos de orijem artificial alatinados: *xadrez*, *peixe, luxo; exangue*, *expor*, *excepto;* mas, *ficso*, *misto*, e não, **fixo**, **mixto**; *próssimo*, e não, **proximo**.

5. Redução de todas as consoantes geminadas a uma só, com excepção de *mm*, *nn, rr*, *ss*, quando tenham valores diferentes de *m*, *n*, *r*, *s: abade*, *socôrro*, *acender*, *adição*, *afecto, agravo*, *aludir*, *flama, anel*, *aparecer*, *atitude*, *admitir, emendar*, *inocente;* mas, *prorrogar*, *arrojo*,

assentimento, *cassa*, *prosseguir*, *emmalar*, *ennastrar*, e não, **innocente**, **prorogar**, **proseguir**, **emalar**, **enastrar**.

6. Supressão de todas as consoantes nulas, excepto quando as vogais *a*, *e*, *o*, átonas, que as precedem, conservem os seus valores alfabéticos: *escrito*, *dito*, *dano*, *solene*, *salmo*, e não, **escripto**, **dicto**, **damno**, **solemne**, **psalmo**; mas, *acção*, *predilecção*, *exceptuar*, e não, **ação**, **predileção**, **excetuar**.

7. Conservação de consoantes nulas, quando seja facultativo proferi-las, ou quando hajam de ter valor em vocábulos de afinidade evidente: *gimnásio*, e não, **ginásio**; *acto*, e não, **ato**; *excepto*, e não, **exceto**; *Ejipto*, e não, **Ejito**, em razão de *acção*, *excepção*, *ejípcio*.

8. Substituição de **ge**, **gi**, mediais, por *je*, *ji*, conservando-se apenas provisóriamente *ge*, *gi* iniciais quando sejam etimolójicos, quer em palavras primitivas, quer em derivadas, dentro do português, por meio de preficso: *elejer*, *reajir*, *rejeitar*, *jeito*, e não, **eleger**, **reagir**, **regeitar**, **geito**; mas com *g*, *Gil* (Aegidius), *gesto*, *gigante*, *agigantado*.

9. As subjuntivas de ditongos orais decrescentes serão sempre representadas por *i*, *u*, e nunca por **e**, **o**: *pai*, *pau*, *Macau*, *céu*, *judeu*, *viu*, e não, **pae**, **pao**, **Macao**, **ceo**, **judeo**, **vio**; *amais*, *canais*, *móis*, *faróis*, *concluis*, *azuis*, e não, **amaes**, **canaes**, **moes**, **faroes**, **conclues**, **azues**.

10. O *i* e *u*, tónicos, que não formem ditongo com a vogal precedente, serão acentuados: *saída*, *saúde*; (veja-se, no emtanto, páj. 191).

11. Conservação de *e*=*i*, *o*=*u*, átonos antes de vogal, quer analójicos, quer etimolójicos: *cear*, *voar*, *leão*, e não, **ciar**, **vuar**, **lião**, em razão de *ceia*, *voa*, latim l e o n e m.

Conservação de *e* inicial=*i*, e de *o*=*u*, quando eti-

molójicos ou analójicos: *elojio, orelha, portento, porteiro*, e não **ilogio, urelha, purtento, purteiro**; cf. *porta*.

12. Diferenciação rigorosa entre *ô* e *ou*: *touro, pôde*, e não, **tóro, poude**.

13. Manutenção facultativa de *oi* ou *ou*, quando as pronúncias variem de terra para terra: *touro* e *toiro*.

14. Substituição por *e* de *i* átono com o valor de *e* mudo, nas palavras de orijem evolutiva: *vezinho*, e não, **vizinho**; mas, *ministério* e não, **menestério**.

14. Distinção rigorosa entre *ç* (*ce, ci*) e *s* inicial, ou *ss* entre vogais, restabelecendo-se o *ç* inicial onde haja sido indevidamente substituído por *s*: *paço* e *passo, rocio, rossio, Seia, Sintra, sossêgo, Buçaco, çapato, çarça*.

16. Diferenciação rigorosa entre *z* e *s* em meio de vogais: *defesa, siso, Luísa, avareza, juízo;* e não, **defeza, sizo, Luiza, avaresa, juiso**; *portuguesa, portugueses*, e não, **portugueza, portuguezes**.

17. Diferenciação rigorosa entre *s* e *z* final: *três, português, marquês*, e não **trez, portuguez, marquez**; mas *Díaz, Rodríguez, Márquez*, e não, **Dias, Rodrigues, Márques**.

18. Diferenciação rigorosa entre *x* e *ch*: *xá* e *chá*, *seixo* e *fecho, buxo,* planta, e *bucho,* estómago.

Acentuação gráfica

19. Todos os vocábulos esdrúxulos serão marcados gráficamente na vogal da sílaba predominante: *ápice, fécula, nêveda, espírito, apóstolo, lôbrego, túmulo; átrio, área, água, mágoa, féria, régua, míngua, póvoa, côdea, fúria; áureo.*

20. Acentuação gráfica em todos os vocábulos agudos terminados em *a*(*s*), *e*(*s*), *o*(*s*), *em*, *ens*: *alvará*(*s*), *fará*(*s*), *maré*(*s*), *mercê*(*s*), *avó*(*s*), *avô*(*s*), *vintém*, *vinténs*.

Nesta acentuação gráfica incluem-se todos os monossílabos em *a*(*s*), *e*(*s*), *o*(*s*), que não sejam átonos: *pá*(*s*), *pé*(*s*), *rès*, *pó*(*s*), *pôs*.

21. Acentuação gráfica de todos os parocsítonos que não terminém em *a*(*s*), *e*(*s*), *o*(*s*), *am*, *em*, *ens*: *âmbar*, *amável*, *carácter*, *fértil*, *cônsul*, *Félix*, *quási*, *Tétis*, *Vénus*.

22. Diferenciação por meio de acento circunflecso nas vogais *e*, *o*, fechadas, tónicas, de todos os parónimos, parocsítonos, ficando sem acento marcado os vocábulos em que essas vogais sejam abertas: *sêde*, *côrte*, mas *sede* (=*séde*), *corte* (=*córte*).

23. Acentuação marcada excepcionalmente com o agudo no *a* tónico aberto da primeira pessoa do plural do perfeito do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação, ficando assim diferençada da mesma pessoa do presente: *louvámos*, e *louvamos* (=*louvàmos*). Acentuação igualmente excepcional dos vocábulos *péla*(*s*), *pélo*, *póla*(*s*), *pólo*(*s*), *pára* (do verbo *parar*), para se diferençarem de *pela*(*s*), *pelo*(*s*), *pêlo*(*s*), *pola*(*s*), *polo*(*s*), *para* (preposição).

24. Diferenciação, por meio do acento grave, das vogais abertas átonas *à*, *è*, *ò*, quando haja parónimos em que elas tenham outros valores: *Sàbor* (rio) e *sabor* (gôsto), *prègar* e *pregar* (*cravar*), *mòlhinho* (de *mólho*) e *molhinho* (de *môlho*).

25. Emprêgo facultativo do acento grave sobre o *ì* ou *ù*, quando, átonos, não formem ditongo decrescente; e ainda, necessário, no *u* de *qu*, *gu*, quando se proferir átono: *deìcida*, *reùnir*, ou *deicida*, *reunir*; *argùir*, *eloqùente*.

26. Emprêgo exclusivo do acento agudo, e não do circunflecso, para marcar qualquer vogal, *á*, *é*, *ó*, (*í*, *ú*), antes de consoante nasal: *contemporáneo*, *ánsia*, *conferéncia*, *fémea*, *génio*, *cómodo*, *cónscio*, e não, **contemporâneo**, **ânsia**, **conferência**, **fêmea**, **gênio**, **cômodo**, **cônscio**, visto não ser uniforme o valor de tais vogais;

*

sendo a única excepção a já apontada na regra 23, dos pretéritos em *-ámos*. (Veja sôbre *î*, *û*, por *í*, *ú*, páj. 166).

Soletração e divisão gráfica dos vocábulos

27. A divisão dos vocábulos simples far-se há sempre por sílabas fonóticas, sem atenção á constituição, mais ou menos consciente, das várias sílabas que se aficsam a um radical; entendendo-se por sílabas fonéticas neste caso os diferentes grupos de consoantes que podem iniciar palavras portuguesas populares.

Conseguintemente, nenhuma sílaba poderá começar por grupo de consoantes que se não encontre como inicial de palavra comum, não científica.

Admitido êste princípio, conclui-se que todos os grupos que não sejam formados por uma consoante seguida de *r* ou *l* se repartirão, ao soletrar-se e ao dividirem-se gráficamente os vocábulos em sílabas, pela última das consoantes, ficando todas as mais pertencendo á sílaba anterior; com excepção dos mencionados grupos, em que figura *r* ou *l* como segunda consoante. Eis aqui alguns exemplos:

a) *a-pli-car*, *a-gra-var*, *ve-zes*

b) *dis-tin-guir*, *di-rec-tor*, *ac-to*, *ac-ção*, *a-dop-ção*, *es-pí-ri-to*, *de-sar-mo-ni-a*, *ob-sé-qui-o*, *abs-tra-ir*, *trans-cre-ver*, *subs-cri-ção*; *ar-roi-o*, *as-sei-o*.

A única excepção é constituída pelo *x* do preficso *ex*, no qual esta letra sempre acompanhará o *e*, quando valer por *is*: *ex-ac-to*, *ex-cep-to*.

28. Os ditongos, quer decrescentes *éu*, *ói*, *úi* etc., quer crescentes, *eú*, *oí*, *uí*, etc., são inseparáveis: *ai-po*, *au-to*, *neu-tro*, *lei-to*; *meú-do*, *ruí-na*, *peo-na-jem*, *ciú-me*.

29. Emprêgo do apóstrofo únicamente em casos de supressão casual de qualquer letra.

30. A ortografia dos nomes próprios portugueses ou aportuguesados, quer locais, quer pessoais, regular-se há em todos os seus acidentes pelas normas dos demais vocábulos.

Terminarei êste livro com a inclusão de vinte e quatro trechos de várias épocas, acomodados á ortografia que defendo, acompanhando-os daquela que empregaram quer os próprios autores, quer os editores e compiladores, contemporáneos, ou não, dèsses escritos. Será desta maneira menos difícil ao leitor, apreciando a importáncia das modificações a que esta ortografia simplicada e sistematizada os sujeita, avaliar se ela os alterou demasiadamente, isto é, a ponto de dificultar a leitura, ou deformar em excesso o aspecto dèsses trechos. A mim parece-me que não. Se abstrairmos da maior aplicação e rigor de acentos gráficos, veremos que o número dos vocábulos, que tiveram de sofrer escrita diversa, é proporcionalmente exíguo.

Para mais fácil comparação, assinalo, espacejando, as palavras a que foi necessário aumentar ou alterar a acentuação, em conformidade com o meu plano, imprimindo em caracteres cheios aquelas em que foram suprimidas ou substituídas algumas letras; estes últimos caracteres serão também espacejados, quando nos vocábulos concorrerem acentos e letras diversas das dos textos.

A ordem dos trechos é cronolójica, do mais moderno para o mais antigo, pois entendo que, com raras excepções, pode ser aplicada a *Ortografia Nacional* a qualquer período da língua portuguesa, desde o mais remoto até o contemporáneo; sendo esta condição penhor, de que, mesmo no futuro, ela haveria de sofrer pequenas modificações, quer tenhamos em vista a representação dos dialectos, quer o desenvolvimento ulterior do idioma comum literário.

Século XX

Ninguem por certo ignora a deficiéncia dos nossos vocabulários, aiñda mesmo dos que melhor cotação têem no mundo litterario do nosso país. Quem houver mister qualquer elucidação sôbre o significado de muitos termos archaicos, que abundem nas nossas velhas chrónicas e mais monumentos litterários, e sôbre a origem ou etymologia de certos termos tanto antigos (alguns delles ainda empregados na linguagem popular), como modernos, que a cada passo se nos deparam, ver-se-ha por vezes embaraçado, e não poucas ficará por completo ás escuras.

O apparecimento, pois, dum novo Diccionário da língua portuguêsa será sempre para os estudiosos motivo de contentamento, na persuasão de ver preenchida tam grande lacuna ou remediadas tam importantes incorrecções.

A. A. Cortesão, Subsídios para um Diccionário completo. (Historicò-etymológico da língua portuguêsa), Coimbra, 1900.

Século XIX

A orthographia que, pàra os antigos padres mestres, era uma parte da grammática, está reduzida actualmente a um intricado e curiôso problema.

Àparte meia dúzia de eruditos, que tomam o assumpto a sério, a generalidade dos nossos escritôres modernos observam a orthographia que lhes ensinaram ou aquella a que se habituaram, preoccupando-se mediocremente com a razão do que escrevem.

Todos os escritôres estão convencidos de que orthographam bem e, entretanto, càda qual orthographa de sua maneira. Como descargo de consciência, suppõem praticar

I

Ninguém por certo ignora a deficiência dos nossos vocabulários, ainda mesmo dos que melhor cotação teem no mundo literário do nosso país. Quem houver **mester** qualquer elucidação sôbre o significado de muitos termos **arcaicos**, que abundam nas nossas velhas **crónicas** e mais monumentos **literários**, e sôbre a **orijem** ou **etimolojia** de certos termos tanto antigos (alguns **dêles** ainda empregados na linguajem popular), como modernos, que a cada passo se nos deparam, ver-se **há** por vezes embaraçado, e não poucas ficará por completo ás escuras.

O **aparecimento**, pois, dum novo **Dicionário** da língua portuguesa será sempre para os estudiosos motivo de contentamento, na persuasão de ver preenchida tam grande lacuna, ou remediadas tão importantes incorrecções.

II

A **ortografia** que, para os antigos padres mestres, era uma parte da **gramática**, está reduzida actualmente a um intricado e curioso problema.

Á **parte** meia dúzia de eruditos, que tomam o **assunto** a sério, a generalidade dos nossos escritores modernos observam a **ortografia** que lhes ensinaram ou **aquela** a que se habituaram, preocupando-se medíocremente com a razão do que escrevem.

Todos os escritores estão convencidos de que **ortografam** bem, e entretanto cada qual **ortografa** de sua maneira. Como descargo de consciência **supõem** prati-

a orthographia usual. A orthographia usual reduz-se á orthographia de câda um, o que dá em resultado cem ou duzentas orthographias differentes e quási tôdas autorizadas.

Candido de Figueiredo, Nôvo Diccionário da língua portuguêsa, Lisboa, 1899, p. xiv.

Século XIX

Os seres vivos não podem prolongar a sua existéncia durante um prazo indefinido; depois dum certo cyclo de phenómenos, que se repetem pela mesma ordem em todos os indivíduos semelhantes, a *morte* sobrevém como consequéncia necessária; o protoplasma deixa de desempenhar as suas funcções, decompõe-se, e os seus elementos passam a fazer parte doutros seres vivos, ou revertem para o mundo inorgánico donde provieram. Mas é um erro suppor, que os corpos brutos têem uma existéncia indefinida, nada na Natureza se subtrae á lei da circulação contínua da matéria.

O equilíbrio molecular de todos os corpos não depende apenas das qualidades dos seus átomos ou das suas moléculas, mas também das condições do meio em que se acham; variando este meio, como realmente varía, os corpos mudam, modificam-se, transformam-se de todas as maneiras possiveis.

A. J. Gonçálvez Guimarães, Elementos de Geologia, 2.ª edição, Coimbra, 1897, p. 32.

Século XIX

A época dos sophistas é o tempo da mais larga agitação do pensamento hellenico, a quadra da mais tumultuosa fermentação do espirito da Grecia. E sem esta salutifera impulsão, que pela anarchia das idéas parecia afogar as

car a **ortografia** usual. A **ortografia** usual reduz-se á **ortografia** de cada um, o que dá em resultado cem ou duzentas **ortografias** diferentes e quási todas autorizadas.

III

Os seres vivos não podem prolongar a sua existéncia durante um prazo indefinido; dopois de um certo **ciclo de fenòmenos**, que se repetem pela mesma ordem em todos os indivíduos semelhantes, a *morte* sobrevém como conseqùéncia necessária; o protoplasma deixa de desempenhar as suas **funções**, decompõe-se, e os seus elementos passam a fazer parte **de outros** seres vivos, ou revertem para o mundo inorgánico, donde provieram. Mas é um êrro **supor** que os corpos brutos teem uma existéncia indefinida: nada na Natureza se **subtrai** á lei da circulação contínua da matéria.

O equilíbrio molecular de todos os corpos não depende apenas das qualidades dos seus átomos ou das suas moléculas, mas também das condições do meio em que se acham; variando èste meio, como realmente varia, os corpos mudam, modificam-se, transformam-se de todas as maneiras possíveis.

IV

A época dos sofistas é o tempo da mais larga **ajitação** do pensamento **helénico**, a quadra da mais tumultuosa fermentação do espírito da Grécia. E sem esta salutífera impulsão, que pela **anarquia** das ideas parecia afogar

ultimas reliquias da sciencia na vaidade e sobranceria individual, o entendimento clausurado no estreito recinto das escolas dogmaticas não houvera sahído á praça publica, nem a philosophia viera mesclar-se aos negocios da politica, nem recebera fóros de ensino popular e exoterico.

Na edade moderna, a exemplo e continuação da antiguidade, os engenhos preexcellentes, que em plena Renascença quebraram na culta Europa o encanto da escholastica, e deram vôo e liberdade ao pensamento, não lograram recrutar os seus adeptos fóra do adyto recluso das escolas.

J. M. Latino Coelho, DEMOSTHENES. A ORAÇÃO DA COROA. Segunda edição, Lisboa, 1880, p. cc.

Século XIX

A creação do curso superior de letras foi um verdadeiro progresso na organisação da instrucção publica em Portugal. Na mente do esclarecido soberano a quem se deve a iniciativa d'esta instituição, o curso de letras era apenas o primeiro passo dado para o estabelecimento de uma escola superior, com o numero de cadeiras de litteratura, philologia, historia e philosophia, correspondente á importancia e dignidade de uma faculdade universataria. O pensamento do senhor D. Pedro v, de saudosa memoria, ainda não foi ampliado até ao seu completo desenvolvimento. Sê-lo-ha, sem duvida, em epocha mais ou menos proxima, segundo for mais ou menos vivo o zêlo d'aquelles a quem incumbe o cuidado de promover juntamente com os interesses materiaes do paiz os não menos attendiveis da solida instrucção em todos os seus graus e em todos os seus ramos.

Antonio José Viale, MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA, Anteloquio. Lisboa, 1868.

as últimas relíquias da ciéncia na vaidade e sobranceria individual, o entendimento clausurado no estreito recinto das escolas dogmáticas não houvera saído á praça pública, nem a filosofia viera mesclar-se aos negócios da política, nem recebera foros de ensino popular e exotérico.

Na idade moderna, a exemplo e continuação da antiguidade, os enjenhos preexcelentes, que em plena Renascença quebraram na culta Europa o encanto da escolástica, e deram voo e liberdade ao pensamento, não lograram recrutar os seus adeptos fora do ádito recluso das escolas.

V

A criação do Curso superior de letras foi um verdadeiro progresso na organização da instrução pública em Portugal. Na mente do esclarecido soberano a quem se deve a iniciativa desta instituição, o curso de letras era apenas o primeiro passo dado para o estabelecimento de um escola superior, com o número de cadeiras de literatura, filolojia, história e filosofia, correspondente á importáncia e dignidade de uma faculdade universitária. O pensamento do senhor Dom Pedro v, de saudosa memória, ainda não foi ampliado até ao seu completo desenvolvimento. Sê-lo há, sem dúvida em época mais ou menos próssima, segundo for mais ou menos vivo o zêlo daqueles a quem incumbe o cuidado de promover, juntamente com os interêsses materiais do país, os não menos atendíveis da sólida instrução em todos os seus graus e em todos os seus ramos.

Século XIX

Não se escreve sempre da mesma fórma, nem com as mesmas ideias. Á medida que nos adiantamos na existencia, e que as sombras do tumulo crescem, avultam e se vão approximando de hora para hora d'este peregrino chamado homem, a imaginação sente as azas mais prêsas, as côres que as matizavam esmorecem, e os vôos, antes altivos e quasi loucos, baixam, tornam-se incertos, e arrastam-se por fim, quando os gelos do inverno acabam de lhe paralisar as forças esvaidas.

A idade de hoje, com todos os seus desenganos, com as illusões perdidas, e com o espinho de tantas saudades a pungir no peito, será mais propicia ás creações da phantasia? De certo que não.

L. A. Rebello da Silva, Prologo da segunda edição da Mocidade de Dom João v, Porto, 1862.

Século XIX

Os eruditos, os philologos, os doutos, estimão certamente achar um diccionario as auctoridades e citações dos escriptores, e não se enfadão de folhear grossos volumes e ler longos artigos, antes folgão com a leitura de preciosos documentos do patrio idioma; porêm o homem de sociedade, o estadista, o orador parlamentar, o advogado, o publicista, o commerciante, o estudante de humanidades, que não têem tempo para longas investigações, precisão d'um diccionario que lhes explique succintamente a significação das palavras portuguezas, e em que achem promptamente o que basta para bem conhecer a sua lingua e evitar frequentes erros, em que por ventura muitos caem por não terem possibilidade de comprar e folhear dous grossos volumes, em que diffusa e indigestamente se achão os voca-

VI

Não se escreve sempre da mesma forma, nem com as mesmas **ideas**. Á medida que nos **adeantamos** na existéncia e que as sombras do túmulo crescem, avultam e se vão **aprossimando** de hora para hora dêste peregrino chamado homem, a **imaginação** sente as **asas** mais presas, as còres que as matizavam esmorecem, e os voos, antes altivos e quási loucos, baixam, tornam-se incertos, e arrastam-se por fim, quando os gelos do inverno acabam de lhe **paralizar** as fòrças esvaídas.

A idade de hoje, com todos os seus desenganos, com as **ilusões** perdidas, e com o espinho de tantas saudades a **punjir** no peito, será mais propícia ás **criações** da **fantasia**? De certo que não.

VII

Os eruditos, os **filólogos**, os doutos estimam certamente achar num **dicionário** as autoridades e citações dos **escritôres**, e não se enfadam de folhear grossos volumes e ler longos artigos, antes **folgam** com a leitura dos preciosos documentos do pátrio idioma; porém o homem de sociedade, o estadista, o orador parlamentar, o advogado, o publicista, o commerciante, o estudante de humanidades, que não teem tempo para longas investigações, **precisam** de um **dicionário** que lhes explique **sucintamente** a significação das palavras **portuguesas**, e em que achem **prontamente** o que basta para bem conhecer a sua língua e evitar freqüentes erros, em que **porventura** muitos caem por não terem possibilidade de comprar e folhear dous grossos volumes, em que difusa e **indijestamente**

bulos d'uma lingua que mais se louva do que se estuda, e que em parte se ignora por se não haver assaz facilitado o modo de bem aprendêl-a.

J. I. Roquete. Diccionario da Lingua Portugueza, Paris. Prólogo. (1848).

Século XIX

Os espiritos receberam na Hespanha o impulso geral da Europa; mas as circumstancias peculiares deste paiz oppunham-se a que esse impulso produzisse os mesmos resultados. Involvidos na lucta com os sarracenos, contra os quaes mal bastavam todas as forças christans da Peninsula, os hespanhoes não poderam associar-se a nenhuma das duas primeiras cruzadas, salvo um ou outro cavalleiro, de cujos nomes ás vezes se encontram vestigios nas memorias daquellas longinquas expedições. Todavia, depois da segunda cruzada, o enthusiasmo pela peregrinação da terra santa adquiriu maior força. O exemplo dos bispos, alguns dos quaes a emprehenderam por aquele tempo, além de muitos outros membros do clero, contribuíra em grande parte para excitar esse augmento de mal entendida piedade. Roma, que então era, por assim nos exprimirmos, o fóco da intelligencia humana no meio das nações semi-barbaras, e que vigiava pela segurança da christandade, mostrou-se illustrada e prudente, como ella o sabia ser quando o proprio interesse não a deslumbrava, prohibindo essas viagens aos hespanhoes.

O Papa Paschoal II, por duas vezes ordenou expressamente, que ninguem destas partes as intentasse, e áquelles que seguiam caminho para a terra de Jerusalem, ou íam embarcar na Italia, constrangia-os a retrocederem, impondo nas suas bullas silencio aos que na patria ousassem calumnia-los ou infama-los por não haverem cumprido o começado proposito.

se acham os vocábulos de uma língua, que mais se louva do que se estuda, e que em parte se ignora por se não haver assaz facilitado o modo de bem aprendê-la.

VIII

Os espìritos receberam na Espanha o impulso geral da Europa; mas as circunstáncias peculiares dêste país opunham-se a que êsse impulso produzisse os mesmos resultados. Envolvidos na luta com os sarracenos, contra os quais mal bastavam todas as fôrças cristãs da Península, os espanhóis não puderam associar-se a nenhuma das duas primeiras cruzadas, salvo um ou outro cavaleiro, de cujos nomes ás vezes se encontram vestíjios nas memórias daquelas lonjinquas expedições. Todavia, depois da segunda cruzada, o entusiasmo pela peregrinação da terra santa adquiriu maior fòrça. O exemplo dos bispos, alguns dos quais a compreenderam por aquele tempo, além de muitos outros membros do clero, contribuíra em grande parte para excitar êsse aumento de mal entendida piedade. Roma, que então era, por assim nos exprimirmos, o foco da intelijéncia humana no meio das nações semi-bárbaras, e que vijiava pela segurança da cristandade, mostrou-se ilustrada e prudente, como ela o sabia ser quando o próprio interêsse não a deslumbrava, proibindo essas viajens aos espanhóis. O Papa Pascual II por duas vezes ordenou expressamente que ninguém destas partes as intentasse, e àqueles que seguiam caminho para a terra de Jerusalém ou iam embarcar na Itália, constranjia-os a retrocederem, impondo nas suas bulas silêncio aos que na pátria ousassem caluniá-los ou infamá-los por não haverem cumprido o começado propósito.

O conde Henrique não se esquivou á influencia da grande idéa que agitava a Europa. Como já dissemos, depois da morte do Cid e da perda de Valencia, a guerra com os sarracenos tornou-se menos violenta. Iussuf voltando á Mauritania depois da sua ultima vinda á Peninsula, pouco sobreviveu (1106), e seu filho Abul-Hassan-Aly, occupado em firmar o proprio dominio na Africa, deixou a Hespanha n'um estado, senão de repouso, porque algumas memorias ha de acontecimentos militares por estes tempos, ao menos comparativamente pacifica.

Historia de Portugal, por Alexandre Herculano, tomo I, pag. 204 e 205. Lisboa, em casa da Viuva Bertrand e Filhos, M DCCC XLVI.

Século XIX (1825)

Quem é este novo e esdruxulo poeta, este Sr. João Minimo? — O mais que posso responder é contar tudo que d'elle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Minimo na mesma ignorancia perfeita em que está o público: era poeta de que não tinha a minima idea. Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessario andar maltrapido, viver vida cynica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebracostas, onde, com o charuto na bôcca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, décimas, odes e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legítima, pura e orthodoxa poesia lusitana, fulminando terrivel anathema contra toda e qualquer nequicia discrepante.

J. B. de Almeida Garrett, Prefácio á Lyrica de João Minimo, quinta edição, Porto, 1882.

O Conde Henrique não se esquivou á influência da grande idea que ajitava a Europa. Como já dissemos, depois da morte do Cide e da perda de Valéncia, a guerra com os sarracenos tornou-se menos violenta. Iúçuf, voltando á Mauritánia depois da sua última vinda á Península, pouco sobreviveu (1106), e seu filho Abul-Háçan Ali, ocupado em firmar o próprio domínio na África, deixou a Espanha num estado, senão de repouso, porque algumas memórias há de acontecimentos militares por êstes tempos, ao menos comparativamente pacífica.

IX

Quem é êste novo e esdrúxulo poeta, êste senhor João Mínimo? — O mais que posso responder é contar tudo o que dêle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do senhor João Mínimo na mesma ignoráncia perfeita em que está o público: era poeta de que não tinha a mínima idea. Ora todos sabem que para adquirir êste nome em Portugal é necessário andar maltrapido, viver vida cínica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebra-Costas, onde, com o charuto na bôca, e o ponche ou a felipina na mão, se discute de sonetos, décimas, odes, ditirambos, que são os únicos géneros hoje admitidos pela lejítima, pura e ortodocsa poesia lusitana, fulminado terrível anátema contra toda e qualquer neqüícia discrepante.

Século XVIII

Desejando cooperar, quanto deixa permittilo a minha tenue possibilidade, para os gloriosos intentos, em que se firma o novo estabelecimento da Academia das Sciencias de Lisboa, nada tão conforme ao espirito de patriotismo, que singularmente a anima, me occorreu lhe poderia apresentar no faustissimo dia da sua abertura, como a planta sobre que houvesse de se formar o Diccionario da Lingua Portugueza, que a mesma Academia determina fazer.

A parte que me cabe de honra, sendo hum dos nomeados para esta ardua composição, he tambem outro motivo que a isso me conduz. Espero pois que a Academia nesta consideração me conceda favoravel aquella indulgencia, de que ao certo muito necessitará offerta de preço, póde ser, extremamente baixo, porquanto he proprio de hum sabio, e por todos os titulos esclarecido Congresso estimala, não já pelo valor, mas sim pela tenção, com que se lhe dirige.

DICCIONARIO DA LINGOA PORTUGUEZA, PUBLICADO PELA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA. Introducção. Lisboa, 1793.

Século XVIII

Não há muytos annos, que padecia Inglaterra huma tão grande inopia de vocabulos, que nos tribunaes de Londres se defendião as causas em Lingoa Franceza; em França, & Italia os livros modernos ostentão nos campos da Eloquencia innumeraveis literarias conquistas; continuamente descobre Castella na facundia de seus Escritores, minas domesticas de riquissimas expressoens, & envejando a Portugal a graça, & gala de algumas vozes, não se despreza de se ornar com ellas, & de as honrar como

X

Desejando cooperar, quanto deixa permiti-lo a minha ténue possibilidade, para os gloriosos intentos em que se firma o novo estabelecimento da Academia das **Ciéncias** de Lisboa, nada **tam** conforme as espírito do patriotismo, que singularmente a anima, me ocorreu lhe poderia apresentar no faustíssimo dia da sua abertura, como a planta sôbre que houvesse de se formar o **Dicionário** da **língua portuguesa**, que a mesma Academia determina fazer.

A parte que me cabe de honra, sendo um dos nomeados para esta árdua composição, **é** também outro motivo, que a isso me conduz. Espero, pois, que a Academia nesta consideração me conceda favorável aquela **indul-jência**, de que ao certo muito necessitará **oferta** de preço, pode ser, extremamente baixo, porquanto é próprio de um tam sábio, e por todos os títulos esclarecido congresso estimá-la, não já pelo valor, mas sim pela tenção com que se lhe **dirije**.

XI

Não há **muitos anos**, que padecia Inglaterra uma tam grande inópia de vocábulos, que nos **tribunais** de Londres se defendiam as causas em **língua francesa**; em França e Itália os livros modernos ostentam nos campos da **eloqüéncia** inumeráveis literárias conquistas; contínuamente descobre Castela, na facúndia de seus escritores, minas domésticas de riquíssimas expressões, e envejando a Portugal a graça e gala de algumas vozes, não se despreza de se ornar com **elas**, e de as hon-

peregrinas, & hospedas; tanto assi, que á Palavra, significativa da primeyra, e mais tenra idade, fizerão os Cortezãos em Madrid tão bom acolhimento, que a introduzirão em Palacio, de sorte que as Pessoas Reaes, antes querẽ chamar a hũ pagẽsinho, Menino, *que* Miniño; *& se as naçoẽs septentrionaes sentirão tão vivamente, como os Portuguezes* a pena da auzencia, complicada com ansias do desejo da restituição de hu bem amado, *não tardarião em tomar do thesouro dos affectos Portuguezes a preciosa, & dulcissima palavra,* Saudade.

Dom Rafael Bluteau, Vocabulario portuguez e latino. (Dedicatória). Coimbra, 1712.

Século XVII

DAS SEGURANÇAS REAES

Segurança Real gèral-mente se chama a que pede às Justiças, a pessoa que teme de outra, por algũa rasão. E se a Justiça da terra a quem for pedida, for informada, que a pessoa que pede esta segurança, tem justa rasão de se temer, mandará vir perante sy, aquelle de que pede segurança, ou hirà a elle, ou mandarà là o Alcaide, segundo a qualidade da pessoa for, e requererlhe-ha da nossa parte, que segure aquelle que delle pede segurança, e se o segurar, mandarlhe-ha disso hum instrumento publico, ou Carta testemunhavel, segundo for o Julgador. E não o querendo segurar, o Julgador o segurarà da nossa parte de dito, feyto, e Concelho, e alèm disto castigarà o que por seu mandado não quiser dar a dita segurança, pelo desprezo que lhe assi fez, e a pena serà segũdo a qualidade da pessoa, e a rasão que tiver, e disser, porque não fez seu mandado.

. . . .

rar como peregrinas e hóspedas; tanto assi, que á palavra, significativa da primeira e mais tenra idade, fizeram os **Cortesãos** em Madrid **tam** bom acolhimento, que a introduziram em Palácio, de sorte que as pessoas **reais**, antes querem chamar a um seu **pajemzinho** *Menino,* que *Miniño.* E se as nações **setentrionais** sentiram tão vivamente como os **portugueses** *a pena de ausência, complicada com ânsias do desejo da restituição de um bem amado,* não tardaram em tomar do **tesouro** dos **afectos portugueses** a preciosa e dulcíssima palavra *Saudade.*

XII

DAS SEGURANÇAS REAIS

Segurança real geralmente se chama a que pede ás justiças a pessoa que se teme de outra, por algũa **razão**. E se a justiça da terra, a quem for pedida, for informada que a pessoa que pede esta segurança tem justa **razão** de se temer, mandará vir perante **si aquele** de que pede segurança, ou **irá** a **êle**, ou mandará lá o alcaide, segundo a qualidade da pessoa fôr, e requerer-lhe há da nossa parte que segure **aquele** que **dêle** pede segurança, e se o segurar, mandar-lhe há um instrumento público, ou carta testemunhável, segundo fôr o julgador. E não o querendo segurar, o julgador o segurará da nossa parte, de dito, feito e Concelho, e além disto castigará o que por seu mandado não quiser dar a dita segurança, pelo desprêzo que lhe assi fêz, e a pena será segundo a qualidade da pessoa, e a **razão** que tiver, e disser porque não fêz seu mandado.

. . . .

E se for outra pessoa, degradala-ha da Cidade, ou Villa, ou o mandarà prender atè que dè a dita segurança.

ORDENAÇÕES FILIPINAS, Livro V, Título CXXVIII.

Século XVI

Ves Europa Christãa, mais alta e clara
Que as outras em policia e fortaleza;
Ves Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda chea de bruteza.
Co Cabo que ateequi se vos negara,
Que assentou pera o Austro a natureza:
Olha essa terra toda que se habita
Dessa gente sem ley quasi infinita.

Ve do Benomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá polla fee sancta sua.
Nace por este incognito Hemisperio
O metal porque mais a gente sua;
Ve que do lago donde se derrama
O Nilo tambem vindo está Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha, delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de Estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaya com destreza,

E se for outra pessoa, degradá-la há da cidade ou vila, ou o mandará prender até que dê a dita segurança.

XIII

Vês Europa **cristã**, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza;
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda chea de bruteza,
Do cabo, que até'qui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem **lei**, quási infinita.

Vê do Benomopata o grande império,
Da selvática gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá **pola fé** santa sua.
Nasce por êste incógnito hemispério
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem porta, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defensão,
E na fidelidade dos vezinhos;
Olha: dêles a bruta multidão,
Qual bando espêsso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

Olha la as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberão os antigos:
Velo rega, gerando o Cocodrilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem milhor dos inimigos;
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

Nesta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser dom Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Ve ca a Costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e caro;
O Rapto rio, nota que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo ve ja Aromata chamado,
E agora Goardafu, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores:
Este como limite está lançado
Que divide Asia de Africa; e as milhores
Povoações que a parte Africa tem
Maçua sam, Arquico e Çuamquem.

Luís de Camões, Os Lusiadas, x, 92, 97.

Século XVII

Antes que o Reyno de Ormuz fosse ganhado por elrei dom Manoel que Deos aja, pagavam os reis de Ormuz parias ao Xeque Ismael ou Sufi, como lhe agora chamão:

Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nasce, que não **souberam** os antigos;
Vê-lo rega, gerando o cocodrilo,
Os povos Abassis, de **Cristo** amigos:
Olha como sem muros (novo estilo).
Se defendem **melhor** dos inimigos.
Vê **Merói**, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

Nesta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há de ser Dom **Cristovo** o nome seu:
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro:
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O cabo vê, já Arómata chamado,
E agora Guardafu, dos moradores,
Onde começa a bôca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
Êste como limite está lançando,
Que **divide** Ásia de África; e as melhores
Povoações, que a parte África tem,
Maçua são, Arquico e Çuanquém.

XIV

Antes que o reino de Ormuz fosse ganhado por Elrei Dom **Manuel** que **Deus haja**, pagavam os reis de Ormuz páreas ao Xeque Ismael, ou Sufi, como lhe agora **cha-**

despois lhas não pagaram mais. E querendo el Rey dom Manoel saber o que rendia a alfandega de Ormuz, pos nella officiaes Portugueses em tempo que Dioguo Lopez Sequeyra governava a India. Pollo que elrei de Ormuz se alevantou logo contra os Portugueses mandando offerecer ao Sufi as pareas que dantes tinha no Reyno de Ormuz, com outras tantas e que o ajudasse contra os Portugueses. Do que o Sufi foy contente: e mandou gente em sua ajuda. Mas quando chegou a terra firme, jaa el Rey de Ormuz era morto, e feyto outro Rey que estava concertado com os Portugueses, vendo os capitães de Sufi que hião em ajuda del Rey que sua ida era de balde: tolhião as cafilas que hiam para Ormuz. Polo que El Rey de Ormuz perdia de suas rendas, e escusavasse ao governador dom Duarte de Meneses, que entam governava a India que nam podia pagar a el Rey de Portugal as parias que era obrigado a pagar. Pera desapressar Ormuz dessa oppressam e da gente do Sufi mandou o governador hũa embaixada per um homem de muyto merecimento chamado Baltasar Pessoa, o qual partio da cidade de Ormuz de que farei mençam.

Antonio Tenreyro — ITINERARIO. Nova edição conforme á primeira de 1560 — Lisboa, 1829. Capitulo I.

Século XVI

Em Duarte Pacheco chegando ao passo de Cambalam, esteve até o romper da alva no meo do rio, e em amanhecendo se chegou perà terra onde achou no porto bem oitocentos Naires dos del Rei de Calecut, que as frechadas e espingardadas lhe quiseram tolher que nam desembarcassem, mas em chegando ao porto despararam a artelharia, com que se os imigos fezeram atras, dandolhes lugar pera desembarcarem: mas depois que os viram em terra, vol-

mam: despois lhas não pagaram mais. E querendo Elrei Dom Manuel saber o que rendia a alfandega de Ormuz, pòs nela oficiais portugueses em tempo que Diogo López Sequeira governava a India. Polo que Elrei de Ormuz se alevantou logo contra os portugueses, mandando oferecer ao Sufi as páreas que dantes tinha no reino de Ormuz, com outras tantas, e que o ajudasse contra os portugueses: do que o Sufi foi contente, e mandou gente em sua ajuda. Mas, quando chegou a terra firme, já Elrei de Ormuz era morto, e feito outro rei que estava concertado com os portugueses; vendo os capitães do Sufi, que iam em ajuda de Elrei, que sua ida era debalde, tolhiam as cáfilas que iam para Ormuz. Polo que Elrei de Ormuz perdia de suas rendas, e escusava-se ao governador Dom Duarte de Meneses, que então governava a Índia, que não podia pagar a Elrei de Portugal as páreas que era obrigado a pagar. Pera desapressar Ormuz dessa opressão e da gente do Sufi, mandou o governador ũa embaixada per um homem de muito merecimento chamado Baltasar Pessoa, o qual partiu da cidade de Ormuz, de que farei menção.

XV

Em Duarte Pacheco chegando ao passo de Cambalã, esteve até o romper da alva no meio do rio, e em amanhecendo se chegou pera a terra, onde achou no pôrto bem oitocentos naires dos de Elrei de Calecut, que ás frechadas e espingardadas lhe quiseram tolher que não desembarcassem; mas em chegando ao pôrto dispararam a artelharia, com que se os imigos fezeram atrás, dando-lhes lugar pera desembarcarem: mas depois que os viram

taram sobrelles, em que a peleja durou per spaço de mea hora, até que se poseram em fugida com deixarem alguns mortos no campo. Isto feito, e posto fogo a huma povoação que ahi estava junto se recolheram os nossos pera o passo leuando comsigo algumas vaquas pera mantimento, o que lhes os Naires de Cochim estranharam muito, por terem os Malabares por religião nam matarem vaqua, nem lhe comerem a carne, Recolhido Duarte Pacheco ao passo, no mesmo dia a tarde lhe chegaram quinhentos Naires del Rei de Cochim, em companhia dos quaes vinha Lourenço Moreno com quatro espingardeiros Portugueses.

Damião de Góis, Cronica do Felicissimo Rey Dom Emanuel, Parte i, Capítulo lxxxvi.

Século XVI

CUSTUMES DOS ABBEXIJS

Os Reis (*sic*) de Etiópia, ou Prestes Iohães, criam seus filhos em huma serra, sem lhe darem communicação alguma do reino: e quando morre elrrei, vam a esta serra buscar o filho mais velho, pera soceder o Reino; e os outros acabam seus dias no desterro.

He custume antigo dos Reies, em todo o lugar, onde se acham, terem na casa huum grande brazeiro cheo de vivas brasas, a significação do Purgatorio: e assi mais huum poderoso prato cheo de terra, demonstrando como somos de terra, e nella nos averemos de tornar. He ordenança dos Reyes nam se averem de amostrar a seu povo; e passam muitos annos, que nam sam vistos. Quando quer que vão a guerra, ou caminham, levam por derredor de si taes impedimentos, que nem podem ser notados de alguma pessoa.

Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os Portugueses no anno de 1541, por Dom Joam de Castro, Paris, 1833, p. 72.

em terra, voltaram sobre êles, em que a peleja durou por espaço de mea hora, até que se poseram em fujida, com deixarem alguns mortos no campo. Isto feito, e pôsto fogo a uma povoação que aí estava junto, se recolheram os nossos pera o passo, levando comsigo algumas vacas pera mantimento, o que lhes os naires de Cochim estranharam muito, por terem os malabares por relijião não matarem vaca, nem lhe comerem a carne. Recolhido Duarte Pacheco ao passo, no mesmo dia á tarde lhe chegaram quinhentos naires de Elrei de Cochim, em companhia dos quais vinha Lourenço Moreno com quatro espingardeiros portugueses.

XVI

COSTUMES DOS ABEXIIS

Os reis de Etiópia, ou prestes Joães criam seus filhos em uma serra, sem lhe darem comunicação alguma do reino: e quando morre elrei, vão a esta serra buscar o filho mais velho, pera suceder o reino; e os outros acabam seus dias no destêrro.

É custume antigo dos reies, em todo o lugar onde se acham, terem na casa um grande braseiro cheo de vivas brasas, a significação do fogo do Purgatório, e assi mais um poderoso prato cheo de terra, demonstrando como somos de terra e nela nos haveremos de tornar. É ordenança dos reies não se haverem de amostrar a seu povo; e passam muitos anos, que não são vistos. Quando quer que vão a guerra, ou caminham, levam per derredor de si tais impedimentos, que não podem ser notados de alguma pessoa.

Século XV a XVI

Em nome de Deos Amen. Por saberem os homens fidalgos de Portugal de qual linhagem uem e de quaes contos, honras, mosteiros, e igreias som naturaes, e por saberem como som parentes, fazemos escrever este liuro uerdadeiramente dos linhagens daqueles que som naturaes e moradores no reino de Portugal estremadamente. E deste liuro se pode seguir muita prol e arredar muito danno: ca muitos uem de bom linhagem e nom o sabem elles, nem o sabem os reis, nem o sabem os grandes homens: ca se o soubessem em algua maneira lhes uiria ende bem, em algua maneira dos senhores. E os outros nom casam como deuem, e casam em pecado porque nom sabem o linhagem. E muitos som naturaes e padroeiros de muitos mosteiros, e de muitas igreias, e de muitos coutos, e de muitas honras, e de muitas terras que o perdem a mingoa de saber de que linhagem uem.

Os Livros de Linhagens, *in* Portugaliæ Monumenta Historica, Scriptores, vol. i, p. 143.

Século XV

CAPITOLLO I

DO ASSESSEGO QUE DEVE AVER O CAVALGADOR

Passadallas tres partes de que screvy: a primeira de seer forte, que he a mais principal que huũ cavalgador deve aver; a segunda, do atrevymento; a terceira, de segurança, que pera bem cavalgar, e outras cousas, muyto vallem, screverey na quarta de seer assessegado, mais brevemente. E para cobrar assessego na sella, qual se deve aver, prestam muyto estas principaes partes suso scriptas de seer forte, sem receo, e seguro, mes convem

XVII

Em nome de **Deus**, Amen. Por saberem os homens fidalgos de Portugal de qual **linhajem vem** e de **quais** contos, honras, mosteiros e igrejas som **naturais**, e por saberem como são parentes, fazemos escrever êste livro verdadeiramente dos **linhajens** daqueles que som **naturais** e moradores no reino de Portugal estremadamente. E dêste livro se pode seguir muita prol e arredar muito **dano**: ca muitos **vem** de bom linhagem e nom o sabem **êles**, nem o sabem os reis, nem o sabem os grandes homens: ca se o soubessem em algũa maneira lhes viria ende bem, em algũa maneira dos senhores. E os outros nom casam como **devem**, e casam em peccado, porque nom sabem o **linhajem**. E muitos som **naturais** e padroeiros de muitos mosteiros, e de muitas **igrejas**, e de muitos coutos, e de muitas honras, e de muitas terras, que o perdem á mingua de saber de que **linhajem** vem.

XVIII

CAPÍTULO I

DO ASSESSÊGO QUE DEVE HAVER O CAVALGADOR

Passada'las três partes de que **escrevi**: a primeira de seer forte, que é a mais principal que **um** cavalgador deve **haver**; a segunda, do atrevimento; a terceira de segurança, que pera bem cavalgar e outras cousas muito valem, escreverei na quarta de seer assessegado, mais brevemente. E para cobrar assessêgo na **sela**, qual deve **haver**, prestam muito estas **principais** partes, suso **escritas**, de seer forte, sem receo, e seguro, més convém que se

que se declare como per alguũ geito se devem filhar. Alguũs pensom que o grande assessego mostra myngua de soltura, per nom conhecerem de que partes se ha daver, e em que tempos, e aquesto nom he assy, ante o boo assessego da grande ajuda aa soltura segundo adiante será declarado.

Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella, que fez ElRey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e senhor de Cepta, o qual começou em sendo Infante. Impresso á custa de J. I. Roquete, Presbytero. Paris, MDCCCXLII, Parte IV.

Século XV

BATALHA DO SALADO

Os portugueses assi forom durando e sofrendo sa batalha em tal présa e coita como ouuides, mais todo seu trabalho non lhis valia rem porque hu tinham mal treitos os mouros, refrescauamse cada vez dos que estavam folgados. Aquela hora foy irada de coita e de présa aos que estavam em tal batalha, ca a sa coita dos christaãos era tam grande como o gram trabalho que hauiam que home nom o poderia contar. Con toda esta présa seu feito deles era averem maãos e lingua esforçandose huuns a outros dizendo, «Senhores nembradeuos como ihesu christo recebeu morte por nos saluar, esto deuemos nós fazer por el todos prender morte oie dia por saluar a sa fee. E os que moreremos oie seeremos com el no seu reino celestial hu ha moradas tam nobres que se nom podem dizer por linguas. Os que daquy sayrmos seeremos louuados donra de uitoria de prez de bondade de toda a cristaidade que estam em grande coyta e tormenta com muytas lagrimas por sas faces esperando que por nós os nobles caualeiros de castella seeram oie saluos.

F. A. Coelho, Questões da Lingua Portugueza, II Parte, p. 186.

declare como por **algum jeito** se devem filhar. Alguns pénsom que o grande assessêgo mostra míngua de soltura, per nom conhecerem de que partes se há de haver, e em que tempos, e aquesto nom é **assi**, ante o bõo assessêgo dá grande ajuda **á** soltura, segundo adeante será declarado.

XV

Os portugueses assi fôrom durando e sofrendo sa batalha em tal pressa e coita como ouvides; mais todo seu trabalho non lhis **valia** rem, porque **u** tinham maltreitos os mouros, refrescavam-se cada vez dos que estavam folgados. Aquela hora foi irada de coita e de **pressa** aos que estavam em tal batalha, ca a sa coita dos **cristãos** era tam grande, como o gram trabalho que haviam, que home nom o poderia contar. Com toda esta **pressa** seu feito dêles era **haverem mãos** e língua, esforçando-se **uns** a outros, dizendo: «Senhores, nembrade-vos como **Jesu Cristo** recebeu morte por nos **salvar**; êsto devemos nós fazer, por êl todos prender morte **hoje** dia, por **salvar** a sa **fé**. E os que moreremos **hoje**, seeremos com êl no seu reino celestial, **u** há moradas tam nobres, que se nom podem dizer por línguas. Os que daqui sairmos seeremos **louvados** de honra, de vitória, de prêz, de bondade, de toda a cristãidade, que estão em grande coita e tormenta, com muitas lágrimas, por sas faces, esperando que por nós os nobles **cavaleiros** de Castela seerã **hoje salvos**.

Século XIV

E aquel mouro alcarac, polo que já vira no ordinhamento das lides que faziam os cavaleiros ospitalares que sempre faziam a az do cur*r*al, temendose que os cristãaos fezessem este ordinhamento da az do cur*r*al, ordinhou estas duas aazes de coinha pera a fenderem. A az de cur*r*al he redonda como moo e sa natura he de defender os que alá estam e pera sahirem d'ela a lidar, quando comprir. E é feita d'asperooes chantaados nas astas do campo, e teem os esperoes fér*r*os de tres quadras; estam os férros contra os que querem entrar aquel cur*r*al, e o cur*r*al he aborbotado d'escudos quadrados.

Descrição da batalha do Salado, *in* F. Ad. Coelho, QUESTÕES DA LINGUA PORTUGUEZA, II parte, paj. 233.

Século XIII

Conoszuda cousa seya que esta est a maneira en qual guisa don Affonso, pela graça de Deus Rey de Portugal e Conde de Bolonia, manda enquerer toda a terra d antre Cadavo et Minio, todos aqueles dereytos que y Elrei *h*a et deve aver, nouos et velios, assi de Reguengus, quoma de foros, quoma de foreiros, quoma de padroadigos d Egregias, quoma d onras novas et velias, quoma de coutos, quoma d erdades de cavaleiros et d Ordiis in que Elrey *h*a dereyto ou deve aver; et quanto gaanarom ou compararom in cada uno lugar as Ordiis des tenpo d ElRey don Affonso seu padre deste Rey a ca. E esta inquisiciom seerá feita in esta guisa, convem a saber: que os enqueredores chamem o Joiz de cada um Joigadigo et o abade de Egrejia e todolos freegueses de cada freeguesia, et conjurarem nos sobre sanctos Evangelios cada uno per si, et receber lo testemonio de cada uno in puridade sobre

XX

E aquel mouro Alcarac, polo que já vira no ordinhamento das lides que faziam os cavaleiros ospitalares, que sempre faziam a az do curral, temendo-se qne os **cristãos** fezessem èste ordinhamento da az do curral, ordinhou estas duas azes de coinha pera a fenderem. A az do curral **é** redonda como mó, e a sa natura **é** de defender os que alá estã, e pera saírem dela a lidar, quando comprir. E é feita de esperóis chantados nas astas do campo, e teem os esperóis ferros de três quadras; estã os ferros contra os que querem entrar aquel curral, e o curral é aborbotado de escudos quadrados.

XXI

Conosçuda cousa **seia** que esta **é** a maneira en qual guisa Don **Afonso**, pela graça de Deus **rei** de Portugal e conde de Bolónia, manda enquerer toda a terra dantre Cádavo e Mínio, todos aqueles dereitos que **i Elrei** há e deve haver, novos e vélios, assi de Reguengos, **coma** de foros, **coma** de foreiros, **coma** de padroádigos de **Egréjia**, **como** de honras novas e vélias, **coma** de coutos, **coma** de herdades de cavaleiros e de órdĩis in que **Elrei** há **dereito** ou deve **haver**; e quanto gaanárom ou compparárom in cada uno logar as órdĩis dês tempo de **El-Rei** Don **Afonso**, seu padre dèste rei acá. E esta inquisiciom seerá feita in esta guisa, convém a saber: que os enquereredores chamem o **joiz** de cada joigádigo e o abade de **Egréjia** e todolos freegueses de cada freeguesia, è conjurarem-nos sôbre Santos **Evanjélios** cada uno per si, e receber lo testemónio do cada uno in purida-

*

todalas davanditas cousas. Et o testemonio de cada uno seera per si. Et os inqueredores diram aos que disserem o testemonio pelo juramento que fezeram que o nom descobram o testemonio que disserem.

Inquirições Geraes de D. Affonso III — 1258 — *in* PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA. Tomo I, p. 293.

Século XIII

No ano primeyro que rreyou o muy nobre Rey de Portugal Dom Affonso e ssegundo filho do muito alto Rey Dom Sancho e da Raynha Dona Doçe e neto do gram Rey Dom Affonso dauandito em Coimbra fez as cortes en as quaaes com consselho de Dom Pedro eleyto de Bragaa e de todos os bispos do rreyno e dos homens de rreligiom e dos rricos homens e dos seus uassallos estabeleceo juizes conuem a ssaber que o rreyno e todos que en el morasem fosen per ele rregudos e sempre julgados per ele e per todos seus ssucçessores e aguardam assy e todos seus sucçessores que se alguma cousa uissem de correger ou dader ou de minguar en estes juizes que o corregessem.

Outrosy estabeleceo que as sas leys sseiam guardadas e os dereytos da santa egreia de Roma conuem a saber que sse forem feitas ou estabeleçudas contra eles ou contra a santa egreia que nom valham nem tenham.

PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, *Leges et Consuetudines*, vol. I, p. 163-164, 1211 — Cópia posterior.

Século XIII. 1209

Tod'home que arrancado fore per caloña de morabitino arriba peyte en ropa e en ganado, e la ropa e el ganado seja de novo fasta de mediado, e se ouro ó argent qui-

de sobre todalas davanditas cousas. E o testemónio de cada uno seerá per si. E os inqueredores dirã aos que disserem o testemónio, pelo juramento que fezérom, que o nom descobram o testemónio que disserem.

XXII

No ano primeiro que reinou o **mui** nobre **Rei** de Portugal Dom **Afonso** o **segundo**, filho do muito alto rei Dom Sancho e da **rainha** Dona Doce, e neto do gram rei Dom **Afonso** davandito, en Coimbra fêz as côrtes en as **quais**, com **conselho** de Dom Pedro, **eleito** de Brágaa e de todos os bispos do reino, e dos homens de **relijiom** e dos **ricos** homens, e dos seus **vasalos**, estabeleceu juízes, **convém** a saber: que o reino e todos que en êl **morassem fossem** por êle **rejudos** e sempre julgados per êle e per todos seus **sucessores**, e aguardam **assi** e todos seus **sucessores** que se alguma cousa **vissem** de **correjer** ou de ader ou de minguar en estes juízes, que o **correjessem**.

Outrossi estabeleceu que as sas **leis sejam** guardadas e os **dereitos** da Santa **Igreja** de Roma, **convém** a saber, que se forem feitas ou estabeleçudas contra êles ou contra a Santa **Igreja**, que nom **valham** nem tenham.

XXIII

Tod' **home** que arrancado fore per **colonha** de morabitino arriba, **peite** en roupa e en ganado, e la roupa e el ganado seja de novo fasta de mediado, e se ouro ó argent

ser meter meta, e aprecien o hos alcaldes e tomen ende a decima parte, e digan por amor de deus e essa jura que fezeren a concello que dereyto apprecen segundo seu seso, e por valia de II morabitinos II alcaldes lo digan, e dende arriba IIII alcaldes lo digan.

FOROS DE CASTELO RODRIGO, *Id. ib,* p. 77.

Século XII. 1185

...noticia de torto que fecerum a *Lourencius Fernandiz*, por plazo, que fece *Goncavo Ramiriz* antre suos filios, e *Lourenço Ferrnandiz,* quale podedes saber: e ove aver d'erdade, d'aver, tanto quome uno de suos filios, de quanto podessem aver de bona de seu pater e sua mater. E depois fecerum plazo novo, e convem a saber quale: in elle seem taes firmamentos, quales podedes saber. Ramiro Gonçalviz, e Gonçalvo Gonca, Elvira Gonçalviz, foram fiadores de sua Irmana que orgase aquele plazo, come illos: super isto plazo ar ferum (?) suo pleito e a maior ajuda que illos hic conocerum, que les aconecesse Laurenço Ferrnandiz, sa irdade per preito, que a tevesse o Abate de Santo Martino, que como vencessem outra que assi les desse de ista o Abade, e que nunqua illos leixassem daquela irdade... sem seu mandato.

Francisco Adolfo Coelho, QUESTÕES DA LINGUA PORTUGUEZA, segunda parte, Porto 1889, p, 63.

quiser meter, meta, e aprécien-no os alcaldes e tomen ende a décima parte, e dígan por amor de Deus, e essa jura que fezéren a concelho, que **dereito aprécen** segundo seu seso, e por valia de II morabitinos, II alcaldes lo dígan, e dende arriba IIII alcaldes lo dígan.

XXIV

...notícia de torto que fecérum a Lauréncius Fernándiz, por plazo, que Gonçavo Ramíriz antre suos fílios, e Lourenço Fernándiz, quale podedes saber: e **houve haver** de **herdade**, e de **haver**, tanto **come** uno de suos fílios, de quanto podessem **haver** de bona de seu páter e sua máter. E depois fecérum plazo novo, e convém a saber quale: in êle seem tais firmamentos, quales podedes saber. Ramiro Gonçálviz, e Gonçalvo Gonca, Elvira Gonçálviz, fôrum fiadores de sua Irmana que **orgasse** aquele plazo, come illos: sûper isto plazo ar fecérum suo pleito, e a maior ajuda que illos hic conocérum, que les aconecesse Laurenço Fernándiz, sa irdade per preito que a tevesse o Abate de Santo Martino, que como vencessem outra, que assi les desse de ista o Abate, e que **nunca** illos leixassem daquela irdade... sem seu mandato.

ÍNDICE ALFABÉTICO REMISSIVO

ACOMPANHADO DE ALGUMAS NOTAS ADICIONAIS (* *)

A

PÁJ.

** Especialmente antes de *r-: artelharia;* cf. *artelheiro.*

PAJ.

** Corresponde ao nosso suficso *-al:* de *liçar*, «freixo», *liçarraga*, «freixeal» ; de *arri*, «pedra» ; *Arriaga*, «pedregal». É esta a orijem do apelido *Arriaga*. Veja-se, a páj. 187, 188, o que fica dito sôbre os nomes de localidades na Península.

* * Conquanto eu tenha opinião formada, e já expressa[1] acêrca da transliteração científica, que, além das transcrições vulgares, mais conviria adoptar para êstes sistemas de escrita, nos poucos vocábulos que me foi necessário citar no decurso desta obra, malaios, árabes, ou hebraicos, transliterei por versaletes as LETRAS, e por caracteres minúsculos romanos as **moções**, ou símbolos das vogais, seguindo naquelas a ordem de correspondência das letras do alfabeto latino tradicional, isto é, *alif* por A, *be* por B, *he* por E, *iá* por I, etc.

Um exemplo dêste sistema vê-lo há o leitor a páj. 270.

[1] Veja-se, além da 1.ª Parte da EXPOSIÇÃO DA PRON. NORMAL PORTUGUESA, a memória por mim apresentada á 10.ª sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas, SIMPLIFICATION POSSIBLE DE LA COMPOSITION EN CARACTÈRES ARABES, Lisboa, 1892, editada pela Sociedade de Geografia.

*

** Cf. *lasso*, *disse*, latinos laxum, dixi

PÁJ.

C

** Assim escreveu Gil Vicente no Auto das Fadas.

PÁJ.

** Êste vocábulo vulgarizou-se de tal maneira, com esta forma, que Diogo do Couto deriva dêle e substantivo *crisada*: — «ficando dos nossos outros quatro feridos de crisadas» — (VIDA DE DOM PAULO DE LIMA PEREIRA, cap. XIX.)

*

** Veja-se Oscar Nobiling, DIE NASALVOCALE IN PORTUGIESISCHEN, *in* «Die Neueren Sprachen», vol. XI, p. 138 e ss.

** Numa publicação periódica recentíssima, intitulada A REVISTA, vem um artigo [I, p. 22 e 23], em que se pretende derivar o vocábulo *Dom*, empregado na Península Hispánica como título, ou termo de cortesia, de uma palavra hebraica, ali figurada por uma vinheta representando quatro caracteres do tipo quadrado usual do respectivo alfabeto, e que o autor transcreve por **Adon**. Escuda-se esta extravagáncia com o parecer de três sujeitos, ao que parece, «considerados como auctoridades no assumpto», *(sic)* e que no dizer do autor são «de subidíssimo valor». Resta saber em qual assunto são a autoridade e o valor dêles subidíssimos. ¿Como hebraistas, como romanistas, ou como quê? Julgar-se-ia que era já tempo de pôr côbro em Portugal a estas fantasias etimolójicas, que lembram as do Cardeal Saraiva e de Dom José de Lacerda.

PÁJ.

Todos supunham até aqui, e, tenho fé, continuarão a supòr, que *Dom* era a redução, por próclise, do vocábulo latino d o m i n u s , que, tónico, produziu já no masculino, já no femenino d o m i n a , as formas *dono*, *dona*, portuguesas, *donno*, *donna*, italianas, *dueño*, *dueña*, castelhanas, *domnŭ*, *doamnă*, romenas, etc., etc. Pois não é assim, diz-nos o autor, com toda a intimativa da sua incontroversa autoridade, porque não se deu ao incómodo de demonstrar o singular asserto: deriva-se, «n e m m a i s , n e m m e n o s», que do hebraico **Adon.** Farei apenas uma pregunta: ¿o álef inicial desaparece ao passarem vocábulos hebraicos para as línguas românicas, ou isto é questão de pequena importáncia, para o autor, já se vê?

E

** Esta dissimilação, antiqüíssima em português, persiste actualmente, não obstante o pedantismo dos que pretendem pautar a pronúncia pela escrita, em vez de regularem esta por aquela. Num documento oficial recentíssimo, transcrito no ARCHEOLOGO PORTUGUÊS do ano corrente, páj. 104, vemos **veril** por *viril*. Mais um exemplo a acrescentar aos muitos aduzidos neste trabalho.

** Santa Rosa de Viterbo (ELUCIDÁRIO) acentua **eiradéga**, **eiradiga**, **heiradéga**, três formas, todas erradas! É possível que fosse daqui que todos os mais lecsicógrafos tirassem a acentuação falsa, que marcam a êste e outros vocabulos em *-ádigo* { -atĭcum. É de notar que o douto autor do ELUCIDÁRIO, que raras vezes indica a acentuação, a fosse asinalar errada, nesta palavra, como em mais algumas.

** Referi-me, a pájinas 224, a um moderno romancista português, estranhando-lhe as feições estranjeiradas que deu a nomes históricos já aportuguesados, ao mesmo passo que lhe tecia os merecidos encómios á obra de popularização historica por êle empreendida. No seu romance A FILHA DO POLACO, que se está publicando no SÉCULO, dá-nos o notável escritor um painel vívido das infames atrocidades perpetradas pelo exército da última invasão francesa, comanda-

PÁJ.

da pelo valetudinário, froixo e perverso Massena. Ouvi, na minha infáncia, contar a gente idosa, testemunha presencial das cruezas cometidas contra os habitantes das povoações inermes, perseguidos por aquellas mangas de facínoras, cousas incríveis acêrca do proceder de tais soldados e de quem os mandava. Nas patronas e moxilas daqueles, que, em lejítimo desagravo, eram mortos nas embuscadas, ás vezes individuais, encontravam-se dedos com anéis e orelhas com brincos, das pobres mulheres, vilmente mutiladas e assassinadas, depois de compelidas ás maiores torpezas.

Bem haja o escritor português pelo serviço relevante que está prestando, para desengano dos muitos devotos, que ainda existem em Portugal, da extrema amabilidade e cortesania francesas. Jornadeando eu há uns poucos de anos em França, a casualidade dos encontros fêz que durante horas, em caminho de ferro, conversasse largamente com um francès, que regressava de uma excursão de recreio, havendo passado nove dias em Lisboa. O seu grande espanto era que o haviam tratado todos aqui com a maior cortesia, atenção e carinhosa deferéncia, quando, confessava èle, todo o desagasalho, antipatia e aversão ainda seriam de certo pouco, em comparação das vilanias exercidas pelos seus compatriotas nas três invasões do princípio do século findo, mormente na última. Tinha razão : as ofensas só esquecem a quem as pratica ; em Portugal acontece o contrário : o que aqui se esquece são os benefícios.

** NO BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA (21.ª serie, 1903) começou a publicar-se nova edição, revista e prefaciada pelo notável filólogo Epifánio da Silva Díaz, e que é digna de toda a confiança.

** E' sabido que a esfera armilar foi a divisa de El-rei D. Manuel.

F

*

* * *Frol* não é metátese de *flor*, é forma muito mais antiga, e foi precedida de outra mais antiga ainda, *chor*, (*q. v.*). Procede, já semierudita, do latim f l o r e m , cujo *l* foi substituído por *r*, por não ser líquido em português (cf.

G

H

* * É para êste fim que é uso acrescentá-lo ás vogais de certas interjeições, como *ah!*, *oh!*

** Assim está escrito em Lucena, VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, Lisboa, 1600, apesar da ortografia alatinada que revela toda a edição (de Crasbeeck).

* * Sustento que a acentuação dêste nome é sôbre o *i* e não sôbre o *o*, para não contar êste *i*, átono, como sílaba diferente do *o*, tónico; acentuando-o, é indubitavel que a palavra é um trissílabo. Em todo o caso, é temerário acentuar *Iópas*.

*

K

* * Ás considerações apresentadas no texto acrescentarei as seguintes observações.

Lo, *los, la*, *las* tiveram a mesma orijem e a mesma evolução, quer na função de pronome, quer na de artigo definido. Na primeira função, a de pronome pessoal, no acusativo da 3.ª pessoa, são enclíticos, amparando-se no verbo que os precede; na segunda, a de artigo definido, são proclíticos, ligados ao nome que acompanham. O *l* inicial, tanto numa como na outra função, convertia-se em *n,* quando precedido de vogal nasal, e desapparecia, se acertava ficar entre duas vogais, a do próprio pronome-artigo, e a final do vocábulo que o precedia. Assim os trata a ambos a língua popular, como vimos pelos exemplos citados, aos quaes vou ajuntar mais alguns. Inicial depois de pausa, o *l* desaparece modernamente sempre no artigo, e muitas vezes no pronome, mormente na língua escrita, se está antes do verbo.

Eis outros exemplos:

«Beijo-vo las mãos» (Gil Vicente, FARSA DOS ALMOCREVES): isto é, — Beijo-vo(s) las mãos— = beijo-vos as mãos.

No Canto VII dos LUSÍADAS lêmos, conforme a esmerada edição de 1880, revista pelo Dr. F. Adolfo Coelho, em presença das duas primeiras, nas estáncias 4.ª e 5.ª:

V e d e l o s Alemães soberbo gado
Que por tam largos campos se apacenta
Do successor de Pedro rebelado
Novo pastor e nova ceita inventa.
V e d e l o em féas guerras occupado (4.ª)

V e d e l o duro Inglês, que se nomea
Rei da velha e santissima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea: (5.ª)

Tenho presentes mais três edições do poema: a rolandiana (1843), revista por Francisco Freire de Carvalho; a da

PÁJ.

Bibliotheca Portugueza (1852); e a luxuosa da casa Biel do Pôrto (a peor das três), revista e retocada (!!) por José Gómez Monteiro. Por sua ordem, vou aqui reproduzir os três versos acima transcritos, em que figura a locução **vedelo(s)**:

1843 Vedel-os Alemães soberbo gado

. . . .

Vedel-o em feas guerras occupado

. . . .

Vedel-o duro Inglês que se nomea

1852 Vedelos Alemães, soberbo gado

. . . .

Vedelo em feias guerras occupado

. . . .

Vedelo duro Inglês, que se nomeia

1880 Vêde los allemães, soberbo gado

. . . .

Vêdel-o em feias guerras occupado

. . . .

Vêde lo duro inglês, que se nomeia

O que se vê é que nenhum entendeu o *vêde*, e é até duvidoso que mesmo o terceiro revisor haja compreendido que dos três *lo*(*s*), sómente o segundo é pronome, sendo os outros dois artigos. A forma verbal *vêde* foi por todos considerada imperativo, *vêde*, em vez do indicativo *vêdes*, com o *s* elidido antes do *l*, o que não teria explicação possível, se a linguajem verbal fosse *vêde*. Além disso, êste *vêdes* está em perfeito paralelismo com a mesma forma, empregada na 9.ª, 10.ª, 11.ª estáncias do dito canto:

¿ Não vêdes a divina sepultura

. . . .

Vêdes que tem por uso e por decreto

. . . .

¿ Não vêdes que Pactolo e Hermo rios

PÁJ.

É também difícil de perceber a razão porque o segundo revisor, deixou de acentuar v e d e - l o (s), e foi depois marcar circumflexo no v ê d e s das estáncias 9.ª, 10.ª, e 11.ª

Não creio, apesar desta singularidade, que êle deixasse de interpretar aquella forma como linguajem do verbo *ver*; supor que fosse o verbo *vedar* seria demasiada cegueira de entendimento, para que se lhe atribua.

M

N

* * Sôbre as vogais e ditongos nasais em português é digno de atenção o erudito trabalho do dr. O. Nobiling, intitulado DIE NASALVOCALE IM PORTUGIESISCHEN, publicado na Revista DIE NEUEREN SPRACHEN, em junho dêste ano, e que infelizmente já não pude aproveitar no texto. O douto professor alemão (que no Brasil está destinado a exercer a influéncia salutar, operada nos estudos filolójicos pelo seu compatriota Rodolfo Lenz, no Chile) refere-se á pronúncia e acidentes dêstes fonemas no português brasileiro de Sam Paulo, principalmente, e considera-os ali como findando sempre numa semi-vogal nasalizada (*y*, *w*, *g*), mais ou menos perceptível, o que no de Portugal se não dá, pois a vogal nasal é aqui pura, como se reconhece ao ser seguida de vogal inicial, com a qual forma hiato; ex. *lã azul*, *com êle*, *marfim amarelado*, *um arco*, etc.

* * Gil Vicente rima *nayades* com *driades* e *pleyades* no AUTO DA FÉ. A educação humanista, porém, de Gil Vicente, como a de Shakspear (little Latin, and less Greek), parece ter sido, ao contrário da de Camões, imperfeitíssima,

e as suas obras não revelam o menor escrúpulo com relação á acentuação dos vocábulos menos triviais. No mesmo auto encontramos, com effeito, *Boreas* rimando com *reas*, *Eneas*, *empleas*; *etereo*, com *aseo*; *Ganges* com *cortés*. Notem-se igualmente as seguintes rimas: *zodiaco. . . fraco*; *retrogrado. . . confessado* (FARSA DOS FÍSICOS), etc., etc. *Efimera*, porém, rimando com *manera*, na mesma farsa, indica talvez a pronúncia, grega moderna do vocábulo ἐφημέρα, que durante certo período posterior á tomada de Constantinopla em 1453, e conseqùente dispersão dos literatos gregos pelas côrtes da Europa, predominou entre os doutos, perturbando a antiga interpretação da ortografia e a acentuação alatinada do grego literal, que ao depois veio de novo a prevalecer, e ainda não está de todo banida.

*

O

** **ontem** = *õntẽi* | *õõite* | *õôite* | *ãôite* | ha nocte (Nobiling, Die Nasal vocale im portugiesischen). O povo diz *onte*, e não *ontem*; a nasalização final é o eco da que existe na sílaba tónica, e em analojia com vocábulos como *homem*, *contem*, de *contar* etc.

P

PÁJ.

R

*

S

PÁJ.

* * Gil Vicente, que rima sem escrúpulo vocábulos em que o *s* entre vogais é sonoro, com outros em que é surdo (*ss*), como *paraíso... abisso* (AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS), *caso... passo...* (AUTO DA LUSITÁNIA), etc. não tem uma só rima de *-ç-* com *-ss-*, ou de *-x-* com *-s-*.

* * Há toda a plausibilidade em admitir que foram os gregos bizantinos que, disseminando-se pelas côrtes da Europa, após a tomada de Constantinopla, divulgaram a pronúncia do vocábulo σφαῖρα como *sféra*, visto que anteriormente a pronunciação geral era *spéra* (*q. v.*). A acção dêles revela-se em alterações de acentuação e pronúncia de outros vocábulos, de que apenas indicarei aqui mais um exemplo, *efimera*, que Gil Vicente rima em castelhano com *manera;* sendo certo que a pronúncia e a acentuação grega moderna da palavra ἐφημέρα são *efiméra*, e não *ephémera*, como o eram as latinas. V. sôbre esta palavra e sôbre as rimas de Gil Vicente o vocábulo **Nayádes**, neste índice.

Sóbre a forma hispánica *Espera*, veja-se ainda Viterbo (Elucidario), que já as identificou.

* * Querendo-se aportuguesar o inglês *sheriff*, podemos escrever *xérife*, com o acento no *e*: cf. *xelím* | **shilling**.

** Os castelhanos dizem *simple*, no singular, e *simples* no plural, o que também nos induz a adoptar esta forma usual.

** Sôbre a orijem desta designação do que antigamente se chamava em português «cativo» {c a p t u s, «tomado», veja-se Nyrop-Vogt, Das leben der Wörter, p. 108: «É a mesma palavra que *esclavão*, e tomou esta acepção em virtude de terem sido cativados os esclavões que escaparam ao extermínio, que, no IX e X séculos, lhes foi inflijido pelos exércitos de Carlos Magno e dos seus sucessores.»

A obra citada, interessantíssima, e cujo título coincide com a de A. Darmesteter, La vie des mots, ocupa-se de semántica, isto é, do desenvolvimento de significação dos vocábulos. Menos técnica que a sua émula, oferece uma leitura mais aprazível, e nela foram tomadas por objecto, principalmente, as palavras alemãs e dinamarquesas. É acompanhada de índice alfabético.

* * Veja-se igualmente a nota 5, a páj. 118 do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 21.ª série, 1903. Introdução á reedição do Esmeraldo de situ Orbis (*q. v.*)

** Não, porém, se precede *q*: *iniquo*, (que tem três sílabas e não quatro), porque o *qu* nunca forma sílaba por si.

*

W

Y

** A preocupação pedante de se finjir que se é muito entendido em ortografias etimolójicas é levada tam lonje, que num jornal diário, em que também se imprime **exgottar**, por *esgotar*, vemos com assombro a palavra, enteiramente latina, *jurisprudência* (i u r i s p r u d e n t i a ⟩ i u r i s genetivo de i u s) escrita **jurysprudencia** Ao articulista afigurou-se que o vocábulo (inglês) **jury** entrava na composição dela, e que era grego talvez!

No mesmo periódico lemos as seguintes novidades de nomenclatura geográfica: **Bala** (fr. Bâle, *Basilea*) **Milan** (fr. Milan, *Milão*), **Côme** (fr. Côme, *Como*, lago).

Z

INDÍCULO DAS NOTAS

ADICIONAIS CONTIDAS NO ÍNDICE ALFABÉTICO, E MARCADAS COM O SINAL (**) NAS INSCRIÇÕES SEGUINTES

———

ÍNDICE DE CAPÍTULOS E TÍTULOS

PÁJ.

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

ERRATAS

AS ESSENCIAIS VÃO PRECEDIDAS DO SINAL * *

	PÁJINAS	LINHAS	ERROS	CORRECÇÕES
	16	4	tem	teem
	20	1	etimológico	etimolójico
	20	10	procurei	procurou
	25	19	a mínima	á mínima
	26	20	satísfatóriamente	satisfatóriamente
	30	29	*cêu*	*céu*
	33	28	ha	há
	45	7	ridícula —	ridícula -
	50	4	O valor das letras	As letras
	50	28	c i c n u s	c y c n u s
	53	11	a análogo	é análogo
* *	54	13	Vicente Lisbonense	Vicente Eborense
	59	11,12	i n t e n d e r e t u r » : a h e - n u m	i n t e n d e r e t u r : a h e - n u m »
	61	18	qne	que
	63	1	orïjinaram	orijinaram
	65	3	proporçōes	proporções
	66	19	**Alá Xarquia**	Alá, Xarquia
	80	12	literatara	literatura
	95	33	*lunar*	*luñar*
	100	23	excellente	excelente
	100	33	Quem	Que
	103	31	*se guir*	*seguir*

*

PÁJINAS	LINHAS	ERROS	CORRECÇÕES
110	3	Vé-se	Vê-se
** 110	7	como	com o
115	24	1899	1892
117	9	**alfêrezes**	**alférezes**
** »	32	DIALOGOS	COLOQUIOS
118	2	*Páes*	*Páez*
»	3	*Fernandes*	*Fernández*
»	16	etimológico	etimolójico
** 120	31	[Suprima-se esta linha]	
121	4	*açucar*	*açúcar*
**	10	[Acrescente-se *Márquez*, *marquês*]	
** 123	24	**botãosinho**	**botãozinho**
125	1	*o*, e não *ou*,	*o* e não *ou*.
132	11	subjuntiva **ãi**	subjuntiva, **ãi**
132	24	dr. J. Júlio Cornu	dr. Júlio Cornu
132	23	**ãe**	**ãe**
134	6	**ã**,	**ã**
134	20	palavra	sílaba
135	30	o **a**	o **a**
136	15	*orégão*	*ourégão*
»	17	*i*	*ẽi*
137	9	**ẽi**	**ẽe**
138	2	**ee**	**ẽe**
141	23	*cadáveres*, *cadáveres*	*cadáver*, *cadáveres*
143	8	**bem fazem**	**bem, fazem**
148	nota	*op. cit* em 22	*op.* cit. p. 89.
* 152	10	ἄτριον	ἄτρειον
** »	22	com um *Próteo*	como em *Próteo*
162	34	h a b e t i t	h a b e b i t
164	28	virtuosa	virtuosa,
166	11	da maneira	de maneira
»	22	*ataúde*	*ataûde*
»	32	*ô*	*ǫ*
173	29	**fugi**	**fuji**
174	22	*habil*	*hábil*
181	9	*como*	*cômo*
182	19	auxiliam	aussiliam
183	22	ínfluencia	influéncia
188	20	*verbi*, *gratia*	*verbi gratia*
»	34	parece-me, pois	parece-me, pois,

PÁJINAS	LINHAS	ERROS	CORRECÇÕES
190	24	com	como
193	14	*homenzarrão*	*homemzarrão*
200	5	diremos	dizemos
202	11	prègar	prègar
»	19	valòr	valor
208	16	reflessão	reflecsão
209	8	comparavel	comparável
210	10	deste	dêste
217	6	taes	tais
221	22	**grevista**	, **grevista**
226	19	acompanharam	acompanharam,
227	5	genuinamente	genuínamente
229	12	orijinaes	orijinais
232	(nota)	a acentuação	e acentuação
264	17	*cc*	*ce*
268	16	*ê ô*	*ê*, *ô*,
269	22	freqùencia	freqùéncia
269	33	parte	parte,
271	27	Vasconcellos	Vasconcelos
286	25	É como disse,	É, como disse,
297	6	dopois	depois
** 300	19	um	num
** 303	16	compreenderam	empreenderam
307	5	do	de
308	8	*hu*	*hũ*
313	20	lançando	lançado
316	22	brazeiro	braseiro
317	2	fujida	**fujida**
325	24	**colonha**	**calonha**
332	22	■	da
336	32	**amido** {	**amido** }
337	26	*a :*	*ao :*
338	2	preferem	proferem
»	18	*aqúario*	*aquário*
340	27	escritôr	escritor
»	29	erroneo	erróneo
350	22	*clara-boia*	*clara-bóia*
368	33	96	53, 96
369	24	leve	lene
371	8	*exepto*	*excepto*

PÁJINAS	LINHAS	ERROS	CORRECÇÕES
374	12	*frances*	*francês*
380	22	depois	depois de
382	26	freqùentíssimas	freqùentissímos
383	21	d i m i n a r e	d i u i n a r e
397	26	**Madgascár**	**Madagascár**
400	31	'o	m'o
402	8	pronúncia,	pronuncia
404	8	verbo,	verbo
404	13	*ẽnadoar*	*ẽnodoar*
* * 406	20	Beira Alta	Beira-Baixa
408	14	Gonçalvez	Gonçálvez
409	5	uniformizal-a	uniformizá-la
409	6	simplifical-a	simplificá-la
409	30	*ourivez, ourívezes*	*ourívez, ourívezes*
415	18	fùndamentaes	fundamentais
431	33	*otext*	*texto*
436	7	quando	quanto
440	13	NACBSCHL...	NACHSCHL...
441		valenciauo	valenciano
* * 441	31	*z* português	*x* português
444	3	representa nte	representante